

ROSE HARD



A MULHER NA JANELA EM FRENTE

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Epílogo](#)

O Livro

Você sabe exatamente o que viu na janela do prédio em frente, não é? Então por que ninguém acredita em você?

Desde o divórcio de seu marido violento, Josefine West mora sozinha em um apartamento no centro da cidade. Graças à terapia, ao trabalho e a bons amigos, ela finalmente conseguiu colocar a vida em ordem novamente — pelo menos é o que ela pensa...

Até que, um dia, ele vê na janela do prédio antigo do outro lado da rua o rosto de uma mulher imóvel, tão parecida com ele que poderiam ser confundidas. Dias depois, a mulher aparece novamente na janela e, dessa vez, parece até estar pedindo ajuda. Josefine chama a polícia, que revira a casa e encontra um apartamento vazio. Ninguém parece acreditar nela, mas Josefine sabe o que viu. E quem quer que estivesse lá, também sabe...

A Autora

Passei minha infância e adolescência na costa leste dos Estados Unidos. Depois de ter contato com um caso criminal que continua sem solução até hoje, voltei para meu país natal, a Alemanha, e comecei a escrever thrillers. O que começou como uma tentativa tímida rapidamente se transformou em uma paixão que me levou ao mundo do thriller psicológico. Meus personagens muitas vezes vivem presos entre a realidade e a loucura – e é justamente aí que me sinto mais confortável ao escrever.

Hoje moro em uma pequena cidade isolada no sul da Alemanha.

Antes de começar a ler

Cada história esconde uma ou duas sombras.

Esta foi escrita originalmente em alemão e agora fala português — com sua tensão inalterada e suas sombras intactas.

Eu tentei o meu melhor para manter sua batida — o ritmo, o silêncio, o medo entre as linhas.

Se alguma frase te soar estranha, escreve-me para feedback@rosehard.de — o teu comentário torna cada história um pouco mais forte.

Respira fundo — e entra na história.

A mulher na janela em frente

Thriller psicológico

Rose Hard

Edição original de fevereiro de 2025

© FeuerWerke Verlag, todos os direitos reservados

Maracuja GmbH, Laerheider Weg 13, 47669 Wachtendonk, Germany

info@feuerwerkeverlag.de

Conceção da capa: Anne Gebhardt, annegebhardt.design com utilização de ©
Adobe Stock – Artinun | zef art | steschum © shutterstock – khuncho24 © Envato
Elements – PixelSquid360

Revisão de texto: Ilona Jaeger, Berlin

Tradução: encomendada pela FeuerWerke Verlag

Revisão editorial: Rose Hard

A ação e todas as personagens são fictícias. Quaisquer coincidências ou
semelhanças com outras pessoas reais são fortuitas e não intencionais. Todos os
textos e imagens deste livro estão protegidos por direitos de autor e não podem
ser utilizados por terceiros sem autorização explícita do autor, do titular dos
direitos e do editor.

Índice de capítulos

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Epílogo](#)

Capítulo 1

A chuva açoita as janelas, o tamborilar monótono sublinha o silêncio opressivo da casa. Estou sentada na sala, enrodilhada numa manta, a tentar mergulhar num livro. Mas as palavras desfocam-se diante dos meus olhos, o coração bate descompassado no peito. Um mal-estar surdo pesa sobre mim como um casaco demasiado pesado.

Depois oiço — o som inconfundível da chave na fechadura. Michael voltou.

O meu corpo enrijece de imediato.

Ouçó os passos pesados dele no corredor. Cada passada parece tornar o ar à minha volta mais denso, mais sufocante. Pouso o livro e esforço-me por manter a calma. Mas o pulso dispara e as mãos tremem-me, quando me endireito.

Ele entra na sala, a roupa ensopada pela chuva. A água pinga para o chão, formando manchas escuras no soalho de madeira.

Salto, quero ir buscar o material de limpeza, mas ele não me deixa passar.

A mão dele dispara quando fico a par dele. — Josephine — diz, e só o som do meu nome na boca dele me faz estremecer. — Para onde é que tu vais?

Sinto o cheiro acre de álcool no seu hálito e gelo. — Eu só queria... a esfregona — gaguejo.

Ele olha para você, como se nem tivesse percebido que trouxe a água para dentro de casa. Então ele levanta o olhar e seus olhos castanhos se cravam em mim, procurando um vestígio de traição. — Por que você está tão nervosa? — pergunta com uma calma baixa, ameaçadora.

— Desculpe — murmuro, e meu olhar foge para o chão, como se eu pudesse encontrar porto seguro ali.

— O que você fez hoje para ainda estar pensando em limpar no fim do dia? — pergunta; a voz está calma, quase suave, mas eu sei o quão enganoso é esse tom.

— Eu... limpei a casa e cuidei do jardim. — Hesito, as palavras ficam presas na minha garganta. Eu sei que ele quer saber tudo do meu dia, cada pequeno detalhe. — Estive lendo...

— Olhe para mim quando fala comigo — ordena, com uma voz que não admite réplica.

Ainda eu levanto os olhos, ele agarra uma mecha que se soltou do meu coque e a enrola devagar no dedo.

— Lendo, hum? Então o jantar está pronto.

Com a mão livre, limpo às pressas a parte de fora da calça. — Está no forno.

Ele puxa a mecha com mais força. — Quer me servir comida seca?

— Você chegou tarde — digo, a voz quebradiça.

Não quero provocá-lo, mas também não quero parecer totalmente submissa. Um exercício de equilíbrio que está ficando cada vez mais difícil para mim.

— Agora eu tenho que te prestar contas?

— Não, claro que...

— Vamos começar por você. — Pela mecha, ele me puxa para mais perto, até eu sentir seu hálito em meu rosto. — Você falou com alguém?

— Só com a minha mãe, ao telefone — respondo depressa, na esperança de que esta verdade inofensiva o sossegue.

Mas os olhos dele estreitam-se e um sorriso frio dança-lhe nos lábios. — E de que falaram vocês as duas?

Engulo em seco. — Nada de importante. Coisas do dia a dia.

A mão livre agarra-me o braço, os dedos como tenazes a enterrarem-se-me na carne. — Sabes que eu não tolero mentiras, Josephine — sibila ele.

— Eu não estou a mentir — sussurro.

As lágrimas afloram-me aos olhos, mas não ousa deixá-las cair. Qualquer fraqueza visível só o inflamaria mais.

Ele puxa-me ainda mais. — Contaste-lhes coisas sobre mim, não foi? Incitaste-os contra mim. — As perguntas dele são acusações que não admitem inocência.

— Não, Michael, juro. Eu não disse nada — garanto à pressa, com as palavras a tropeçarem umas nas outras.

Ele larga-me, mas o olhar permanece frio e duro. — Lembras-te do nosso acordo?

— Lembro — respondo baixinho.

O acordo — um pacto de silêncio e submissão. Sei que qualquer violação terá consequências graves.

Ele inclina-se, os lábios quase ao meu ouvido. — Nunca te esqueças a quem pertences, Josephine — sussurra.

Desesperada, tento resistir. Não está certo. Nada disto está certo! Mas ele segura-me. Impiedoso.

Os minutos passam. Ele fita-me e eu não me consigo mexer.

Bem devagar, o rosto dele borra diante dos meus olhos. As cores se esbatem, os contornos se desfazem uns nos outros. O quarto ao meu redor se dissolve, torna-se um nevoeiro informe que me envolve. Tento me mover, fugir, mas o mundo ao meu redor escoia como tinta na água. Meus joelhos cedem e eu caio no nada.

Com um arfado, abro os olhos. Meu coração troveja e estou deitada na minha

cama, envolta pelo silêncio da noite. As sombras nas paredes me são familiares, mas a respiração continua curta, como se algo pesado estivesse sentado em meu peito.

Segundos se passam até eu perceber que foi só um sonho — mas a sensação de sua fúria gélida ainda adere à minha pele como um véu escuro.

Pisco, tento me orientar, mas o medo me mantém cativa. A fronteira entre sonho e realidade é fina, difusa.

Por um momento, ainda estou convencido de que Michael vai aparecer novamente e que não há fuga possível. Os dedos dele na minha pele, a pressão no braço, o olhar frio — ainda me parecem tão reais. Mas, pouco a pouco, infiltra-se a consciência de que estou mesmo sozinha.

À medida que os contornos do meu quarto ficam mais nítidos, a respiração diminui, e ainda assim a realidade parece distante. Inalcançável. Não é a primeira vez que estou tão perto da superfície e, mesmo assim, não consigo rompê-la. Porque ainda não sou capaz de me mover ou falar.

Tento a única coisa que às vezes ajuda contra a paralisia do sono. Meu dedo mindinho estremece.

Toc... Toc... Toc...

O som repetido é meu ponto de ancoragem na penumbra do quarto.

Ou melhor, não, não o consigo controlar, nem terminar, nem variar. No fundo, nem sequer o oiço realmente, apenas o sinto.

Toc... Toc... Toc...

Com uma uniformidade enervante, o meu mindinho bate no lençol, enquanto o resto do corpo me parece fundido em ferro. Só o olhar vagueia, inquieto.

Quase espero ver o Michael. Como se se inclinasse sobre mim, me segurasse o rosto com as duas mãos. Essa proximidade, tão perto que ocupa todo o meu campo de visão. O olhar dele, calmo e prometendo segurança. O seu hálito na minha pele, enquanto os dois esperamos que a paralisia do sono passe.

Que seres estranhos somos nós, humanos, que a nossa própria mente nos tem de prender para não darmos pontapés enquanto sonhamos? Normalmente, o cérebro, durante o sono REM, assegura de propósito que o corpo fique imóvel, para não vivermos fisicamente os sonhos. A paralisia do sono surge quando essa atonia muscular induzida pelo REM se mantém depois de acordarmos. Entre os desencadeadores contam-se, entre outros: medo, depressão, perturbação de stresse pós-traumático, perturbações de pânico.

Tudo isso, em mim, tinha um nome: Michael.

No primeiro ano do nosso casamento, ele foi o meu rochedo; compreendia-me e fazia-me sentir que nunca estava sozinha. Forte, fiável, alguém em quem eu podia confiar. Confiei nele de olhos fechados.

Mas com o tempo, algo mudou. Ele começou a sorrateiro, quase

imperceptível. A forma como ele me olhava, como as palavras deixaram de ser apenas consolo para também exalar poder. A presença dele, que a princípio me dava aconchego, tornou-se, aos poucos, sufocante. Começou a controlar minha vida, primeiro com uma orientação suave, depois com uma expectativa silenciosa e, finalmente, com ameaças. Quando isso não foi mais suficiente para ele, ele me bateu.

Não percebi logo como esse controle se infiltrava em meus pensamentos, como me apertava, mesmo durante o sono. Nas primeiras vezes em que acordei, durante a noite, incapaz de me mover, Michael estava ao meu lado. Sussurrava palavras de calma enquanto eu entrava em pânico. A voz dele era a única coisa que eu conseguia me agarrar, enquanto a paralisia me mantinha presa. Eu acreditava que ele era meu salvador, aquele que me guiava pela escuridão.

Mas, a certa altura, percebi que era a presença dele que causava essa escuridão. A proximidade dele se tornou a fonte do meu medo. Quanto mais controle eu ganhava sobre minha vida, mais vezes a paralisia do sono me assombrava. Seu hálito em minha pele, que antes prometia segurança, transformou-se em um memorial de minha impotência, enquanto, plenamente consciente, eu estava condenada à imobilidade.

Incapaz. Você é tão incapaz. Fraca. Sem mim, você não é nada.

Através de Michael, aprendi que o subconsciente acredita nas coisas quando as ouve o suficiente.

Mesmo que ele não faça mais parte da minha vida, na memória ele continua presente.

Um pulso em fúria, que só aos poucos diminui até se tornar a batida mais calma do meu coração, enquanto vou reconhecendo os contornos dos móveis.

A escrivaninha com os papéis cuidadosamente empilhados, a poltrona confortável no canto e o guarda-roupa é claro. Tudo me parece estranho sob a luz opaca do abajur da rua, que entra pelas cortinas semicerradas.

Tento mover outro dedo, apenas um pequeno tremor, um sinal minúsculo de que posso recuperar o controle. Primeiro nada acontece, mas eu não desisto. Eu me concentro ainda mais, sinto cada fibra dos músculos, a maneira como eles se batem contra as algemas invisíveis.

Na cabeça, percorro minhas rotinas diárias. Horas de deitar regulares, evitar cafeína e telas antes de ir para a cama, os exercícios de relaxamento à noite. Tudo para impedir que eu caia nessa de novo. Mas agora, neste momento, tudo isso parece distante.

Os minutos arrastam-se como horas e eu luto contra o pânico. As sombras no meu quarto parecem ganhar vida, a mente prega-me partidas. Mas sei que são apenas os restos do sonho a intrometerem-se na realidade. Finalmente, sinto um formigueiro nos dedos. Um sopro de movimento, depois mais, até o meu corpo finalmente perceber que está na hora de me devolver o domínio dos membros.

A paralisia desfaz-se e eu inspiro fundo, sentindo o alívio quando o controle regressa.

Sento-me, enxugo o suor da testa e julgo ver o rosto do Michael a esbater-se no tecido claro das cortinas.

Por via das dúvidas, olho ainda assim para a direita, mas o lugar ao meu lado — onde ele dormia — está vazio.

Estendo a mão para o copo de água na mesa de cabeceira e bebo um gole profundo.

Minha garganta ainda parece tão seca quanto no dia em que liguei para Michael da casa da minha melhor amiga para dizer que estava pedindo o divórcio. Ele passou a noite toda no carro, na rua, esperando para me interceptar, e só foi embora quando Nici jogou um cinzeiro no teto do carro dele.

Para me lembrar que aquele capítulo da minha vida acabou, puxo o cobertor para trás e me levanto.

O relógio de pêndulo na parede — uma concessão à paralisia do sono, para a qual ajuda banir do quarto todos os aparelhos eletrônicos, inclusive o celular — marca 4h58. Descalça, caminho até a escrivaninha; o piso de tábuas polidas range sob meus pés. Gosto do som. A madeira é muito mais acolhedora do que as lajes frias de mármore da nossa — da vila de Michael.

A pasta preta, pousada no centro da escrivaninha, me faz sorrir. Acendo o abajur da mesa, abro a pasta e uma onda de alívio me atravessa quando olho para a assinatura. Josephine West, não Hoffmann. Voltei a ser eu. Caem de mim dezoito meses. Dezoito meses de idas ao advogado e noites cheias de lágrimas e pesadelos.

Céus, como eu temi Michael nas últimas semanas antes da separação permanente. O divórcio iminente havia alimentado o pendor dele para o uísque caro. Do outrora homem soberano, com uma carreira brilhante, sobrou um cara mordendo em todas as direções, obcecado pelo poder, que cheirava mais a álcool do que a loção pós-barba.

Embora esteja cansada, desocupo a mesa para abrir espaço para minhas anotações. Minha médica de família me aconselhou a escrever os sonhos, bem como eventuais gatilhos. Como ontem recebi os papéis do divórcio, pelo menos quanto a isso não preciso pensar muito.

Quando termino, são 5h17. Hora de voltar para a cama. Apago o abajur e caminho, à luz dos abajures da rua, de volta em direção à cama. É uma luz fria, mas gosto das bordas vincadas que desenha no quarto. Quando ela cai no meu rosto, eu a sinto como um toque sobre mim.

Pelo canto do olho, pego um movimento diante da janela. Imobilizo-me. As tíliaas altas que margeiam a rua estreita de mão única acenam para mim com os galhos.

Como não vou descansar até me certificar de que Michael não está na frente

de casa, chego mais perto do vidro e olho para fora.

Mesmo em frente ficam as janelas do apartamento do meio de um prédio de habitação coletiva do fim do século XIX. Pedra maciça, fachada cinzenta, estuques brancos.

Quase parece que me fita com olhos mortos. Viro a cabeça, mas a sensação fica, apesar de não se ver nada do outro lado.

Maldita imaginação fértil!

O apartamento está vazio há algum tempo. Só vejo lá, de vez em quando, operários. Mas não tão cedo de manhã. Também não vejo o Michael, quanto mais o carro dele. Claro que não.

Solto uma risada, levo a mão à boca, porque não é apropriado. Depois baixo-a, ao lembrar-me de que agora posso rir quando me apetecer.

Está mesmo na hora de eu encontrar o caminho de volta à normalidade.

Como se esse pensamento a tivesse chamado, eu a vejo novamente. Um movimento minúsculo pelo canto do olho. As cortinas na janela à frente. Eles ondulam, de leve.

São antigas e desbotadas. Pelo menos, foi o que notei à luz do dia. Mas nunca as vi se mexerem!

Semi-cerro os olhos para conseguir olhar além da luz dos postes da rua. Direto para a boca escura do prédio em frente. O coração me acelera.

Juro que...

Outra vez um movimento. A silhueta de uma pessoa, pouco mais que uma sombra, se desenha atrás do vidro.

O frio sobe pela minha espinha. De novo o movimento — desta vez mais nítido. Uma figura, imóvel atrás do vidro.

Assustada, recuo. O fôlego se prende. As cortinas ainda tremem, de leve, como se guardassem o segredo de um observador invisível.

O susto fica-me cravado. Não me atrevo a olhar lá para fora outra vez.

Enquanto me afundo na almofada, oiço, lá fora na rua, uma porta de carro a bater e pneus a esganiçar-se no alcatrão, antes de o veículo abandonar, a velocidade a mais, a zona de tráfego acalmado em frente à minha janela.

Capítulo 2

NA manhã de terça-feira, às nove em ponto, estaciono o meu Honda Civic cinzento-rato no parque do canil, mesmo ao lado da entrada. Com a primeira luz do dia, por mais baça que seja, as sombras da noite desvanecem-se da minha cabeça. Sei que, depois de uma paralisia do sono, a minha mente precisa de uns minutos para voltar a assentar na realidade. Talvez, na noite passada, tenha demorado um pouco mais do que é costume.

Normalmente uso sempre a baía no fim da rua, para deixar este lugar livre para visitantes, mas a doação de ração do pet shop da cidade — bem umas cem latas — me fez tomar juízo. Além disso, tem chuviscado como tantas vezes ultimamente. Inclino-me para o porta-luvas, para ver se encontro o guarda-chuva.

Um baque estrondoso no teto me faz encolher no banco. Olho em volta, assustada, mas não vejo nada. Até que a tampa da mala se abra.

— Aí está nosso transporte pesado.

Leon!

— Seu doido, você me deu um susto danado!

Uma risada quente. — Desculpe, Josie, mas essa tinha que ser. Levo as coisas lá pra dentro agora ou você quer apresentá-las pelo nome primeiro?

Sorrio. — Quer que eu leve as latas uma a uma até os canis? — pego uma do banco do carona e a ergo. — Oi, Polly, esse é o senhor Franguinho com molho. Tenho certeza de que eles vão se dar muito bem.

— Speed dating com sabor, então... Estou dentro. Aliás, Luna pelo jeito já conhece os dias da semana e sabe que hoje você vem. — No sorriso dele há o mesmo carinho pelos animais que eu sinto. — Pelo menos, não há quem a faça se arredar do lugar junto à grade do canil. Ou então está à espreita, cheia de esperança, pelo senhor Vaca e pela senhorita Coração de Peru.

Ao ouvir falar da cadela de pelo castanho-chocolate e olhos dourados, meu coração pula. Há dez anos sou voluntário no canil e nunca, nunca tive um animal favorito. Mas Luna me enrolou em volta de sua pata.

Me pego sorrindo e fico contente por voltar, finalmente, a fazer isso com mais frequência. Por pouco meu ex-marido não havia me arrancado para sempre essa expressão tão simples. Mas como alguém há de sorrir quando, no subconsciente, teme a volta do marido, quando tem medo de, ao abrir o guarda-roupa, escolher a roupa errada, quando se pergunta em pânico se colocou sal demais na comida...

A violência no casamento começa nas coisinhas mais ínfimas. Só muito mais tarde é que me dei conta.

Com determinação, afasto o pensamento. Isso é passado. O presente são alguns paletes de comida enlatada, animais famintos e uma cadela linda, de apenas quatro anos, desconfiada de homens.

Ah, e o Leon, que me dá vontade de dar meia-volta e fugir, o mais depressa e o mais longe possível. Porque ele agrada-me. E muito. É meio palmo mais alto do que eu, atlético, sem músculo em demasia — mais resultado de um estilo de vida ativo do que de treino exaustivo.

Com os seus trinta e nove anos, parece surpreendentemente jovem, como se o tempo lhe passasse ao lado. A sua aura é difícil de descrever. Um misto de autoconfiança e empatia. Só a cicatriz de queimadura na face direita rompe a perfeição, mas torna-o, de certa forma, mais próximo, mais humano.

O seu esgar trocista puxa-me de volta do meu fio de pensamento. — Nunca te vi sem palavras. Tenho porcaria na cara ou assim?

Oh, meu Deus, eu estive encarando ele? Claro que estive. E ele percebeu. Não é bobo. Ainda assim, não deixa nada transparecer; logo agarra três pallets de ração e se posiciona no pórtico de entrada do canil para a porta não bater.

Tento mandar a afluência descontrolada de sangue em minhas faces de volta para o devido lugar e, finalmente, saio do carro em direção à mala, para pegar também um palete no ombro.

— Você poderia me deixar cuidar disso e ir entrando — diz Leon. — Nós dois sabemos que você é aguardada com ansiedade.

— Luna não espera menos só porque eu vou de mãos vazias. — Passo por ele de lado. — Por que você já está aqui? Você não ia chegar mais tarde?

— Talvez algo tenha me levado a sair mais cedo de casa.

— O trânsito da manhã?

— A esperança no da noite.

Será que as faces podem se desfazer com o calor? Ainda bem que ele vai atrás de mim e, por isso, não consegue ver meu rosto. Mesmo assim, tenho que limpar a garganta antes de poder responder. — Então talvez você devesse ir ainda de tarde.

Alinha o passo comigo no corredor largo. — Desculpa. Você sabe que passo horas demais no computador. A certa altura, já nem se sabe o que se diz. — Com o cotovelo, carrega na maçaneta da porta da arrecadação da ração. — Minha senhora, doravante esta minha língua atrevida não mais vos há de causar dano, juro-o solenemente!

— Você não tinha jurado algo parecido só na semana passada?

— Aí era mais para te arrancar a marcação de um encontro. — Ele se enfia atrás de mim no quarto e pousa os pallets na estante. De repente, ele fica sério e acrescenta: — Eu só ladro, não mordo. Você sabe disso, não sabe?

Eu aceno, embora às vezes ache uma pena que seja assim.

— Como foi o trabalho? — desvio a conversa.

Leon hesita um momento, o que me lembra novamente que, como responsável pela segurança do computador, ele não pode revelar detalhes sobre o que faz. Mas, antes que eu retire a pergunta, ele já responde.

— Foram dias bem intensos — começa Leon. — Houve alguns desafios a superar. Uma empresa para a qual trabalho tinha algumas falhas de segurança que precisavam ser fechadas com urgência.

Inclino levemente a cabeça. Embora eu não entenda nada de informática, gosto de ouvi-lo. A maneira como você explica é cativante. — O que, exatamente, estava dando problema?

Leon sorri de um jeito que me faz acreditar que ele sabe exatamente o que está na minha cabeça. — Bem, tratava-se de algumas vulnerabilidades na rede que poderiam ser exploradas por invasores — explica. — Juntei uma equipe e fizemos uma avaliação de segurança completa. Isso significava muitas horas longas e uma quantidade de café, mas valeu a pena.

Essa parte de horas longas e muito café eu entendo. — Conseguiram resolver tudo?

Leon acena, e dessa vez acho que vejo um orgulho discreto em seu sorriso. — Sim, identificamos todas as falhas e tomamos medidas para corrigi-las. Reforçamos os firewalls, implementamos criptografia adicional e colocamos todo o sistema em dia.

— Soa que é muito gratificante resolver esse tipo de problema.

— É mesmo. — Os olhos de Leon brilham. — É uma grande responsabilidade. Não há nada melhor do que sentir que você protege os dados e os sistemas de pessoas e empresas. O desafio sempre me mantém em alerta.

O entusiasmo óbvio dele me faz sorrir. — Aposto que você vive um monte de histórias interessantes no seu trabalho.

— Ah, tem algumas. Conto-tas com gosto, num café.

Ah, droga. Fui eu quem cavei minha própria cova.

— Eu...

— Não diga não de novo, Jo. Um encontro em público, em algum café movimentado.

Isso realmente soa como segurança. Ainda assim, eu me esquivo.

— Eu gosto de estar com você — admito, já que mais vermelho em minhas bochechas também não é mais notado. Ao ver os cantos dos lábios dele se erguerem, me apresso em acrescentar: — Você consegue carregar um monte de coisa.

— Por você, eu faço um burro de carga a qualquer hora. — Ele suspira e passa os olhos em mim de cima a baixo, num relance. — Vamos fazer um trato, Jo. Eu coloco o resto aqui dentro e posso te acompanhar mais tarde com a Luna?

O impulso de fugir antes de dizer algo de que possa me arrepender se torna esmagador. Mas o braço dele corta minha passagem.

Engulo em seco. Leon está perto demais, o braço dele aperta meu espaço demais. Instintivamente, recuo um pouco, paro e ergo o queixo.

Nunca mais!

Obrigo-me a fitá-lo. — E se eu disser que não?

— Então minha manhã vai ser muito desoladora.

— Hum. — FRANZO o cenho e finjo espiar por trás dele. — Você tem que tomar cuidado quando for buscar as paletes que faltam. Não vá escorregar na baba que está deixando pelo caminho.

Ele sorri e tira o braço. — Está bem, de qualquer forma ainda tenho de pôr os dois recém-chegados na página inicial do site.

Com o movimento, o cheiro dele chega-me ao nariz. Cheira incrivelmente bem. Inspiro pelo nariz sem conseguir evitar.

— Recém-chegados? — pergunto, com um bocadinho de atraso.

Encolhe os ombros. — Hoje de manhã encontraram dois cachorros perto do canil. Atados a uma árvore. Quem faz uma coisa dessas? Ainda não está congelando, mas as temperaturas não são agradáveis. Pelo menos uma manta, para não ficarem no chão frio, poderiam ter deixado. Mas não, foi só pra despachar. — A voz sobe um tom, mas percebe logo. — Desculpa, isso realmente me deixa indignado. Os donos poderiam ter esperado até hoje para entregar os animais pelo caminho normal, em segurança. Em qualquer caso, Jenny ligou perguntando se eu poderia criar um apelo para as redes sociais. E, já que estava lá, aproveitei para atualizar também as descrições dos animais no site. Pelo menos, em parte.

— Então você não veio tão cedo por minha causa, afinal? — As palavras me escapam antes que eu consiga detê-las. O calor volta a invadir minhas faces, embora eu também sinta uma pontada de decepção.

— Digamos que eu preferi atualizar as páginas de animais para adoção durante a manhã em vez de à tarde.

Foi inquietante meu coração dar um pequeno pulo com essa resposta.

— Mas falando sério, eu realmente gostaria de acompanhar você e Luna mais tarde — Leon continua. — Me conta quando for sair.

— Não acho que isso dê certo — respondo, com um leve pesar. — Você sabe como Luna reage a homens.

Um véu de desilusão cruza seu rosto. — Ah, é. Coitadinha. — Ele volta a procurar meu olhar. — Quem dera eu fosse a única. Mas não é, né?

— Há muitos animais aqui que não tiveram boas experiências...

— Josie... — Ele estende a mão.

— Não.

Imediatamente, a mão desce, e Leon me oferece aquele sorriso muito particular com que prova que não posso enganá-lo.

— Ainda bem que sempre há esperança — diz. — Vá até Luna, eu cuido da ração.

Pouco depois, abro a porta da recepção e sou recebida pelo cheiro de café acabado de fazer e desinfetante. Nas paredes, desenhos de crianças pendem ao lado das fotografias dos animais adotados. Um sofá no canto convida a ficar, e, na mesinha baixa ao lado, há uma seleção de revistas sobre animais. A mesa grande no centro é cercada de cadeiras confortáveis. Atrás do balcão, onde também fica a cafeteira, há um quadro branco com tarefas diárias e eventos especiais.

Depois de me servir de um café, vejo o que há para fazer, tomando um gole do meu copo térmico. Em seguida, passo pela pesada porta de vidro em direção aos canis, onde sou saudada por latidos de alegria.

Ajoelho-me ao lado do canil de Luna e faço carinho através das barras. — Oi, grande, pronta para um passeio? — pergunto, sorrindo, e recebo por resposta um rabo abanando de felicidade.

Pego a coleira, que está pendurada em um gancho ao lado da porta, e entro no box. Aí, percebo, surpresa, que a coleira que geralmente vinha presa na guia é diferente do habitual. Em vez da coleira têxtil preta com a fivela dourada, uma coleira de couro rosa é presa à guia. Pedrinhas de strass cintilam nas bordas e, entre elas, há um bordado branco com os dizeres “Good Girl”.

— Santo céu, quem fez isso com você?

No pelo marrom, a cor fica medonha, mas enfim, quem reclama de itens doados? Luna fareja, curiosa, mas deixa colocar o novo acessório sem problemas. Ainda assim, parece um pouquinho infeliz.

— Desculpe, garota, mas agora você tem que aguentar.

Como se concordasse, Luna continua a abanar o rabo. Com tal entusiasmo que sacode todo o traseiro dele, o que me faz rir.

— Senta, — digo mesmo assim, porque sei por experiência que, caso contrário, a cadela ia puxar na direção da saída. Um comportamento que, para eventuais novos donos, não deixaria boa impressão.

Quanto mais, melhor, diria Paula. Quanto mais tempo leva para ser adotada, mais tempo podemos passar com ela.

Reviro os olhos, sem querer. Não é legal desejar isso para Luna, respondo à projeção de dez anos da minha irmã gêmea. — Ela está aqui há tempo demais e merece um bom lar.

Só quando Luna inclina a cabeça é que percebo que, pelo menos a última frase, ela disse em voz alta. Eu me abaixo depressa para fazer carinho atrás da orelha. Olho em volta, discretamente, mas, felizmente, ninguém pegou minha pequena incursão na esquisitice.

— É verdade, não é, Luna? — digo ainda, por via das dúvidas.

Luna lambe os beiços, ofegante. Conversas lhe interessam pouco. Passeios, esses sim, e muito.

Enquanto passo pelos outros boxes, sinto uma pontinha de remorso. — Vocês também já vão a seguir, — asseguro aos vários residentes e deslizo apressada pela porta para fora.

A área externa faz fronteira com um amplo prado, que dá aos cães espaço de sobra para correr. Uma cerca alta garante a segurança, enquanto as árvores oferecem sombra. Luna pode ir brincar lá mais tarde. Agora, porém, é hora de mover o esqueleto; para um cão de caça de pernas longas isso é essencial. Não só por isso, também porque espero que a brisa fresca da primavera varra da minha cabeça os últimos resquícios do pesadelo.

Já ia um bocado em direção ao bosque quando ouço, ao longe, a porta do canil se abrindo de novo. Não me viro, para quê. A sensação estranha de estar sendo observada se instala como um sussurro indefinido na nuca. Não me solta e, assim, acabo virando a cabeça.

A estrada atrás de mim está vazia, apenas a porta do canil se fecha lentamente, como se alguém a tivesse largado instantes atrás.

Atrás de mim estala um galho. Viro-me para as árvores, mas também não há nada lá.

Luna puxa a coleira e o movimento me arranca da imobilidade. Retomo o caminho, hesitante, mas um resto de desconforto fica quando entro no bosque.

Embora a educação de Luna exija toda a minha atenção, estou com a sensação de que algo não está certo.

Para afastá-la, desvio os pensamentos para Leon. Quanto tempo mais posso deixá-lo na mão até que ele perceba que, sem esforço, poderia conseguir mulheres muito melhores?

Depois de Michael, jurei a mim mesma que nunca mais pensaria mal de mim mesma, mas sou realista. Um cara bem-sucedido e ainda por cima fofo é, claro, cobiçado. Se ao menos tivesse entrado na minha vida alguns meses depois. Mais algumas sessões no grupo de apoio, mais um pouco de distância de Michael e seus...

Sobressalto-me dos meus pensamentos quando algo estala no mato e uma corça salta à minha frente para o outro lado do caminho. Um puxão violento na trela.

— Luna! — O couro é arrancado da minha mão e a cadela castanha desaparece no matagal.

— Luna! Aqui!

Praguejando, desato a correr atrás dos dois quadrúpedes. Gritar com um cão de caça que há quatro meses nem sequer obedecia ao comando “Senta” é, num momento destes, inútil.

Ramos batem-me na cara, e silvas do ano passado quase me fazem cair, até eu perceber que é pelo menos tão inútil perseguir um cão de caça como assobiá-lo de volta.

Quando, sacudindo folhas do casaco, me preparo para voltar ao caminho, reparo que os sons à volta parecem como que filtrados. O cricrilar dos insetos, o sussurro das folhas, tudo fica, de repente, amortecido. E uma tensão estranha, difícil de definir, instala-se-me no estômago.

Conheço bem de mais esta sensação — o pânico que desperta em mim é um velho inimigo, que volta sempre quando menos espero.

Ainda luto pelo controlo quando um som irrompe na minha consciência: passos pesados, aproximando-se no caminho de gravilha.

O cheiro de aftershave sobe-me ao nariz — o mesmo perfume que o Michael usava sempre.

Mas não pode ser. Eu sei que ele não está aqui. Ou está?

A incerteza corrói-me e o aperto no peito torna-se insuportável. É como se o medo me esmagasse por dentro.

Tento me acalmar, me convencer de que não é nada. Mas então eu ouço — uma respiração pesada. Como se alguém, ou alguma coisa, estivesse bem atrás de mim.

Quero gritar, chamar, fazer qualquer coisa, mas não sai um som dos meus lábios.

Viro a cabeça, dolorosamente devagar. Não vejo ninguém. Dou um passo para trás, para o matagal. Depois mais um.

Respiro pouco, os sentidos em sobressalto. A sensação de ameaça é tão forte que quase me esmaga.

Os passos se aproximam, a respiração fica mais alta, mais pesada, como se a própria escuridão grudasse no meu corpo.

O suor se forma na minha testa e as pernas ficam dormentes. Cada inspiração custa, como se respirasse contra uma parede invisível. O arbusto de louro-cereja, atrás do qual me encolho, mal me oferece proteção.

Cada músculo do meu corpo está tenso, pronto para fugir. O estalar de um galho sob meu pé ecoa em meus ouvidos. Os passos se imobilizam. O mundo ao meu redor parece parar.

Me agarro, fecho os olhos, como se assim eu pudesse escapar da ameaça. Meu coração bate contra minhas costelas, meu pulso martela minhas têmporas.

Depois — silêncio. Nem respiração, nem passos, nada. Abro os olhos, cautelosa, abaixo o braço. Os dedos me tremem.

A claridade do dia agora parece quase indecentemente normal, um contraste gritante com o medo que, há pouco, me mantinha cativa.

De repente, algo me empurra de lado e eu me viro com um grito.

Luna recua ao mesmo tempo, latindo em latidos curtos.

Ofegante, tento recuperar o fôlego. — Poxa, você me deu um susto!

Como a própria consciência pesada em pessoa, a cadela estica o tronco, com as patas dianteiras flexionadas, e solta um ganido baixo.

— Vamos, pare com isso, — murmuro, estendo a mão e faço longas carinhos em Luna atrás da orelha. Não economizo nos elogios e garanto como você foi comportada por ter voltado sozinha.

Me pergunto se tinha mesmo alguém ali ou se não passou do eco do meu próprio medo.

A incerteza me rói, enquanto, por precaução, enrolo a coleira de Luna duas vezes em volta da mão antes de sairmos lado a lado do matagal.

A opressão e as memórias de ataques de pânico antigos nos seguem como um acompanhante invisível.

De volta ao caminho, avisto ao longe uma figura com uma capa de chuva amarela de chuva. Leon! Afinal você veio atrás de mim?

Por que você teve que fazer um drama por nada de novo.

A voz na minha cabeça soa perigosamente como a da minha mãe.

Você tem dez anos, respondo, em silêncio, na mesma medida. *Você não deveria soar como a mãe.* Sempre um pouquinho acusadora e distante.

Sua antiga ternura foi enterrada junto com a filha mais velha.

No resto do caminho, Luna não se afasta do meu lado. Mas a língua também pende de lado e o passo elástico não é tão leve como de costume. Movimento, esse teve de sobra e eu tive encontros estranhos suficientes, então sigo direto de volta ao canil. Decidida a avisar os outros voluntários que uma figura esquisita está por aí perto.

Apesar de tudo, me dói colocar Luna de volta no boxe. Para pelo menos sentir que não estou nem favorecendo nem largando à própria sorte, limpo rapidamente os outros cinco boxes deste corredor. E percebo que Leon realmente cuidou da comida. Não só de arrumá-la: as taças também estão cheias.

Mas a taça da Luna não estava vazia?

Volto para a cadela, que está deitada no cobertor e abana o rabo. Na prateleira de brinquedos, descobro uma lata de comida com um post-it colado nela.

Pensei que ias preferir fazer isso tu, leio eu.

Um calor se espalha no meu peito, varrendo o resto da adrenalina e também a vergonha de ter recaído em velhos padrões, de ter me escondido sem ter, de fato, motivo para isso.

Endireito os ombros. O que aconteceu, aconteceu. Ficar com raiva não muda nada. É olhar para frente que importa.

Bufei. Não, as máximas que minha terapeuta tanto gosta hoje batem em mim como a chuva na capa de chuva amarelo-garrafa que está pendurada em um gancho ao lado da porta do box. Desde quando...?

Você não está sozinha aqui, me chamo à razão. Deve ser do Leon.

Esse pensamento me devolve ao plano de avisar os outros por causa do encontro inquietante lá fora.

Mas foi mesmo? Inquietante?

Se calhar, limitei-me a exagerar?

Alex entra no corredor com Timmy na coleira. O desgraçado teve que tomar vacina hoje. Timmy, Yorkshire, não Alex.

— Sabe de quem é? — pergunto, apontando para a peça de roupa. Minha voz soa mais tensa do que deveria.

Alex franze o cenho. — Não faço ideia. Nunca a vi aqui.

— Está bem...

Não te martirizes. É só uma capa de chuva. Alguém saiu com um dos cachorros, a estava usando e depois a esqueceu aqui.

Lembro do Luca. Um dos voluntários. Dezesete anos, sempre com fones de ouvido. Provavelmente foi passear com Paddy. O velho cachorro gosta de ir até o bosque. Se Luca correu atrás dele, também se explica a respiração pesada.

A figura no bosque havia de ser o Luca, não o Leon, e muito menos o Michael ou outra pessoa de quem devesse ter medo.

Apesar dessa explicação que eu mesma construo, fica um leve mal estar.

Sacudo-o. Um ataque de pânico por dia já é o suficiente. Além disso, é hora de ir para casa. Ainda tenho três aulas para preparar para a escola noturna online hoje à noite. Faltar é impossível. Afinal, sou a treinadora.

Capítulo 3

Eu fecho a porta de casa atrás de mim e me encosto nela por um instante. O dia me abalou mais do que estou disposta a admitir. Inspiro fundo e balanço a cabeça para tentar afastar os pensamentos sombrios.

Como isso não funciona, vou para a sala e me deixo cair no sofá. Uma olhada no relógio de caixa antigo me diz que é pouco depois das quinze horas. Ainda faltam umas boas três horas até Nici ter que sair para o turno da noite no hospital. Sem pensar muito, pego meu celular e disco o número da minha melhor amiga.

O sinal de chamada toca e eu mordo meu lábio inferior nervosamente. Não demora para ela atender.

— Então, Josie-Jo! Como foi seu dia? Nici soa, como sempre, de bom humor.

— Assim-assim, — digo, embora saiba perfeitamente que é mentira. — E o seu?

— Ah, nada de especial. Consegui finalmente montar as estantes que te falei. Elas ficam de pé, ficam fofas e eu nem me machuquei.

O que é quase um milagre; não conheço ninguém tão desajeitado com artesanato quanto minha melhor amiga. E ainda assim, como enfermeira noturna, você tem que enfiar agulhas em veias minúsculas o tempo todo. Você pensaria que ele saberia como lidar com ferramentas. Mas não: tudo que não for instrumento de enfermagem convém manter longe da Nici.

Solto uma risadinha. — Sim, isso soa mesmo como um milagre.

Ainda falamos mais um pouco de tudo e de nada, e é bom ter uma conversa normal. Mas dói-me manter o tom leve. A cena no bosque, a capa de chuva amarela, aquela sensação de aperto — tudo isso ainda pesa sobre meus ombros.

Nici também percebe. — Vá, agora sem rodeios. Como é que tu tá mesmo? — Como tantas vezes, é como se você sentisse que eu preciso jogar algo para fora e me dá espaço para isso.

Deixo minha cabeça cair no encosto do sofá e fecho os olhos. — Olha, eu andei com Luna no bosque, como sempre, — começo, hesitante, e depois conto tudo a ela.

Ela me escuta sem interromper. — E isso te deixou tão pra baixo assim? — pergunta por fim.

— Eu sei que soa ridículo. — Solto uma risadinha nervosa. — Mas por um momento eu tive certeza de que algo ruim ia acontecer. Me senti vigiada, seguida.

— Isso não é ridículo, Josie-Jo, — Nici diz suavemente. — Só mostra como

isso ainda está agarrado em você. Mas aposto que era só o Luca.

— Eu sei. — Fico olhando para o teto. — Mas a sensação foi tão real. Como se tudo voltasse à tona. Achei realmente que já tinha superado isso.

— E você superou. Pense em como você estava intimidada quando finalmente saiu da casa de Michael. E olha para você agora. Você voltou a ter confiança, Josie.

Encho meus pulmões e deixo o ar sair em um longo suspiro. — Isso também me custou quase dois anos de grupo de autoajuda. Mesmo hoje eu tenho que me dizer, o tempo todo, que nunca mais vou deixar alguém me tratar injustamente ou me intimidar.

— Não se menospreze, Josie-Jo. Foram só dezoito meses. E o que você viveu hoje é o suficiente para tirar qualquer um do sério.

— É, provavelmente. — Suspiro e sinto a tensão ir se dissipando aos poucos. — Mas, por um instante, foi realmente assustador. Como se tudo fugisse das minhas mãos de novo.

Desta vez é ela quem hesita um segundo. — Josie, você passou por muita coisa. Sua cabeça te prega peças, mas isso não quer dizer que você é fraca. Você já superou isso tantas vezes. E você sabe que não está sozinha, — ele me lembra. — Você pode falar comigo sempre que precisar.

Eu aceno, embora Nici não possa me ver. — Obrigada. Sério, eu valorizo isso.

— Que tal se eu passar aí amanhã? Podemos dar um passeio ou simplesmente tomar um café juntas.

— Parece bom para mim, — respondo. — Obrigada, Nici.

— Sempre. Não se apoquente, Josie. Não há nada que um belo pedaço de torta de creme bem, bem gorda não resolva. Amanhã eu te encharco de açúcar até as endorfinas pirarem de vez.

Tenho que rir, porque sei que ela é menina para cumprir. — Por favor, não compre uma torta inteira.

— Logo se vê. — Quase a ouço sorrir. — Tá, amanhã eu tô aí. Hoje tente não se preocupar, tá? Procura relaxar um bocado.

— Vou tentar. Mas antes me espera o curso online Processamento de Dados II.

— Tudo bem, eu levo chocolate junto com a torta, — Nici promete, rindo.

Pouco depois, termino a ligação e largo o celular. Sinto-me, de fato, um pouco mais leve. Como sempre, foi bom conversar com Nici.

Suspiro. É hora de me preparar para o trabalho.

Às 20h30, encerro o curso online Processamento de Dados II.

Não é meu assunto favorito, mas, pelo menos, é algo que é facilmente ensinado online. A chuva tilintando nos vidros me lembra por que devo ser grato

por este trabalho. O curso de Ciências da Informação em Biblioteconomia foi interessante, sim, mas não exatamente o trampolim ideal para uma carreira. Pelo menos não para mim, que gosto de estar em movimento e viver coisas novas.

Eu aguentei três anos na biblioteca municipal, até que o silêncio de lá se tornou excessivo e Michael me encontrou um lugar como treinadora na escola noturna. Ao menos isso teve de bom o casamento. Sou bem paga, tenho horários flexíveis fora das aulas ao serão e assim consigo, finalmente, dedicar ao canil o tempo que ele merece.

Me levanto, bocejo de verdade e sigo para a cozinha. Em algum lugar da geladeira, me esperam macarrão com queijo e uma cerveja com limonada.

No corredor, me pego olhando para a janela do apartamento ao lado. Do outro lado, nada se move.

Passo diante da parede envidraçada com um alívio bobo e coloco as massas no micro-ondas. Passo o dia inteiro dizendo a mim mesma que levo uma vida saudável, mas, depois de seminários longos como o de hoje, a fome me ataca e devoro uma porção pelo menos duas vezes maior do que o necessário.

Ao que se segue o cansaço, pouco depois, e, embora eu quisesse ver meu policial favorito com o comissário-chefe Carsten Wolf, opto pela cama. Bendita seja a invenção dos serviços de televisão em atraso.

Mas, apesar do enfartamento e das perguntas puxadas dos alunos, demoro para dormir. Meus olhos teimam em vagar até a janela, até que, por fim, me viro decidida de lado e dou as costas para a fonte do meu incômodo.

O sono acaba por chegar. Em vez de descanso, traz, porém, sonhos desconexos e memórias indesejadas.

Lado a lado com a Paula, chego à clareira junto ao lago. A água está imóvel e negra diante de nós.

A Paula pára, vira-se para mim, um largo sorriso nos lábios. — Conseguimos! — grita, triunfante. — Ninguém reparou que nos escapulimos!

Puxa o vestido pela cabeça e corre para a água.

Sigo-a, hesitante, pronta para a aventura com que a noite nos alicia.

A água já me envolve a barriga e o peito, e os músculos retesam-se enquanto luto contra o frio.

A Paula já nada um pouco à minha frente e agora vira-se para mim. — Fica melhor se te mexeres! — chama ela.

— Eu sei bem disso, — respondo, e mergulho uma vez para mostrar à minha irmã como sou corajosa.

Paula me brinda com uma risadinha enquanto continua a nadar. Mas, de repente, o riso desaparece.

Em vez de Paula, vejo ondas revoltas no lugar onde minha irmã estava

instantes antes.

Sem hesitar, mergulho na água escura. Tateio, com o coração aos pulos, procurando Paula.

Sem luz, sem referência, sem ar. Tenho que vir acima! Mas onde é o fundo, onde é a superfície? Onde está Paula?

O peso da água me envolve como uma carga invisível. O coração martela no peito, a me impelir a respirar.

Todos os sons ficam abafados, estranhos, sinistros. Embora haja apenas escuridão, essa negritude se aperta ao meu redor, se torna um nada sem limites.

O impulso de respirar se torna insuportável. Os pulmões ardem, tenho que respirar. Tenho mesmo!

Abro a boca, encho o peito e grito.

Endireito-me num pulo. Olho em volta, ofegante.

A escuridão ainda me aperta, mas não tem mais poder sobre mim. O alívio de não estar paralisado pela paralisia do sono se espalha devagar por mim, mas logo é engolido por outra onda — a tristeza familiar que me invade sempre que penso em Paula.

Meu coração se contrai, doloroso, quando a imagem de então me vem nítida. Paula desaparecendo na água escura, as mãos se estendendo para mim enquanto a corrente a arrasta. Sinto como se tivesse acontecido ontem, e já se passaram quase trinta anos. Trinta anos, e ainda sinto tanta falta que, às vezes, quase não aguento.

— Eu sinto tanto a sua falta, — eu sussurro para o quarto silencioso.

Por um instante, acho que ouço uma voz de criança, murmurando para mim que também sente minha falta. É um engano reconfortante, um eco do passado que nunca desaparece de todo.

Como sei que não vou conseguir dormir de novo, me levanto e vou até a janela. Fitar o exterior muitas vezes me ajuda a me acalmar. Lá fora tudo parece pacífico, como se nada de ruim nunca tivesse acontecido. Mas eu sei melhor. O mundo pode ser enganoso, esconder bem seus perigos.

Enquanto abro a janela e inspiro o ar fresco da manhã, uma aragem acaricia meu rosto, como naquele fim de tarde de primavera em que Paula e eu estávamos à beira do lago. Embora ainda estivesse fresco, caminhamos descalças pela margem, colocamos pequenos barquinhos de papel na água e apostamos, rindo, qual resistia mais. Foi um daqueles momentos em que o tempo parecia parar e tudo estava perfeito.

Sinto uma queimação por trás das pálpebras quando outro episódio vem à mente. Tínhamos oito anos e encontramos uma ave ferida logo após a chegada do inverno. Paula estava decidida a salvá-la. Lembro-me dela cantando baixinho para ele, depois de procurarmos abrigo no chalé do lago. Nos aninhamos debaixo

de uma daquelas toalhas de banho enormes, o pássaro nas mãos, entre nós. Aquele sentimento de proteção que me encheu naquele momento, quando passei o braço por seus ombros, ainda está vivo por dentro.

E também teve aquele dia chuvoso no sótão, quando vestimos roupas antigas e entramos em outro mundo. Paula com o chapéu velho, dizendo que era uma exploradora, e eu, a seguindo rindo. Era um jogo, mas parecia real, como se estivéssemos realmente em uma grande viagem, longe de tudo. Só ela e eu, juntas. Para sempre.

Por fim, deixo cair as lágrimas que se juntaram por trás dos olhos. Escorrem silenciosas, mas a dor fica, aqui no fundo. Uma lembrança constante do que perdi. Paula me faz falta, todo dia, toda hora, e às vezes essa ausência é tão forte que me sufoca.

Inspiro fundo, enxugo as lágrimas, enquanto os pássaros lá fora saúdam o novo dia.

Nisso, percebo um movimento no prédio antigo em frente. Um cortinado sacode, no rés do chão. Sra. D'Alessi, se bem me lembro. Uma vez ele me ajudou a levar para casa uma poltrona que eu havia encomendado pela internet.

A sensação de estar sendo observada faz minha pele formigar, como se alguém passasse pelos meus ombros dedos frios.

Não vem de baixo, não do térreo, mas do apartamento bem em frente. Meu olhar vai lá e fica preso nas janelas. Qualquer coisa está diferente.

Pisco, inclino um pouco a cabeça e tento transpassar a penumbra do interior. Um vulto se desprende da escuridão, mal discernível — ou estou imaginando? Um contorno, fugaz demais para estar bem ali e ainda assim...

Meu fôlego se prende quando distingo algo que parece uma silhueta humana.

Aperto os olhos, meu coração batendo em um ritmo inquieto. É como se, com concentração suficiente, eu conseguisse atravessar a penumbra e deixar os contornos mais nítidos. Mas quanto mais foco, mais eles se desfazem. As sombras parecem dançar, a luz recua.

Tento pegar uma visão melhor, me inclino para frente, mas isso não me traz certeza. Nenhum rosto, nenhum corpo, só essa impressão difusa de que, ali na frente, tem alguém. Alguém que sabe exatamente que estou aqui.

Cada músculo do meu corpo se enrijece, reação instintiva a uma ameaça invisível. O ar ao meu redor parece mais denso, carrega meu peito, como se a própria divisão estivesse viva e contra mim. Mal ousar respirar, com medo de que o sopro da minha existência atraia a atenção desse algo para mim.

Um pensamento atravessa minha cabeça — a vizinha? Você notou que eu estava olhando e agora você está me jogando um jogo?

A lembrança de Paula, que há pouco me esmagava, dá lugar à vergonha de ter me envergonhado diante da vizinha. E nem consigo dizer exatamente do que. No fim das contas, não fiz nada de errado.

Mesmo assim, fecho a janela às pressas, mas a sensação de estar sendo observada não se desprende de mim.

Não tem ninguém lá!

Repito essa frase vezes sem conta. Ao tomar o chá, no cabide, na rua e no bonde.

São pouco mais de duzentos metros da parada até o prédio de quatro andares na Avenida do Oeste, onde acontece a sessão semanal do nosso grupo de autoajuda. Ainda assim, fico ensopada. Bem ensopada. O vento açoitava a chuva contra meu rosto, de modo que nem chapéu de chuva nem casaco de meia estação valem muita coisa. Maldito vento. Por instantes, lamento não ter levado o carro, mas arrumar um lugar por essas bandas é sempre uma aventura.

Além disso, evito dirigir na cidade sempre que posso. O incômodo que me invade é quase palpável a cada vez. É como se o volante carregasse o eco da voz de Michael. Sempre que giro a chave, sinto a velha opressão voltando — a sensação de estar sob vigilância constante, de fazer tudo errado. Os comentários de Michael, os olhares impacientes, a correção suave, mas cortante da minha condução — tudo isso ficou gravado a fogo na memória.

Chego a ver as mãos dele pousadas no painel, sinto a tensão no ar quando não meto a próxima marcha imediatamente.

— Você está dirigindo devagar demais de novo, Josie.

As palavras dele ainda ressoam na minha cabeça às vezes, mesmo não estando mais aqui.

Por isso pego o ônibus tantas vezes. Não é só pela comodidade, é pela liberdade que encontro lá. Ninguém colocando a mão no meu volante, ninguém transformando cada pequeno erro em prova da minha insuficiência. No ônibus eu posso simplesmente sentar, ver as ruas passarem e respirar sem o peso de julgamentos antigos e silenciosos.

Então, hoje também corro através da chuva até finalmente me abrigar na entrada.

Ao lado, uma placa diz “Associação de apoio às famílias e à juventude”. A mesma associação que sedia o grupo “Violência no relacionamento”.

O mais interessante no vidro, com cabeças de latão e preso à alvenaria, é a superfície lisa como um espelho. Permite que o visitante atento lance um olhar por cima do ombro. Eu sempre faço isso antes de entrar, mesmo hoje, com esse clima miserável.

A rua atrás de mim, com apenas duas faixas de bonde e fechada para todos os veículos, exceto ônibus, está tranquila. Ainda assim, viro por cima do ombro enquanto sacudo meu chapéu de chuva.

Michael só me seguiu uma única vez, quando achou que eu o estava traindo. E eu sempre fui fiel a ele. O fato de eu ter escapado para ver um advogado de divórcio, isso ele não poderia saber, e eu tive que cancelar a consulta por telefone. Desde então fiquei com essa mania de nunca entrar em um prédio sem dar um último olhar para a rua antes.

Só no saguão do prédio antigo, com piso de linóleo verde, eu me acalmo. As solas molhadas dos meus sapatos chilreiam no caminho para cima, onde uma porta aberta me mostra a entrada para a sala de terapia. Hannah trouxe, como sempre, caracóis de pizza. Sinto o cheiro antes mesmo de entrar.

— Oi, Josie, — ele me cumprimenta.

Ela é uma mulher afável, em seus cinquenta e poucos anos. Ficou vinte e oito anos casada com um filho da puta que batia nela. Ela está divorciada dele há cerca de dois anos e não há um dia em que ela não sinta falta dele, embora saiba que estava certa em deixá-lo.

Ela é o motivo pelo qual não perco uma única sessão aqui. Eu realmente gosto de Hannah, mas nunca, jamais quero acabar como ela. Michael nunca mais fará parte da minha vida, nem mesmo nos meus pensamentos.

— Oi, Hannah. Então, você vem comigo ao abrigo de animais mais tarde?

Ela sorri, envergonhada, e balança a cabeça. O cabelo castanho liso estremece com o movimento. — Você sabe que eu tenho alergia a pelo de gato.

Solto um suspiro. — Pois é.

Estou sempre tentando entusiasmar-lá para fazermos algo juntas, mas, por mais só que ela esteja depois da separação, ela é muito reservada quando se trata de amizades.

Além de nós, Alice e Cora já estão aqui. Alice é uma mulher franzina, com pouco mais de quarenta anos, cujo rosto afável está em permanente contradição com a expressão aflita dos olhos. Ela é professora do ensino fundamental e tem um irmão cinco anos mais velho, o soberano incontestado lá de casa. Os pais muitas vezes ignoravam os acessos de violência dele e deixavam Alice sozinha com o medo e a dor que suas palavras e seus socos lhe causavam. Mesmo agora, décadas depois, você ainda não aprendeu totalmente a se libertar da sombra dele. Aqui, no grupo de autoajuda, ela busca uma forma de quebrar de vez o poder que o irmão exerce sobre ela e se encontrar.

Nora, com trinta e poucos anos, é quase ainda mais quieta que Hannah e tem uma filha de sete anos, Lisa, que é o centro de sua vida. Nora passou dez anos casada com um homem que a manipulava emocional e psicologicamente. Durante anos, ele a convenceu de que não era capaz de viver sozinha e que era uma mãe ruim, incapaz de cuidar da filha. Quando ele finalmente conseguiu deixá-lo, uma amarga disputa pela guarda começou.

Não sei dizer por que, mas Nora é a que eu menos esquento. Talvez porque nossas experiências se pareçam tanto que ela me lembra constantemente dos meus próprios erros.

Frank também, o único homem em nosso grupo, que normalmente é composto por dez pessoas, está presente novamente hoje.

— Ei, Hannah, isso cheira tão bem de novo. — Mia, a coordenadora do grupo, entra na sala. Ela é voluntária na associação e terapeuta de conversação treinada. Jovem, comprometida e sempre cheia de energia. Até o gesto de pendurar o casaco transborda dinamismo. — Josie, que bom ver você.

Ele passa a mão levemente pelo meu braço e segue, leve, até as janelas para abrir as cortinas.

Apesar do clima cinzento, a sala fica agradavelmente clara. Atrás de nós, o fervor começa a sibilar.

— Alguém quer chá? — pergunta Hannah.

Mia, Alice e eu dizemos que sim. Enquanto nossa coordenadora abre os radiadores, eu arrumo algumas cadeiras da parede em um círculo. Se é para grupo de autoajuda, é para ser sério.

Dez minutos depois estamos todos sentados, nos aquecendo com o chá.

— Muito bem, hoje em pequeno comitê, — constata Mia, enquanto os velhos radiadores demoram a entrar em serviço. — Quem quer começar?

Nem Hannah nem Frank se manifestam. O loiro de trinta anos, de óculos e roupas bem cuidadas, está conosco há sensivelmente dois meses e, depois de Hannah e Nora, é quem mais se resguarda.

Compreendo-o bem. Deve ser ainda mais difícil do que falar sobre ser espancado pelo marido admitir que você é maltratado pela própria esposa. Eu sei que ele ainda está com ela e que ela acha que ele está, todas as quartas de manhã, na fisioterapia.

Alice, que se sentou ao lado de Hannah, parece tensa, quase se agarrando à xícara. Ela suporta mal o silêncio, então costuma ser a primeira a falar.

— Encontrei meu irmão há dois dias, — ele começa, em voz baixa, com um leve tremor. — Foi por acaso, na rua, e ele quis me convidar para um café. Mas... — engole em seco e fixa as mãos. — Ele me tratou como antes, como se eu voltasse a ser a criança a quem ele pode dar ordens. Senti-me logo pequena e impotente outra vez. Tudo o que eu queria lhe responder ficou-me atravessado na garganta. — Seus olhos se enchem de lágrimas, mas ela se força a continuar. — Foi como se o tempo voltasse e eu voltasse a ser a garota indefesa que tem que aguentar os socos e as palavras dele.

Mia pousa uma mão no braço de Alice e acena com compreensão. — Deve ter sido muito difícil, — ele diz, suave.

Cora, que até então permanecera calada, parece se decidir. — Eu também tive uma experiência essa semana que não me larga, — ele começa. A voz é firme, mas baixa. — Fui ao tribunal com meu ex-marido. Era sobre a custódia da nossa filha. Ele mentiu, disse que eu era uma mãe ruim. — Os olhos se estreitam à lembrança. — No tribunal, — ele engole em seco, — no tribunal eu sentei lá e

foi como se ele tivesse o controle da minha vida na mão novamente. Cada frase que eu dizia me fazia duvidar de mim. E, quando a sentença foi lida, nem me surpreendi por ser a favor dele.

Um murmúrio baixo de consternação percorre a sala. Cora olha para o chão, como se buscasse consolo ali, mas o olhar fica vazio.

Mia, cujo ânimo cede por um momento ao peso das histórias, respira fundo. — Obrigada por compartilhar, — diz, com voz doce. — Cada uma de vocês passou por tanta coisa, mas estão aqui, e isso mostra que são fortes.

Sinto um nó se formando na minha garganta quando as palavras das outras mulheres ecoam em mim. As histórias de controle e impotência, a luta constante para não nos perdermos. Neste instante me sinto mais ligada a elas do que nunca e sou, além disso, grata por meu casamento com Michael ter ficado sem filhos.

Todos aqui têm um papel essencial no fato de eu ter chegado tão longe.

— Eu também tenho algo que quero compartilhar com vocês, — eu digo, soltando o ar. — Chegaram os documentos. É oficial, estou divorciada. Em definitivo.

Hannah bate palmas e até Frank sorri um pouco. Então alivia minha má consciência por, apesar da história de Nora, trazer algo positivo.

— Ele aceitou isso sem mais nem menos ou armou problemas? — pergunta ele, em voz baixa.

É a primeira vez que ele toma a iniciativa de falar e, por um momento, me surpreende a ponto de esquecer de responder.

Acabo dando de ombros.

— Desde a liminar, não voltou a dar notícias.

As ligações com número desconhecido ou estrangeiro que recebo de vez em quando não menciono, embora saiba que esse seria o lugar certo. Mas não quero deixar Frank ainda mais inseguro do que já está. E, o mais importante, não estou disposto a conceder a Michael esse tipo de poder sobre mim. Se eu admitir publicamente, mesmo em um grupo tão pequeno, que as ligações às vezes me incomodam, ele vence. E eu não permito isso. Nunca mais!

Frank acena, e eu adivinho o quão importantes minhas respostas são para ele. Seus olhos estão ainda mais fundos do que o normal. Neles repousa uma dor que me é familiar, embora a dele pareça muito mais intensa. Sempre que o encaro por mais tempo, rezo em silêncio para que um dia ele encontre coragem de deixar a esposa.

De fato, Frank toma a palavra novamente. — Isso te assusta? O fato de tudo estar terminado e, talvez, não estar?

Balanço a cabeça, nem preciso pensar. — Não, é como uma libertação. Medo tinha antes. Nem mesmo, em primeiro lugar, de Michael, por mais estranho que pareça. Mas o comportamento dele comigo, as intimidações, os maus-tratos eram, de uma forma retorcida, familiares. Em certa medida, eu tinha me

acostumado. A decisão de me separar, essa sim, me deu um medo terrível.

O Frank volta a acenar. Vejo nos olhos dele que sabe exatamente do que falo. — E esse medo desapareceu agora?

Hesito por um brevíssimo momento. — Não totalmente, — admito, porque não o quero enganar. — Ainda há momentos em que ele me apanha. Um ruído súbito e alto faz-me estremecer, um bando de adolescentes a vir na minha direção leva-me a atravessar a rua. Uma figura no caminho do bosque fez-me ontem dar uns passos para o mato, só para evitar um encontro. — A expressão esperançada no rosto dele leva-me a não mencionar que tive um ataque de pânico. Em vez disso, atenuiei. — E sim, às vezes ainda tenho a sensação de que ele me anda a vigiar.

Ele acena muito devagar, depois enfia a mão no bolso das jeans e puxa de uma carteira de couro preta, gasta. Quase hipnotizados, todos observam enquanto a abre e fixa uma fotografia, esbatida, por trás da janelinha transparente. Estende-a.

— Diana, — ele diz simplesmente. — Eu amava essa foto. Hoje não consigo mais vê-la. Mas tenho medo de tirá-la da carteira. Ela ia reparar e então...

Olho, espantada, para a morena no braço de Frank. É linda, você vê sua autoconfiança, mas o sorriso parece afável.

— Tem jeito de alguém em quem se pode enganar feio, — comento, um pouco atrapalhada.

Ele solta um resfôlego. — Sim, é isso mesmo.

— Obrigada por ter me mostrado.

Ele apenas acena e cai novamente em um silêncio pensativo.

Mia retoma. — Acho que falo por todos nós, e também pelos que faltaram hoje, quando digo que estamos muito orgulhosos de você, Josie.

São as palavras dela que me levam a omitir que pequenas coisas ainda me derrubam com facilidade. Como a vizinha na janela, que me pegou encarando ela. Só a lembrança já me faz corar.

Isso desperta em mim a necessidade de dizer mais qualquer coisa positiva.

— Leon me convidou para ir ao cinema e eu disse que sim, — compartilho com eles.

Mia ergue o olhar, animada. — Isso é ótimo, Josie.

— Como você faz isso? — pergunta a Hannah, com um toque de melancolia na voz. — Você deixa o homem esperando tanto tempo e ele continua paciente.

— Eu não o deixei esperando. — Mal digo isso, me dou conta de que minha ânsia de me defender continua alta. Por isso, inspiro e expiro, de propósito, duas vezes. — Conheço Leon há só dois meses, — tento explicar meu turbilhão. — Ele é simpático, calmo, equilibrado. Eu me sinto bem perto dele. Mas, no começo, eu também me senti assim com Michael. — Ergo um pouco os braços.

— E todos nós sabemos como acabou. Com Leon eu quis... quero não precipitar nada.

— Isso aqui todo mundo percebe, — Mia me sossega, sem necessidade.

Hannah abaixa o olhar, envergonhada. — Não era isso que eu queria dizer.

Dou-lhe um encosto camarada na cintura. — Eu sei. Também eu me admiro de ele ser tão paciente.

— Isso é, sem dúvida, um bom sinal, — diz Mia. — Se você quiser, e se isso não te incomodar, eu te acompanho à distância até o café. Assim como contato de emergência, por assim dizer.

Já ia acenar, mas depois me escuto por dentro. Quero isso? Uma rede de segurança para contatos sociais? Reviro os olhos por dentro.

Com contatos sociais você tem menos problemas, zomba da voz dentro de mim. Você está é com vontade dele, admite aí.

— E é exatamente isso que me assusta.

O piscar dos que me cercam denuncia que eu disse a última frase em voz alta. Bolas.

— O que te assusta? — quer saber Mia.

De repente não consigo mais sustentar seu olhar. — Gosto dele. Talvez mais do que deveria, — admito, baixinho.

Finalmente, Hannah também ergue os olhos do chão. — Eu sei exatamente o que você quer dizer, — ela comenta, confusa. — Depois, abre um sorriso torto. — Mas Leon deve ser um cara legal, pelo que você conta.

Um sorriso me puxa pelos cantos da boca. — É sim.

Enquanto digo isso, percebo que quero me encontrar com Leon sem rede. Tenho que me encontrar com ele assim.

— Seu convite é muito gentil, — digo então a Mia. — Mas eu vou sozinha. Como é que, caso contrário, vou aprender novamente a confiar em mim? Michael pode ter influenciado meu passado, mas eu me recuso a continuar dando poder a ele sobre meu futuro.

— É cedo demais. — As palavras baixas de Frank jogam um balde de água fria na minha coragem. Erguer a cabeça, me olha quase com censura. — Pense bem. Você acabou de se divorciar, mal está se mantendo de pé. Você realmente quer cometer o mesmo erro duas vezes?

Por um instante, não sei como reagir. — Como é que eu vou saber se é um erro, se eu nem arrisco? — digo aquilo que passa pela minha cabeça.

— Eu não estou dizendo para você não fazer isso. Só não tão cedo. Talvez ele só seja paciente porque quer te levar para a cama e, depois, some.

Ele diz em voz alta meus medos mais secretos. Por outro lado, seria tão grave assim?

— Ao menos eu ficaria sabendo com o que conto, — murmuro, mais para mim. — E eu posso fechar esse capítulo sem ter investido demais.

— É um passo corajoso, e acho ótimo que o dê, — a Mia vem em meu auxílio. — E, se correr mal, estamos cá. Não é verdade?

A Hannah acena, encorajadora.

O Frank, porém, abana a cabeça. — Não te fazia como alguém assim.

A minha sobrancelha sobe-me praticamente pela testa acima. — Alguém assim?

— Frank, não te esqueças dos nossos princípios. Aqui não condenamos ninguém.

— Mas ficamos só a ver alguém caminhar para a desgraça, de olhos abertos? Isso já não é ajuda, é omissão de auxílio!

— E quem disse que eu preciso de ajuda?

— Caso contrário, estarias aqui?

A Mia inclina-se para a frente na cadeira. — Frank, chega.

Vejo-o cerrar os lábios. No fim, ele me olha com um ar um pouco desafiador, mas também um pouco culpado. — Desculpa. Hoje não é um bom dia.

Encho os pulmões e engulo a irritação que começa a surgir. Sei bem demais o que ele quer dizer. Violência em um relacionamento é uma sombra que nunca desaparece, mesmo que o parceiro esteja a quilômetros de distância. E, sobretudo, essa pressão constante tem uma força que consegue fazer de qualquer pessoa calma um animal à flor da pele.

— Você quer falar sobre isso? — pergunto, ao invés de Mia.

Ela acena afirmativamente, e Hannah estende a Frank um caracol de pizza do prato dela.

Ele recusa. A ajuda e o petisco. — Hoje não.

— Quando você estiver pronto, — Hannah diz.

Resmunga alguma coisa ininteligível e se levanta. — Talvez da próxima vez. Tenho que ir. Fiquem bem.

Ele sai sem esperar resposta e nós cinco ficamos olhando para ele, um pouco confusos.

— O que tem ele? — ele salta da minha boca para fora.

Hannah sorri. — Talvez você esteja com ciúmes.

— Ah, que bobagem.

Mia dá de ombros. — Acho que é difícil para ele ver o progresso que você faz enquanto ele ainda está começando esse caminho. Isso há de passar. Eles têm mais alguma coisa no coração?

Assim como eu, Hannah também balança a cabeça. Por um breve instante, me pergunto se ela tem consciência de que está se fechando tanto quanto Frank. Mas, bem, assim como ninguém é julgado aqui, ninguém é pressionado também. Por isso, volto a colocar os pensamentos em Leon. Mas a sensação de conforto desapareceu. Substituída por um leve aperto. Empenho a cara.

Obrigadinha, Frank.

Capítulo 4

No caminho todo para casa esforço-me por não me irritar com o Frank. Repito vezes sem conta que são os problemas dele que o andam a moer, e mesmo assim não consigo simplesmente arrumar as palavras dele na gaveta. O que é que isso lhe diz respeito? O Leon é boa pessoa!

Durante oito semanas recusei todas as tentativas dele de me convidar para sair, precisamente pelos motivos que o Frank apontou. O receio de me atirar depressa de mais para outra relação que me pudesse magoar. O medo de voltar a errar. O pavor de só gostar do Leon porque a solidão, apesar de todas as agruras com o Michael, me é estranha. Mas não quero mais nada disto. Vou olhar em frente! Com o Frank ou sem o Frank!

Essa decisão também me leva a sair do estacionamento em frente ao meu prédio e ir até a casa ao lado. Às vezes, o melhor é arrumar logo as coisas. Amanhã Leon, hoje a vizinha, a quem bisbilhotei com descaramento ontem à noite. Vou desfazer esse mal-entendido!

A chuva, felizmente, diminuiu. Como para me dar ânimo, o sol espreita por entre as torres de nuvens que se desfazem. As duas escadas de pedra que sobem até as caixas de correio e as campainhas ainda estão molhadas e cheias de marcas de ladrilhadores, pintores e eletricitistas.

Fico um pouco à toa diante das oito campainhas. Só conheço um nome: »D'Alessi«. Ela é a senhora simpática do térreo. Tá na de baixo de tudo. Partindo do princípio de que as plaquinhas não foram colocadas ao acaso, o terceiro nome de baixo deverá corresponder ao apartamento bem em frente ao meu.

Pisco para o letreiro de plástico. Não diz nada. Tal como o de cima. Os outros seis estão identificados.

Toquei na mesma. Os apartamentos foram reformados. Certeza que a senhora se mudou há pouco e ainda não teve tempo de colocar o nome na campainha.

Ouve-se um estalo, como se alguém tivesse tirado o fone do interfone.

— Alô? Olá, aqui é Josie West. Moro em frente. Eu... ah... bom, acho que você me viu ontem à noite. Só queria me apresentar rapidamente e pedir desculpas por ficar espiando seu apartamento com tanta lata. É que primeiro pensei que pudesse ser um ladrão, porque os cômodos ficaram desabitados por tanto tempo.

Dos seis rasgos estreitos da tampa de aço escovado não sai resposta. Também não é de se admirar, com minha explicação gaguejada.

— Alô? — pergunto ainda.

Nada.

— Olá?

Nada...

Julgo ouvir outro clique. Mais baixo desta vez, como se alguém tivesse pousado o auscultador.

Muito bem, Josie. No estragar para melhorar és mesmo perita.

Antes de me dar conta, toquei à senhora D'Alessi.

Atende logo. — Sim?

— Olá, senhora D'Alessi, fala a Josephine West, a vizinha...

— Josephine! Ah, que bom. Espere um bocadinho, que eu já vou aí fora.

— Não é preciso...

Demasiado tarde. Desligou e ouço uma porta abrir-se dentro do prédio.

Lá vem a aposentada meio italiana bamboleando na minha direção. — Então, e aí? — Sorri radiante, como sempre que fala com alguém. Às vezes acho que Parca poderia se plantar na frente dela com cara de poucos amigos e ela, com aquele sorriso, ainda lhe oferecia café e bolo.

— Desculpe o incômodo. Eu só queria perguntar rapidamente quem se mudou para o terceiro andar?

Ela pisca. — No terceiro? Esse apartamento está vazio.

Balanço a cabeça. — Não, ontem eu vi alguém. Alguém deve ter se mudado para lá.

— Não, não, minha querida. Devem ter sido os trolls. O apartamento está sendo reformado para depois ser alugado como casa de férias ou algo assim. O do lado também. — Estaca e inclina a cabeça. — Um momentinho, não é como casa de férias. Como ARB? Como isso se chama agora?

— Airbnb?

— Isso, exatamente. O que é isso afinal?

— Ah, uma coisa da Internet.

A senhora D'Alessi torce o nariz. — Oh. Mas eu não quero porcaria lá em cima. Disso é que eu não preciso aqui.

— Não, não. Não é nada disso. O apartamento já está pronto?

Ela balança a cabeça. — Os pintores ainda estão trabalhando lá. Caras muito legais. Muitas vezes ofereço um café para eles e me fazem companhia um pouquinho.

— Tem alguma mulher com eles também?

— Não, por quê?

Envergonhada, me safo com um encolher de ombros. O ar de repente parece mais pesado. — Só por perguntar — consigo dizer. — Obrigada, senhora D'Alessi.

Eu me viro, pensativa.

Como num sonho, desço as escadas de novo, atravesso a rua e vou para o meu prédio. No patamar, fico parada olhando a casa ao lado. Com o dedo esticado conto as janelas. Eu nem tenho mais certeza em qual das inúmeras aberturas eu vi a mulher. Será que eu a vi mesmo? Era no meio da noite. Eu estava cansada ...

Entre os efeitos colaterais da paralisia do sono estão alucinações visuais, auditivas ou táteis vívidas. Quem melhor do que eu para saber disso? Só que, na maioria das vezes, elas surgiam ao adormecer, às vezes também ao acordar.

Mas ainda minutos depois? Podem as sequências ser tão fortes assim?

Quantas vezes você tem a sensação de que tem alguém no quarto quando você acorda nas garras da paralisia do sono, eu me respondo.

Isso é diferente, contradiz o lado racional do meu cérebro. Depois do que o Michael fez ...

Não ponhas as culpas no Michael.

Pensamento atrás de pensamento, enquanto subo o último lanço, tiro os sapatos húmidos a custo e estendo a mão para a maçaneta.

Algo frio toca-me o pulso, ouve-se um ligeiro tilintar. Assustada, puxo a mão atrás e fico a olhar para a maçaneta. Um fio de ouro balança, a tilintar de leve contra a madeira.

A esquerda dispara para o meu pescoço, tateando o sítio onde a correntinha delicada desce pela clavícula. A direita treme ao tirar da maçaneta a peça de joalheria filigrana.

São os mesmos links minúsculos e móveis, é o mesmo comprimento. Pende um pingente. Quase igual ao meu. No meu, tem um “P”. No que tenho na mão, um “J”. O enjoo sobe pela minha garganta, um apito agudo chia em meus ouvidos em advertência.

Paula usou essa corrente.

Foi um presente de início de aula do nosso tio. Uma correntinha com o nome para cada uma de nós. Ainda estávamos com o papel de embrulho nas mãos quando decidimos trocar. Eu usaria a corrente da Paula, ela a minha.

Entro correndo no apartamento e fecho a porta com um estrondo. Com o coração aos pulos, escorrego por ela abaixo até o chão. Uma brincadeira. Com certeza é só uma brincadeira de mal gosto.

Oh, Paula!

Contra todas as resoluções, lágrimas saltam aos meus olhos. As mãos se crispam em torno do metal. Paula foi embora. Está tão longe. E eu queria contar a ele o que Frank disse, aquelas bocas bobas. Falar do Leon e do nosso encontro. Só desabafar dessa trampa toda.

Demora para passar até as lágrimas secarem e minha respiração entrecortada

se acalmar. Os dedos ainda me tremem.

— Que diabo é isso suposto significar? — pergunto ao meu armário de sapatos, ali na frente, cujos puxadores de latão trabalhado me olham de cima como uma boca rindo.

Decido ligar para meu tio. Talvez ele tenha mandado fazer uma cópia da peça e achou que me faria um favor. Não seria a primeira vez que ele nos confundiria a todos com um presente estranho.

Ergo-me a custo até o telefone. Um velho aparelho verde de rede fixa, que não consigo me livrar dele por motivos de nostalgia.

Estou procurando o número do tio Eric na lista ao lado. Quase não temos mais contato, mas uma vez por ano nos vemos em uma festa de família, e, nos aniversários, ele liga para umas palavras cumpridoras mas meio engessadas. O telefone toca por minutos, mas ele não atende.

Ainda assim, proponho responsabilizá-lo por esse presente, nem que seja pelo simples fato de ser a única explicação que não me dá medo.

Decidida, vou para a cozinha, dou uma olhada rápida no meu calendário e vejo que, tirando a preparação para o curso desta noite, não tenho mais nada previsto. Bom, cozinhar era importante.

Para me distrair desse reboliço todo, me decido por algo demorado. Lasanha. Legumes na geladeira precisam ser usados e eu gosto quase tanto de lasanha quanto de espaguete à carbonara. Dou-me mentalmente um tapa no ombro. *Assim mesmo, Josie, pensa no cotidiano. Nada de se deixar levar pelo estresse.* Pico cebolas, cogumelos, finalmente ligo o rádio e consigo me desligar o suficiente para, a certa altura, começar, baixinho, a cantarolar.

Mesmo até o telefone do corredor tocar. O movimento da faca para, e eu fico olhando por segundos na direção do corredor, na esperança de que alguém atenda por mim. — É o tio Eric. Com certeza é o tio Eric — digo a mim mesmo.

Desejos ditos em voz alta se tornam realidade. Disse-o um sábio qualquer dia. Qual, já não sei, e naquele momento também pouco me importa.

Pouso devagar a faca, limpo as mãos no pano de prato e vou para o corredor.

É o tio Eric, conjuro o fone verde, antes de agarrá-lo e atender.

— West.

— Josephine, não desliga.

Não desligo. Não consigo. Porque cada músculo do meu corpo se contrai todo.

O ruído em meus ouvidos é tal que mal entendo as palavras que posso arrancar com dificuldade. — Você não pode me ligar, Michael.

— Poder, eu posso, se você revogar essa ordem.

A calma objetiva na voz dele faz minha mão tremer. E não só a mão, como vou percebendo. O braço segue, depois as pernas. Era essa calma na voz que

sempre vinha antes de ele bater.

— Vou informar minha advogada — crocito.

— Me dê cinco minutos!

Quero desligar. Devia desligar. Não consigo. Ele exige, eu obedeço.

— Então, escuta. Sei que nem sempre fui o melhor marido, mas essa guerra de rosas é desnecessária.

— Nem sempre o melhor marido? — cuspo. — Você ...

— Eu sei bem o que fiz — corta-me ele a palavra.

Pense mais rápido, Josephine, ou você é burra demais, para formular uma frase em condições?

— Vamos conversar sobre isso.

— Não!

— Você é que sempre quis falar! Poxa, eu sei que errei. Mas posso melhorar!

Gosta-te, não gosta? Se não, sacode a cabeça, Josie. Vamos, mova-se para mim, Sunshine. Só um pouquinho. Não? Então é porque você quer ...

— Fala com minha advogada!

Por mais que eu queira, à minha voz falta toda firmeza. Minha garganta está tão apertada que mal consigo ar o ar. Sinto o toque dele com tanta nitidez como se estivesse na minha frente.

— Aquela superfeminista acha que eu sou o Anticristo! Não seja piegas, Josie! Nós sempre funcionamos bem, você e eu. Ok, nos últimos dois anos eu exagerei, é justamente isso que eu te ...

Um apito estridente soa da cozinha. Ao mesmo tempo chega às minhas narinas o cheiro de queimado.

— Nunca mais me ligue — consigo dizer, a custo.

Aperto o garfo, deixo cair o fone como está e corro para a cozinha.

Capítulo 5

MESMO lasanha queimada pode ter um gosto bom. Mas não quando o ex não sai da minha cabeça. Não é a primeira vez que ele liga. Mas é a primeira em que ele disse alguma coisa. Nas últimas vezes, a linha ficou muda.

O que esse idiota pensa de mim? Que eu vou cometer o mesmo erro duas vezes?

Nunca fui de guardar rancor, nunca desejei mal a ninguém. Mas dar uma chance a Michael? Quando nem uma ordem judicial pode impedi-lo de me ligar? Nem pensar!

Passo a tarde enfiada no trabalho. O tema da noite é, novamente, gerenciamento de dados. Exatamente o que eu preciso. Seco, vasto e perfeito para me agarrar aos detalhes. Só falta um grupo de estudo motivado demais e eu me sentiria de volta à faculdade. Exceto que, naquela época, eu ainda amava Michael e achava que ele era o certo.

Não se distraia!

Fico felicíssima quando o relógio, finalmente, se aproxima das sete e posso abrir a videoconferência.

Excepcionalmente, todos os participantes estão presentes. Embora eu geralmente seja uma professora paciente e indulgente, hoje eu os massacrei sem piedade com detalhes. O essencial: nada de pausas de conversa, nada de distrações, nenhuma lembrança.

O pior é ter que dispensá-los às vinte e uma horas. A maioria trabalha e está de joelhos.

Eu também, mas não quero pensar em dormir. Eu sei o que acontece quando fecho os olhos, e não tenho nenhum desejo de enfrentar pesadelos ou a tortura de acordar sem conseguir encontrar o caminho de volta à realidade.

Por isso, desligo o computador e ligo a televisão. Está passando uma série policial, arrastada e cinza, que não me prende nem um pouco. Mas ele tem um tempo de antena orgulhoso de mais de duas horas, o que vai me manter ocupado por um tempo.

Vinte minutos depois do primeiro intervalo, meus olhos se voltam para a janela. Ainda não adormeci. Se a mulher estiver lá novamente, então é real.

Levanto. Melhor pensar na vizinha do que no Michael. Me aproximo da janela do quarto.

Na rua, nada mais está acontecendo, ainda assim deixo o olhar pousar um pouco no asfalto silencioso, antes de tomar coragem e levantar a vista. E se me tiv...

Ela está lá! Ele pisca os olhos, eu os estreito, mas a imagem não muda.

Em frente, exatamente no apartamento onde não deveria ter ninguém, está ela na janela.

A silhueta parece imóvel, quase fantasmagórica. Mira a rua lá embaixo, como se fosse parte de um cenário triste.

Ouçó meu próprio coração batendo em meus ouvidos. Estou cansada, mas não tão cansada a ponto de imaginar coisas.

Minha consciência me diz que eu deveria desviar o olhar, mas não consigo. Tem alguma coisa que não bate. A maneira como você está lá, tão imóvel, tão sem vida. As sombras sob os olhos são vistas bem mesmo a essa distância, sulcos profundos em um rosto pálido. Parece que a vida lhe sugou todas as cores — um reflexo estranho do modo como eu mesma me senti nos meus piores momentos.

Ela parece perdida, infinitamente distante do mundo lá fora, que simplesmente segue em frente como se não houvesse dor, nem desamparo.

Sem perceber, ergo a mão e aceno.

Primeiro, não reage. Então, como um eco distorcido do meu gesto, ele vira a cabeça bruscamente e me encara. O olhar dela cruza o meu e eu abaixo a mão. Um formigamento esquisito se espalha em mim, enquanto ela continua a fitar. Não a mim, mas através de mim, como se minha presença fosse apenas um pensamento fugaz que ela registrasse de passagem.

Por que ela está lá, sem se mover, sem reagir às minhas tentativas de chamar a atenção dela? E por que você se parece tanto comigo? O mesmo cabelo loiro, a mesma altura, a figura esguia... Forço-me a desviar o olhar e, nesse instante, atravessa-me a memória de uma notícia que li há pouco. Um assalto na vizinhança, em que os ladrões primeiro andaram sondando os apartamentos. Prendo a respiração.

E se ela não está simplesmente lá? Se você anda sondando em quais apartamentos do nosso prédio você poderia entrar? E vê através de mim porque...

Não sei.

Mas há em mim um instinto gritando que algo aqui está profundamente errado. O pulso dispara, quando me afasto da janela de rompante e tropeço para o corredor. Sem planejar conscientemente, de repente tenho o telefone na mão e disco o número da polícia. Pode parecer exagero, mas não me larga a ideia de que algo terrível está acontecendo aqui.

— Emergência policial. Não desligue, — entoa uma gravação.

Antes que eu possa duvidar, atendem do outro lado da linha.

— Emergência policial, qual é a sua ocorrência?

— Hm, boa noite, o meu nome é Josephine West. Estou a ligar por causa da

minha vizinha. Acho que ela precisa de ajuda.

— Qual é a sua morada?

Um pouco desarmada pelo aparente desinteresse na minha informação inicial, hesito um momento antes de responder à pergunta.

— De que tipo de ocorrência se trata, afinal?

— É...

Difícil de explicar?, pergunta-me a voz cínica cá dentro.

Afasto-a, irritada, e continuo com determinação: — O problema é o seguinte: tem uma mulher na janela do prédio ao lado. É o número 33. O apartamento deveria estar vazio, mas estou vendo pela segunda vez. Ela não reage às minhas tentativas de fazer contato e parece... em colapso psicológico.

Me parablenizo, em silêncio, pela escolha das palavras. Soa muito melhor do que dizer: tem alguém aí, mande a artilharia!

— A janela está aberta?

Com algum atraso, percebo o que o homem quer saber: — Hã, não. Está fechada. Também não parece que ela... enfim, quer pular. Mas, como eu disse, o apartamento deveria estar desocupado.

— Onde você se encontra? Consegue estabelecer contato com a pessoa em questão?

— Não, estou no meu apartamento e a vi pela janela.

— A pessoa está ferida?

— Pelo que pude ver, não.

— Aha. — O agente parece ponderar se há de encaminhar aos colegas um arrombamento ou uma potencial suicida, porque hesita, embora só por um instante, e depois diz: — Por favor, mantenha-se na linha, vamos enviar alguém. Avise-me imediatamente se suspeitar que algo mudou.

— Sim, mas eu tenho um telefone fixo antigo. Vou ter que pousar o fone ao lado.

— Não tem celular?

— Tenho.

— Então, peço que me dê o número. Ligamos de volta para você em um minuto.

Não hesito um segundo e digo a ele meu número de celular. Em seguida, o sem-nome me pede para desligar.

Mal pouso o fone, meu celular começa a tocar. Só que onde?

Corro para a cozinha. Entre a louça ainda não lavada e os ingredientes da lasanha ainda não arrumados, acabo encontrando e atendo, sem fôlego.

— Sim?

— Senhora West, está na janela?

— Ainda não. Um momento... Agora sim.

— Você consegue ver a mulher?

— Hm, não, não mais.

— Muito bem. Os colegas já estão a caminho.

Depois, silêncio.

Hipnotizada, desço meu olhar das janelas escuras para a rua silenciosa e de volta. Por minutos, nada se move. Meu rosto esquenta, meus dedos formigam, mas continuo com o celular no ouvido, fitando o cenário noturno que, de repente, me parece estranho, como se não me pertencesse.

Por fim, uma viatura desce a rua e envolve os prédios alternadamente em luz e escuridão. Não se ouve um som; quase me parece que o carro flutua sobre o asfalto, tão incomum é ver aqueles veículos azuis sem sirene.

O veículo para em frente ao meu prédio e dois agentes descem. Uma mulher de rabo de cavalo castanho e um homem novo, de cabelo bem curto. Eles olham em volta, procurando por algo.

O homem acaba apontando para o número da porta do prédio onde fica meu apartamento, ao que ela vira na direção oposta e olha para o bloco onde, há pouco, a mulher estava na janela.

Os agentes descem um pouco a rua e observam a fachada; depois, voltam e se dirigem para minha porta de entrada.

— Senhora West?

A voz inesperada em meu ouvido me faz pular.

— Sim?

— Os colegas estão aí. Já pode desligar.

— Sim, obrigada por terem vindo.

— É o nosso trabalho. Tenha uma boa noite.

Ele desliga, e eu me ponho a caminho da porta porque, poucos instantes depois, a campainha toca, como esperado. Dispenso o interfone e desço correndo os dois lances de escada até a porta do prédio.

— Boa noite, é a senhora West? — a mulher me cumprimenta.

Não entendo muito de insígnia policial, mas ela tem umas estrelinhas extras no ombro e o porte também deixa adivinhar que é ela quem manda.

— Sim, obrigada por terem vindo.

Ela balança a cabeça antes de perguntar: — De que apartamento se trata, exatamente?

Saio com eles para a rua e aperto mais o cardigã sobre os ombros, porque está frio nesta noite de fevereiro. Aponto para a janela no terceiro andar. — A quarta janela à esquerda.

Descemos juntos um pouco pela rua. Sinto-me pequena entre os policiais e me pergunto se é dos meus chinelos ou do olhar sério deles.

— Aquela ali. Não sei se dá nem para vê-la aqui de baixo, mesmo que esteja lá. Há pouco já não estava.

— E o que a senhora viu? — pergunta o policial.

— Uma mulher. Mais ou menos da minha idade. Tinha um ar de rastros. Como se estivesse doente. Já a vi ontem, mas não liguei. Até minha vizinha dizer que o apartamento estava vazio.

— Sabe onde devemos tocar a campainha?

— Eu sei, venham por favor.

Estou feliz que eles sejam secos, mas pelo menos úteis. Sem querer, me pergunto se eles reagiriam de outra forma se soubessem do meu passado e, principalmente, dos meus problemas de sono.

Chegamos na entrada e eu indico a campainha sem placa com nome.

— Esse é o apartamento.

A mulher acena novamente e toca. Primeiro uma vez, depois, depois de cerca de um minuto, várias vezes seguidas.

O homem se vira para mim. Inadequadamente, noto que ela parece excelente, com o cabelo cortado ao estilo militar, a figura atlética e o uniforme.

Quase por isso deixo passar o que ele diz. — Você sabe a quem pertence o apartamento do térreo?

— Sei, à senhora D'Alessi, por quê?

Ele se dirige à colega. — Tem uma televisão ligada lá dentro.

Ela acena de novo, como se fosse o que mais gosta de fazer, e toca a senhora D'Alessi.

Um estalo no alto-falante. — Sim? — soa, desconfiado.

— Boa noite, senhora D'Alessi? Fala a delegada Sauer, da polícia de prontidão. Você poderia abrir a porta para nós, por favor?

A senhora D'Alessi resmunga, afável, mas determinada. — Do que se trata, afinal?

— Recebemos uma ligação indicando que, em um dos apartamentos, alguém pode precisar de ajuda.

Tento, em silêncio, perguntar ao policial se devo me identificar, ao que ele acena com a cabeça.

Então eu sigo em frente e digo: — Olá, senhora D'Alessi, esta é Josephine

West. Fui eu quem chamou a polícia, porque vi alguém na janela do apartamento vazio.

— Ah, Josephine... bom, tudo bem. — O trinco elétrico soa e os policiais entram.

A comissária Sauer se vira para mim novamente. — Por favor, espere aqui, senhora West. Se possível, informaremos a ela dos desenvolvimentos.

Dou, surpresa, meio passo para trás. Digam lá outra vez que a polícia não se empenha.

Cheia de frio, mas curiosa, atravesso a rua e me sento nos degraus da minha entrada. No apartamento acima do vazio acende-se uma luz. Provavelmente os vizinhos ouviram os ruídos nas escadas e querem ver o que está acontecendo.

Por muito tempo não acontece mais nada, tirando o frio passando pelo tecido da minha calça fina demais.

A excitação toma conta de mim quando, ao longe, um carro de bombeiros desce a rua. Um pequeno. Dois homens vêm lá dentro. Eles param atrás da viatura, saem e também entram no prédio.

Minha bunda fica gelada, meus braços tremem e eu sonho com chá e um banho quente. Mas, quando lá em cima, no apartamento vazio, a luz se acende, qualquer pensamento nisso desaparece.

Passam-se cinco minutos, depois dez, antes que a luz se apague novamente.

Pouco depois, os quatro operacionais saem do prédio, e eu ouço vozes baixas, sem conseguir entender as palavras. Levanto, dou alguns passos hesitantes, paro novamente. Sem saber direito o que fazer, fico no aguardo.

Os bombeiros entram novamente na viatura. Um pega o rádio, mas eles não dão partida. Os policiais vêm na minha direção. Eles trazem a mesma expressão imperturbável de antes.

Dou mais um passo na direção deles. — E então?

— Senhora West, não havia ninguém no apartamento.

Limito-me a fitar a comissária. — O quê?

— O apartamento está vazio — diz ela. Pelo tom, ela parece irritada, embora consiga manter a expressão neutra. — Está em obras.

— Eu sei! Mas a mulher estava lá!

O colega intervém. — Você tem certeza absoluta de que abrimos a porta certa?

A palavra *aberta* não soa tão inofensiva quanto deveria.

— Inferno, não me diga que eles tiveram que arrombá-la, não é?

— Não. Tivemos sorte e estava apenas encostada. Logo, conseguimos entrar sem danos e fechá-la novamente. Mas teríamos que abri-la à força se não fosse o caso. — A severidade na voz da agente me obriga a me justificar.

— Eu realmente não consigo explicar. Não foi a primeira vez que vi a mulher ali. Vocês têm certeza de que ela não conseguiu se esconder?

— Lá dentro não há nada onde alguém se possa esconder.

O jovem parece ter pena de mim, porque volta a intervir. — Senhora West, seria possível acompanhá-la ao seu apartamento para nos mostrar a janela de lá?

Aceno com vigor. Prefiro isso a enfrentar o medo, cada vez mais real, de ter desencadeado uma operação policial desnecessária.

Enquanto subimos as escadas até ao terceiro andar, ocorre-me, de repente, que a cozinha está como se lá tivesse rebentado uma bomba, o corredor não o aspiro há duas semanas e rezo para não ter voltado a pendurar a minha roupa interior no quarto sobre o aquecedor, para ficar bem quentinha depois do duche.

Quando chegamos lá acima, eu estou sem fôlego. Os polícias, não.

Abro a porta, engulo a vontade de me justificar por a casa não estar arrumada e sigo na frente pelo pequeno corredor ao longo da frente de janelas, que liga minha cozinha, minha casa de banho e meu quarto e escritório. Não há roupa íntima no aquecedor. Solto um suspiro de alívio.

— Ali, estão vendo? Estava exatamente ali. — Aponto para a janela do prédio antigo em diagonal, em frente.

Ambos olham para baixo. — É o apartamento certo — murmura o bem-apeado.

— Hum — faz a comissária Sauer.

— Como você disse que ela parecia, mesmo?

— Loira, mais ou menos da minha idade.

Trocavam um olhar. Longo.

— Escutem, eu sei que também sou loira. Mas isso é uma janela, não um espelho, certo? Ela estava lá!

— Posso? — O policial aponta para o interruptor ao lado da porta do meu quarto.

— Por favor — digo, embora não entenda bem ao que ele quer chegar.

A luz se apaga. Os postes de luz, contudo, dão luz suficiente em substituição.

Ele se coloca em frente à janela e olha para o outro lado, depois torna a trocar um olhar com a colega. — Quer se colocar exatamente aqui, senhora West?

Ocupo o lugar dele e engulo a irritação. Acho que já adivinho o que você vai me mostrar a seguir.

Ele aponta por cima do meu ombro para o vidro, onde meu reflexo mal pode ser distinguido. — Essa foi a mulher que você viu?

— Não! — digo um pouco alto demais. — Eu sei distinguir um reflexo de uma pessoa real. Ela estava lá! E nem se parecia comigo. Ela tinha olheiras,

estava lívida como um cadáver.

— Você toma alguma medicação? — pergunta a senhora Sauer, ao fundo.

— Santo Deus, não! — Eu me forço a respirar fundo. — Não sei por que não encontraram nada lá na frente, mas a mulher estava lá!

A Sra. Sauer tem pelo menos a cortesia de me oferecer um sorriso cansado. — Acredito que esteja certa do que viu. Temos que considerar todas as possibilidades, senhora West.

— Foi como eu disse!

— Ainda assim, aqui não podemos fazer mais nada — diz o bem-apegoado, que não é tão simpático comigo desde que me apresentou meu reflexo. — Ainda bem que ligou. Poderia, de fato, haver alguém em perigo. Se você vir a mulher lá novamente, tente tirar uma foto dela.

Pisco os olhos e, antes de me lembrar de que não sou de ser atrevida, digo: — Isso é conforme o GDPR?

Ele sorri de lado. — Não. Mas, se for mesmo uma pessoa em perigo, o Ministério Público vai fechar os olhos para isso.

Não digo mais nada e olho de volta para a casa ao lado. A janela em frente permanece muda.

— Boa noite, senhora West.

— Boa noite — murmuro.

O som da porta do apartamento se fechando me diz que estou sozinha.

Enquanto, em silêncio, vejo os bombeiros e a viatura se afastarem ao longe, repito para mim que sei o que vi. Mas, aparentemente, preciso desesperadamente de alguém para confirmar isso também.

Capítulo 6

MINHA noite transcorre tão agitada quanto a véspera. Eu deveria dormir, mas como faço para conseguir? Meus pensamentos voltam, repetidas vezes, para a janela. Proibi-me, no entanto, de olhar para lá. Tenho medo. Medo de ver a mulher novamente. Sabendo que a polícia não encontrou nada lá na frente, a única explicação lógica seria eu ter um parafuso solto. E não daqueles pequeninos, que mal se notam, mas um rombo de verdade, por onde a água escoia.

Quando, por volta das quatro, o cansaço finalmente me joga em um meio-sono em transe, sonho com minha irmã.

Paula, devorando panquecas comigo.

Paula, andando de carrossel comigo, enquanto uma mulher loira nos observa da multidão com uma expressão indecifrável.

Paula, sentada ao meu lado na carteira da escola, jogando, rindo, bolinhas de papel em Dominik, enquanto a professora loira nos lança olhares de reprovação.

Paula, que no ônibus quase quebrou meu nariz ao tentar roubar meu gorro, enquanto uma motorista loira nos vigia carrancuda pelo espelho interno.

Paula, que...

O tilintar do despertador me arranca das variações sobre minha irmã gêmea. Gemendo, tateio o despertador antiquado, que comprei num espólio, e puxo o ferrolho que trava o martelinho de metal, aquele que bate nas campainhas até cair lirões das árvores.

E isso às 6:00. Gemeio, puxo o edredom por cima da cabeça e me concedo mais alguns minutos. Não fui talhada para me levantar com as galinhas. Mas, quando estou prestes a adormecer de novo, me arrasto para fora do colchão. Prometi para a diretora do canil que hoje cuidaria da alimentação da manhã, porque ela tem que ir ao contador.

Com as pálpebras meio abertas, me meto debaixo do chuveiro, me lavando do resto dos pesadelos e também dos pensamentos obscuros sobre a desconhecida. Agora, com a primeira luz do dia e despertando devagar, me ocorrem algumas possibilidades para a polícia não tê-la encontrado no apartamento. O apartamento pode ser dela e ela ter ido vistoriar a obra. Ou talvez você seja um sem-teto e passe as noites ainda muito frias em casas vagas.

Um pouco mais desperta e bem mais quieta, saio do banho, me seco e me enrolo na grande toalha de banho. No caminho para o quarto, meu olhar cai na janela do corredor.

Paro abruptamente.

— Que diabos...

O vidro — justamente aquele por onde, ontem à noite, vi a desconhecida — tem uma rachadura.

Me aproximo. O vidro, de vinte por vinte centímetros, não quebrou, mas uma rachadura diagonal, provavelmente causada por uma batida redonda, mais profunda, no centro, se estende de um canto a outro. Abro a janela com cuidado e olho para a calçada. Está lá qualquer coisa. Algo que parece um pássaro morto. Qual, não dá pra distinguir na escuridão.

Um pouco mais tranquila, mas penalizada, fecho a janela novamente e acrescento à minha lista de tarefas de hoje uma ligação para o senhor Waller, o zelador do prédio.

No café da manhã, tem café e torradas com geleia. Eles têm gosto de papelão. O pássaro teima em não sair da minha cabeça.

Quando, já vestida para o canil, desço à rua, levo uma caixa para recolher a criatura desgraçada.

Lá fora ainda está escuro, mas há algo que não resta a menor dúvida. A calçada abaixo da minha janela danificada está vazia. Procuro em volta, mas não se vê pássaro algum. Nem encontro nada parecido com isso.

— Não acredito.

Zangada, torno a abrir a porta do prédio e precipito-me escadas acima. Com os sapatos de rua, atravesso a casa de ponta a ponta. A janela continua trincada. Mas o pássaro que pensei ter visto não se distingue mais, nem daqui.

As batidas do relógio de parede me dizem que tenho exatamente dois minutos para pegar o ônibus. Amaldiçoando, dou meia-volta. Tranco às pressas atrás de mim e saio correndo escada abaixo e, finalmente, rua abaixo. Ao longe, já vejo o ônibus da rota virando para a nossa rua. Vai ser por um triz.

A mochila bate de forma desagradável nas minhas costas, mas eu consigo. Chego à parada ao mesmo tempo que o grande veículo. As portas se abrem bufando, e eu entro bufando.

O motorista, um cara de meia-idade que, apesar da primavera, leva os óculos escuros virados de cabeça para baixo em cima da careca, sorri. — Ainda chegou a tempo, hein?

Não me sobra fôlego para responder; dou um sorriso torto e me deixo cair em um assento próximo à porta de trás.

Quando o coração finalmente desacelera, a sonolência toma conta de mim e, se eu valorizasse tanto minha segurança, teria adormecido na viagem de quase meia hora até o canil.

O vento frio que me investe ao sair me desperta pouco. Mas até o canil ainda há mais de um quilômetro a pé, o que há de me pôr alerta.

Para não passar o caminho pensando em Paula, em policiais desconfiadas e mulheres loiras, tiro o celular do bolso do casaco e marco o número de Nici.

Minha melhor amiga trabalha como enfermeira noturna — a noite é mais bonita, diz ela —, mas adora, depois, um café da manhã demorado. Portanto, estou certa de que ainda está acordada.

— Hey, hey, quem é que se lembra de dar notícias? — canta do outro lado.

Eu me pergunto, sem querer, o que eles misturam no café do hospital para ela conseguir ficar tão bem humorada depois de um turno da noite.

— Seja o que for que você tomou, eu também quero — respondo, a tentar não soar tão cansada quanto me sinto.

— Suco de laranja e café. Passa aqui, estou na lanchonete do hospital.

— Eu até ia, mas estou a caminho do canil. — Solto um suspiro fundo. — Embora eu esteja com saudades de Luna, um café soa muito melhor do que esfregar caixas — admito. — O que também pode ter a ver com a intervenção policial noturna.

— E você já me tem de novo. Finalmente te detiveram por ser boa demais, ou estacionou mal sem querer?

— Você está excluindo Michael propositalmente?

Do outro lado fica tudo em silêncio. Tão silencioso, que me arrependo da observação.

— Esse filho da puta estava aí com você?! — Há gelo na voz geralmente alegre dela. E isso me lembra, mais uma vez, por que ela é minha melhor amiga.

— Eu tinha te ligado logo — asseguro-lhe. — Mas você só telefonou.

Ela solta o ar. — Tinha arrancado seus tomates se ele tivesse se aproximado sequer a tiro de vista! Como é que você está? O que ele queria?

Bufejo, e até soa confiante, percebo, satisfeita. — O de sempre, só que, dessa vez, ele teve coragem de falar alguma coisa em vez de desligar logo. *Tenho que falar com você, me dê cinco minutos* e assim por diante. Mas disso trata minha advogada. Chamei a polícia por outro motivo. — Enquanto avanço pelo estreito caminho de cascalho até o canil, faço um rápido resumo do que aconteceu nos últimos dias. — Não a vi pela primeira vez, mas tive a impressão de que a polícia não acreditou em mim — concluo.

— Por que não deveriam acreditar? Não é como se você fosse velhinha e usasse óculos com quinhentas mil dioptrias! Tem certeza de que eles chegaram a ver?

— Tenho. Mas acho que a mulher se escondeu quando viu o carro da polícia. Quero dizer, oficialmente eu nem deveria estar naquele apartamento. Se calhar é sem-abrigo, ou assim.

— Seja como for, é bem arrepiante. Não seria a primeira ocupadora, também.

— Na verdade, não a achei arrepiante — sustento. — Tive foi pena dela. E se precisar de ajuda?

Quase ouço Nici revirar os olhos. — Ela estava ferida? Pediu ajuda? Não. Foste tu que disseste. Não se meta nisso, Jo. Quem sabe o que está por trás disso. Já tem problemas suficientes, sem uma vizinha sinistra do desaparece-e-aparece.

— Se você tivesse tido essa atitude de “apenas cuide da sua vida” antes, eu provavelmente ainda estaria casada com Michael.

Ela ri. Soa abafado; deve ter ainda meio pão de salmão na boca. — Mmm, então. Ainda bem que não foi o caso. Mas chega de Michael, vamos falar de homens interessantes. Há novidades do Leon?

Embora eu sinta as bochechas esquentando, não consigo evitar um sorriso. — Interessante, é. Adivinha quem vai se encontrar com ele hoje à tarde no Café do Centro Histórico.

— Não!

Solto uma gargalhada. — Isso não é adivinhar.

— Sério? Finalmente cedeste. Viva! Já temia que você fosse acabar em um convento.

— Mulheres, vinho e cantorias. Só um combina comigo. Portanto, o convento está fora de questão.

Outra risada. — Ai de você se não me contar cada detalhe sórdido! Foram seus amigos do grupo que te levaram a finalmente dizer sim? Nesse caso, eu ficava ofendida, por você ter dado mais ouvidos a eles do que a mim.

— Não ficaram exatamente em delírio — admito.

— Então por quê? Eu tinha a impressão de que eles eram todos muito prestativos e cheios de entusiasmo.

— Bem, no geral, foram. Mas Frank disse que eu estava sendo imprudente. Que eu não podia ter certeza de que Leon não era como Michael. — Só de dizer, sinto, de novo, o aperto subir ao meu estômago.

— Frank? Ah, Frank. Ô meu Deus, que invejoso. Sério, isso soa imenso que ele está caidinho por você, não acha?

— Ele é casado!

— Sim, com uma bruxa, senão não estava no seu grupo.

— Hum... não é como se eu não soubesse por experiência própria que o casamento não impede ninguém de se divertir em outro lugar. — Me soa amargo, e eu não gosto. Este assunto está encerrado! — Mas mesmo que Frank sentisse algo assim, ele nunca me desaconselharia um encontro. — Acabei mesmo de chamá-lo de encontro? Meu coração dá um pulo. — Acho que ele só está preocupado, isso sim.

— É, e Michael só queria levar a assistente para casa, não é? Ó mulher, Josie, você é um partidazo. Claro que ele está com ciúmes. — Ela ri de novo. — Mas olha que não é ruim. Se o Leon for *bom demais para ser verdade*, ficas logo com substituto. Ai, credo, estou soando como uma solteira mal servida. Isso me

lembra que estou solteira. — Ri baixinho. — Melhor eu falar mais baixo, que o homem da mesa ao lado já está com a antena no ar.

Sorrio. — Ele é jeitoso o suficiente para acabar com seu estado de carência sexual?

Nici, nisso, é diferente de mim. Ele gosta de flertar e não se importa com um relacionamento casual de vez em quando. Eu, só de imaginar uma aventura de uma noite, fico com o estômago às voltas. A ideia de deixar um estranho chegar tanto em mim...

— É querido. Mas ele parece ter dezesseis anos e ter fugido da aula de matemática. Portanto, não. Vou me calar do mesmo jeito. Me liga logo à noite? Quero todos os detalhes sórdidos!

— Você os tem, embora o único “sórdido” deva ser a mancha de café que vou deixar na toalha da mesa, de tão nervosa que vou estar.

— Veremos, Josie-Jo, veremos!

O canil surge à vista, então me despeço antes que ela coloque minha imaginação para me vender ideias que não sei se sou capaz de aceitar.

Apesar de ter me vestido cinco vezes antes de seguir para o Café do Centro Histórico, confiro discretamente meu reflexo em cada vitrine. Santo céu, nem me lembro da última vez que fiquei tão nervosa. Jeans de cintura alta caem bem. O casaco e a ankle de couro fake, com um salto pequeno, me dão um ar bem mais seguro do que me sinto. Ficou uma mistura sólida entre casual e sexy. Quero impressioná-lo, mas sem criar falsas esperanças. Ou será que eu quero? Meu Deus, o que eu estou fazendo? Estou quase ligando pra Nici de novo, mas a leveza e a graça dela ainda iam me deixar mais nervosa. Além disso, só me restam sete minutos para chegar ao café na hora certa. Uma conversa com Nici dura pelo menos o dobro. E isso se ela for telegráfica. Além de que, a essas horas, você deve estar dormindo que nem uma pedra.

Antes de entrar na praça do mercado, paro diante de uma loja de calçados e verifico, pela última vez, a maquiagem. Discreta, mas elegante. Tons quentes para a estação fria e um ar amigável. Meu reflexo me dá um pouco de coragem. Leon nunca me viu no modo de sair. Apenas jeans quebrados, rabo de cavalo e luvas sem dedos, caso Luna puxe a coleira. Pois, se até agora ele não me achou completamente repelente, minhas chances são boas.

— Você vai conseguir, Josie-Jo, — digo a mim mesma, usando o apelido que Nici tanto gosta para mim. De algum modo, ela soa mais ousada do que Josie.

Com a imagem de uma exploradora da selva no estilo Lara Croft na cabeça, entro pela praça do mercado. Entre uma sorveteria e uma padaria antiga fica o Café do Centro Histórico, com os toldos vermelhos recolhidos, onde, em letras douradas rebuscadas, está o nome do café. As janelas em arco vão até o chão e

permitem uma vista excelente sobre a decoração elegante e as mesas próximas à janela.

Leon já está lá. Ele está sentado à mesa e fala com uma mulher. Ela é loira, alta, de calça jeans preta. Ele parece tenso. Parece que você está explicando a ela que ainda está esperando por alguém. Antes que ele me veja, sigo decidida em direção a entrada. Espionar não é para mim e, além disso, não é proibido falar com o sexo oposto, afinal. No saguão, aliso minha blusa preta e bego e coloco minha bolsa no ombro.

Um leve empurrão me faz tropeçar para frente.

— Ei! — Viro-me, mas a mulher, mais ou menos da minha altura, morena, de calças de ganga pretas justas, já passou a porta para a rua.

Abano o incômodo e obrigo os meus pensamentos a voltarem ao Leon.

Muito bem, Josie-Jo. Vamos a um novo começo.

Entro na sala. A mesa onde o Leon estava sentado há instantes está vazia. Confusa, viro a cabeça e reparo que ele mudou de lugar, deixando-me por um momento novamente insegura.

Mesmo quando fico paralisada, o Leon levanta-se e atira-me aquele sorriso arrasador. Saberá ele o poder que tem? Ao menos consegue que o coração me salte à garganta, mas que eu, sem pensar, volte a pôr-me em movimento.

Mal chego ao pé dele, abre os braços, e eu não hesito um segundo. O cheiro dele envolve-me, enche-me de calor.

Relutante, desfaço-me do abraço, esperando que ele não repare no quanto o aprecio, sem saber por que motivo quero escondê-lo dele.

— Estás linda! — diz ele, quando se afasta de mim. As mãos dele ficam ainda sobre os meus ombros. São quentes e pesadas, mas não esmagadoras.

Engulo a pergunta que me queima a língua, por que razão ele mudou de lugar e quem era a loira. Estou a desfrutar demasiado do toque dele, ao mesmo tempo assustador e reconfortante.

Ele ajuda-me a tirar o casaco, o que por um lado acho encantador, mas por outro lembra-me o Michael. Decidida, afasto qualquer pensamento no meu ex e sento-me em frente ao Leon.

— Estás à minha espera há muito?

— Acabei de chegar.

Não consigo perceber se é verdade e, por agora, não me importa, desde que ele mantenha esse sorriso quente nos lábios.

Ele faz sinal para a empregada e se senta à minha frente. — Você veio bem?

Assinto. — A ligação de ônibus para o centro é muito boa.

Mal digo isso, já me pergunto porque disse. Soa rígido, quase artificial, e de repente tenho em mente novamente que nunca estive com Leon sozinho fora do

canil.

— Ainda bem. Isso é... bom. Mas por que você não vem de carro?

Tento me safar com um encolher de ombros. — Eu gosto de andar de ônibus, — afirmo. — Não precisa ficar nos incomodando com o trânsito, pode ou olhar pela janela observando as pessoas ou ler.

Ele de repente ri e enfia o rosto nas mãos. — Pô, desculpa o começo de conversa horrível. Já não tinha um encontro há imenso tempo.

— Não tinhas? — Soa-me tamanha surpresa que me apetecia tapar a boca com a mão. — Eu... também não. Na verdade, o meu último encontro foi há bons dez anos, — confesso.

— Não foram anos nada fáceis, pois não?

Sinto os ombros enrijecerem-se.

O Leon aparentemente também repara, porque levanta as mãos em apaziguamento. — Desculpa, não queria intrometer-me demais.

Abano depressa a cabeça. — Não te intrometeste. Eu é que não tinha consciência de que era tão óbvio. O *ainda* fica a pairar, não dito, entre nós.

— Provavelmente também não é. Eu sou o bom em juntar peças e você sublinhou várias vezes que precisa de tempo. Parecia-me lógico presumir que você não teve um período fácil. — De novo aquele sorriso. Ele me agarra nas mãos. — Tanto mais eu te agradeço por me dar essa oportunidade.

Embora o calor invada minhas faces, não tiro as mãos, chego a apreciar o calor da pele dele. — Bem, que hei de dizer, foste mesmo paciente. E eu não quero ficar fugindo de tudo, — ele me escapa.

Aparentemente contrariado, ele me larga quando a garçonete chega. Ele me prioriza, e eu peço um cappuccino e uma fatia de cheesecake.

Ele, um café e um sanduíche. — Eu esqueci o almoço de novo, — ele confessa, quando a empregada nos deixa. — Então você fugiu de alguma coisa? Mas não quero colocar o pé na poça, então desculpe se pergunto. Quer me explicar o que aconteceu?

Hesito. Na verdade, não quero deixar o Michael meter-se entre nós. Por outro lado, sei que o Leon deve pelo menos ter uma noção, se eu quiser que isto possa vir a ser algo mais.

— Digamos que tive quatro bons anos com o meu ex-marido e dois muito fraquinhos, — contorno o assunto.

— O que é que ele te fez?

Só tens de abanar a cabeça, se não quiseses, Josie. A boca do Michael ao meu ouvido, o peso dele em cima de mim, com o meu corpo a ficar rígido.

— Josie? — A voz do Leon traz-me de volta ao presente.

— Começou de forma bastante inofensiva, — confesso baixinho, incapaz de o

encarar. — Um pouco de crítica, umas acusações. De certa forma, nem dei bem por isso. — Solto o ar, uma mistura entre um riso amargo e um suspiro. — Pelos vistos, o meu subconsciente deu. Aos poucos passei a acreditar nas palavras dele. Do desconforto nasceu insegurança, da insegurança vieram erros, e erros eram algo que o Michael não tolerava. — Encolho de novo os ombros, sem saber o que mais fazer. — Tornou-se... feio.

— Ele bateu-te?

Aceno quase impercetivelmente. — Entre outras coisas, — forço, mal audível, arriscando um olhar rápido para ele.

A expressão dele anoitece por um instante. Parece perigosamente sério. Acho que nunca o tinha visto zangado. Pelo menos, não assim.

Fecha uma mão em punho e inspira fundo.

Dentro de mim, cresce a vontade de fugir. — Não quero mesmo falar sobre isso.

Ele parece desiludido. — Percebo. Desculpa a curiosidade, mas eu preciso de conhecer um sistema antes de trabalhar com ele. — Levanta a cabeça e sorri, apanhado. — Isto soou agora a psicótico, não soou?

Arrisco um sorrisinho. — Nunca me tinham chamado sistema. — Já ouvi coisas piores. Bem piores. — Portanto, não tenho a certeza de como devo classificar isso.

— Que sou um workaholic, que me dou melhor com computadores do que com pessoas e que fico menos nervoso contigo se te puder analisar um bocadinho de um ponto de vista técnico.

— Tá nervoso? *Brutal, Josie, eloquente como sempre.* Se esse encontro não entrar no top 10 dos piores encontros de todos os tempos, eu faço dieta de saladas por uma semana. — Quer dizer, você não tem motivo para isso. Você é bonito, é esperto e... — Corto, balanço a cabeça. — Deus, eu sou realmente péssima nisso.

Ele abre um sorriso. — Continua, eu estava até indo bem na foto.

— Então eu não sou tão ruim em distribuir elogios desajeitados.

— Não tão boa quanto eu em fazer perguntas incômodas. — Fica um pouco mais sério. — Fui por anos um solteiro convicto. Pelo menos até eu te conhecer.

— Mas você ainda é solteiro, — me sai. Assim que percebo como soou, tenho vontade de sumir pelo chão.

— Uau, senhora West. Sabe bem revidar.

— Desculpa, não era essa a intenção. Eu gostaria de ser o motivo para você acabar com esse estado. — Faço uma careta. — Quer dizer, tentar... se você ainda quiser, é claro.

— Não espero três meses por um encontro para dizer não a uma proposta dessas! A questão é mais se você dá outra chance ao mundo dos homens depois

de uma experiência tão meleca.

— Estou aqui, não estou? — Poxa, assim você não pode continuar! Endireito minhas costas, me sento um pouco mais apumada. — Por favor, vamos esquecer os últimos dez minutos e começar de novo. — Não espero a resposta dele, com medo de perder a coragem. — Então, ei, Leon, eu estava ansiosa para esse nosso encontro e é bom ver você. Como foi seu dia? — debito de uma vez.

Ele parece mais do que disposto a levar esse recomeço adiante comigo, porque ele inclina a cabeça, divertido. — Oi, Josie, obrigado por perguntar. Meu dia foi ótimo, porque desde que acordei estou esperando para te ver.

O sorriso dele, quando percebe o quão vermelha eu fico, me consola um pouco dessa fraqueza.

— Eu também. Principalmente por finalmente não estarmos discutindo doenças infecciosas em animais recém-chegados e nomes para poodles. — Sento-me propositalmente mais relaxada. — E você? Conte-me coisas sobre você. Como você cresceu? Você sempre morou aqui na cidade?

— Só há dois anos.

Cai o silêncio e eu não consigo evitar sorrir. — E então?

Ele pisca os olhos. — O quê, e daí?

— Ora, o que havia antes? O que você fez na sua juventude, como você se tornou um cientista da computação?

— Consultor de segurança de TI, — ele corrige.

— Isso é diferente? — arrisco.

— Sim e não. Estudei, de fato, Ciência da Computação.

— Sempre foi seu sonho?

— Hum.

Não soa exatamente convincente e sem querer me pergunto por que, por um lado, ele parece tão entusiasmado e, por outro, não fica particularmente satisfeito com minhas perguntas. Só quando eu desvio propositalmente as questões do passado dele e voltamos a falar sobre o canil, nossos outros hobbies e trabalho é que ele se solta.

Enquanto me conta, entusiasmado, a travessia dos Alpes de bicicleta, ele se interrompe de repente e a expressão volta a escurecer. — Me diz uma coisa. Teu ex. Você não é por acaso magro, loiro e de olhos azuis, não é?

— Não, Michael é moreno. Por quê?

Minha nuca começa a me cutucar, mas me recuso a olhar para trás, estou cansada de olhares por cima do ombro. Além do que eu sei que Michael não é loiro, então ele não está no café.

— Ok, desculpa, eu não queria te alarmar. Mas tem um cara de camisa listrada, sentado em diagonal na frente, que fica olhando pra gente.

Isso me faz virar, afinal. Por um instante, o olhar vagueia, e então eu vejo de quem Leon está falando.

— Frank! — ele me sai, mais alto do que pretendia.

Ele não me olha. Ele finge não ter me ouvido, embora o café não seja tão grande que meu grito indignado não o alcançaria. No entanto, ele está mexendo em qualquer coisa debaixo da mesa.

Quando me levanto, ele atira às pressas uma nota para o lado do prato com um bolo de crumble trincado e encaminha-se para a saída.

— Desculpe, Leon, — eu digo, me esforçando para esconder meu aborrecimento. — Tenho que esclarecer uma coisa, já volto.

Atravesso o café a passo apressado, com o coração martelando no peito.

— Frank! — chamo, mas ele começa a fugir.

Corro atrás dele, mas, quando chego à saída, ele já atravessa a praça do mercado em ritmo acelerado.

Não me resta outra opção senão ficar, boquiaberta, olhando para ele da área do cabideiro.

— Seu ex pintou o cabelo, ou você também arrumou um perseguidor? — a voz de Leon me arranca da incredulidade.

— Espero que não, — respondo, enquanto um aperto toma meu estômago.

Capítulo 7

— E então, como foi?

Nici nem perde tempo com cumprimentos quando eu ligo para ela à noite, o que me faz rir.

— Depois de, no começo, eu achar que não podia piorar ... piorou — respondo.

— O que você fez? Sujaste-te toda? Cuspiu o café na mesa? Você o acertou com ele?

— Nada disso.

De repente, ela fica séria. — Ele te importunou, Josie-Jo? Se foi isso, eu pessoalmente arranco seus ...

— Ó Deus, não coloque essas imagens na minha cabeça. Além disso, Leon foi muito charmoso. Eu é que quase estraguei tudo.

— Porque você estava interessada nos co...

— Nããão! — volto a rir.

Antes que ela prossiga com mais teorias, conto a ela o início conturbado e o aparecimento de Frank.

— Isso é claramente o Frank a passar dos limites. — A exclamação da Nici afasta os pensamentos sombrios. Como esperado, está tão indignada quanto eu. — Não podes deixar passar uma coisa dessas.

— Não vou — garanto-lhe. — Mas o Frank não é como o Michael. Provavelmente foi só excesso de zelo.

— Josie ...

— Sim, eu sei, vou falar com ele sobre isso. Prometo. Mas se preferires continuar a falar do Frank ...

— Ah, sabes muito bem como me levas. Vá, conta. O que aconteceu a seguir, depois de o Frank se ter posto a andar? O Leon deixou-se intimidar?

— Não, nadinha. — Ainda me surpreende. — Depois ficou uma tensão estranha entre mim e o Leon, mas ele estava mais preocupado comigo do que zangado.

— Ainda bem para ele.

— Hum. — A lembrança me arranca um pequeno suspiro satisfeito, e eu me deixo cair contra o encosto do sofá. — Ele perguntou o que estava acontecendo, mas não quis se aprofundar no tema, embora eu tenha sabido muito bem ver a disposição dele em ouvir. Em vez disso, perguntei a ele sobre o trabalho.

Nici solta um gemido.

— O quê? — pergunto, rindo baixinho. — Ele gosta de falar sobre isso, e é fascinante, ficar ouvindo.

— Você ouviria o homem lendo a lista telefônica para você. Agora passa para o que interessa.

Bom ponto. Não está tão longe da verdade. Quanto aos detalhes picantes, porém, vou decepcioná-la.

— Conversamos bem, fomos dar uma volta e conversamos. E não, não foi tão chato quanto isso soa agora.

O que não digo a Nici é que Leon me contou quase tudo sobre a vida atual dele. Onde mora, como mora, como são legais os vizinhos. Só quando perguntei sobre o passado ele fugiu da minha curiosidade. Quase sempre com sutileza, uma vez de forma bem clara. Um travo amargo no copo deste dia, de resto, perfeito. E eu tinha revelado a ele um pouco de minhas próprias experiências, na esperança de que, em troca, ele também me contasse um pouco da vida antes de se mudar para cá.

Sem sucesso. Mesmo assim, a compreensão e a empatia dele pela minha situação acabaram compensando tudo.

— Soube tão bem falar com alguém que ouve de verdade e me entende — ela me escapa, sonhadora.

— Ei! — Escuto o sorriso na voz de Nici e sei que ela está contente por mim.

— Alguém que não você — acrescento, zombando.

— Então você vai se encontrar com ele de novo?

— Sim, eu vou. Cinema no fim de semana. E já estou contando os dias.

— Eu realmente fico feliz por você, Josie-Jo. — Todo o travesso sumiu da voz de Nici e algo quente se espalha por dentro de mim.

— Eu sei. Eu te devo tanto, Nici.

— Ora, deixa disso. — Como sempre, ela recusa qualquer agradecimento. — Apenas continue me fornecendo detalhes sobre seu nerd de computador todo gostoso, e ficamos quites.

Ainda ficamos conversando mais um tempo e depois tenho que desligar para preparar a apresentação para a noite seguinte. Felizmente, hoje estou de folga e posso ficar, em paz, suspirando por Leon na minha cabeça.

Mas, à medida que a noite cai sobre meu apartamento, olho cada vez mais para a janela. E ainda estou na sala; daqui nem consigo ver o prédio em frente.

A mulher loira, realmente precisará de ajuda ou estará apenas me pregando uma peça de mau gosto? Morará, talvez, bem no prédio em frente e entra, à noite, no apartamento vazio? Mas para quê? Por aborrecimento? Sede de

aventura? Porque pode?

Levanto-me, hesitante, da cadeira do escritório; as tábuas rangem sob meus pés quando vou até a cozinha pegar um copo de água. Minhas mãos tremem levemente quando levo o copo à boca. Isso é grotesco!

Decidida, vou até a janela. Com um suspiro, meus dedos roçam o tecido das cortinas antes de puxá-las para o lado. E, de fato, no ângulo certo, a janela é como um espelho escuro, me devolvendo, tênue, meu reflexo à luz do lampião da rua. Fico olhando lá para fora, procurando um sinal, uma sombra, um vislumbre fugidio. Meu coração acelera enquanto varro a rua com os olhos, deserta e silenciosa.

Quando volto a fitar a janela, o vejo. Um leve movimento, distorcido pelo vidro. Minha própria silhueta ou a da mulher desconhecida? O fôlego me prende, e sinto o pulso martelar nos ouvidos. Me forço a olhar com mais atenção, tento focar a vista e, então, sossego. É apenas meu próprio reflexo me encarando.

Ainda assim, me viro apressada para longe da janela, meus pensamentos tropeçando. A ideia de que a mulher que eu vi das últimas vezes pode, na verdade, ter sido apenas meu reflexo me atormentando não me larga. Dúvidas me roem, e me pergunto se meu juízo está mesmo me pregando peças. Minhas mãos estão frias e tenho um nó na garganta que não consigo engolir.

Com um aperto no estômago, me preparo para dormir, puxo o edredom até o queixo e fecho os olhos. Mas o sono não chega assim tão fácil. Imagens me cintilam por trás das pálpebras. A mulher na janela, meu próprio rosto espelhado nos vidros, Paula, Frank.

É a imagem do Leon, me olhando com aquele sorriso muito dele, que me acalma, até eu acabar caindo em um sono agitado.

Acordo com a sensação odiada e familiar da paralisia do sono. Meus olhos estão bem abertos e vejo as formas do meu quarto ao meu redor, mas não consigo me mover. Sei que a paralisia vai desacelerar se eu me relaxar, então mantenho a calma, foco a respiração.

Devagar, bem devagar, os dedos começam a se mexer, depois os braços. Por fim, me endireito, meu coração ainda disparando no peito.

Com as mãos tremendo, esfrego os últimos restos de sono dos olhos. Me alivia poder me mexer novamente, mas a confusão fica.

O que foi real e o que não passou de miragem?

No sonho, Michael estava lá de novo. E desta vez, ela também — a mulher loira.

No sonho, eu estava em nosso antigo apartamento. Michael estava no corredor, sua silhueta recortada contra a luz fraca do corredor. Ele não disse nada, mas a

presença falava por si. Ele sempre foi perito em me controlar só pela proximidade.

Senti o medo de sempre me subir por dentro, e então a mulher de rosto pálido e olhos vazios surgiu.

Saiu da sombra atrás de Michael, o rosto inerte, os olhos vazios e frios. Ela estava tão perto dele que quase parecia fazer parte dele, como se pertencessem um ao outro. O cabelo loiro caía em seu rosto e, embora ele me olhasse, sentia que o olhar me atravessava, como se eu não estivesse ali.

Eu queria fugir, me esconder, mas meus pés pareciam colados ao chão.

Michael estava perigosamente perto, as palavras, venenosas, debochadas, enquanto a mulher apenas observava, como se estivesse esperando que algo acontecesse. O rosto permaneceu inexpressivo, mas os olhos — pareciam saber tudo, ver tudo.

Então Michael sorriu aquele sorriso gelado que sempre estrangulava minha garganta.

A mulher ao lado dele o imitou, mas o sorriso dela era vazio, sem nenhuma emoção.

Juntos, eles deram um passo em minha direção e foi justamente nesse momento que acordei.

Agora que estou acordada, mal posso acreditar no quão real isso se sentiu. Fica a pergunta: por que eu sonho com eles? E por que juntos?

Enquanto o sonho ainda está vívido em minha memória, eu me pergunto quem é aquela mulher. E por que você estava com Michael? O que ela quer de mim?

A pergunta não me larga enquanto começo o dia. Mas eu sei que tenho que encontrar respostas. Seja conversando com alguém, seja enfrentando meus próprios medos.

Com essa intenção na bagagem, entro, no início da tarde, no prédio da Avenida do Oeste. Como sempre, antes, lanço um olhar para o vidro embutido na alvenaria, para ter certeza de que ninguém me segue.

Do outro lado da rua, a lanchonete já colocou as primeiras mesas do lado de fora, percebo. É compreensível. Depois do tempo cinzento dos últimos dias, hoje o sol arrisca-se a espreitar, e, embora ainda esteja fresco, basta um céu azul em vez de cinzento para despertar a ânsia pela primavera.

Eu, porém, sinto um aperto, por causa da conversa com Frank que quero ter aqui e hoje. Não sou particularmente boa nisso. Prefiro evitar confrontos, mas tenho que provar a mim mesma que sou capaz de me defender.

Na sala habitual do nosso grupo de apoio, as cadeiras já estão dispostas em círculo. A luz amortecida das velhas lâmpadas embutidas no teto lança sombras suaves nas paredes, e o cheiro de café recém-feito se mistura, desta vez, com um leve aroma de cera para madeira. Aparentemente, Hannah não teve tempo de assar. Que pena.

Ao olhar em volta, percebo, no entanto, que Hannah ainda não chegou. Frank também não.

Deixo o olhar correr pela sala. A maioria dos outros rostos me é familiar.

Rebecca está lá, uma mulher franzina, de trinta e poucos, com cabelos escuros e longos, quase sempre presos em um rabo de cavalo impecável. Os olhos castanhos muitas vezes parecem cansados, mas, quando você sorri, eles ganham um brilho especial. Ele passou muitos anos em um relacionamento de abuso emocional. O parceiro controlava quase todos os aspectos da vida dela, do círculo de amigos às roupas que ela usava. Depois de uma longa fase de insegurança e dúvidas, ela acabou encontrando coragem para se separar e vir para o grupo de apoio. Ela trabalha como administradora e tenta colocar a vida em ordem novamente.

Também Sarah, uma mulher mais robusta no fim dos cinquenta, sofreu violência doméstica por parte do companheiro. Assim como Emma, Fiona, Linda e todas as outras. Às vezes ainda me espanta como nossas experiências são tão diferentes e, no fundo, tão iguais.

Para todas nós, esta sala é um porto seguro, um lugar onde nos podemos abrir sem medo de julgamento. Por Frank, esta sensação de segurança ficou abalada, mas estou decidida a recuperá-la. Por isso, espero que ele ainda apareça hoje.

Pelo menos Hannah aparece no último instante, com uma lata grande de bolachas com pepitas de chocolate na mala. Enquanto Hannah reparte as guloseimas, Mia também entra na sala.

Rapidamente ponho-me de pé e vou ter com ela.

— Posso falar com você um instante? — pergunto-lhe, e a minha voz soa mais calma do que eu me sinto.

— Claro, Josie. O que se passa?

— Você sabe onde está o Frank? Hoje ele não veio. — Tento disfarçar a minha preocupação, mas nada escapa a Mia.

— Não, não tive notícias dele — responde, com a testa franzida. — Por que pergunta?

Hesito por um momento, mas a raiva por ele ter me vigiado volta a ferver por dentro. — Quando me encontrei com Leon, houve ... Um incidente no café.

O sorriso de Mia desaparece. — Um incidente? O que você quer dizer?

— Frank também estava lá. Ele se sentou na outra ponta da sala e ficou me olhando.

Mia franze o cenho. — O que ele fez, exatamente?

— Na verdade, nada. — Mordo o lábio inferior. — Ele apenas ficou sentado me fixando. Até eu perceber.

— E você tem certeza de que era Frank? — Mia soa preocupada, mas mantém a voz tranquila.

Lembro-me do quanto Frank precisa desse grupo, e não quero prejudicá-lo ainda mais. Mesmo assim, eu aceno com a cabeça. — Sim, tenho certeza. Era ele.

— Talvez ele só quisesse ver como você estava. Não precisa ser logo algo ameaçador.

— É possível. Mas deixei bem claro que queria me encontrar com Leon a sós.

Mia suspira. — Talvez ele não tivesse ideia de como era importante para você dar esse passo sozinha. Você deveria dizer a ele.

Eu aceno, ciente da importância de falar sobre essas coisas. Todas nós temos nossos demônios. Frank, em particular.

Ele provavelmente ficou envergonhado por ser pego me perseguindo, e por isso fugiu.

Mia me olha de forma inquisitiva, mas não insiste. — Deixo a seu critério como quer proceder. Se você estiver preocupada ou quiser conversar sobre alguma coisa, me avise, ok?

— Obrigada, Mia — respondo, e volto para o meu lugar.

A sessão começa e, enquanto as outras começam a falar, tento colocar as ideias em ordem. Por que Frank estava no café? E por que você não está aqui agora?

As vozes das outras chegam abafadas e eu tenho que me forçar a ouvir. As histórias delas são importantes, merecem ser ouvidas, assim como a minha.

Depois que Lea e Nora compartilham suas experiências conosco, decido falar também sobre o que aconteceu comigo. Eu sei que pelo menos Hannah está curiosa para saber como foi o encontro com Leon.

Para não decepcioná-la, toco no assunto de forma breve. — Mas tem outra coisa que não sai da minha cabeça — acrescento, antes que ela ou Mia possam reagir.

— Conte-nos sobre isso, Josie — Mia me encoraja, com voz suave.

Olho, nervosa, em redor do círculo. — Há umas noites vi uma mulher à janela, no apartamento em frente ao meu prédio. Já a vi várias vezes. Mas o apartamento está vazio. Sempre que penso que deve ser só imaginação, ela volta a aparecer.

Um murmúrio baixo percorre o grupo.

Mia inclina-se para a frente. — Isso soa muito inquietante, Josie. Informou a polícia?

Aceno. — Sim, eles foram ver, mas não encontraram nada. Nenhum rasto, nada. O agente disse, no entanto, que podia ser um reflexo.

Mia franze a testa. — Isso é estranho. A mulher parece-se assim tanto com você?

Hesito. — É loira e tem mais ou menos a minha altura. O que me preocupa,

porém, é que talvez possa ser sem-abrigo. Quero dizer, é possível que tenha encontrado um abrigo algures por perto e, à noite, se refugie no calor de um apartamento vazio. Talvez precise de ajuda.

— É uma boa chance, Josie. Talvez você realmente precise de ajuda. — Mia me estuda atentamente antes de perguntar, com delicadeza: — O fato de ela se parecer com você é notável. Você não tinha uma irmã gêmea?

Não entendo o que Paula tem a ver com isso ou por que Mia puxa a conversa para lá. Ainda assim, minha mente volta ao passado. O coração se aperta dolorosamente. A menção de Paula faz uma onda de lembranças e sentimentos se erguer aqui dentro.

— Sim, Paula era minha irmã gêmea — murmuro, por fim. — Mas se afogou diante dos meus olhos quando tínhamos dez anos.

Um silêncio desconfortável se espalha pela sala.

Só Mia me observa com atenção. — Como você lida com isso, Josie? Essa experiência deve tê-la marcado muito.

— Éramos inseparáveis — digo, com a voz trêmula. — A perda de Paula deixou um vazio na minha vida que simplesmente não se fecha. Eu a vejo em meus sonhos, ouço a voz dela. Claro que eu sei que ela não está realmente lá. Exceto que às vezes parece tão real.

Mia acena compreensiva. — Talvez seu subconsciente esteja pregando peças em você, Josie. Pode ser que você veja a Paula nessa mulher porque a sente tanto a falta dela.

Balanço a cabeça com veemência. Só agora me lembro de que Mia sabe da Paula. Logo no começo contei em uma conversa a sós que tinha uma irmã. Como, no entanto, minha gêmea não tem nada a ver com Michael — exceto por ser o gatilho do meu sentimento de culpa, que facilitou para Michael minar minha autoestima —, Paula nunca foi assunto nas sessões de grupo. Por que Mia a traz para isso hoje?

— Não, Mia. — As palavras saem-me em estocadas. — O meu subconsciente não me está a pregar partidas. Aquela mulher é real. Eu vi-a, mais do que uma vez.

Mia ergue a mão num gesto apaziguador. — Estamos aqui para ajudar você, Josie. Você não está sozinha. Talvez, juntas, consigamos perceber o que significam essas aparições.

Engulo em seco; as lágrimas ardem-me por detrás das pálpebras, mas recuso-me a deixá-las transbordar. — A Paula não tem lugar aqui.

— É importante você falar sobre o que a inquieta, Josie. Aqui, no grupo, está segura, e estamos todas aqui para a apoiar.

As explicações de Mia são-me familiares, mas hoje soam a desculpas. A menção de Paula levantou-me algo cá dentro. Começo a tremer quando a culpa que eu achava que tinha superado volta a ganhar terreno.

— Eu não consigo ... preciso de ar fresco — gaguejo, levantando-me de rompante. — Desculpem, tenho de sair.

Sem ligar às reações das outras, irrompo pela sala fora.

Tropeço pelas escadas abaixo. Atravesso a porta de batente. Saio para o passeio. O que interessa é sair.

Encho os pulmões com o ar frio da primavera. Faz-me lembrar a água gelada do lago, e só um pensamento firme e disciplinado impede que eu entre em pânico.

Merda! Merda, que raio.

O palavrão sabe-me estranhamente áspero. Normalmente, até nos pensamentos, eu exprimo-me de forma mais cuidada, mas hoje não me apetece. As mãos ainda me tremem e eu gostava — não é a primeira vez este mês — de que a minha vida tivesse sido um pouco mais pacata. Que a Paula ainda cá estivesse.

Mas não está, sibila a razão.

As palavras doem mais que o ar frio, mas freiam o efeito do lago. Ainda assim, meu único pensamento é fugir para um terreno seguro.

Pra casa, sofá, manta pela cabeça. Isso é tudo que importa hoje. Vou até ligar para o canil e desmarcar meu passeio com a Luna.

De joelhos bambos, cambaleio na direção do carro. Felizmente hoje optei por não vir de ônibus, quase como se tivesse adivinhado que precisaria de uma saída rápida. Com mãos trêmulas, reviro a bolsa procurando a chave e me jogo no banco do motorista. Só agora me atrevo a inspirar fundo.

Quando ergo os olhos por um segundo para confirmar no espelho retrovisor se o caminho está livre, um som abafado no teto do carro me faz pular.

Uma cabeça surge no meu campo de visão, do lado do passageiro. Frank!

Mal consigo disfarçar o tremor dos dedos enquanto baixo o vidro lateral um centímetro.

— Desculpa, não queria assustar você. — A voz dele soa baixa. Defensiva. Como sempre. Ainda assim, sinto-me desconfortável. À minha volta vejo alguns transeuntes; só por isso volto a desligar o motor. O Frank é magro, mas alto. Não gosto de o ver a erguer-se por cima de mim assim, por isso saio do carro e olho para ele por cima do tejadilho.

— O que é que você quer? — pergunto, sem esconder que tenho bem presente a cena no café.

— Sei que você está zangada comigo. E percebo, mas ... podemos falar um instante? Lá dentro?

— Você quer que eu suba lá acima sozinha consigo outra vez?

Ele acha-me tola, ou está ainda mais tresloucado do que eu pensava?

— Eu não queria incomodá-la. Nunca lhe faria mal. Eu sou um de vocês. Talvez a Mia ainda esteja lá.

Hesito. Outra vez aquele olhar. Culpa, medo, mas também um indício de outra coisa, algo que não consigo identificar.

Indico a padaria do outro lado, que tem algumas mesas no interior. Um casal de reformados e uma funcionária andam por lá atarefados.

— Tem quinze minutos.

Hesitante, ele olha para as grandes janelas. — Não podemos simplesmente ir para a nossa sala de reuniões? Se a minha mulher ...

— Quer falar comigo agora ou não?

Ele baixa os ombros e acena, vencido. Depois, atravessa a rua a correr, como um perseguido político, e a minha compaixão por ele volta à superfície.

Um pouco mais calma, eu o sigo. Ainda assim, certifico-me de que nos sentamos em um lugar à vista do casal de aposentados.

Peço um galão. Ele, nada.

— O que você quer me dizer?

— Que lamento. Eu mesmo não estava bem quando o aconselhei a não se encontrar com Leon. Ele olha para mim como se eu devesse perceber um sentido mais profundo por trás das palavras.

— O que isso quer dizer?

— Que eu agi errado.

— Você nos seguiu!

— Por acaso eu tomei um café no mesmo restaurante, eu ...

— Por quê? —

— Porque eu tenho medo do que aconteça se você se envolver com ele.

— Isso não é assunto seu!

Ele baixa o olhar. Ouço os nós dos dedos estalarem, de tanto que ele amassa as mãos no colo. — Eu sei. — Ergue o olhar, vê-me as sobrancelhas franzidas de irritação e acrescenta: — É perigoso para si andar a sair com ele, Josie.

— Você nem o conhece!

— E se eu o conhecer?

Solta-me um resfôlego trocista. — Isso é ridículo. Conheces o Leon? Olha para mim, Frank. Conheces o Leon?

— Não! — grita, fazendo a reformada ao lado erguer a cabeça, indignada. — Não pessoalmente, está bem. Mas sei que ele é perigoso para si.

— Isso é uma loucura! — Faço menção de me levantar, mas ele ergue a mão num gesto apaziguador. A manga sobe um pouco, por um breve instante, e revela

uma série de hematomas no antebraço. Parecem marcas de alguém que lhe bateu com um objeto pequeno e pesado, e só os antebraços ainda lhe serviram de proteção.

Volto a deixar-me cair na cadeira. — Meu Deus, Frank. Tem de tratar dos seus próprios problemas, de uma vez por todas.

Ele força um sorriso dolorido, e pela primeira vez ocorre-me que poderia ser um homem bonito, se ao menos fosse feliz. — Não é assim tão simples.

— Nunca é simples. Quantas vezes é que ela o bate?

Ele resfolega e recosta-se na cadeira.

— O quê? É uma pergunta descarada? Não é nem metade tão descarada como a sua visita ao ...

— Está bem! — Ele levanta as mãos de novo, dessa vez para que os ferimentos não sejam mais vistos.

Encho meus pulmões de ar. — Há saídas para uma situação como essa, Frank. Conseguiu até chegar até nós. Mia nos deu aquele panfleto com ...

— Minha mulher, ela é ... muito especial.

— Michael também era. E eu juro para você: o caminho até a porta, para deixá-lo, foi o caminho mais difícil que já percorri. Mas valeu a pena.

Ele sorri dolorosamente. — Eu gostaria de ter sua coragem.

— Eu também comecei aos poucos. Eu também não queria, no início, compartilhar minha história com outras pessoas. Comece a falar, Frank. É um primeiro passo. E, acima de tudo: não se meta na cura dos outros.

O brilho duro substitui a dor. — Esse Leon não é cura nenhuma!

Desta vez, levanto-me de vez. — Adeus, Frank.

— Josie!

Pago o café, que nem sequer chegou a ser servido, e vou-me embora.

Quando vou a sair do lugar de estacionamento, julgo ver o Frank na esquina, a olhar para mim em silêncio.

Viro-me no banco. É mesmo o Frank, agora, porém, acompanhado por uma mulher alta, morena. Deve ser a Diana. Pelo menos, suspeito disso pela maneira como ele parece encolher cada vez mais, enquanto ela fala com ele.

Como um cão escaldado, acaba por entrar numa carrinha, parada no meio da estrada com os quatro piscas ligados. Ela contorna o veículo, entra também e bate a porta com estrondo.

Bem feito para ele, penso, e envergonho-me de imediato disso. Ninguém merece ter medo do próprio companheiro.

Quando coloco a mão no volante novamente, fico com os dedos presos na alavanca do pisca. O limpador de para-brisa começa a funcionar, e um arranhão

enjoativo coloca os pelos da minha nuca em pé. No último instante vejo o envelope amarelo atravessando o para-brisa e depois caindo no chão, do lado do motorista.

— Mas que droga ...

Metendo o ponto-morto, puxo o freio de mão novamente e saio. Um envelope DIN-A5- jaz no chão, ao lado do pneu da frente, me olhando com inocência. Eu pego, me convenço de que será uma multa, e ainda assim sei que não é.

Incapaz, de dar um único passo sem saber o que é, abro o envelope. O tamanho e o toque me denunciavam, antes mesmo de vê-lo, que tenho uma foto em mãos.

Uma foto em que apareço com Leon. Andando pela cidade. Estamos os dois sorrindo. A imagem parece quase profissional. A qualidade é excelente. A luz, francamente romântica. Só que, naquele dia, no bosque, estávamos sozinhos. Pelo menos, era o que eu pensava.

Quando viro para minha rua, o choque já se transformou em raiva. O que há com o mundo? O que há com meu mundo? Estará escrito na minha testa: —Aqui estou eu, quem quer me ferrar?—

O freio de mão range quando eu o puxo muito mais bruscamente do que o normal. O barulho ecoa por toda a garagem subterrânea. Antes mesmo de sair do carro, já estou procurando o telefone na carteira. Depois da ligação de Michael ontem, tenho poucas dúvidas sobre quem me fez esse presente de mau gosto.

Pois é, garagem subterrânea, sem rede, percebo, ao ver a mensagem «Só chamadas de emergência» na tela do telefone.

Mal do buraco sem rede surge uma única barrinha, disco o número dele. Fico cheia de medo. Mas eu afasto o medo. Para minhas fobias haverá tempo depois. *Defenda-se*, eu me lembro do mantra de Mia,

enquanto subo as escadas a caminho do apartamento.

Só atendem quando já estou no meu pequeno saguão, como se Michael soubesse exatamente a partir de quando os vizinhos bisbilhoteiros não conseguem mais escutar.

— Josie?

— Acha mesmo que consegue me intimidar com truques tão rasca? — Minha voz soa baixa demais para dar às palavras a força que eu queria. Ainda assim, me orgulho de tê-las dito sem me atrapalhar.

— Intimidar? Posso ligar-te mais tarde, eu ...

— Não, não podes! — É uma das raras vezes em que me atrevo a interrompê-lo. De imediato, a náusea explode-me no estômago, e, mesmo assim, não

consigo parar. — Não me ligue, não te aproximes de mim e pára de me perseguir! Se voltar a acontecer, aviso a minha advogada, e ficas sem trabalho!

— O quê?! Tem calma, mulher! Eu ...

Por um instante, fico sem palavras, já gastei toda a pólvora. — Pára com isso, Michael — digo, exausta.

— Parar com o quê?! — ruge ele, de repente. Estremeço. — Levaste tudo! Metade da minha massa, a minha boa reputação, o meu sofá! E agora fazes este drama por eu te ligar? Eu quero-te de volta. Isso é algum crime do caraças?!

— Não, mas o que você fez no nosso casamento é. E o fato de você não desistir, de não admitir que acabou, e de me perseguir, também é. Mesmo que, pelos vistos, você não queira perceber.

— Vou te perseguir o quanto for preciso, se isso ajudar! Você sempre foi lenta para perceber, mas, mais cedo ou mais tarde, vai entender tudo o que jogou fora!

Balanço a cabeça, num misto de irritação, melancolia e um leve toque de medo. — Você é que não entende o que jogou fora, o que destruiu. Seu comportamento só me mostra apenas que agi bem. Você vai ouvir falar da minha advogada.

Sem dar margem para nova tentativa de intimidação, desligo.

Eu poderia muito bem ter te dito que ele não era o homem certo, isso ressoa na minha cabeça.

— Eu sei, Paula — suspiro. — Eu sei.

Capítulo 8

A fotografia não sai da minha cabeça, menos ainda a ligação para Michael. Aquele cara de pau ... vadia!

O palavreado está realmente me pegando, mas também me sabe incrivelmente bem, como constato. Às vezes até ajuda contra o medo, que vem em ondas, depois cede à raiva, só para dar lugar ao medo novamente. Depois de vinte minutos inteiros, em que ando às voltas pelo corredor sem parar, irrompo pelo banheiro e desenterro a roupa do canil. Esfregar caixas, empilhar caixas de ração ou, finalmente, desmontar os arranhadores do grande recinto externo e substituí-los pelos novos. Quero fazer qualquer coisa disso para garantir que meu turbilhão de emoções não resvale em pânico novamente. Por isso vou de carro. É muito mais fácil, lá, respirar em uma sacola do que em um ônibus cheio de gente.

Não pense nisso, Josie!

Estou um pouco nervosa com a condução. Mas, na verdade, concentrar-me no trânsito citadino ajuda-me a distrair-me do Michael e da sua arrogância.

Só nas ruas tranquilas à volta do canil é que a raiva volta a ferver dentro de mim. Na minha cabeça, uma pregadora enfurecida vocifera discursos sobre os direitos da mulher, enquanto eu, a exceder o limite de velocidade em escassos cinco quilómetros, disparo em direção ao canil. Ela continua a fazer Redentes, enquanto eu bato a porta, corro para a entrada e apresso-me rumo à sala da limpeza. No entanto, cala-se quando passo pelo escritório e vejo o Leon. Ele parece não reparar em mim.

Em vez de, como de costume, estar a olhar para o ecrã, fita uma placa de plexiglas pousada à sua frente na mesa. Vem dela um som de raspar. Ele tem um molho de chaves na mão. Os nós dos dedos estão brancos, de tão apertadas que as segura, enquanto risca a placa, a chiar.

— Leon?

Ele deixa cair as chaves como se o tivessem queimado, e ergue o olhar, apanhado. Quando ele me reconhece, ele sorri. — Ah, olá, Josie.

Me aproximo e tento espiar a placa discretamente. Como por acaso, ele passa a mão por cima, ainda assim posso ver que não há nada além de cortes profundos, como se ele tivesse tentado abrir um buraco ali à força de arranhões.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta.

Fico tão preso à estranheza da situação que, por um momento, não encontro palavras.

— Limpar boxes e me imaginar despejando a porcaria em cima de caras teimosos e arrogantes — digo então a primeira coisa que passa pela minha

cabeça. Depois gelo. Pelo jeito, a juíza na minha cabeça ainda não tinha terminado o discurso. — Eu ... hum, não me refiro a você.

— Ainda assim, soa como se seres vivos carburando testosterona estivessem melhor encostados na caixa, por enquanto — devolve ele, sorrindo de lado.

— Preferia não voltar a encontrar outra foto nossa debaixo do meu limpa-pára-brisas — escapa-se-me. Preciso falar sobre isso. Com alguém. Com ele. Com ... olha, eu nem sei mais.

Ele franze a testa. — Sou jeitoso em ligar os pontos, mas isso foi um salto a mais no raciocínio.

Eu preferiria ter mordido a língua.

Parabéns, Josie, quando isso estava indo bem, vais tu e lhe serves os sintomas de tua vida doentia numa bandeja de prata.

Mesmo assim, o olhar perfurante dele me obriga a esclarecer o que eu disse. Não consigo, porém, fitá-lo nos olhos enquanto falo.

— Alguém tirou uma foto nossa. Durante o passeio depois do nosso encontro.

— Alguém te prendeu uma foto de nós dois no limpa-para-brisa? Para quê?

— Eu não sei — sussurro.

— Mostra ela pra mim.

Ele soa tão decidido, tão sombrio, que isso mata qualquer resquício de protesto ao nascer. A raiva deu lugar à lucidez e eu queria que fosse diferente, porque sei que, por baixo dessa lucidez, o medo continua cochilando.

Voltamos juntos para o estacionamento, onde pesco o envelope do poço para os pés do banco do carona e, hesitante, o entrego a Leon, que o tira da mão com determinação.

Ouçó o papel raspar, mas meu olhar varre a área, caso haja outro paparazzo de trazer por casa. E também para não ter que ver Leon começando a duvidar de toda essa história comigo.

— Essa caligrafia é do teu ex? — rosna ele.

— Não sei — suspiro, quase sem voz.

— Josie, quero uma resposta em condições, porque uma das duas pessoas nesta foto sou eu. Portanto, que tipo de psicopata é esse tipo?

— A juíza decretou uma ordem de restrição — salta-me da boca para fora.

O meu autocontrole vacila. De repente, lá está ele, o medo. Não o medo do Michael, mas o de perder o Leon antes de o conquistar, só porque o meu passado quer vir dançar a lambada.

Só reparo que o meu lábio inferior treme quando dois braços fortes me envolvem e um cheiro agre capta-me.

— Já passou — murmura o Leon.

— Desculpa.

— O quê? Não tens culpa de teres uma pancada por homens perigosos.

As poucas horas de sono dos últimos dias fazem-se sentir no meu sistema nervoso já em frangalhos e eu enrolo os braços à volta da cintura dele e enterro o rosto no ombro. As lágrimas não vêm. Tudo isto me parece demasiado irreal. Demasiado distante e insignificante perante o conforto do abraço seguro.

— Josie?

— Hum?

— Qual é a morada desse grandessíssimo cabrão?

Pois, isso ajuda a quebrar o clima de intimidade.

Relutante, desgrudo-me do Leon e olho um rosto carregado. — Isso é ... É ...

Ele agarra-me de leve, mas com firmeza, pelos ombros. — Querias deixá-lo safar-se assim? Não tenciono esquartejá-lo, mas ele tem de perceber que não vale a pena começar com joguinhos destes!

— Já lhe disse isso. Telefonei-lhe.

— E o que é que ele disse?

— Sinceramente, eu estava tão nervosa e tão carregada que já não consigo reproduzir palavra por palavra, mas ele fez-se de parvo e disse-me para ganhar juízo e voltar para ele.

A linha do maxilar dele vinca-se, aguçada. — Para poder continuar a bater-te?

— Desliguei — respondo, um bocadinho torta. Acha o Leon que eu voltaria para o Michael? Nunca!

— Podemos não ir por aí? Eu percebo que estejas zangado, mas isto é, antes de mais, um problema meu e, claro, vou encaminhá-lo para a minha advogada.

— Hey, olha para mim, Josie.

Ergo o olhar, contrariada. Como é que ele consegue, estando claramente irritado, soar ainda assim tão suave?

— Não estou chateado contigo, Sunshine. Só que tu não estás nisto sozinha. Eu também estou na foto. Ou seja, o grandessíssimo também andou atrás de mim.

— Eu cuido disso — digo. Talvez um pouquinho mais ríspida do que o necessário, mas, apesar de todo o meu entusiasmo por Leon, sou um exemplar adulto da minha espécie e já posso resolver meus problemas sozinha ... espero.

Por uma fração de segundo, isso faísca em seus olhos que não consigo decifrar, mas que me é assustadoramente familiar. Então o sorriso volta, embora um pouco torto.

— Claro que você vai. Mas deixe-me, ainda assim, me preocupar com você. Você é importante para mim, Josie. E a ideia de que o bastardo teve que estar por

perto quando tirou a foto não me agrada. Quem sabe em que outras ocasiões ele já se aproximou de você.

— Para! Por favor.

Ele também solta as mãos dos meus ombros e dá um passo para trás. O contato físico logo me faz falta e eu cruzo os braços em volta do peito.

— Desculpa, eu não queria te pressionar nem ultrapassar limites — ele diz, baixo.

— Você não superou — asseguro, orgulhosa por soar mais calma do que me sinto. — Sinto muito ter arrastado você para isso, de alguma forma.

— De alguma forma?

Ele ergue uma sobrancelha e meus dedos fervem com a vontade de alisá-la até que ela desça novamente.

— Por ter te arrastado para isso — corrijo.

— Você não me arrastou — contradiz ele. — Se alguma coisa, fui eu quem me enfiou a bordo, ao me deixar encantar por você.

Corei. Eu sinto isso e nada posso fazer, então me salvo com um sorriso torto. Antes, porém, que eu possa responder, a porta do canil se abre atrás de nós.

— Alguém viu a coleira de ... ah, estou interrompendo?

Viro-me num salto. Ella, a diretora do canil, está no topo dos degraus, olhando para nós parecendo meio constrangida, mas divertida.

Leon, por sua vez, parece imune a constrangimentos. Bem devagar, ele dá mais um passo para trás, sem tirar os olhos de mim, antes de dizer: — Não, você não interrompe. Estávamos apenas falando dos direitos de uso de imagens.

Ella, que é uma excelente diretora de canil, mas não se importa muito com direitos de uso ou computadores, torce o nariz.

— Ah, sim. Mas cadê a coleira do Rocky convém eu saber.

— Está pendurada na de Minna, eu acho. Ela voltou a roê-la ontem — grito para ele. Feliz por conseguir colocar um pouquinho de distância entre Leon e eu. No momento, já estou agitada o suficiente, mesmo sem o empenho dele em me ajudar.

Depois que Ella some lá dentro, passo a mão pelos cabelos já revoltos. — Acho melhor eu ir embora, ligar para a doutora Schickinger e depois volto a tentar dormir.

— Sua advogada? — Leon pergunta, me fazendo notar que minhas explicações não estão muito coerentes.

Assinto, cansada.

— E como você quer dormir com essas ocorrências? O que você diz se eu te acompanhar ... — Quando me preparo para contestar, ele ergue as mãos,

pedindo atenção: — Espera, não quero bancar o herói, mas tenho umas câmeras de segurança sem fio lá em casa. Se quiser, eu instalo uma no carro, assim você também consegue fornecer provas decentes para sua advogada. E talvez você coloque outra na sua casa, ou pelo menos na porta de casa.

— Não é meio drástico?

— Quer descobrir quem anda te apavorando? O que há de drástico nisso?

Encolho os ombros. — Não entendo nada de segurança. Será que posso, ao menos?

— Dentro de casa, você faz o que quiser. No carro pode ser um pouco mais complicado, por causa do ângulo para gravar só o que acontece perto do seu carro, mas acho que, aqui, os fins justificam os meios.

— E a câmera grava tudo o que eu faço em casa? A ideia me assusta um bocado, para ser sincera.

— Depende do que você quiser. Dá pra gravar tudo, ou só quando tem movimento, ou só em determinados horários, ou só quando ativa. Por exemplo, posso colocar isso de forma que você consiga ver, a qualquer momento, no celular, o que está acontecendo na sua casa ou ao lado do carro e, se houver movimento, você escolhe no celular que quer salvar e fica gravado. Assim já te soa melhor?

Esse sorriso desarmante. Raios. E eu que não gosto desse tipo de tecnologia. Mas também não gosto de perseguidores e fotos ameaçadoras.

— Isso dá muito trabalho?

Ele quase irradia. — Nada. Você sabe que eu gosto de ajudar e não precisamos de um Fort Knox, apenas dois, três pontos nevrálgicos e um aplicativo extra no seu telefone ou no seu computador.

— E quanto isso vai me custar?

Ele encolhe os ombros parecendo suspeitosamente inocente. — Só mais um encontro.

Capítulo 9

— Nici , você tem que me salvar! — sussurro nervosa ao telefone.

— O que, por quê? O que se passa? — grita Nici, assustada, provavelmente já pensando em ligar para o 911.

— Convidei Leon para vir aqui. Minha casa. Ao apartamento. Está chegando.

— E entããã? — ouço, arrastado, do fone.

— Estou morrendo de medo.

— Você não parece exatamente assustada — ela diz, mexendo comigo, e com razão.

Meu coração bate como o de um beija-flor. Apesar de toda a raiva e todo o medo, me embriaga a velocidade com que eu e Leon nos aproximamos. E, desde que ele me apertou assim nos braços, eu nem sei mais para onde me virar.

Meu Deus, ele está quase lá! Ao meu território. Coloquei tudo em ordem em um piscar de olhos, o que não é difícil, porque sou bastante organizada. Pelo menos enquanto não venho do canil, tonta de amores e sem dormir, acelerando pra receber meu crush aqui em casa.

— E se ele me achar antiquada? Metade do meu recheio veio de uma loja de antiguidades.

— Mas que medo é esse? Você acha, que um cara, com uma mulher bonita na frente, vai ligar para os móveis?

— Eu pareço um panda! E não tive tempo de tomar banho e ...

— Jo! Respira.

— Estou respirando. É bem importante para sobreviver — revide.

— Então respira mais devagar. E afinal, por que a mudança de ideia? Não queria ir com calma?

— É uma longa história. Ele está me ajudando com uma coisa. Contar para Nici sobre a foto é importante, mas agora não tenho tempo para isso, porque ...

A campanha toca.

— Nici! — É uma mistura de sussurro e guincho. — Ó Deus, ele está aqui! Não consigo, de jeito nenhum, abrir essa porta.

— Você consegue, sim.

— E se nós ... quer dizer ...

— Nós fizemos sexo?

— Sim — quase arquejo, sem voz.

— Mas você quer?

— Quero, claro.

— Então, onde está o problema?

— Não sei — rouquejo.

— Então está tudo bem. A central de emergência da Nici fica sentadinha ao lado do telefone, caso algo corra mal. Agarra-o, tigresa. Até já.

Ela desliga. Simplesmente desliga!

A campainha volta a tocar.

Merda!

Salto, tropeço na beira do tapete e corro para a porta do apartamento. A porta do prédio fica aberta durante o dia, por isso consigo ver, pelo óculo, o bonito rosto dele, deformado de forma pouco lisonjeira. Traz uma caixa inteira com suposto material de câmaras.

Encho os pulmões uma última vez e abro.

— Oi — solto, um pouco sem fôlego. — Desculpe, eu ainda estava no quarto. Minhas faces ardem. *Você cabecinha de vento, que tirada foi essa?* — Quer dizer, não para dormir; eu estava pensando onde colocar as câmeras e isso ... Por favor, entre e diga qualquer coisa para eu conseguir calar a boca.

Leon hesita, depois sorri. Não de modo condescendente, mas antes daquele gênero: meio estranho, mas querido. É possível que eu esteja apenas interpretando assim a expressão dele.

— Na verdade, eu queria contar ainda uma piada de viagem no tempo. Mas essa você não gostou — diz ele então.

Fico o encarando, confusa, por alguns segundos; então a piada se infiltra em meu cérebro sobrecarregado e eu rio tanto que temo, a seguir, começar a chorar.

— Isso é ... Você ... Entre primeiro — arquejo e me afasto.

Depois de passar por mim, ele para e olha em volta, procurando por algo.

— É, temo não poder contribuir muito para seu plano de vigilância, — informo.

— Eu proponho instalarmos uma no hall, caso esse maluco tente fazer alguma estupidez — responde Leon. — E outra na garagem subterrânea, para vigiar seu carro.

Aceno, porque nisso eu tenho que confiar na perícia dele. — Por que você tem tanto material em casa do zero? — pergunto, impressionada, quando ele pousa a caixa e posso, pela primeira vez, ver as muitas embalagens menores e os cabos enrolados, todos bem retos.

— É praticamente meu ganho extra. As do canil também são minhas. E para conhecidos já montei um ou outro sistema. São práticos mesmo.

Meu olhar crítico deve dizer tudo, porque ele ri baixinho. — Você vai ver. Lembra de mais algum lugar?

Já estava quase balançando a cabeça, quando me vem à mente o ar cético da polícia. — Se calhar, há de fato mais um.

— Sim?

— É um pouquinho estranho ...

Quando ele levanta uma sobancelha, sinto o sangue subir para minhas bochechas. — Ó Deus, não tão estranho. É só que... nas últimas noites eu tenho visto repetidamente uma mulher em um apartamento abandonado. A polícia não acredita em mim e... — Solto o ar, inclino a cabeça para trás e fecho os olhos por um instante. — Provavelmente é absolutamente louco, e ainda por cima ilegal. Mas realmente me ajudaria se eu pudesse provar que ela existe.

— Quer provar que viu uma mulher em um apartamento ao lado?

— Uma mulher eventualmente necessitada, em ruptura psicológica. Meu bom senso volta a me parabenizar por essa formulação.

— Aham.

— Soa como loucura, mas era realmente importante para mim.

Por favor, não dê meia-volta nem vá embora, se for pra dizer que eu sou muito passada pra você, eu imploro em silêncio.

Ele não faz isso, mas parece um tanto cético.

— Tudo bem, podemos dar uma olhada. Mas você tem que perceber que eu não posso simplesmente apontar uma lente para casas alheias.

— Não precisa! — digo depressa. — Acho que, se a colocarmos no meu corredor ou no meu quarto e a colocarmos alinhada com as janelas, a mulher pode aparecer de raspão. Eu realmente não quero invadir a privacidade de ninguém, mas tenho que saber se ...

Como digo isto sem o Leon achar que estou completamente passada da cabeça?

— Se?

— Se ela é real — confesso, despedindo-me mentalmente da minha relação de sonho.

— Dormes mesmo mal, não é?

Aceno e sorrio de lado. — Paralisia do sono. Diz-te alguma coisa?

— Nunca tive, mas sei o que é. Deve ser bastante desagradável.

Detesto que tenham pena de mim, mas a compaixão no olhar dele sabe quase tão bem como nove horas de sono.

— Vou começar pela garagem e pelo hall, e depois vemos a tua vizinha, está bem? — continua.

Mal consigo acreditar que ele levou o meu pedido a sério e aceno, aliviada.

— Posso ajudar-te em alguma coisa?

Ele faz um gesto a descartar e volta a sorrir. — Não propriamente. A garagem consigo encontrá-la sozinho. Normalmente é no piso inferior de uma casa.

Também eu não resisto a sorrir.

— Então até já.

— Josie?

— Hum?

— Precisava era das chaves.

— Ah, pois, claro.

Estendo-lhas. — Esta é da casa. Esta é da porta do prédio e esta é da fechadura na saída da garagem.

— Obrigado.

Fico aliviadíssima quando consigo me refugiar na cozinha e ouço Leon sumir em direção à garagem com meu molho de chaves, e aproveito para fazer qualquer coisa para comermos. Não deixo ele sair daqui sem compensar um bocado o trabalho dele. E eu sei cozinhar. Muito bem mesmo, embora, só para mim, raramente me dê tanto trabalho. Há vegetais frescos em casa e dá perfeitamente para minha frigideira de arroz mediterrânea imbatível.

Enquanto isso, mando uma mensagem para Nici. — Estou cozinhando para ele ...

Ela reage com um emoji de riso e dois dedos cruzados.

Você provavelmente já está se preparando para o próximo turno da noite.

Enquanto o arroz vai absorvendo a água da panela, ouço Leon voltando e começando a se mexer na entrada.

Pouco depois, ouve-se a voz dele: — Estou pronto. Quer me mostrar onde seu fantasma te aparece?

Abaixo as placas do fogão e respondo em voz alta: — Sim.

Ele já está no corredor, onde o vidro danificado ainda me espera. O encarregado do prédio tem muito em mãos e, na melhor das hipóteses, só tem tempo amanhã.

— O que é isso?

— Foi um pássaro.

— Uma águia, ou o quê?

— Não, um gaio, ou algo assim.

Leon bate os nós dos dedos no vidro de um dos painéis intactos e depois me olha, preocupado. — Com todo o respeito, Josie, mas a menos que o gaio tivesse

bico de aço e estivesse cheio de coca, não quebraria um vidro como esse.

— O que isso quer dizer? Mas eu vi o pássaro esparramado na rua.

Você acha que o viu, eu me corrijo por dentro, muito rápido.

Mas prefiro não dizer isso a Leon.

— Isso parece-me mais uma pedrada — diz ele.

Abano a cabeça. — Quem é que conseguiria atirar uma pedra tão longe?

Ele não responde diretamente; em vez disso, pergunta: — Qual é a janela da mulher em surto?

Sinto um arrepio a subir-me pela nuca.

Ainda assim, aponto para a janela a uns escassos oito metros, mesmo em frente.

— És uma mulher ainda mais interessante do que eu supunha, Josie.

Franzo o nariz. — Obrigada.

O seu sorriso conciliador é um bálsamo, e a minha inquietação desvanece-se.

Até ele apontar para a porta do quarto. — O que há aí dentro?

— Quarto — murmuro, e o rubor volta.

— Hum, também há janelas para a rua?

Aceno com a cabeça.

— Era melhor não montar a câmara no corredor. Ficava apontando diretamente para a janela, e você veria do outro lado. Se não se importa ... — indica de novo a porta.

Apesar de meu coração bater mais rápido, minha mão faz um gesto de convite. — Força.

Ele entra, abrange o quarto com um olhar — felizmente a cama está arrumada e não há roupas usadas espalhadas — e então aponta para um ponto no canto superior direito. — Se a prendermos ali em cima, conseguimos incliná-la de forma a pegar também a frente envidraçada do prédio vizinho.

Olho de esguelha para minha cama. — E isso tudo não ficava no enquadramento.

— Isso você ajusta. Depois eu te mostro, como. Você pode girar a câmara livremente pelo app; se você apontar para as janelas, não se verá nada além da porta para o corredor.

Hesito. Por causa da minha paralisia do sono, bani todos os dispositivos eletrônicos do meu quarto.

— Tudo bem — cedo, ainda assim. Não quero voltar a passar vergonha na frente da polícia.

— Podemos tirá-la a qualquer momento — diz Leon, que obviamente não

deixou minha hesitação passar. — É rápido.

— Nós?

— Eu.

— Esse *nós* soa bem — me sai. — Hã, tenho que ir ver do jantar.

Eu praticamente fujo para a cozinha, antes que fique ainda mais constrangedor. Só de saber que Leon, de camiseta preta com decote em V, jeans e aquele corpo, está se mexendo no meu quarto, me faz suar.

— Você fica para o jantar, não é? — grito a uma distância segura.

— Claro!

— Quanto tempo você precisa ainda? — pergunto pouco depois. — O jantar fica pronto em quinze minutos.

— Estou praticamente pronto. A câmera já está montada. Se você me passar seu celular, eu instalo rapidamente o app e deixo tudo configurado. Como funciona exatamente, eu te explico depois.

Meu celular. Onde é que ele está?

— Ah, sim, claro. Um instante.

Anda lá, Josie, você não é tão desorganizada. Para meu alívio, logo o pego debaixo de um monte de cartas que tirei há pouco da caixa de correio.

Vou correndo com ele para o quarto e paro quando o monstro branco no canto acima das janelas salta aos meus olhos. Na camiseta do Leon ficou um pedaço de pó de macarrão. Provavelmente de prender a câmera no teto. — Ui.

Ele olha para mim. — O quê?

— Bastante -Brother-esco.

— Nah, no Big Brother constantemente tem gente irrelevante às turras. Tu não é nem irrelevante nem conflituosa.

— Hum. Meu olhar continua preso à lente.

Quando consigo desviá-lo, Leon me olha de forma inquisitiva. — Posso tirá-la de novo, se você quiser.

— Não, não, tudo bem, eu tenho que me acostumar.

Ele desce do banquinho de madeira que costumo usar como suporte de roupas. — Se não, é só me avisar. Não é nenhuma viagem ao fim do mundo até sua casa.

Aceno com a cabeça e me distraio vendo ele arrumar as ferramentas. Como é só uma parafusadeira com broca e parafusos, não leva trinta segundos.

— Pronto para o jantar? — pergunto então, um pouquinho orgulhosa pela maior agitação já ter passado.

— Pronto. Mas deixa eu só limpar isso num instante...

— Nada disso, eu cuido disso depois, já que você ainda por cima tem que

trabalhar no seu dia de folga.

Ele hesita um instante, depois acena. — Está bem.

Me acompanha até a cozinha. Por causa das interrupções, o arroz está um pouquinho passado, os legumes ainda não estão bem temperados, mas isso pouco me incomoda. Tem receitas — essa inclusa — que faço de olhos fechados e têm um gosto bom mesmo quando não estão cem por cento perfeitas.

Leon, esse, elogia a refeição como se tivesse sido um chef estrelado a prepará-la e ainda repete, enquanto eu me seguro para não ficar olhando para ele com um sorriso sonhador enquanto mastiga. Céus, estou feita.

Enquanto minha máquina de café nos pega um expresso para a sobremesa, Leon me mostra o novo aplicativo no meu celular. É à prova de idiotas, como vejo com alívio. Graças à interface clara, posso escolher se a câmera salva ou não a gravação da última hora, posso virá-la livremente em todas as direções e até ver as gravações ali mesmo. Neste momento, ele está apontando para a porta do quarto.

— Isso é bem fascinante — admito.

Leon, sorrindo de lado. — Pois é, não? Ideal para guaxinins-observar.

— Guaxinins?

— História longa. Quer ouvi-la?

E se eu quiser. No estado em que estou, ele poderia recitar o alfabeto para mim, e eu ficaria encantado. Fico, portanto, ouvindo-o, presa às palavras, enquanto ele fala dos guaxinins na casinha de passarinho da casa dos pais. Estou sorvendo meu expresso e espero que esta noite ainda dure um bom tempo.

Por volta das vinte horas, recorro a métodos pouco limpos e pego a garrafa de vinho de sessenta euros que Michael me deu há alguns meses. Provavelmente tentando desculpar um de seus acessos de fúria.

Eu deveria tê-la jogado na cara dele, mas bebê-la agora com Leon, me parece ainda melhor.

Ele não recusa, mas só quando encho o copo dele pela segunda vez é que me lembro do que isso significa. — Você ainda tem que dirigir. Prefere antes água?

Quando ele me olha desta vez, tenho que engolir em seco.

— Eu tenho mesmo que dirigir?

Respire, Josie, respire!

A mão dele roça-me na coxa, e, antes de sequer pensar na questão de quem dorme onde, inclino-me sobre ele e beijo-o.

Ele corresponde ao beijo e, céus, é mesmo bom nisso.

Quando a mão dele sobe e pára na bainha da minha T-shirt, ele interrompe o beijo e olha-me, em pergunta.

Fico imóvel, insegura com a hesitação dele. — Foi a resposta errada à tua pergunta?

— De modo nenhum, — diz ele, com a voz um pouco rouca.

As pontas dos dedos dele roçam a minha pele nua sob a bainha, e inspiro, num golpe seco.

Os olhos do Leon escurecem. — Só não quero precipitar nada, — diz ele em voz baixa.

— Devias ter pensado nisso antes de começarmos com o vinho. Seja lá que hormona o toque dele despertou, varre-me as dúvidas e alimenta-me com uma confiança que me surpreende.

Acabo no colo dele, saboreando a contenção, mas também a fome inevitável com que ele me espera.

Só quando a velha cadeira de madeira abaixo dele começa a ranger, ameaçadora, é que nosso jogo preliminar fica um pouco mais contido.

— Você me deixa voltar para o seu quarto? — ele murmura em meu ouvido.

— Claro que sim.

O caminho até lá é doloroso, porque nem em pé na cozinha nem atravessando o corredor conseguimos nos soltar um do outro.

Minha respiração se dissipa no ar frio da passagem sem aquecimento. Poderia estar frio antártico aqui fora, eu não sentiria, enquanto as mãos dele estiverem em meus quadris.

Me beijando, ele bate no batente da porta do quarto. Com a esquerda, tateia em busca da maçaneta, enquanto a direita se diverte com o fecho do meu sutiã. Quando a porta se abre, a ranger, me faz girar com elegância para dentro do quarto. Rindo, me agarro a ele.

No momento em que o mundo se endireita novamente, um raio fugaz de luz roça meus olhos. Confusa, pisco por cima do ombro de Leon.

Primeiro não vejo nada, depois meu olhar, como que comandado por alguém, desvia para a janela à frente. Os lábios de Leon, passando pela curva do meu pescoço, tiram minha capacidade de pensar.

Mas o par de olhos estranho, que nos encara imóvel e sem pudor, empurra o gesto ardente para segundo plano.

— Espere, — eu sussurro.

Ele parece não ter me ouvido, porque ainda estamos a caminho da cama, e a mulher desaparece do meu campo de visão. Por um momento, hesito quanto às minhas prioridades, mas consigo, finalmente, pousar as mãos em seu peito e empurrá-lo para longe de mim.

A confusão está estampada em seu rosto, quando ele me olha. — Rápido demais? — pergunta, ofegante. — Eu pensei ...

Mal presto atenção, tropeço passando por ele, na esperança, de desfazer meu pressentimento o mais rápido possível, para que possamos continuar.

Mas ela está lá. A mulher loira está na janela onde está sempre. Dessa vez, porém, ela me crava os olhos, direta. Fixa, acusadora e sem nenhum pudor.

Devolvo o olhar, incapaz de mover um único músculo.

Eu dou por Leon vindo até mim. Sinto o calor do corpo dele quando ele fica atrás de mim, mas sou incapaz, de me mover ou quebrar o contato visual.

— O que está acontecendo? Eu não posso responder, eu não posso reagir. Ela me prende. O desespero e o ódio incandescente no olhar da desconhecida me cravam no chão. Excitação e medo se entrelaçam em uma algaema que me acorrenta sem remédio.

— Josie?

Demoro um momento para encontrar a voz novamente. Ao contrário das minhas pernas, ela não me falha. — Tu vês-a? — sussurro.

No mesmo instante, ela desaparece.

No meu ouvido, um apito agudo começa a se espalhar. Finalmente, consigo me mover novamente. Cambaleio para trás, sinto uma mão forte em meu braço, apertando com firmeza, quando minhas pernas amolecem.

— Devagar, Josie! O que ...

Você está louca!, ecoa na minha cabeça. *Você está louca e não pode fazer nada contra isso.*

Não sei como vou parar no colchão, mas de repente sinto algo macio abaixo de mim e meu campo de visão fica um pouco mais nítido.

— Você não pode dizer isso, — ele irrompe de dentro de mim.

— Não dizer? O que há de errado, Josie?

— Por que você não pode vê-la?

Agarro seu braço, quente e real sob minha mão. Ele é realmente real. Ele está aqui. Por que ELA não está?

— Vai à janela de novo. — Chego a suplicar. — Por favor, você tem que ver. Ela esteve lá!

Será um bom sinal Leon não perguntar de novo? Ele apenas me mede com o olhar por um instante, depois se vira e volta para a janela.

— Você vem até mim? — pede ele, então.

Como movida por fios invisíveis, ergo-me e vou, rígida, na direção dele. Sinto-me como depois de uma gastroenterite. Exausta e trêmula. Me aproximo com cuidado e fico ao lado dele.

— Qual é a janela dessa vez? Ainda é a mesma? — pergunta.

Arrisco espiar por cima dele. É como se uma mão gélida apertasse minha

garganta, de tanto que temo o que eu possa ver. E, claro, não há ninguém lá.

— Ela esteve lá!

— Eu acredito que você viu alguma coisa.

Então, por que ele não soa assim?

Com cuidado, ele me segura pelos ombros novamente e me vira para você. — Vamos lá para o outro lado e ver?

Hesito. — Não sei.

— Como, você não sabe?

Hesito, não me atrevo a fitá-lo. Meu pulso troveja nos meus ouvidos. — Tenho medo de não encontrarmos nada.

— Você quer que eu vá lá?

Estou quase dizendo que não, mas, ao mesmo tempo, sinto minha cabeça balançar. — Você faria isso? Eu fico aqui e vejo se consigo vê-la. Podemos apontar a câmera para a janela?

— Claro. Quer que eu te mostre como se faz de novo? — Sua voz é terrivelmente calma, quase cautelosa, como se ele temesse que eu tivesse um ataque de histeria a qualquer momento.

Estranhamente, é precisamente isso que me ajuda a me recompor.

— Eu tenho que pegar meu celular, — eu respondo, soando muito mais calma do que me sinto.

Ele apenas acena, espera pacientemente, enquanto eu pego o telefone da mesa da cozinha e finalmente volto para ele. — Você me liga quando estiver lá embaixo?

Em vez de responder, ele tira o próprio celular do bolso e começa a digitar na tela.

Um segundo depois, meu telefone vibra.

Leon me oferece seu sorriso habitual. — Já volto.

Assim que ele sai do apartamento, uma solidão inesperada cai sobre mim como uma onda. Abro a janela de par em par. O ar que entra me parece frio e hostil, enquanto fico olhando, presa, para a rua lá embaixo.

Poucos minutos depois, Leon a atravessa com passo elástico. Quando some debaixo do alpendre em cima da entrada do prédio em frente, fico com um aperto no estômago. Posso distinguir os sapatos dele, enquanto ele está na porta e, presumivelmente, espera que alguém abra. — E então?

Silêncio.

— Leon?

Escuto farfalhar.

— Leon?

Vejo seus pés se moverem e ele sai debaixo da aba, com o telefone no ouvido.
— Ninguém atende.

— Já calculava. Obrigada na mesma.

Ele ergue o olhar para mim e acena. Ele não parece nem um pouco chateado com a interrupção do nosso quase-sexo. — Você ainda a vê?

Olho para a janela. — Não, está tudo quieto e no escuro.

— Hum, estranho. Vou voltar a subir. — Ele desliga e, pouco depois, o ouço batendo de leve na porta do apartamento. Deve ter subido as escadas praticamente voando.

O porquê, imagino, mas a ideia de recomeçar de onde paramos de repente me dá medo.

Ele deve ver minhas dúvidas, porque mal está no átrio inclina a cabeça. — Você quer que eu vá para casa?

Não consigo olhá-lo. O que você vai pensar de mim agora? Primeiro, me joga no pescoço dele, como uma sedenta ao último gole de água — para logo depois parar por causa de um delírio.

— Sim, por favor. Desculpa, mas ...

— Não faz mal.

A resposta soa sincera, por isso atrevo-me a olhá-lo. Ele sorri! Um pouco forçado, é certo, mas ainda assim.

Que mais podia ele dizer?

— Mesmo assim, foi bom teres vindo, — digo, um pouco desamparada, enquanto ele junta as coisas.

Ele resmunga em concordância.

Apesar de isso também soar simpático, tenho a certeza de que estraguei tudo com ele, quando ele sai do apartamento dez minutos depois.

No corredor, porém, ainda se vira. — Liga, se houver alguma coisa, está bem?

— Obrigada.

Com uma dormência nas pernas, também por conta do vinho tinto, tranco duas vezes e arrumo a cozinha mecanicamente. Só muito mais tarde me atrevo a ir para a cama e, embora a lente da câmera não aponte para o colchão, deito-me bem na borda e viro as costas para ele.

A simples presença dela paira sobre meu lar como um sino sombrio.

Só tarde na noite meus pensamentos em carrossel cedem, e eu caio em um sono agitado.

Capítulo 10

Dois dias inteiros eu tenho paz, me enterro no trabalho e evito sair. Com o Leon eu falo pelo WhatsApp. Ninharias sem importância, depois de ter despachado a pergunta dele sobre como eu estava com uma frase feita. Mas pelo menos nos falamos e ele ainda não desistiu de mim.

Talvez por isso, na terceira noite, eu consiga dormir muito mais rápido.

Um grito lamuriento, quase desumano, atravessa a teia dos meus sonhos e, por fim, arranca-me do sono num sobressalto. Ofegante, olho em volta. Estou sozinha. Sem Michael, sem Leon, sem paralisia do sono. Viva.

A alegria dura pouco. Aí está outra vez. Um som arrastado, de dor. Como o lamento de quem perdeu tudo e já só consegue partilhar a dor com o silêncio da noite.

Cambaleio da cama até à janela. No prédio ao lado está tudo às escuras. Nada à vista na janela.

Também na rua tudo está quieto, mas vem de fora, tenho a certeza disso.

Abro a janela. O ar frio entra e intensifica-me a pele de galinha.

— Olá?

A minha chamada desfaz-se no ar. Estico mais a cabeça para fora. Por cima, na diagonal, o caixilho de madeira estala como se estivesse prestes a desabar sobre mim. As minhas mãos cravam-se no parapeito enquanto olho para a direita e para a esquerda.

Silêncio e vazio.

Até que volta a soar um ruído. Não um grito, um arrastar alto.

Estremeço, recuo, bato com a cabeça na janela. O som não veio da rua. Vem do apartamento.

O coração bate-me duro e pesado contra as costelas. Fico imóvel. O vento roça-me a nuca e, desta vez, sou eu que tenho vontade de gritar.

Olho em volta, em pânico. A câmara no canto pisca a vermelho. A presença dela não me consola nem um pouco.

Do corredor chega outro ranger.

O ar sai em sopros pelos meus lábios. Com as pernas dormentes, dou um passo para dentro do quarto. Procuro com os olhos, mas não há nada no meu quarto que eu possa usar como arma... O martelo!

Leon deve ter deixado em cima da cómoda.

Com a ferramenta pesada na mão, avanço, a apalpar, passo a passo, pelo corredor fora.

Meus dedos encontram o interruptor da porta do quarto, eu o aperto.

A claridade queima minha retina. Piscando rápido, sem conseguir focar, e de repente um rangido. Ao meu lado!

Solto um grito, me jogo para trás, tropeço e caio de costas, com força.

Arregalo muito os olhos, apenas para ver o corredor deserto à minha frente.

O arrastar veio da porta do apartamento!

Tudo em mim quer voltar para o quarto. Bater a porta, trancá-la, fugir para a cama e enfiar o cobertor na cabeça. Como fazia quando criança.

Se eu não te vejo, você também não me vê.

A cabeça, porém, grita pelo meu celular.

Onde é que eu o deixei? Sala? Cozinha? Corredor!

Está em cima do aparador, onde o larguei depois que Leon se despediu.

São só seis, sete passos e, mesmo assim, uma eternidade. Porque a porta do apartamento está muito perto.

Quero chamar. A pergunta, se tem alguém na porta, queima meus lábios.

Que resposta você prefere? Sim, sou eu, o ladrão simpático aqui do bairro. Ou você prefere o serial killer?

A mente hiperventila, enquanto o corpo quer fazer greve.

Hipnotizada, fito a porta do apartamento. Eu me ergo, o mais silenciosamente possível.

Corro até o aparador, agarro o celular, me precipito para o banheiro, fecho a porta com um safanão, viro a chave.

Aos arfares, escorrego pelo painel da porta até o chão. Enlaço bem os braços em volta dos joelhos, enquanto disca para o número de emergência.

Volta a mensagem eletrônica dizendo que estou na polícia e, depois, uma voz masculina, metálica. — Emergência da polícia, qual é a sua ocorrência?

— Tem alguém na minha porta da frente, — eu sussurro.

— Está bem. Mantenha a calma. Preciso do seu nome e do seu endereço.

Automaticamente, debito os dados em seguida, sem parar.

— Muito bem, onde você está agora?

— No banheiro.

— Você pode sair em segurança pela janela?

— Não. — A voz, na verdade, me acalma um pouco.

— Você pode descrever o que está acontecendo? Tem alguém dentro do seu apartamento?

— Não. Só um arranhão diante da porta do apartamento. — Hesito. A palavra só quer me convencer de que isso não importa. Meu medo não quer saber disso. Continua real demais.

— Entendo, eu fico com você na linha. Os colegas vão já aí. Só abra quando eu disser e me avise imediatamente, mal haja algum movimento.

— Está bem.

Fico imóvel, em silêncio ao telefone. Quero encher o silêncio com palavras e não encontro nenhuma.

Quando a voz soa novamente, eu me sobressalto. — Sra. West, os colegas já estão no local. Quando você tocar a campainha, você pode abrir.

— Posso mesmo? Eles ainda têm que subir as escadas. Se tiver alguém na porta...

— Tem um trinco elétrico?

— Tenho.

— Acha que pode acioná-lo?

Os pensamentos disparam. Quem quer que esteja diante da porta, apenas uma fina placa de aglomerado me separaria dele. Mas dois agentes já estariam no patamar do prédio.

— Fica comigo na linha? — pergunto ainda, enquanto me levanto.

— Fico sim.

Embora eu saiba que isso também não me salvaria, se eu fosse atacado, as palavras me dão coragem para sair do banheiro.

Apressada, vou até a porta, pronta para ouvir de novo o rangido ou o arrastar. Aperto o abridor como se a mão tivesse colado ali.

No saguão ouço o estalar da porta do prédio. Fico especada junto à parede ao lado da porta. Botas pesadas sobem as escadas. A imaginação, estragada pelos filmes, se prepara para um tiroteio a qualquer momento, mas, em vez disso, eles tocam a campainha.

— Sra. West? Polícia, — uma voz profunda é ouvida do outro lado da porta.

Abro, aliviada. Só agora percebo que ainda agarro o martelo com toda a força. Meus dedos doem pela força do aperto, mas não consigo soltá-lo. Simplesmente não consigo.

— Você está sozinha?

Aceno mecanicamente, enquanto avalio os dois policiais. Um homem talvez com cinquenta anos, barba e ombros largos, e um colega de cerca de trinta, com a cabeça raspada.

Ambos claramente mantêm distância, o mais novo olha mais para minha arma improvisada do que para mim.

— Ouviu algo na sua porta?

Aceno novamente, até perceber que assim não pode continuar. — Sim, sim, um arranhão e um arrastar.

— Faça o favor de pousar o martelo por um momento, depois vemos a porta. No vão de escada não encontramos nada, mas muitas tentativas de arrombamento são abandonadas quando não dão resultado rápido.

Só com um enorme esforço de vontade consigo abrir os dedos. O martelo cai no chão, com um estrondo. Depois franzo o cenho. — A porta lá embaixo estava trancada?

— Estava sim. Tem alguma desavença com algum vizinho?

— Não, de jeito nenhum. Para ser sincera, só os conheço de vista.

Nunca me preocupei em mudar isso. — É um prédio tranquilo, sabe?

Enquanto o colega mais novo inspeciona a porta do meu apartamento com uma lanterna, o mais velho recua um pouco, para que possamos continuar conversando. — Reparou em mais alguma coisa? Ruídos, sussurros, ligações estranhas ou vendedores querendo entrar em casa?

Aceno, agitada. — Houve gritos. Acordei com eles.

— Gritos? Aqui no patamar?

— Não, na rua, lá fora. — Lembro da câmera no quarto, e a excitação toma conta de mim. — Espere! Eu tenho isso gravado.

Sem esperar resposta, corro para o quarto com o celular na mão.

Ainda a caminho, abro o app e aperto o botão «Salvar gravação dos últimos 30 minutos».

Foi assim que Leon me explicou o modo dashcam. Em tese, o aparelho grava constantemente, mas só tem memória para 30 minutos e vai sobrescrevendo. A não ser que lhe indiquemos que aqueles minutos importam; lá eles ficam salvos no arquivo.

Quando chego no quarto, vejo o led da câmera piscar de verde por um instante, sinal de que gravou. Só então me ocorre que eu nem precisava ter corrido para o quarto. Quando volto para os policiais com meu celular, eles ainda estão na porta do apartamento, falando em voz baixa.

— Aqui. — Mostro meu celular para eles.

— Cam1 Gravação 0001, DATA 03:37 h, — diz a tela.

Hesitante, o mais velho pega meu celular e coloca a gravação para dar. Ficamos minutos em silêncio no corredor e, de repente, o som horrível sai pelo alto-falante. Solto o ar ruidosamente. Não foi sonho! Não foi imaginação. Esteve bem ali.

— Poderiam ser gatos, — murmura o mais novo.

Acho que ouvi errado. — Nenhum gato soa assim!

Eles continuam ouvindo como se eu não tivesse dito nada.

Durante os trinta minutos inteiros, eles ficam lá olhando para a imagem. O mais velho me devolve o telefone com um ar um tanto resignado.

— Posso perguntar por que você tem uma câmera na sua casa, srta. West?

— Pode. Alguém recentemente jogou uma pedra na minha janela e me deixou uma foto tirada escondida de mim e meu ... namorado no para-brisa. Suspeito que meu ex-marido violento não ficou particularmente feliz com o recente divórcio.

Ufa, essa me saiu bem, penso, e até me alegro um pouco com a resposta pronta.

— Seu ex-marido tem chave desse prédio?

— Não. Ele tem uma ordem de remoção.

De fato, os olhares dos dois se tornam um pouco mais acessíveis. — Muito bem. Ainda assim tenho que informá-la que a câmera, como está posicionada, aponta para espaço público e assim não pode ser usada. Pela interface, dá pra ver que você pode rodá-la. Faça-me esse favor, gire-a depois um pouco mais para dentro do quarto.

— E como eu fico sabendo quem atirou a pedra?

— Podemos ver a janela?

— Claro.

Eu me afasto para o mais velho entrar. O mais novo agente entretanto inspeciona a fechadura da porta do meu apartamento.

— Pode até ter sido um lançamento de pedra, — conclui o agente, depois de instantes de exame minucioso do vidro. — Mas é estranho que alguém acerte tão alto. Afinal, estamos no segundo andar.

— Tenho certeza de que o vidro não rachou sozinho.

Eu não sabia que poderia colocar tanta ironia em palavras, mas as dúvidas visíveis do policial trazem à tona lados inesperados em mim à tona.

Ele não move um músculo. A resposta, porém, é clara o suficiente.

— Deixe conosco descobrir o que aconteceu aqui. Você não pode simplesmente apontar câmeras de vigilância para a rua. É do ângulo que você pode ver, ninguém conseguiria atingir esta janela de qualquer maneira.

Eu me dou por vencida. Afinal, pouco me importa a rua, desde que eu consiga ver a janela à frente.

O mais novo se intromete, da porta de casa. — Não encontro rastro nenhum aqui. Mas, nos próximos dias, vamos fazer patrulha noturna nessa rua. Certamente você tem um advogado a quem pode relatar o comportamento de seu

ex-marido?

Aceno em silêncio.

— Já fez?

— Não, eu queria cuidar disso amanhã.

— Faça isso imediatamente. Se ele admitir que esteve aqui, ele será responsabilizado por isso.

Rio, incrédula. — E você acha que ele admitiria isso?

— Não temos sinais de arrombamento aqui, senhora West. Você pode, claro, prestar queixa contra estranhos, mas já posso te dizer que isso vai morrer na praia.

— E os gritos?

— Tenho que dar razão ao meu colega — volta a intervir o agente mais velho. — Também pode muito bem ter sido um animal. Martas ou gatos brigando às vezes fazem um barulho surpreendente.

— E se não foi uma marta?

— Então, mesmo assim não temos motivos para presumir que há base para procedimento criminal. Também bêbados podem ...

— Não era nenhum bêbedo nem um gato! Bolas, vocês hão de poder fazer alguma coisa.

O mais velho acena. — Faremos, como anunciado, patrulhamento reforçado nessa rua, e haverá um relatório sobre a intervenção de hoje. Assim que houver ocorrências dignas de ser levadas a sério, pode seu advogado recorrer a essa documentação.

— Ocorrências dignas de serem levadas a sério? — repito, estupefata. — Teve alguém na porta do meu apartamento, ouvi gritos, alguém tira fotos minhas e do meu novo namorado escondido e coloca embaixo do meu limpador de para-brisa. Quanto mais sério isso tem que ficar?

— Pode nos mostrar a foto de que falou?

— Sim, claro — digo às pressas, me viro de lado e sigo para o corredor. — Deve estar no bolso da minha calça. As calças estão no banheiro.

O policial me segue até a porta do banheiro.

Reviro o bolso da calça e, finalmente, encontro a fotografia amarrotada. Com um olhar rápido para o agente, eu a tiro e desdobro. Sinto um desconforto apertando meu estômago. Na foto, vemos Leon e eu em um parque público, sorrindo durante um passeio pela cidade.

— Mostre-nos andando — explico, como se a descrição pudesse mudar alguma coisa, e a estendo para ele.

O policial observa a fotografia com olhar crítico, mas não a recebe. — É um

registro banal do cotidiano. Não há nada lá que aponte para uma ameaça.

Minhas esperanças se desfazem como algodão doce na chuva. — Eles não podem examiná-la em busca de impressões digitais?

Ele lança um olhar para o papel amarrotado. — Já está danificada e foi tocada por você. As impressões digitais provavelmente serão inúteis — explica o policial. — Podemos levá-la, mas as chances de sucesso são reduzidas.

Uma sensação de impotência se espalha em mim. — O que é que eu devo fazer? — pergunto. — Esperar até alguém realmente arrombar minha casa e me machucar?

— Vá com calma, senhora West. Levamos suas preocupações a sério. A questão é que só podemos oferecer que você apresente queixa contra estranhos. Sem provas, isso não vai ajudá-la. Muito mais eficaz para você seria voltar a falar com seu advogado, para que ele faça os incidentes chegarem ao juiz competente. Caso contrário, você está seguindo, desnecessariamente, de duas maneiras.

— Em outras palavras, eles não podem fazer mais nada? Tenho que aceitar esse ... esse assédio?

— Fale com seu advogado — repete o policial. — E, se ouvir alguma coisa de novo, ligue para o 911. Fez tudo direito.

— Ah, vou cuidar para que na minha lápide fique: “Ela sempre fez tudo certo”.

— Lê-se melhor que “Pedi ajuda uma vez a menos” — rebate o barbudo, secamente.

— Volte para a cama, senhora West. Ficamos, durante a próxima hora, aqui na região, caso algo mais aconteça — completa o caçula.

Assinto, resignada. Realmente parece que não posso fazer mais nada. Pelo menos não enquanto meus amigos e protetores ainda estiverem na porta.

De manhã, fico tonta só de levantar. Passei a noite toda de tocaia, com a câmera. Nem por um segundo me senti culpada. Nossa rua é tranquila. Quase não há transeuntes à noite. Quase ninguém quer andar pela nossa rua escura. Então eu não filmei ninguém. Nem um farrista desgarrado, nem uma loira duvidosa, nem Michael, nem Frank, nem ninguém. Aliás, também não peguei nenhuma patrulha policial.

Com um café de força "Não deste mundo", estou agora sentada na cozinha e espero até o ponteiro do meu relógio em pé, em cima do velho armário da cozinha, marcar sete e dez. Quando isso acontece, pesco meu celular da mesa e disco o número de Nici.

Ela atende mal tocam dois sinais.

— Naaa, ô destruidor de corações, tem um homem gostoso aí na sua cama?

— Não exatamente.

— Nossa, o que aconteceu?

— Nada. Tudo. Sei lá. Estou enlouquecendo, Nici. As palavras têm um gosto mais amargo na minha língua do que o café na xícara.

— Ok, agora respire fundo e depois você conta para a tia Nici onde aperta seu sapato — minha melhor amiga diz, e eu a ouço se mexer do outro lado da linha, provavelmente procurando um cigarro.

— Está tudo tão caótico — respondo, passando a mão livre pela testa, como se pudesse varrer a tensão para longe. Depois conto a noite de ontem. — Agora estou sentada na cozinha, com um café que provavelmente me manda para o outro mundo, e me pergunto o que diabos estou fazendo aqui — concluo por fim.

— E a polícia não faz nada? — resmunga Nici. — Você montou a câmera de novo?

— Sim — confirmo —, mas nada mais apareceu. Estou me sentindo louca mesmo. E Leon... não sei se ele ainda me leva a sério.

— Você não está maluca, Josie. Você está é passando por muita coisa. Ninguém ficaria assim, na boa, sabe? E quanto a Leon — se ele realmente gosta de você, ele vai superar. Por que você não o deixou ficar dormindo com você, afinal?

— Porque eu tenho que conseguir sozinha! — ele me salta, apertando o copo de café com mais força. — Não quero que todos pensem que eu não dou conta — murmuro depois.

Ainda enquanto digo isso, sei que soa estúpido.

— Ninguém pensa isso, Josie-Jo. A sério. Você já passou por tanta coisa — o fato de ainda estar aí e lutando mostra como você é forte. Não há regra que diga que você tem que enfrentar isso sem ajuda.

— Talvez você tenha razão — devolvo, e me sinto, pela primeira vez no dia, um pouco mais leve.

— Tira o "talvez" — responde Nici, e posso ouvir o sorriso na voz. — E, da próxima vez que você não conseguir dormir porque está caçando fantasmas, me manda um WhatsApp. Eu te entretenho até sair do trabalho e, depois, vou te encontrar, tá? Pego uma garrafa de vinho e frutas vermelhas congeladas e bebemos até que as preocupações evaporem. Isso é que era.

— Soa tentador — respondo, embora só a ideia de perder o controle com álcool me deixe desconfortável. Ainda assim, um pequeno sorriso me escapa. Nici sempre consegue me acalmar. — Eu te digo alguma coisa.

— Você faz isso, sim. E agora faz alguma coisa do seu dia, tá? Não se deixe ir abaixo, Josie-Jo. Você é mais forte do que pensa.

Depois de desligar, fico sentado na cozinha por um momento, com a caneca de café ainda na mão. O sol já nasceu e sua luz entra suave pela janela. Talvez Nici esteja certa. Talvez eu não deva ser tão dura comigo mesma. Mas aceitar isso é mais fácil falar do que fazer.

Respiro fundo, tomo um gole de café.

Meu olhar volta ao relógio. Um quarto para as oito.

Na verdade, hoje tem sessão em grupo. Mas não tenho vontade de ficar com os outros, muito menos com Frank. Nem os muffins da Hannah me convencem a sair de casa. Felizmente é sábado, então nem preciso ir. Um dia confortável na cama, é isso que vou fazer. Um bom livro e lanches pouco saudáveis para acompanhar. Como nos tempos de adolescente, quando meus pais, excepcionalmente, não estavam em casa e não tinha ninguém olhando torto para tanta mandriice.

A caminho do quarto, meu celular toca.

Atendo sem olhar para a tela.

— Quer trazer o vinho hoje mesmo, Nici? Ou você esqueceu mais alguma coisa? — pergunto.

Primeiro não ouço nada e estremeço. Até agora, essas chamadas de trote haviam se limitado à linha fixa. Michael descobriu meu número de celular? Como? Quando?

Já vou desligar quando um leve gemido sai do fone. É tão baixo que duvido sequer ter ouvido.

— Está?

Uma respiração pesada substitui o som agudo.

— Michael? Isso não tem graça!

Claro que ninguém me responde; apenas o arquejo difuso, quase inaudível, fica um pouco mais rápido. Mais esforçado. Como um homem que...

Desligo e jogo o celular longe. Cai no tapete do quarto.

A sobreposição escura da chamada desaparece e dá lugar à minha tela inicial, uma foto em preto e branco de um arco de rosas enferrujado diante de um jardim francês. Sinto que acabei de receber uma ligação direto do inferno. Eles devem estar em campanha e, ao que parece, eu estava no topo da lista de novos clientes em potencial.

Capítulo 11

— VOCÊ santa, Josie, mas que cara é essa?

Apesar de todos os meus diabinhos internos, decidi por uma incursão à sociedade.

Minhas tentativas de disfarçar a noite em claro não funcionaram, ao que parece, porque Mia, que está fechando as janelas da sala do grupo, vem até mim, preocupada. — Eu já estava me perguntando onde você tinha andado hoje.

— Desculpe, eu simplesmente não consegui chegar a tempo.

— Não faz mal. Quer falar sobre isso?

— Dá pra ser? Não quero tomar seu tempo, assim do nada.

Mia faz um gesto de desdém. — Você está aqui, eu estou aqui. E, pelo que vejo, um pouco de apoio vai bem a calhar. Não aconteceu nada, não é?

Balanço a cabeça com um sorriso cansado. Não sei onde vou tirar o sorriso, porque na verdade não tenho vontade de sorrir.

Sento na cadeira onde sempre sento e fico olhando, apática, para os lugares vazios ao meu redor. Então, um cupcake entra no meu campo de visão adentro.

— O último — Mia diz, suave, e se senta ao meu lado.

— Obrigada. — Viro o cupcake de chocolate e cereja nas mãos. Não me apetece comer. A meia carcaça do café da manhã ainda pesa no meu estômago.

Mia apenas está lá, esperando. Não me pressiona. Nunca o faz e, com isso, já conseguiu tirar muita gente da concha em que se fechava.

— Fiquei com medo de dormir de novo — sussurro.

— Por causa da paralisia do sono?

— Está começando a piorar de novo. Hoje de manhã demorou quase trinta minutos.

— A que se deve isso?

— Está tudo sendo demais, no momento.

— Com Leon?

— Com tudo. Tem as ligações e as fotos... E, ontem à noite, chamei a polícia porque ouvi gritos e achei que alguém estava do lado de fora do meu apartamento. Hoje de manhã falei com minha vizinha e ela disse que não ouviu nada. — Minha mão com o cupcake me treme. — Tenho medo de estar enlouquecendo.

Mia fica com ar consternado. Como sempre, ele pensa longamente antes de responder. — Você está dormindo o suficiente?

— Estou tentando. Ou seja, não. Não, provavelmente não tenho me cuidado direito, ultimamente. Mas isso não muda o resto, não é?

— Mas o resto é mais fácil de processar se o corpo estiver descansado.

Não me resta senão acenar com a cabeça. Claro que sei que dormir me faria bem. Mas como uma pessoa dorme, se...

— Pode ser que você esteja sendo um pouco dura demais com você agora. A querer avançar rápido demais?

— O que você quer dizer?

— Bem, você diz muitas vezes no grupo que está na hora de parar de ser dominada pelo passado. Que você tem que olhar para frente. Pode ser que sua cabeça te diga isso, mas seu coração ainda não esteja lá. Não é crime precisar de tempo para curar. A normalidade não se impõe à força e, às vezes, não é ruim que as coisas se recomponham devagar primeiro.

— Mas aqui nem se trata de mim. Há essas chamadas. E, à noite, aquele...

— Michael também vai precisar de tempo para se acostumar com você se foi. Claro que isso não justifica o que ele faz. Mas, se ele te liga constantemente, talvez seja porque é a única maneira de ouvir sua voz. — Ele faz uma pausa, pensa um pouco. — Sabe, quando me separei de Jonathan, ele passou três meses me esperando na porta do trabalho, vendo se eu iria direto para casa ou se tinha um novo namorado. Foi o inferno. Mas, a certa altura, nós dois aprendemos algo com isso.

— Jonathan?

Mia sorri de lado. — Tem um motivo para eu estar orientando justamente esse grupo.

Antes que eu responda, passos são ouvidos no corredor e Hannah entra. — Josie! Aí está você. — Como sempre que você sobe as escadas até aqui, suas faces estão coradas e você respira com dificuldade. — Desculpem. Esqueci minha lancheira. Estou atrapalhando?

Eu realmente gostaria de saber mais sobre Mia e aquele Jonathan. O paralelo com Michael salta aos meus olhos. Mas Hannah ainda está lá, de cabeça inclinada, perguntando, em vez de simplesmente pegar a lancheira. Suspiro por dentro. Pelo visto, não sou a única com necessidade de desabafar hoje.

— Não, você não está — digo, portanto.

— Você está bem? Ficamos preocupadas. Costumas vir sempre.

Arranco um sorriso. — Fiquei meio preguiçosa de manhã e não quis levantar da cama.

— Se calhar ainda bem. Frank veio hoje e perguntou a todos por que você não estava. Acho que está completamente pegado por você.

Fico surpresa. Será possível? — Porque você acha isso?

— Ora, por que você perguntaria, um por um, se alguém sabia alguma coisa sobre você?

Mia intervém. — Hannah, isso são suposições muito pessoais. Se Frank gosta de Josie, ele mesmo lhe dirá. Não estamos aqui para fofocar.

Hannah para por um instante, depois acena, tão envergonhada, que me deixa com pena dela.

— Você tem tempo para um café? — pergunto a ela, para mostrar que está tudo bem entre nós duas.

Hannah se ilumina. — Com gosto, mas não quero interromper a conversa de vocês.

— Ora essa, já estávamos quase terminando. — Levanto-me, e lembro-me de que ainda tenho o queque na mão.

— Você pode levá-lo com você. Toma. — Hannah me estende a lancheira, que, aparentemente, ela encontrou. Olha-me, interrogativa. — Ou você não gosta dos meus bolos?

— Gosto, claro, até demais. Só que hoje não estou com fome. — Fico de pé. Agora que Hannah está aqui, não quero aprofundar a conversa com Mia novamente. Foi bom conversar com ela a sós. Ela parece perceber, porque também se levanta.

— Você pode me ligar a qualquer hora, Josie.

— Obrigada.

— A mim também! — ela se apressa em garantir Hannah, como se isso fosse uma competição de quem ajuda mais.

— Até semana que vem.

Aceno para Mia e vou lado a lado com Hannah em direção à saída.

— Então, o que você está a fim de fazer? — pergunto a ele.

— Vamos só dar uma volta? Meu médico diz que me faz bem. E sozinha me custa sair à rua.

— Claro. O exercício também vai me fazer bem, com certeza. E, quanto ao tempo, tivemos sorte. Está bem ameno hoje. — Bolas, estaremos mesmo, fora do grupo, naquele ponto em que falamos de tempo?

— Sim, ainda bem. Você também achou que eu fui pesada demais no que eu disse sobre Frank?

— Nada disso — me apresso em garantir. — Você o conhece melhor?

— Não. Mas, sinceramente, acho ele esquisito. Quero dizer, isso agora é sexista e não deveria ser dito, mas que homem vai a um grupo de autoajuda que constantemente o aconselha a se separar, e então não o faz? Para uma mulher isso é muito mais difícil do que para um homem.

— Você acha? — pergunto, surpresa. — Eu acho muita coragem da parte dele ir para o grupo mesmo. Os homens, sobretudo, ouvem o tempo todo que têm que ser fortes, que não podem desistir e que têm que aguentar tudo e qualquer coisa.

Hannah se cala. Sei que quer me contrariar, porque fez uma careta, mas é educada e tímida demais para dizer. Já notei várias vezes que Hannah prefere julgar a discutir.

— Você sabe alguma coisa sobre a mulher do Frank? — pergunto a ele, portanto.

Hannah acena. — Você trabalha em uma empresa grande qualquer. Mundo de homens. Algo técnico, eu acho. Pelo jeito ganha bem. Se os colegas soubessem como ela trata o marido, com certeza a demitiriam. E lá se ia a vidinha de rica. — Ele se cala por um momento, depois acrescenta: — Já pensei muitas vezes em contar a eles. Um e-mail para os chefes dela, ou algo assim.

Assustada, me viro para ela. — Você não pode fazer isso, Hannah! Isso seria difamação! Talvez até tenha outra pessoa culpada pelo estado dele.

Ela torce o nariz. — Fazia de forma anônima. Eu criaria outra conta de e-mail para isso. E não é difamação se for verdade. Ou você acha que Frank mente para nós? — Estaca. — Você acha que ele só vai lá para ouvir nossas histórias? Agora que penso nisso, nunca o vi com nenhum ferimento.

Não sei o que me perturba mais. O fato de ela cogitar trair a confiança de Frank — afinal, tudo o que se diz no grupo é sigiloso —, ou a hipótese de ele, na verdade, nem ser vítima de nada.

E se ele se deleita com isso? Com esse grupo de mulheres que o animam, apesar de ele não ter nada para suportar. As contusões podiam vir de qualquer lugar ou até ter sido pintadas.

— Você acha que alguém faria uma coisa dessas?

Ela encolhe os ombros outra vez. Faz isso constantemente. Provavelmente é um hábito dos dias do casamento, quando esse gesto era a única forma de contestação tolerada. Às vezes, até isso era demais, como eu sei por experiência própria.

— Há tantos pervertidos por aí — ela diz em voz baixa. — Você já pensou que Michael poderia vir a fazer o que, no final, te fez? — Ele balança a cabeça antes que eu responda. — Ou qualquer um dos maridos tão exemplares das outras? Ou o meu próprio?

Suspiro. Longa e profundamente. — Não, acho que ninguém conta com as coisas que aconteceram com todas nós. Estranho que até nós duvidamos que seja possível.

— Eu não duvido.

— Soa um bocadinho a ires sempre pelo pior cenário — advirto-a, suavemente.

Ela olha para mim com olhos arregalados. — E você não faz o mesmo?

— Às vezes. Mas nem sempre. É uma forma perigosa de pensar.

Hannah franze a testa e olha para mim quase horrorizada. — É uma forma segura de pensar — afirma. — Fica-se menos decepcionada. E, se nos enganarmos, ficamos contentes, pronto. Acho que Frank também vê as coisas assim. É por isso que eu estava tão preocupado com você.

— Hum. Talvez. — Por um instante, penso se devo contar a Hannah sobre as fotos. Mas abandono logo a ideia. Depois do que ouvi hoje sobre como ela vê as regras de confidencialidade, isso parece arriscado. E eu não quero colocar Frank em apuros, afinal. Por outro lado... — Depois da última sessão do grupo, achei uma foto embaixo do limpador de para-brisa do meu carro. Eu e Leon, claramente tirada às escondidas, de longe. Você acha que...?

— Ó meu Deus! A sério? Uma foto de perseguidor, séria?

Sinto um arrepio gelado pela coluna acima. O simples fato de dizer isso em voz alta torna tudo mais ameaçador. — A qualidade da imagem era realmente boa e isso apesar de ter que ter sido tirada de muito longe. Caso contrário, eu teria notado, com certeza.

— Frank não é fotógrafo ou cinegrafista, ou algo assim? Ele entende dessas tecnologias.

O zumbido volta aos meus ouvidos. — Eu não fazia ideia.

— Claro que sim, ele disse logo no começo... Ah, sim, você ainda não tinha entrado no grupo. Ele disse que, como trabalho extra, uma vez fez filmes de animais.

Depois dessas novidades sobre Frank, me despeço de Hannah logo depois. A saudade da segurança — ainda que duvidosa — do meu apartamento me assalta de repente. Eu deveria ter sido fiel à minha resolução matinal de passar o dia na cama.

Vim de ônibus para não encontrar uma surpresa desagradável no carro novamente. Mas mesmo no trajeto da parada até minha casa me sinto seguida. Estou sempre olhando por cima do ombro e me sobressalto com qualquer ruído. Até, ao abrir a porta, quase conto encontrar uma nova descoberta de seja-lá-o-que-for.

Embora nenhum dos meus medos se concretize, permanece em mim uma sensação difusa de ameaça, da qual não consigo me livrar. Imagens me assaltam a mente, uma e outra vez: a fotografia do Leon e minha debaixo do limpa-para-brisas, o interlocutor ofegante na forma de uma figura difusa e a mulher à janela, do outro lado. Sinto como se uma corda apertasse meu pescoço, sendo puxada devagar, até que eu não consiga mais pensar com clareza.

Será que Frank realmente tirou a foto? Se você é um fotógrafo experiente, seria moleza para ele. Especialmente como diretor de filmes de animais ou

fotógrafo, você deve ter lentes telefoto até dizer chega. Estará também por trás dos outros incidentes? Mas por quê?

E Michael, onde você entra nisso? Isso transformou minha vida em um inferno antes que eu finalmente criasse coragem para me separar. Talvez ele esteja usando Frank para me dar medo sem se expor ele mesmo?

Deixo-me cair no sofá, fico encarando o celular, sem saber se devo ligar para Leon. Quero contar minha suspeita, mas, ao mesmo tempo, tenho medo de arrastá-lo ainda mais para isso. E se eu me engano? E se eu só estou me deixando levar por uma paranoia?

Suspiro e largo o celular, por fim. Incerta quanto ao que devo acreditar, eu me recosto e fecho os olhos.

Devagar, mas sem parar, a raiva me sobe à tona. Chega! Cansei de ser empurrada e manipulada. Seja lá quem for que esteja por trás dessas coisas estranhas — Frank, Michael ou um completo estranho —, não vou continuar sendo a marionete de ninguém.

Confrontar Frank seria a coisa mais óbvia, mas não tenho ideia de onde ele mora. No grupo de autoajuda é terminantemente proibido trocar informações pessoais. Nem Mia me daria o endereço dele. Eu poderia perguntar a Hannah — ela nunca respeitou muito essa regra —, mas isso me enoja. Ela tem um senso de justiça peculiar e eu não quero acordar o cachorro que dorme. Pelo menos não mais do que já fiz. E mesmo que você conseguisse o endereço, o que eu diria?

E o Michael? Ia negar tudo de novo e provavelmente rir pra dentro por ainda conseguir me encurralar, apesar do nosso casamento ter acabado há muito tempo. Quase consigo ver seu sorrisinho autosatisfeito quando, de carinha de anjo, garante mais uma vez que não tem nada a ver com o que tem acontecido.

Apoio a cabeça nas mãos. A incerteza me corrói, por isso decido, pelo menos, investigar aquilo sobre o qual posso conseguir informações. Quero saber a quem pertence o prédio da frente e quem entra e sai de lá.

Quanto a isso último, a gravação da câmera trata do assunto — vou passar mostrando sempre no celular, em segundo plano. Quanto ao primeiro, o Google há de saber.

Minhas pesquisas me levam, de fato, a um nome: Thomas Herzog. Ele não é apenas dono do prédio ao lado, mas, ao que parece, de muitos outros imóveis na cidade.

Ainda assim, minha esperança de respostas rápidas é frustrada. O prédio em frente é, em parte, unidades autônomas, e não consigo descobrir se os apartamentos que me interessam ainda pertencem ao Herzog. Mesmo assim, me deparo com algo interessante: os dois apartamentos em frente passaram a ser alugados no Airbnb.

Talvez com isso as aparições da mulher na janela terminem? Se o apartamento não estiver mais vazio, ela não pode entrar novamente. Por outro lado, se quiser continuar me vigiando, basta arrendá-lo. Mesmo que a vigilância continue, o que

posso fazer? O Airbnb não vai me dar informações sobre as reservas, com certeza absoluta.

Thomas Herzog talvez saiba mais, mas ao menos me responderia? Duvido. Ainda assim, pode valer a pena descobrir quantos dos imóveis dele estão no Airbnb e se houve incidentes semelhantes lá.

Enquanto penso nisso, outra ideia, igualmente inquietante, me ocorre: e se a mulher loira que vejo repetidamente não quiser me ameaçar, mas, ao contrário, for ela mesma quem está em perigo? E se ela estiver desaparecida, for doente mental e ninguém a procurar? E se, ao me encarar com o olhar, você estiver tentando chamar a atenção, por que não tem outro jeito?

Mas porque é que desaparece, então, do apartamento, uma e outra vez?

Não consigo afastar este pensamento sombrio, por isso começo a procurar imagens de mulheres desaparecidas que possam assemelhar-se à mulher da janela. A ideia de que possa ser uma delas aperta-se-me ao peito como um aro de ferro.

Página após página, percorro comunicados de pessoas desaparecidas. Fotos de mulheres de quem nada se sabe devolvem-me o olhar. Repetidas vezes, faço uma pausa, comparo rostos, olho-lhes nos olhos e pergunto a mim própria se poderá ser ela.

Mas, apesar da busca, não encontro nenhuma que lhe seja realmente parecida. É frustrante e, ao mesmo tempo, assusta-me. Se não está desaparecida, então quem é ela?

Passo para as reportagens, vasculho as notícias locais em busca de pistas, relatos de casos não esclarecidos, ocorrências misteriosas que podem estar relacionadas à minha rua ou ao prédio em frente. É antigo o suficiente para ter muita história. Mas também aqui a busca não dá em nada.

Isso me enfurece ainda mais. Me sinto presa em um labirinto, sem saída. Mas não vou desistir. Se essa mulher for realmente real, vou descobrir quem ela é e o que ela quer. Já passei coisas demais para agora me deixar desestabilizar por um fantasma.

Capítulo 12

APESAR de sonhos desconexos, orgulhosamente consigo nove horas de sono depois da minha noite de pesquisa. Então já é quase hora do almoço quando, no dia seguinte, saio da cama e, mesmo enquanto meus ovos mexidos estão chiando na frigideira, começo a analisar as gravações das câmeras da noite passada.

A memória do celular já está reclamando, porque coloquei as câmeras em gravação contínua, mas não estou disposta a perder nem um segundo do que quer que esteja acontecendo lá na frente.

Fixo o olhar na tela, tensa, enquanto o crepitar na frigideira aumenta. Nada acontece, então avanço a gravação seis vezes a velocidade, senão ainda estou aqui à tarde. É um cheiro acre que, por fim, me arranca do celular.

— Bolas, bolas, bolas! — Mal desligo a placa, o celular vibra na minha mão. Quase joguei dentro dos ovos. — Bolas... Sim?

— Oi, Josie.

— Leon?

— Esse mesmo. Pra ser sincero, fiquei meio preocupado, já que hoje de manhã tentei te ligar duas vezes. Está tudo bem?

— Sim, dentro do possível, só que eu... — A espátula escorrega pela borda da frigideira e cai no chão. — Porra.

— Está tudo bem mesmo?

— Meus ovos mexidos conspiraram contra mim. — Assim como mais algumas coisas, ultimamente. Solto um suspiro fundo.

— Isso é bem menos preocupante do que o que passou pela minha cabeça.

— E o que passou na sua cabeça?

— A lista é longa. O pior que eu temi foi ter feito besteira e você não querer mais ter nada a ver comigo. Vá, a ideia de seu ex psicopata poder ter sequestrado você também não foi agradável.

Apesar dessa possibilidade assustadora, um calor se espalha no meu peito. Leon se preocupou comigo!

— Para ser honesta, a noite me deixou bem agitada — confesso. — Mas não por sua causa! Desculpa, eu deveria ter dado notícias.

— Aconteceu mais alguma coisa durante a noite? Quero dizer, você viu a mulher de novo?

Hesito. Por um lado, quero te contar tudo, mas e se afinal não passar de algo inofensivo? E se a mulher for moradora de rua, estiver drogada e é por isso que ela fica olhando? E as fotos... Eu realmente quero arrastar Leon para a lama com

Michael? O que ele poderia fazer? Além de decidir que o melhor é se afastar de mim.

— Não. Lá na frente não se passa nada — digo, portanto.

— Talvez tenha sido uma coisa pontual. — As palavras soam ocas, embora eu tenha certeza de que são sinceras. Ele quer acreditar em mim, mas não consegue.

— Sim, talvez.

— Josie?

— Hum?

— Me dá mais uma chance?

— Não deveria ser eu a perguntar isso? Eu é que ando vendo fantasmas.

— Eu ficaria com você mesmo que você mesma fosse um fantasma.

— Vou cobrar-te essa promessa.

— Então vemos-nos mais tarde no abrigo de animais?

— Estou lá por volta das dezasseis horas.

Quase o ouço sorrir. — Eu estarei lá.

Ele termina a chamada e, de repente, já não me irritam nem os ovos queimados nem a câmara inútil. Em vez disso, calço os ténis e sigo, decidida, o curto caminho até à casa ao lado.

A incerteza sobre se o apartamento em frente já está arrendado e, se sim, quem são os atuais inquilinos, empurra-me para atravessar a rua. O sol projeta sombras compridas no asfalto enquanto aponto à entrada do prédio vizinho.

Quando chego, vejo uma mulher levando o lixo. Não me vê logo, porque venho da sombra. Quando finalmente me dá conta, recua assustada, os olhos primeiro se arregalam e depois se estreitam, desconfiados. Ou talvez só pareça assim por causa dos pés-de-galinha em torno de seus olhos pálidos, que dão ao rosto um ar de dureza e desconfiança.

— O que você quer aqui? — A voz dela é cortante e penetrante, o que torna a teoria dos pés-de-galinha dispensável. — Fico vendo ela rondando a casa. Anda procurando o que?

Levanto as mãos em sinal apaziguador. — Não queria assustá-la. É só que... — Encho os pulmões de ar. — Estou tentando saber se o apartamento no segundo andar já está alugado.

Antes que eu continue, a mulher arqueia uma sobrancelha e balança a cabeça. — Julga que sou parva? Já vi ela aqui vadiando mais vezes. — Ele dá um passo em minha direção, o saco de lixo apertado como se fosse um amparo. — Eu sei que você mora ao lado. Então, por que você se interessa por um apartamento em nosso prédio?

Mordo o lábio e decido ser sincera. — Porque eu tenho visto uma mulher lá

repetidas vezes.

— Talvez você tenha imaginação demais — revida. — O apartamento está vazio. Não há ninguém lá. Os pintores acabaram agora mesmo. Se você diz que vê alguém, talvez devesse conversar com quem entende do assunto. — Bate o dedo na têmpora, significativa.

— Ora essa — disparo. — Eu sei o que eu vi...

Mas ela interrompe-me, os olhos a faiscar de irritação. — O que quer que diga que viu, guarde para si! Eu sou a administradora do prédio e não tolero que andem aqui sempre a meter o nariz onde não são chamados!

— Eu percebo, mas há mesmo um motivo para eu estar aqui — tento ainda remediar a situação, mas a expressão dela mantém-se inflexível. — Eu só queria visitar a senhora D’Alessi — improviso então.

A administradora solta um resfolegar desdenhoso. — Você nunca pôs um pé nesta casa e agora, de repente, quer visitar alguém?

— Está espantosamente bem informada — escapa-se-me.

— Ouça, menina — sibila ela, inclinando-se um pouco, como para garantir que eu entendo cada palavra. — Se a volto a ver por aqui, chamo a polícia. Percebeu? Não admitimos que ninguém nos incomode!

— Eu realmente não quero causar problemas — digo, deliberadamente calma, dando um passo para trás.

— Então comece a andar e nos deixe em paz. — Ele joga o saco de lixo na lixeira, que fecha com um estrondo, vira as costas e some no prédio, batendo a porta com força atrás de si.

Fico um instante imóvel, enquanto a raiva sobe à minha garganta. Sinto como se tivesse dado de cara com uma parede e imagino olhares invisíveis me espiando pelas janelas.

Quando finalmente começo a voltar para o outro lado da rua, um pensamento se insinua para mim: talvez aquela mulher saiba mais do que admite.

Por enquanto, deixo minhas investigações de lado e, depois de um kebab da roulotte a umas ruas dali, sigo para o abrigo. Hoje volto a ir de ônibus e me deixo embalar pelo balanço reconfortante. Meus pensamentos vão para Leon. Estará achando que sou paranoica? Que você continue interessado em mim, mal posso acreditar, mas meu amor próprio nunca foi tão robusto quanto deveria ser.

Graças às obras na Via de Contorno Sudoeste, a viagem de ônibus leva quase o dobro do normal. Duas vezes me pego, nas curvas, olhando enviesado pelo vidro de trás para ver se alguém nos segue. Um Honda Civic cinza vai atrás do ônibus por um bom tempo, mas dobra três ruas antes do abrigo e desaparece do meu campo de visão.

Em compensação, Leon aparece, me esperando no ponto, e começa a sorrir assim que me vê por trás das portas do ônibus.

Ele logo vem ao meu encontro, mas para, hesitante.

— É bom ver você — ele murmura.

— Eh, isso era o que eu ia dizer.

— E você também diz que estava cheia de vontade de me encontrar hoje? Porque é isso que eu quero te dizer.

— Mesmo tendo ficado dois dias seguidos no topo dos piores encontros de todos os tempos?

O olhar dele se ensombra. — Foi assim que você se sentiu?

— Da primeira vez, um perseguidor nos interrompe; da segunda, eu vejo fantasmas. Então, sim, eu diria que sim.

— Eu gostei do tempo que pude passar com você. Achei que isso significava alguma coisa?

— Significa o mundo para mim! — exclamo, assustada com a possibilidade de machucá-lo. — Mas eu gostaria de termos tido uma noite calma e romântica em algum lugar, não... enfim, sermos interrompidos novamente.

A decepção desaparece de seu rosto e dá lugar a uma esperança cautelosa. — Então você está pronta para a oportunidade número três?

Afasto as dúvidas sobre estarmos avançando rápido demais e agarro sua mão. — O mundo — repito, convicta. — A oportunidade número três pode começar agora!

Leon aperta minha mão. — Ah, sempre sonhei com um encontro entre areias de gatos não limpas e canis de cachorros esperando para serem lavados. E com concorrência que não me tolera por perto. Isso só torna tudo mais emocionante.

— Se você quiser, podemos tentar acostumar Luna com você. Ela tem que perder o medo de homens antes de poder ser adotada. E eu também.

Ele ergue uma sobrancelha e seus olhos começam a brilhar. — Você quer ser adotada?

Não resisto a rir. — Esquece isso.

— Contigo você ficaria bem entregue. Três refeições por dia, sessões de carinho...

— Leon!

— Pronto, já me calo.

Enquanto nos aproximamos do abrigo, ele passa um braço sobre meus ombros. Fico quente em um instante.

Antes que eu pare de pensar por completo, a lembrança da fotografia na cidade se impõe a mim e todo o calor se dissipa. Dou um passo para o lado e coloco

espaço entre nós.

— Aqui não, por favor.

Uma sombra atravessa seu rosto, enquanto o olhar dele percorre o entorno. — Quer que eu dê uma olhada ao redor?

Embora as palavras provem que ele me entende sem que eu explique, balanço a cabeça. — Prefiro irmos para um lugar onde possamos ficar mais quietos.

Meu Deus, como isso soa? — Quer dizer, não que... nós...

— Nós apenas entramos — ele diz, e não consigo evitar me perguntar se um homem que parece tão perfeito pode mesmo existir.

Nosso plano de acostumar Luna a Leon gorra por culpa de Ella, que nos informa, com ar carregado, que a polícia freou uma van com vinte e cinco filhotes de criadouros ilegais e que vão entregá-los aqui em menos de uma hora.

Leon imediatamente se prontifica a juntar os voluntários restantes, enquanto eu ajudo Ella a liberar o máximo de espaço possível para os recém-chegados. A tarefa inesperada logo varre os outros pensamentos. Só conta o que é preciso, o que é possível e o que é certo fazer.

Enquanto Ella, pouco depois, recebe a polícia com os cães e a imprensa, eu cuido dos outros moradores. É hora do jantar e, embora eu quisesse ver os bichos de pelúcia de perto, já tive câmeras e bagunça suficientes por hoje.

— Hoje você não vai mesmo dar uma pausa? — pergunta Leon, quando, por volta das 18h30, volto pelo corredor ao lado do escritório, onde ele, enquanto isso, organiza os poucos documentos que há sobre os filhotes.

— Ainda falta um pouquinho.

— Você está parecendo cansado, quer que eu ajude?

— Não, eu cuido. Obrigada. Mas... — olho para o relógio. — Se você pudesse me levar para casa depois... Você ganha outro jantar.

— Se você cozinha, eu te levo onde você quiser.

Não evito sorrir. — Puxa-saco.

— Nada disso. — Olha para mim, fingindo escândalo. — Mas sabe sempre o dobro quando nos mimam à mesa.

— É assim, é?

Ele acena, entusiasmado.

— E o que é que te apetece, então?

A maneira como me olha faz-me subir a temperatura. Um arrepio bom percorre-me o corpo.

— Não tem muito a ver com comida, não.

Tal como da primeira vez, a insinuação dele enche-me de excitação alegre e, ao mesmo tempo, de um aperto que sei vir do Michael.

— Como disse, ainda demora um bocadinho. Trinta minutos?

— Trinta minutos — confirma ele.

Vou saindo da sala quando o olhar me cai no grande quadro branco pendurado na parede atrás de Leon. No canto superior esquerdo, e com letras incomumente grandes, lê-se: *Quinta-feira: vá tomar banho com Paula*.

Meus tênis pesam, de repente, como se estivessem metidos em cimento. Quinta-feira. Foi numa quinta-feira, nas férias de verão...

— Josie? O que foi?

Piscar e volto ao presente. Leon está sentado e olhando para mim com a testa franzida.

— Quem é Paula? — consigo perguntar, rouca.

— A Paula? — Só então ele parece perceber o que estou encarando de novo e se volta. — Não sei. Talvez uma das duas cadelas pinscher abandonadas, Ella ainda não me disse seus nomes.

— Pinscher — repito, me agarrando a esse pensamento com todas as forças. Por um instante considero perguntar a Ella, mas Leon já está na minha frente.

— Está tudo bem? — pergunta, estudando meu rosto.

— Quem escreveu isso? — me ouço perguntar.

— Não sei, mas isso é importante?

Ele já está me olhando daquele jeito de novo. Exatamente como quando eu disse a ele que havia uma mulher na janela.

Eu não estou maluca! Respiro. Devagar e fundo. Uma coincidência estúpida. Uma coincidência realmente estúpida.

— Você quer se sentar? — Leon pergunta, estendendo a mão para o meu braço.

Balanço a cabeça, embora as pontas dos dedos me formiguem. — Não. Não, vou até Luna.

Saio quase tropeçando da sala.

Leon me chama, mas não me segue. Você provavelmente viu na minha cara que agora eu prefiro ficar sozinha. Minha Paula. Foi numa quinta-feira.

Ela só queria tomar banho!

Quando volto a perceber o que me cerca, estou sentada no canil de Luna.

O nariz molhado dela roça as costas da minha mão. Então, de repente, ele se senta ao meu lado, pouisa a cabeça no meu colo e me olha, fiel, com aqueles

olhos cor de âmbar.

— Você também perdeu alguém que significava o mundo para você? — sussurro para ele.

Ela não pisca. Mal parece respirar. Quase como se tentasse tirar toda a minha dor só por me olhar assim.

Aos poucos, a proximidade dela me acalma. Sinto a cauda batendo no chão em intervalos irregulares, me mostrando que meu comportamento a está deixando nervosa devagar.

Ela solta um ganido baixinho, balança o rabo com mais força e faz menção de pular em mim. — Luna, não.

Tão depressa como voltou a velhos hábitos, assim se contém e senta-se obediente. O olhar insistente, esse, não muda.

Passo a mão, agradecida, pelo pelo liso da cabeça. — Até amanhã, ratinha.

Leon espera na entrada dos canis. Ele não desvia o olhar de mim enquanto me aproximo.

— Eu não quis entrar para não assustar a Luna — diz ele, quando chego até ele. — Como você se sente mesmo, Josie? — acrescenta depois, baixo.

— Eu ... não é nada — respondo, sabendo, no entanto, que minha voz não convence.

Leon pousa a mão no meu braço, gentilmente. — Você parece precisar de uma pausa. Deixa eu te levar pra casa e depois eu cozinho alguma coisa pra você e trato de te ajudar a relaxar um pouco.

É ridículo achar que, depois de tudo, eu consiga relaxar. Mas o medo do silêncio do meu apartamento e o cansaço mental me deixam receptiva ao cuidado dele. Sem pensar muito, aceno e o sigo até o carro.

— Você me explica o que foi aquilo há pouco? — pergunta ele, quando saímos pela entrada principal do abrigo.

— Talvez um dia.

— Está bem. Mas eu quero que você saiba que... O que é isso?

— O quê?

Leon começa a correr e para ao lado do carro. — Não pode ser verdade!

— O que foi agora?

— Os pneus estão baixos!

— Todos? — ele salta da minha boca para fora.

— Sim, todos!

Ele soa calmo, como se lhe tivessem dito que a encomenda foi deixada no lugar errado. Talvez eu esteja em choque. Quando o carro de Michael tinha algum problema, isso o mexia mais do que eu de cama com febre.

Dou a volta no carro e lá se vão todas as teorias sobre como lidar com homens emocionais. Por toda a largura da chapa, em riscos feios e profundos, lê-se: “Ela é minha”.

Capítulo 13

Eu cambaleio para trás, até bater no Opel Astra azul de Ella.

Paula tem que tomar banho...

A frase paira, deslocada, diante dos meus olhos.

Isso não é coincidência! Isso não é coincidência!

As palavras martelam por trás da minha testa e sinto meu estômago se revoltar. Um zumbido fino apita em meus ouvidos.

Para não cair, escorrego ao longo do carro de Ella até o chão e aterrisso sem jeito no cascalho frio do estacionamento.

— Josie!

Ouçõ Leon chamar, mas não consigo reagir.

Quando ele contorna o carro, vejo, como em câmera lenta, a expressão dele mudar. De preocupação, ao me ver, para surpresa, ao notar os arranhões. Então, para raiva. Parece saltar de dentro dele.

Com os olhos escuros, quase incandescentes, ele olha para mim.

— Desculpe, você me escapa, apesar de todas as lições de Mia.

Leon cerra os punhos, avança em mim. Reprimo um soluço, tento recuar. O carro de Ella nas costas me impede. Fecho os olhos, meu corpo todo se contrai.

Então sinto um toque no braço, bem suave no começo, até me encontrar em um abraço.

— Está tudo bem, Sunshine. Eu cuido disto. Me diz onde ele mora.

Balanço a cabeça. Em pensamento, tento lembrar o número da minha advogada, mas simplesmente não consigo colocar as ideias em ordem.

— Olhe para mim, Sunshine. A voz de Leon soa estranhamente insistente.

Obedeço, meus olhos doendo pelo esforço de segurar as lágrimas. Ainda assim, só o distingo através de um véu. —Eu não aguento mais.

Por um momento, a frase fica suspensa entre nós. Depois, sinto Leon me puxando com mais força para si. —Você não precisa aguentar. Eu estou aqui agora.

Com suavidade, mas com firmeza, me desprendo dele e consigo ficar de pé com dificuldade. Por mais apaixonada que eu esteja, não preciso de um herói, nem de um salvador da pátria. Preciso de certeza e um ovo podre para estourar na cabeça de Michael.

— Tenho de ligar à minha advogada, digo, e tiro o telemóvel.

Ele acena. —E eu, para a polícia.

Agradecida por ele não insistir numa confrontação com o Michael, tiro o telemóvel. O número da senhora Schickinger, tristemente, está na marcação rápida.

Ela atende ao segundo toque. —Sra. West, espero que me esteja a ligar para me dizer que escrevi o seu nome errado na fatura.

— Também eu gostava. Eu ... O Michael não está a cumprir a ordem de afastamento. Telefonou-me há uns dias e agora riscou o carro de um amigo.

Embora a senhora Schickinger, no início, me parecesse bastante fria, sei que o meu telefonema a toca. Depois da audiência, abraçou-me, inesperadamente, e desejou-me tudo de bom. Além disso, pediu-me que nunca mais precisasse de a contactar por motivos profissionais.

— Vou comunicar isso diretamente ao juiz amanhã, Sra. West. Por favor, escreva-me os incidentes com precisão. Com data e hora. E mande a polícia registrar os danos na viatura, sem falta.

— Faço isso, obrigada.

— E da próxima vez, srta. West ...

— Ligo na hora, digo obediente.

Ainda quando morava com Michael, ele me chamou a atenção diversas vezes por eu só comunicar a ele algumas de suas transgressões dias depois de acontecerem.

— Isso a ajuda, Sra. West, reforça. —Me mande tudo por e-mail; então é mais rápido.

— Obrigada, Sra. Schickinger, vou fazê-lo chegar até você hoje à noite.

Desligo e fico contente por, depois da chamada curta, estar tão calma. Algures por baixo do corte à tigela e dos óculos meia-lua da senhora Schickinger dormita um pitbull que, quando morde, não larga até atingir o objetivo.

Baixo o telemóvel. —Tenho de ir para casa e enviar isto tudo à minha advogada por e-mail. Ficavas chateado se eu já fosse ...

— Claro que não. Mas, Josie, eu preciso da morada do teu ex.

— Porquê?

Pela primeira vez, ele parece impaciente, embora o rosto se mantenha inexpressivo. É assim que ele fica quando está zangado? —Porque tenho de apresentar queixa contra desconhecidos, mas há uma grande probabilidade de o Michael ser o autor. E gostava mesmo de poupar aos agentes ter de ir procurar a morada dele, mesmo que para eles sejam provavelmente só uns cliques.

— Prometes-me que não vais lá?

— Por que raio o queres proteger?

— Estou a proteger-me!, digo, inesperadamente dura.

— E eu faço-te mal ao denunciá-lo? Ele abana a cabeça.

— Querias ir ter com ele, corrijo. —A queixa está perfeitamente em ordem.

— Ir ter com ele? Quando é que eu disse isso?

— Perguntaste onde ele mora e depois disseste que tratavas do assunto.

— Sim, ligando para a polícia. Com os braços cruzados sobre o peito, dá um passo atrás. —É isso que pensas de mim? Que eu desato a investir como um touro tresmalhado para ir ao pescoço dos outros? Esqueceste o que te contei sobre a minha infância?

— Não, não esqueci. Desculpa.

Ele inspira ruidosamente. —Você está para baixo, Josie. Mesmo que eu não goste da imagem, que parece que você tem de mim, eu entendo. Deixa eu te levar até o ônibus.

— Eu aqui consigo. Fica antes aqui, não vá perder a polícia. Você me liga mais tarde e me diz como foi?

— Claro.

Por um instante, considero abraçá-lo, ou dar-lhe um beijo de despedida, mas não estou a fim. Não depois que o interesse óbvio dele por mim fez com que o carro fosse arruinado.

Então eu apenas aceno, bastante desajeitada, e fujo em direção ao ponto de ônibus.

Tenho que esperar um bocado, ainda chego a ver ao longe uma viatura se aproximando. Depois entro na linha 304 em direção ao centro e espero que a senhora Schickinger, dessa vez, corte de vez as vazas de Michael.

No meio do caminho volta a chover. As gotas, como pérolas, escorrem pelos grandes vidros. Quando virá a primavera, enfim? Preciso de sol, preciso de flores, preciso de um pequeno raio de esperança.

A vibração do celular interrompe meus pensamentos nostálgicos. É o tio Eric. Um aperto no estômago me pega de surpresa. Normalmente, ele nunca liga fora das festividades.

— Olá, tio Eric, está tudo bem?

— Onde você anda, garota?

— Como assim?

— Ora, onde você está? Estou aqui na sua porta; pensei que às segundas você só trabalhasse a partir das vinte horas.

O homem tem memória de elefante, como quase toda a nossa família. —Sim, tudo bem, mas o que você está fazendo na minha porta?

— Visitando você, claro. Estive a trabalhar aqui perto e pensei em passar na

volta.

— Aha, olha, eu ainda vou no ônibus e só estou em casa daqui a meia hora.

— No ônibus, ah, sim. Então, para que você tem um carro? Tá com problemas de dinheiro?

— Por que você não liga antes? Estou quase lá.

— Eu também posso te buscar. Vim de carro.

— Podemos cuidar disso depois, por favor? Espera simplesmente na padaria em frente ao shopping. Não fica muito longe.

— Cuidar disso? Então você precisa de dinheiro? Quer que eu vá depressa ao banco?

— Não. Nos vemos já. Vou desligar agora.

Tio Eric é a única pessoa na face da Terra que eu simplesmente desligo. É a parte que mais gosto da minha família, mas também é de levar à exaustão quando coloca uma ideia na cabeça. E às vezes, como agora, você nem percebe que está passando dos limites novamente.

Cerca de meia hora depois, entro no café onde o tio Eric já me espera. Mal me vê, levanta-se e acena.

— Josephine, estou aqui.

Não é só por isso que se destaca. Também é o único aqui de fato e colete. Às vezes pergunto-me se possui algo tão prosaico como um fato de treino, porque nunca o vi com outra roupa.

Vou ter com ele, a tentar ignorar os olhares que ele – e, por arrasto, eu – atraí.

— Fui ao multibanco e levantei dinheiro para ti, informa-me, carrancudo, quando ainda estou a cinco passos de distância.

— Tio, eu não tenho problemas de dinheiro.

Ele levanta-se, e nós abraçamo-nos brevemente, mas com força.

— Claro que não tens, diz depois e, mal nos sentamos, enfia-me algo na mão. Da mesma forma ostensivamente discreta com que a minha avó o fazia quando eu ainda era criança.

Aceito. Essa luta abandonei-a há anos. Eu até podia ir trabalhar num cor-de-rosa Ferrari para ir trabalhar, e ele ainda assim acharia que eu estou com dificuldades de dinheiro. De certa forma, é a maneira dele de mostrar amor. Acho eu, pelo menos. Ele não tem filhos, talvez por isso seja tão superprotetor.

— Que bom que estás aqui. Mas tenho de manter o meu horário. Ficas até amanhã?

— Fico até depois de amanhã. E para um café arranja tempo, não? Vim de propósito e nem me deixas entrar em tua casa. — Pisca-me o olho. — Não arrumaste, pois não, hã?

Tenho que encher meus pulmões antes de responder. — Está arrumado, mas meu treinamento começa em vinte minutos e eu não posso simplesmente me atrasar.

Levanto do sofá, de forma deliberada.

Ele me imita. — Vou com você.

Espero, paciente, que ele pague e depois o acompanho lá fora. Segura a porta pra mim. Um cavalheiro à moda antiga. Um tanto excêntrico, mas um cavalheiro.

— Como estão mamãe e papai? — pergunto a caminho de casa.

Ele faz um gesto de desdém. — Ah, como sempre. Amargurados e entediados. Desde que se aposentaram, tudo o que lhes interessa é o jardim e as fofocas da vizinhança. Agora eles têm um lago.

Um travo de irritação sobe-me por dentro. A mim não conseguem perdoar, mas um lago no jardim é possível? Quando a minha mãe passava anos a chorar sempre que via uma poça? — Lindo. Que lindo.

— Vá, deixa-te disso. É tão absurdo quanto teimosa é a minha querida maninha! — exclama, e eu fico aliviada por já termos saído do café.

— Porque é que ela faz isso? — pergunto frustrada, como se o maldito lago fosse algum tipo de sinal. — Já não sofremos o suficiente?

O tio Eric faz uma careta. — Oh, por favor, miúda, estás a soar como a tua mãe. Esse eterno ficar presa ao ontem não leva ninguém a lado nenhum.

— Então porque é que me trouxeste o colar da Paula?

— Porque havia de fazer isso? Tu tens o teu próprio.

Paro. — Tenho, mas você teve o da Paula, não é? — Ele agarrou seu ombro e eu o viro para mim. — Você teve, não teve?

— Josephine ..., — suspira fundo — ... tu lembras de que a tua mãe insistiu para que a Paula fosse sepultada com o colar?

Por segundos, fico encarando ele, arfando como um peixe fora d'água. Depois saio correndo. Ao final dos três primeiros passos, já estou vasculhando a bolsa procurando a chave. Tenho que ver, a corrente, tenho que ver se é mesmo a mesma e se algum filho da puta desenterrou minha irmã morta.

— Josephine!

Ouçõ meu tio chamando, mas não consigo parar.

Seu resfolgar atrás de mim vai ficando mais tênue enquanto subo correndo as escadas do prédio e abro a porta de casa.

— Para onde ela foi? Onde é que você está? — murmuro, frenética, enquanto minhas mãos já remexem a gaveta de cima do aparador.

Nada feito.

Também no banheiro, na árvore de metal onde penduro minhas joias, não encontro nada. Só no quarto, na gaveta da minha mesa de cabeceira, eu dou com ela.

Tiro a minha do pescoço, tateando, pego o colar de Paula na mão.

Com um clique suave, o abajur da mesinha de cabeceira acende e eu seguro as duas correntes de ouro logo abaixo da luminária.

Uma onda de alívio. São quase idênticas, mas não totalmente. A minha é um pouco mais pesada. A caligrafia das letras P e J é parecida, mas o J do colar de Paula é um pouco maior. Uma réplica.

Ninguém exumou minha irmã.

Meu alívio leva um baita rombo quando percebo o que isso significa.

Algum louco mandou fazer uma cópia. Alguém que sabia perfeitamente o que significava aquela corrente.

A campainha toca como se quisesse pular da parede. Obviamente, o tio Eric me pegou e não está exatamente feliz com minha corridinha.

Ainda com os colares na mão, vou, meio anestesiada, até o hall e abro a porta para ele. Passos pesados nas escadas e resfôlegos altos o seguem atrás.

— Eu não te ensinei boas maneiras? Não me fuja assim com essa cara de pau — resmungo, encostando-se no batente, arfando. Depois vê as correntes. — O que ...? — O olhar salta das correntes para mim e de volta para as correntes. — Você mandar fazer uma cópia das joias de Paula?

— Não! Alguém pendurou o colar de Paula na minha porta. Quer dizer, uma réplica!

De repente, parece que ele não precisa mais do apoio do batente e se endireita. Com seus quase um e noventa, fica um palmo acima de mim.

— Michael! — solta. — Uma vez eu deixei passar o jeito que ele tratou você. Outra eu não tolero. Está acabado nos negócios!

— Mas por que ele deveria me enviar este colar? Sim, ele quer que eu volte. Até ligou. Mas não é assim que ele consegue, mandando fazer o colar da Paula. Além disso, ele não tinha ideia do que eu estava dizendo a ele quando liguei para ele sobre isso.

— Você ligou pra ele? — Os olhos do meu tio se arregalam. — Josephine Angelika West, você perdeu o juízo de vez?

De repente, meu tio parece prestes a ficar verde, crescer dois metros e pular gritando pela janela.

— Eu tinha que saber o que estava acontecendo — digo, soando como se

ainda tivesse doze anos.

— Ah é? E seu maravilhoso ex-marido bastardo te disse então que te mandou o colar para voltar para ele? Que quer te manipular e te colocar na mó de baixo? Porque ele é um filho da puta tão, mas tão sem coluna, que só se sente forte quando consegue derrubar uma mulher? — Ele balança a cabeça, vermelha como um tomate, e eu temo que eu lhe dê um derrame a qualquer momento. — O que você estava esperando que ele dissesse?

Não me atrevo, a contrariá-lo; a cabeça dele, em brasa, me lembra demais a cara inchada de Michael quando ele se punha a beber demais. Ainda assim, tenho dúvidas. A foto minha e do Leon, sim. O carro arranhado, com certeza. Mas o colar?

Na tentativa, de me distrair da imponência de Eric, olho para o relógio. Oito e quatro!

— Valha-me Deus, a formação. Tio Eric, desculpe. Fique à vontade, sim? Tenho que trabalhar, nos falamos mais tarde!

Ele resmunga alguma coisa, que eu interpreto como concordância, e ainda murmura algo sobre sobrinhas sem maneiras, antes de desaparecer em direção à cozinha.

Enquanto isso, me jogo no laptop, aliso o cabelo, faço login no meio e abro a videochamada.

Droga, nem me lembro mais o que planejei para hoje à noite. A aula é planejada, sim, mas não preparada. Meu arranque sai, por isso, todo engessado. Felizmente, os alunos — todos entre trinta e quarenta — têm de apresentar os resultados de um trabalho de projeto e, assim, a coisa não descamba para um desastre completo.

Quando termino a reunião, ainda estou encharcada de suor. É aquele suor do medo, muito particular, que cheira como se tivéssemos passado pelo inferno.

Maldita ansiedade, maldito carro, maldito Michael!

Exausta, me arrasto até a cozinha, me pego pensando no que Leon conseguiu com a polícia, e tomo o susto de morte quando vejo Eric sentado à mesa. Um grito agudo me escapa antes de me lembrar do que está acontecendo.

— Meu Deus, eu esqueci completamente que você estava aqui.

Ele estala a língua, reprovador. — Você está distraída demais, Josephine, cuide disso de uma vez. Como é que alguma coisa há de ser de ti ...

Agarro a segunda xícara de chá, que ele deve ter feito para mim. — Obrigada. Cheira agradavelmente a especiarias, e a temperatura está suportável. Às tiradas do tio Eric gosto de responder com cortês desatenção. Contrariá-lo não adianta, como sei de longa data.

Ele estuda-me com atenção enquanto eu tomo mais um gole. Depois ficamos sentados em silêncio à mesa da cozinha. Isso foi algo que sempre soubemos fazer um com o outro. É o que eu gosto nele. Por mais cansativo que seja, às

vezes é de uma quietude exemplar. Quase sempre quando mais importa. Depois da morte da Paula, foi o meu pilar, o que me impediu de enlouquecer.

— Tiozinho?

— Hum?

— Ias comigo amanhã ver a Paula?

Ele dá um gole de chá, deixa-o rodar na boca, pensativo. — Já não vais lá há algum tempo, pois não?

— Há cinco anos — confesso, baixinho.

— É fraquinho, Josephine — diz ele. — Ela é tua irmã!

— Eu sei disso!

Ele suspira. — Também devias saber que me podes ligar sempre que quiseres ir ter com ela.

— Não podes vir duzentos quilómetros de cada vez só porque eu quero ir ver a Paula. Também posso ir sozinha. Só que, depois de tanto tempo, preferia era ...

Ele pousa a mão sobre a minha. — Pela minha sobrinha favorita até conduzo o dobro.

— Só te resta uma. — Lembrá-lo disso traz de volta, com dureza inesperada, a dor pela perda da Paula e, de repente, o que eu mais queria era pegar já no carro e ir ter com ela. Claro que está morta. Claro que o túmulo dela não é um lugar onde a vá realmente voltar a ver. Mesmo assim tenho de ir e dizer-lhe que sinto a falta dela. Porque isso, pelo menos, ela tem de saber.

Capítulo 14

O cemitério antigo fica um pouco fora da minha cidade natal, rodeado por árvores altas, cujas folhas sussurram nas brisas suaves. As nuvens pairam baixas, carregando ainda mais o ambiente.

Na viagem até aqui, meu tio e eu nos perdemos em lembranças. Boas lembranças. Mas, desde que passamos o letreiro da cidade, ficamos em silêncio.

Ainda sem dizer uma palavra, saio do carro e olho em volta. A brita estala sob meus pés, enquanto sigo devagar em direção ao túmulo de Paula.

Tio Eric fica ao meu lado, quase como no funeral de Paula, no qual, graças a ele, não me senti totalmente invisível ou em pedaços.

No meio da semana, o cemitério está quase vazio; vêem-se apenas alguns visitantes dispersos. O ar é fresco e traz o cheiro terroso do solo úmido. Ao longe, em algum lugar, ouço um pássaro, mas o chilrear parece deslocado, quase inadequado neste silêncio opressor.

Quando chegamos ao túmulo de Paula, tio Eric fica alguns passos atrás. Isso me deixa o espaço que preciso para enfrentar este lugar e o que ele significa.

Paro e olho para a lápide, onde o nome dela está gravado. Paula— apenas uma palavra simples, mas que traz consigo uma onda de memórias e emoções que mal consigo dominar.

— Cinco anos ... — sussurro. Minha voz é pouco mais que um sopro, quase engolida pelo vento.

Me ajoelho e passo os dedos pela pedra fria, como se assim eu pudesse criar uma conexão com ela. As lembranças cintilam diante dos meus olhos— nossas risadas, nossas brigas, como roubávamos doces escondidos, e a última noite, em que tudo desabou.

— Desculpa, Paula — sussurro, segurando as lágrimas. — Desculpa, de verdade.

Um sussurro se faz ouvir e sinto os pelos dos braços se eriçarem. Tenho a sensação de que alguém chamou meu nome, bem baixinho, quase em murmúrio. Eu me viro, mas não há ninguém lá.

— Você ouviu isso? — Minha voz soa incerta, enquanto olho para meu tio, em interrogação.

— Ouvi o quê?

— Havia ... — começo, mas as palavras diminuem. Balanço a cabeça, tento me livrar da sensação sufocante que me envolve, mas ela gruda em mim como um manto sombrio.

Só depois de conversar com Paula em silêncio, por um bom tempo, é que me

sinto um pouco mais leve do coração.

Em um ponto, tio Eric também se aproxima e coloca as flores que compramos pelo caminho no jarro sobre o túmulo. Ficamos um tempo assim, num silêncio cúmplice; depois, pousa a minha mão no meu ombro e fazemos o caminho de volta.

Damos uma grande volta para evitar a casa dos meus pais, apesar de estar a apenas seis ruas. Por um instante, me ocorre que eu gostaria de ver o lago do quintal. Balanço a cabeça e me concentro de novo na estrada. Um lago. Que bobagem.

Sempre esperei que a mãe fizesse as pazes comigo antes de enfrentar o pavor da água. Mas, pelos vistos, a água era o mal menor.

— Vamos almoçar. Estás demasiado magra — interrompe o tio Eric os meus pensamentos.

— Hum.

— Vá lá, Josephine. Bella Italia! Pizza! Bruschetta! Aglio e...

Não consigo evitar rir-me, como sempre que ele adota o seu sotaque italiano.
— Está bem, está bem. Vamos comer italiano.

— Va bene!

Enquanto ele pára um instante na berma para procurar no GPS o restaurante italiano mais próximo, eu tento ligar ao Leon. Em vão. Ao terceiro toque, já me atende o correio de voz. Não me atrevo a deixar mensagem. Provavelmente, ele também precisa de digerir primeiro o atentado contra o carro dele.

Involuntariamente, me pergunto quanto mais ele vai aguentar sem reclamar, até perceber que minha vida é um desastre.

Embora o almoço com o tio Eric e meu curso online naquela noite tenham sido tranquilos, o sono tranquilo não é destinado a mim.

Minha advogada ligou à tarde e me informou que Michael terá que se apresentar ao juiz na manhã seguinte. Dependendo da decisão, ele pode pegar multa ou até um ano de prisão. Um ano de prisão é improvável, pois ele não se aproximou fisicamente de mim. Mas a multa é bem provável.

Viva. Meu ex, que apesar do divórcio ainda tem pelo menos duzentos mil euros de poupança — a não ser que tenha dissolvido em álcool nesse meio tempo —, vai pagar uma multa. E eu, o que ganho com isso? Paz não se compra com dinheiro.

Meus pensamentos voltam ao colar. Porque havia o Michael de me enviar a réplica? Haveria tantas maneiras mais simples de me importunar. Só a voz dele já me põe a pele de galinha.

Como não chego a lugar nenhum com a resposta, me concentro no próprio colar. Decidida a não me deixar abater, resolvo encarar como um presente. Uma lembrança da fase mais dura da minha vida, da qual saí marcada, mas não quebrada.

Minha respiração se acalma um pouco. Os elos frios da corrente em minha mão chegam a colocar um sorriso em meus lábios. — Eles não nos derrubam, não é, Paula? Naquela época, não. E agora, também não.

Tu nunca te deixaste realmente deitar abaixo.

Imagino que a voz na minha cabeça é a da minha irmã, e meu sorriso se alarga. Sabe bem. Me sinto menos sozinha.

Seguindo um impulso, começo a contar a ele sobre meu dia. Todos os dias, nos últimos tempos. Do Leon, da fotografia, do colar, do Frank, das ligações. Dos meus medos. As palavras correm como uma cachoeira e, finalmente, finalmente o sono chega.

Viro de lado, amasso o travesseiro até ficar confortável e fecho os olhos. Mal dei três respirações, ouço um estampido surdo. Primeiro, penso em uma porta de carro, mas era muito alto, muito intenso para isso.

O coração acelera, embora eu tente me convencer de que foi na rua e não tem nada a ver comigo. Tento voltar a dormir, sem sucesso. O medo de que, outra vez, alguém tenha jogado algo contra minha janela, arranhado minha porta ou pendurado presentes na maçaneta é muito grande.

Por isso, me atrevo a sair da cama. A câmera pisca, indicando que está gravando. Continuamente. Um pequeno consolo.

Um zumbido alto arranca um grito assustado de mim, mas é apenas meu celular escorregando pelo tampo de madeira da mesa de cabeceira. O alarme de vibração faz a madeira por baixo estremecer de tal maneira que temo acordar a vizinha do andar de baixo.

Eu o agarro às pressas. O número é privado.

Não atenda.

Atendo. — Estou? —

Silêncio.

Eu me mordo por dentro da bochecha, até doer. — Michael, se for você, desligue. Por favor. Você tem que me deixar ir! — irrompe-me das entranhas.

Do outro lado, tudo continua em silêncio.

Passados poucos segundos, volta aquele resfolegar repugnante. Fico enjoada, minha mão se crispa em volta do telefone, mas não consigo deixar de ouvir.

Ao resfolegar se junta um gemido. Mais agudo, primeiro baixo, depois cada vez mais alto. Até que um grito desesperado do fone irrompe. Então, a ligação cai. Fico imóvel, olhando os contornos frios das travessas da janela que as lâmpadas da rua projetam na parede.

Quando o celular vibra com um SMS entrando, eu me sobressalto.

— Vem. À. Janela.—

Não. Ó Deus, não!

Corro até lá. Amparada no peitoril de pedra fria olho para a janela em diagonal ao longe, onde, dias atrás, vi a estranha pela última vez. Não distingo nada, varro o vidro às pressas com os olhos.

De repente, vejo uma mão no vidro. Uma segunda, que estala contra o vidro, e um rosto, de onde um par de olhos dilatados pelo susto e pela dor me encaram.

Um grito mudo, de lábios escancarados, atravessa meus ossos. Não ouço e, ainda assim, tenho o impulso de tapar meus ouvidos.

De novo, a mão espalmada bate no vidro. Ela grita e grita e eu me sinto enjoado.

Paula! Parece com a Paula!

Deixo cair o telefone quando tento desbloqueá-lo para ligar para a polícia.

É incrivelmente difícil para mim desviar o olhar para pegá-lo. Quando o levanto novamente, ela ainda está lá.

Apesar da câmera no canto, tiro duas fotos dele. Por segurança. Então, eu marco o 112.

Desta vez, é uma mulher do outro lado da linha.

Enquanto isso, já digo meu nome e meu endereço quase que automaticamente. — No apartamento em frente, tem alguém na janela pedindo ajuda — acrescento então.

O procedimento a seguir já me é familiar. Não, neste momento não estou em perigo, não, nenhuma ameaça imediata. Sim, vou esperar até chegar a viatura que a central enviar.

Minha voz soa estranha aos meus ouvidos. Meu pulso abafa as palavras.

— Já vai alguém a caminho.

Durante toda a ligação, olho para Paula— a mulher do outro lado. Ele não grita mais, mas segura meu olhar. O rosto continua contraído de medo. Ou será dor?

Me ajuda.

Imagino ouvir as palavras que ela desenha com os lábios.

Vem. Me ajuda!

Me sinto tonta e tão, tão enjoada. Mesmo assim não consigo desviar o olhar, não consigo me mover, não consigo respirar.

Não sei quanto tempo fico assim. As lágrimas enevoam minha vista.

Luzes azuis. Finalmente. Os bombeiros também vieram desta vez, assim como

uma ambulância.

Desço até a porta, descalça, de pijama, e abro.

— Ali, aponto para a janela em diagonal sobre nós, — ela está lá em cima.

Eles me pedem para esperar.

Mal aguento. No frio, com a incerteza do que pode estar acontecendo lá em cima. Quem quer que esteja lá com ela. Essa pessoa me ligou!

A gravidade disso só agora cai a ficha e, se pudesse, correria atrás dos policiais para avisá-los. E se a pessoa estiver armada?

Ando de um lado para o outro na calçada. Olho repetidas vezes para o apartamento, mas desse ângulo não se distingue nada.

Por doze longos minutos, não ouço nada. Depois, polícia, equipes de resgate e bombeiros voltam. Sozinhos.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Senhora West, lá em cima não há nada. Já nos chamou há uma semana, certo?

— Como, lá em cima não há nada? Isso não pode ser!

— Senhora West, tenho de a informar de que o uso indevido do número de emergência constitui crime e ...

— Eu não usei nada de forma indevida ...

O homem ergue uma mão em aviso. — Fique você, por favor, onde está e acalme-se, senhora West.

Para minha própria surpresa, dou por mim já avançada na direção dele. Ó céus, o que é que está a acontecer aqui?

— Por favor, me escute! — pego o celular do bolso do pijama. — Alguém me ligou há meia hora de um número privado, viu? — Mostro ao comissário de uns quarenta anos, moreno, minha lista de chamadas. — Do outro lado não se ouvia ninguém. Então ouvi gritos. A seguir chegou esta SMS. — Também lha mostro. — Aí eu fui até a janela e vi a mulher! Espere, eu tenho uma foto.

Abro a galeria. Mal vejo a foto que tirei, já sei o que os agentes vão dizer. Está muito escuro, muito longe, muito borrado. Mas tem uma mancha branca na janela, dá pra distinguir a camisola da mulher.

— É ela. Era o pijama dela. Está embaçado, eu estava realmente com medo. Ela pediu ajuda!

O delegado até se dá ao trabalho de analisar a imagem com atenção, mas depois balança a cabeça. — Isso pode ser um reflexo de luz ...

— Não era reflexo nenhum! — Por pouco não bati o pé no chão, posso porém conter essa reação infantil a tempo.

Ainda assim, o olhar dele cai para os meus pés. — Você não tem sapatos

calçados.

— Ah, sério?

— Deve estar morrendo de frio, senhora West. Por que não vamos até sua casa e eu registro a queixa lá? Quer prestar queixa, não quer?

— Contra quem? Eu não quero apresentar queixa contra ninguém. Quero é que ajudem aquela mulher!

— Vamos, falamos no quentinho.

Solto o ar com esforço, mas sigo na frente, subindo as escadas correndo. — Ela está em perigo. Pedi ajuda — digo por cima do ombro. — Podemos verificar minhas câmeras.

— Você tem câmeras que filmam a casa ao lado?

— Não. Sim. Não é o que parece — afirmo, embora seja exatamente isso.

Chegamos ao meu apartamento e deixo os dois policiais entrarem — o de uns quarenta anos e um mais novo, esguio, de cabelos loiros curtos.

— Como era a mulher? — pergunta o moreno.

— Loira, mais ou menos da minha altura. Talvez um pouco mais velha que eu.

O olhar significativo que os policiais trocam mal me surpreende.

— Posso provar. — Tiro o celular do bolso de novo e abro o Watch-IT, o app que guarda as gravações das câmeras. — Ali!

Abro o vídeo da última hora e avanço até a hora em que recebi a ligação. 1:24. A janela só pode ser vista de um ângulo muito oblíquo, mas a mulher, especialmente a mão dela no vidro, há de aparecer. Espero e espero.

Os dois policiais estão atrás de mim e espiam curiosos por cima do meu ombro. Como eu, eles não veem ... nada.

— Não é possível — balbucio, e recuo na gravação. O carimbo de data / hora indica 1:22. Eu coloco a reprodução em velocidade dupla. Corre dois, três, quatro minutos e não dá pra ver nada.

Baixo o celular. — Simplesmente não pode ser — murmuro ainda mais baixo.

Como em câmera lenta – pelo menos é assim que me parece – eu me viro para os policiais. O mais novo tem olhos doces.

— Eu sei como isso soa — sussurro. Um soluço cola as palavras na minha boca. — Mas ela estava lá!

Sinto uma mão no ombro. Escuto o arrastar de uma cadeira e sinto o assento embaixo de mim. — Senhora West, você toma alguma medicação?

Balanço a cabeça.

— Nem pílulas para dormir? Calmantes? Analgés...

— Não!

Um suspiro, carregado de compaixão e resignação. — Não terá sido talvez uma reflex...

— Não! Por favor, tem simplesmente de acreditar em mim!

Como poderiam? Como poderiam acreditar em mim, se tudo me escapa por entre os dedos afugir?

— Tem estado sob muito stress ultimamente? — pergunta o mais velho.

— É psiquiatra? — atiro-lhe, e emudeço logo de seguida, assustada comigo própria.

— Não, mas estou a tentar ajudá-la, senhora West.

— Então encontrem essa mulher!

O mais novo intervém de novo. — Vamos apontar o número do qual a SMS foi enviada. É um ponto de partida, senhora West. Mas, no futuro, ligue para o 911 só quando você realmente tiver certeza de que viu algo.

Aceno, vencida. Que pensem o que quiserem. Eu não estou louca. Não estou.

Não é, Paula?

Com um belo atraso me ocorre que esse amparo imaginado de minha irmã falecida não é exatamente sinal de sanidade, e prometo a mim mesma não voltar a consultá-la enquanto os homens de azul estiverem à minha frente.

Antes de irem embora, eles me deixam os números de vários serviços de apoio espiritual e ajuda.

O papelzinho fica na mesa e zomba de mim, enquanto eu apenas fico sentado, tentando fazer as pazes com a ideia de que o divórcio de Michael talvez não tenha sido uma ideia tão boa.

Talvez o último tapa que ele me deu, me jogando contra o armário da cozinha, tenha sido realmente demais. Talvez eu devesse fazer uma visita a ele. Quem sabe, mais um soco ainda endireitava meu miolo?

Um riso sem humor me sacode. Ele se cala quando meu celular vibra. Uma SMS. É o mesmo número.

— Vem. À. Janela.

Um gemido escapa pelos meus lábios. Escorrego da cadeira, depois continuo para trás até o canto mais traseiro da cozinha. Entre a sacola amarela e a máquina de louça, fico imóvel.

Fervendo de súbito, me ocorre que não tranquei a porta de casa, mas não consigo me levantar para fazê-lo. Simplesmente não consigo, fico como que petrificada.

Vai passar. De alguma forma, tudo isso há de passar.

Meu olhar roça o bloco de facas. Assustada, eu o desvio.

Não! Não, eles não vão me derrubar. Ninguém nos derruba. Vou viver, ser

normal. Por mim, por Paula, Hannah e todos os outros!

Fico com frio, meus membros doem, mas não me levanto. Ainda estou sentada lá quando a manhã começa a clarear. Até a luz morna espiar pelas cortinas amarelo-mel. E, mesmo assim, continuo esperando.

Espero até que sejam oito e dez e Nici tenha fumado o cigarro da manhã. Só então lhe telefono.

Quando ela atende, lágrimas de alívio escorrem pelas minhas bochechas.

— E aí, Josie-Jo, está com vontade de tomar um café da manhã?

— Você tem que vir — soluço. — Por favor, venha me buscar.

— Deus, Josie, estás bem? O Michael está contigo?

— Não. Vem só, por favor.

Ela não hesita nem um segundo. — Estou aí em quinze minutos!

Capítulo 15

Toca à campainha. Não consigo abrir.

Mas oiço passos na escada. Talvez algum dos vizinhos se tenha voltado a esquecer de trancar a porta do prédio?

Batem à porta do meu apartamento. Não consigo abrir. Mas ainda não está trancada.

Os passos aproximam-se. Já estão no corredor! Encolho-me ainda mais no canto.

A porta da cozinha abre-se. Solto um gemido.

— Josie? Josie!

Nici se joga em mim como uma tempestade de verão. Uma trovoadas de verão que promete salvação. Sinto as mãos quentes dela em minhas faces e o olhar preocupado, se cravando fundo em mim.

— Você está gelada.

Assinto. Aos trancos e barrancos, como um robô. — Acho que estou em choque — digo, quase rindo com o diagnóstico tão competente quanto caseiro.

— Eu também acho — Nici murmura, se afastando de mim. Pouco depois ele volta com uma manta. — Me dá seu braço.

— Por quê?

— Trouxe uma coisinha do trabalho. Vai, dá cá.

Faço o que ela pede e fico olhando, fascinada, para a dobra do meu braço e para a agulha que, pouco depois, desaparece ali.

Passam minutos. Ou talvez apenas segundos. Minha noção de tempo não é mais o que costumava ser.

Meu coração desacelera e de repente me dou conta de que estou com fome e de que estou exausta.

— Melhor?

Aceno. — O que é isso?

— Um calmante. Pelo que te ouvi, achei que ia ter um gosto bom.

— E você conseguiu simplesmente trazer isso com você?

Ela torce um sorriso. — Esclarecemos isso quando você tiver um pouquinho de cor nas bochechas de novo, ratinha. Anda.

Me ajuda a levantar. Com um daqueles jeitos especiais com que normalmente se ajuda pessoas idosas a sair da cama.

De pijama e com minha manta do sofá nos ombros vou tropeçando, ao lado de Nici, até o quarto. Sem reação, apenas vejo como ela puxa a velha mala de viagem debaixo da cama e coloca algumas peças de roupa dentro.

Estou tão cansada, minhas pálpebras pesam.

— Nada de dormir, ratinha. — A voz de Nici me faz pular. — Fica mais um pouquinho acordada. Já vai poder dormir.

Confere outra vez se não deixei placas do fogão ligadas, leva-me até à porta de casa e fecha à chave atrás de nós.

— Você traz seu telefone? — ele pergunta enquanto descemos as escadas.

Ergo-o. Ele ainda está grudado na minha mão como se estivesse cimentado. A qualquer momento temo que toque novamente. Felizmente, o calmante está fazendo um efeito tão bom que não o jogo fora.

O carro de Nici está parado em ponto de parada proibida. Enquanto ela me direciona para a porta do carona, uma janela se abre no prédio ao lado.

Estremeço antes mesmo que a voz estridente se faça ouvir: — Leve essa mulher de uma vez ao psiquiatra!

É a tia das lixeiras. Aquela que faz o dragão da administração do prédio, lá na administradora.

Nici estaca. — Como você disse?

— Já é a segunda vez que ela chama a polícia e eles precisam arrombar uma porta! Pra isso que eu pago impostos, né.

— E você os paga para quê, afinal? Feche a janela e esconda essa sua tromba invejosa antes que eu suba! E aí, sem impostos!

— Nici! — Meu grito sem fôlego se perde com o estouro da janela se fechando.

Nici resmunga. — Já calculava, sua bruxa — acrescenta, mais baixo, e me empurra para o banco do carona.

— Você é impossível — ralho, mas não consigo esconder uma boa dose de admiração. Queria ter a coragem da Nici.

A viagem passa diante de mim como uma sucessão de cores desbotadas. No rádio toca rock. Não é realmente meu estilo, mas me acalma porque cheira a Nici, e Nici significa segurança.

Na porta do prédio, ela me ajuda a sair do carro e me leva para o porão, onde mora. Cheira a vapor de cigarros eletrônicos e detergente. Cheira completamente diferente da minha casa e, pela primeira vez, estou feliz.

Com decisão, ele me empurra para a cama desfeita dela. — Agora você vai dormir, está bem?

— Está — digo, obediente, e não consigo me livrar da sensação de que, sem a injeção que ela me deu, eu estaria bem mais relutante.

— Boa menina. Dorme bem. Quando você acordar, isso vai cheirar a pizza e começar de novo. Prometido.

Nici não mentiu. Cheira a pizza quando abro os olhos. O grande relógio de parede marca 17h15. Sinto como se tivesse me enfiado debaixo de um caminhão. Duas vezes.

— Olha, tem alguém acordando! — dá para ouvir da pequena cozinha aberta, onde vejo Nici se mexendo de um lado para o outro.

— Por que está tão tarde? — me aborreço, pastosa.

— A coisa do tempo tem uma explicação física bem complicada. Tem certeza de que já quer ouvir isso?

— Provavelmente não — digo abaixo e me liberto do emaranhado da manta descomposta.

Mal fico de pé, Nici aparece e enfia uma xícara de chá morno em minhas mãos. — Aqui. Tudo de uma vez, isso acorda. — Sorri, a incentivando. — Como você se sente?

— Esmagada.

A alegria de viver, que ela costuma usar como escudo, estala. Ele se senta na minha frente, na mesa da cozinha, o olhar preocupado cravado em mim, a testa levemente franzida. Você quer uma resposta detalhada, mas como eu explico o que nem eu entendo?

Minhas mãos ainda tremem um pouco e tenho o gosto do medo na língua.

— O que aconteceu, Josie? — pergunta baixinho. Meu olhar foge para a janela. Mesmo aqui, na casa de Nici, sinto que alguém me observa. Engulo em seco e, então, finalmente consigo arrancar as palavras, num sopro que mal se ouve.

— Eu ... não sei o que vi — começo, hesitante. Minha voz soa estranha para mim, como se viesse de muito longe. — Tinha uma mulher lá, martelou no vidro. E gritou, Nici.

Primeiro, aos trancos e barrancos; depois, cada vez mais rápido, conto o que vivi, sem deixar nada de fora. As sobrancelhas de Nici se juntam. Ele engole em seco, mas não diz nada; limita-se a me deixar continuar.

Ainda assim, a incerteza dentro de mim cresce, as palavras fogem do meu controle. Me sinto tão perdida e, embora lá fora o sol já tenha nascido há muito tempo, a escuridão aqui dentro insiste em não ceder. Quando termino, fico esperando, ansiosa, o veredicto dela.

Demora para chegar. Muito.

— E se eu estiver realmente enlouquecendo? — pergunto, então.

Nici balança a cabeça. — Você? A personificação da razão e da racionalidade? O que quer que estivesse lá fora, você se saiu bem. Você tirou fotos, chamou a polícia e não chegou à janela. Protegeste-te. Foi inteligente e corajoso.

Deixo as palavras dela ecoarem em mim. O medo ainda está aqui, sim, mas não parece mais tão todo-poderoso, tão invencível. — Mas ...

— Mas eu tenho que te confessar uma coisa — ela termina minha frase e agarra minha mão. — Não sei como to dizer com cuidado nessa situação, por isso te digo sem rodeios. Há algumas semanas eles roubaram minha casa.

Pisco, sem saber o que fazer com a informação.

Devias estar preocupada.

Eu sei, Paula. Mas parece tão distante.

Nici conseguiu material do bom ...

Nici aperta minha mão e assim me puxa de volta ao aqui e agora. — Entre outras coisas, roubaram um álbum de fotos onde havia fotos nossas.

Balanço a cabeça. — O quê? Quando? — consigo articular, por fim. — Por que você não me contou nada?

— Eu não queria te deixar ainda mais insegura. Você já tinha o suficiente com o divórcio e tudo mais. Achei melhor não te sobrecarregar mais.

Não me sobrecarregar mais? Sério que ela acha que eu sou tão frágil assim?

Você está sentada na cozinha dela porque hoje à noite você teve um colapso nervoso.

Dispensio que você me lembre, Paula.

Ao que parece, não.

— Não me pareceu tão importante — Nici continua. — Mas agora ...

— O que mudou? — pergunto, enquanto tento entender o alcance dessa nova informação.

Nici inspira fundo. — Achei que tinha sido só coincidência, nada mais que um assalto comum. Mas quando você me contou hoje o que aconteceu com você ... Eu não sei, Josie. Tenho a sensação de que está tudo conectado — diz, num murmúrio.

Um arrepio percorre minhas costas. O álbum, com tantas lembranças – as férias juntas, festas, fotos improvisadas –, agora está nas mãos de alguém que não tem boas intenções. De súbito, tudo parece ainda mais sinistro. O álbum, os incidentes estranhos no meu apartamento, as ligações constantes ...

— Temos que descobrir quem está por trás disso — digo, meus pensamentos fervilhando. — Isso não pode ser coincidência, Nici. Alguém está brincando comigo um jogo doentio.

Nici acena. — No momento, eu também acho isso.

O medo, tão bem abafado pelo remédio de Nici, bate na porta novamente, tímido, mas eu o empurro para longe. Porque, ao mesmo tempo, sinto uma nova determinação nascendo aqui dentro.

— Tenho que saber o que está acontecendo – por que alguém me colocou na mira.

— E vamos saber. Você sempre foi alguém que trabalha com o que vê, e que tira conclusões lógicas. Assistindo Crime, depois de cinco minutos você já sabe quem é o culpado. Não porque você é uma mestre da dedução, mas porque você sabe como os roteiristas trabalham! Vês além das coisas!

Meus ombros, crispados, descem com um formigamento que puxa para baixo, e, pela primeira vez desde aquela noite horrível, sinto minha cabeça clarear um pouco. — Certo — digo, com a coragem crescendo. — Eu vejo além das coisas. Sei catalogá-las, enquadrá-las, reconhecer padrões!

— É exatamente isso! Você tem faro para o que está acontecendo.

Encho meus pulmões. — Se eles não acreditarem em mim, então eu procuro as provas! Eu não estou enlouquecendo. Alguém quer que eu enlouqueça!

O sorriso de Nici volta. — E quando você descobrir quem é, eu vou lá e transformo sua vida em um inferno. Ninguém mexe com minha melhor amiga e sai impune.

Eu solto uma risada baixa. Você se sente estranho, mas também libertador. — Excepcionalmente, eu não ia te parar.

Nici sorri de lado. — Essa é minha Josie. Afim de pizza?

Assinto. —E como!

Então, começo a repassar mentalmente os possíveis próximos passos. De repente me ocorre uma ideia. — As câmeras! Nici, você acha que dá pra hackeá-las? — Respondo logo para mim mesma: — Com certeza dá! Foi o Leon que as instalou. Se alguém sabe se eles são manipulativos, é ele.

Olho em volta procurando até Nici me empurrar meu celular. Fico a encarando, intrigada.

Ela dá de ombros. — Caiu em você quando você estava dormindo. Além disso, seu tio ligou. Eu disse a ele que você não estava bem, que estava comigo, e ele veio aqui pegar a chave do seu apartamento. Disse que cuida da casa até você ficar bem de novo.

— Aham. — Estendo a mão para meu telefone.

— Seu tio é bem mandão, alguém já te disse isso?

— Já, muitos. — Meus dedos tremem levemente enquanto disco o número de Leon, mas me forço a manter a calma.

O toque se arrasta, meu coração acelera. Finalmente, depois de uma eternidade, ele atende. — Ei, Josie, eu, é ...

— Eu tenho que te perguntar uma coisa. É urgente, — corto-lhe a palavra, a esforçar-me por manter a voz firme e calma. — É sobre as câmeras que você instalou na minha casa. É possível que elas tenham uma falha ou que tenham sido manipuladas?

Fica um momento em silêncio. — Que tipo de falha?

Conto a ele os acontecimentos estranhos da noite passada e também o SMS e a ligação. Enquanto falo, ouço ele inspirar com força várias vezes.

— Aquilo às vezes pode ter problemas de armazenamento, mas então as gravações simplesmente faltariam. Que algo fique registado de forma errada, não dá. A não ser que a hora esteja mal definida e os ficheiros sejam guardados com o carimbo temporal errado. Pode ser que a mulher arrepiante apareça meia hora antes ou depois. Ou até 24 horas depois. Depende de quão errada está a hora. Viste ...

— Eu vi tudo. Tudo! Ela não aparece em lado nenhum. As luzes azuis da polícia estão na gravação, exatamente à hora a que eles lá estiveram. Portanto, não é isso.

Longo silêncio. — Tens a certeza de que ...

— Eu vi essa mulher, Leon! Ela. Esteve. Lá!

— Está bem, está bem. Eu acredito em ti. Mas ... — hesita durante um bom bocado.

Fico com um aperto no estômago. — O quê?

— Se a mulher estava lá e não aparece nas câmeras, então ou é um fantasma, o que é improvável, ou alguém realmente mexeu nas gravações. Não seria tão difícil. A questão é só: por que é que alguém havia de fazer isso?

— Por que motivo alguém me enviaria uma réplica do colar da minha irmã gêmea morta? — devolvo. — Isso agora é o que menos importa. Você consegue descobrir se alguém mexeu nas gravações e, se sim, quem?

— Irmã gêmea morta? O quê?

— Não interessa. Consegues?

— Isso ia precisar de tempo. E de outro equipamento. Mas claro, dá pra conferir. Pelo menos, se alguém o fez. Se além disso eu posso te dizer quem foi, depende de quão bom é quem fez.

— Você verifica isso por mim? Eu percebo que dá muita trabalhadeira. Eu te pago, obviamente, o tempo.

— Não me pagas nada! Também me interessa perceber o que é que se passa.

— E quando é que terias tempo para isso?

— Amanhã? Depois do trabalho. Lá para as quatro e meia da tarde posso estar aí.

— É provável que eu já lá esteja.

Do outro lado fica um instante em silêncio. — Como assim, já lá estar?

— Quero dizer, já lá estarei nessa altura.

— Não estás a pensar voltar a dormir aí tão depressa, pois não?

Embora a ideia me arrepie, aceno com a cabeça. — Na verdade, estou. É o meu apartamento, e eu gosto dele.

— Não é isso que está em causa.

— Não me vou deixar correr daqui tão facilmente. Provavelmente é exatamente isso que a pessoa por trás disto tudo quer conseguir.

O suspiro de Leon soa um pouco como o de um pai tentando colocar juízo na filha rebelde. — Coragem e estupidez não andam tão longe uma da outra, Josie. Eu sei que você é uma mulher forte, e admiro isso, mas fique, se possível, com essa Nici. Ou leve-a contigo. Alternativamente, também posso dormir lá. Se precisar, fico no corredor, num colchonete.

A proposta é tentadora. Bem, o colchonete menos, mas Leon ... Ainda assim, não posso dizer que sim. Por mais que ele ache que gosta de mim, não quero arrastá-lo para esse caos sem necessidade.

Ele interpreta meu silêncio exatamente como deveria, porque ele suspira novamente. — Não quero me impor, mas, por favor, Josie, não durma aí sozinha. Vá, se for preciso, ao abrigo de animais de Ella e durma na sala comunal. Mas não no seu apartamento.

O abrigo de animais! Não consigo evitar sorrir. — Isso te consolaria se eu tivesse reforços, é?

— Foi o que acabei de dizer, não foi?

— Ótimo, então eu arranjo reforços.

— Aha ... Você vai chamar os X-Men? — O subtom em minha voz o deixa audivelmente desconfiado.

— Algo assim. Obrigada, Leon. Até amanhã.

— Você me diz ainda, quem?

— Te mando uma foto mais tarde.

— Okaaay.

— Obrigada por me ajudar. Não vou esquecer.

— De nada. Até já.

Depois de desligar, percebo que Nici me olha com os olhos semicerrados.

— Que foi? — pergunto, embora na verdade não queira saber a resposta.

Ela hesita um momento, como se procurasse as palavras certas. Então ele me olha diretamente nos olhos. — Eu sei que você confia em Leon. Mas você tem certeza de que ele é a pessoa certa para esclarecer isso?

A pergunta me pega de surpresa. — Leon instalou as câmeras, — eu respondo automaticamente. — Se alguém sabe se eles são manipuláveis, é ele.

Nici ergue uma sobrancelha e se recosta levemente, sem deixar de me observar. — Precisamente. Ele é que as instalou. E se ele ... enfim, e se ele tiver mais a ver com isso do que você pensa?

Um desconforto arrepiante percorre minhas costas quando considero a possibilidade. — Ele não faria isso, — eu me escuto dizer.

— Eu não estou dizendo que é ele, — Nici responde com voz suave. — Mas pensa, Josie. Você confia nele porque é quem entende de tecnologia. E se justamente isso for um problema?

Balanço a cabeça, tento afastar a ideia, mas as dúvidas se instalam. — Mas por que ele deveria? Ele não iria ...

Eu me calo, porque sei que não há uma resposta clara. A verdade é que não vejo Leon nesse papel — e é justamente isso que torna a situação tão inquietante.

— Talvez eu esteja errada, — Nici diz e pousa uma mão tranquilizadora em meu braço. — Mas você está muito vulnerável agora, Josie. Você deve estar preparada para tudo até voltar a saber em quem pode realmente confiar. Talvez seja uma boa ideia você pedir uma segunda opinião. Alguém que não esteja tão por dentro do assunto.

A possibilidade de Leon não ser tão confiável quanto eu pensava realmente me inquieta. Mas a sugestão de Nici faz sentido. — Eu vou tomar cuidado, — eu prometo, enquanto lentamente começo a perceber que, nessa situação, ninguém está acima de qualquer suspeita.

Nici se inclina para frente e me olha seriamente nos olhos. — E não se esqueça: eu estou aqui e não vou te deixar sozinha.

Volto a acenar. — Vamos terminar de comer. E então eu tenho que ir buscar algumas coisas.

Comemos e depois a Nici, que deve estar arrasada, vai comigo fazer compras. Conseguimos o maior quadro branco que a loja local tem a oferecer. Não é nem um pouco grande o suficiente, então pegamos quatro. Depois de hoje ter cancelado, pela primeira vez desde que a dou, minha formação por motivos pessoais, ponho mãos à obra. Quando Nici, a certa altura, cai esgotada na cama, eu começo, munida de alfinetes, vários marcadores e fio vermelho, a escrever tudo o que nos últimos dias aconteceu.

As primeiras aparições da mulher, a janela danificada, o colar falsificado de Paula, a ligação de Michael, a foto minha e de Leon, o comportamento estranho de Frank, as ligações anônimas e o carro arranhado.

Nici acorda no final da noite e se junta a mim, curiosa.

— Alguém quebrou um vidro seu?

— Não. Só o danificou.

— Sim, pronto. Mas, por que você não me conta essas coisas?

— Se eu te ligasse a cada incidente, você já não dormia nunca mais.

Ela resmunga algo ininteligível. — Que tal se nós duas formos dar cabo do seu fantasma? Ainda tenho alguns dias de férias. Se eu também a vir, os bófias vão suar para te tomar por louca.

— Eles percebem logo é que te falta um parafuso.

Ele me dá um tapa carinhoso no ombro. — Vaca estúpida. Isso foi um sim?

— Não, tens tão poucos dias de férias e queres ir à Suécia no verão.

— Achas mesmo que te vou deixar na mão só porque marquei uma viagem à Suécia?

— Já tenho outra ideia.

— Aha, não me digas, que se chama Leon.

— Não. Não se chama.

— Ótimo. Mas não seria mesmo problema nenhum, Josie-Jo.

Demoro-me a responder. — E se tu não a vires?

— Então trato de te internarem na clínica psiquiátrica mais fixe e mais cara que a Europa tem para oferecer.

Se ela esperava que eu me risse, espera em vão. — Isso não tem piada!

— Tu não estás maluca, Josie!

— Vamos ver.

Capítulo 16

NICI acabou dormindo no sofá, enquanto eu passei a noite, em turnos de café e chá preto forte, diante de meus quadros brancos. Na verdade, não avancei muito, tirando o fato de que decidi que não vou me deixar fazer de boba. Nem por Michael, nem por um psicopata que aterroriza minha vizinha e me manda ordens por SMS.

Mando uma mensagem para Nici e saio de casa logo após o nascer do sol.

Embora o bairro dela fique bem fora do caminho, me sinto seguro. O sol anuncia a proximidade da primavera, as casas do loteamento são bem cuidadas e as ruas têm pouco movimento. Quase posso acreditar que hoje vai ser um bom dia. Mas ainda não me atrevo a acreditar demais. A soberba anda sempre à frente da queda.

Pego o primeiro ônibus em direção ao centro e, de lá, a linha para casa. Na minha rua, um aperto no estômago me bate, mas a casa da vizinha está silenciosa, assim como a onde fica meu apartamento. Ainda assim, não subo; vou direto na garagem pegar o carro. Não há nada preso ao limpador de para-brisa, a câmera aponta intacta para a vaga de estacionamento. Talvez a tática de vigilância tenha realmente surtido efeito.

A caminho do canil, espero que os bombons que vi na cozinha da última vez ainda estejam lá. O café da manhã já está muito atrasado.

Ao chegar no canil, estaciono bem na porta, com medo, confesso, de ver um carro arranhado com “Josie é louca” escrito em cima.

Claro que não tem nada disso. No entanto, além do Ford Focus da Ella, não há outro carro estacionado. Em compensação, encontro Ella no corredor, em frente ao escritório.

— Ainda bem que você está aqui — a cumprimento.

— Josie ... — ele sorri para mim — ... eu não fazia ideia de que você estava vindo hoje.

— Também não era pra. Para ser sincero, tive uma ideia meio maluca.

— Você e ideias malucas?

— Sou mais rebelde do que pareço, na maioria das vezes — digo com um sorriso cansado. — Na verdade, é a respeito de Luna. Acho que realmente é hora de enviá-la para adoção, mas não estou avançando com ela como gostaria. Por isso pensei em levá-la para minha casa por alguns dias, se para você estiver tudo bem? Então eu poderia fazer várias sessões curtas de treinamento com ela. Não a sobrecarregava tanto.

— Se é isso que você quer fazer, vá em frente. O canil me faz falta de qualquer maneira. Zotti, lá fora no recinto com os outros, não está nada feliz.

— Mas não posso te prometer por quanto tempo.

Ela faz um gesto de descaso. — Eu sei. Mas você também sabe o quanto agradecemos cada família anfitriã. E se, com isso, Luna finalmente encontrar uma família, todos saem ganhando.

— Ótimo. Vim de carro, posso levá-la comigo agora.

— Agora mesmo?

— Há algum problema?

— Não... só ... não. Mas vê, por favor, a pauta de novo. Na hora do almoço Susanna vem, porque alguém porque alguém vem conhecer um dos cachorros. Não acho que seja sobre a Luna, mas confirma, por favor.

— Eu vejo. Obrigada.

— Pega ração daqui! Não vá comprar — grita Ella atrás de mim.

— Não é preciso.

— É, sim, nem pio.

Balanço a cabeça. Para quem ajuda tanta gente, Ella recusa com uma eficácia impressionante qualquer tipo de apoio.

Do depósito de ração, onde fico imediatamente corado ao ver o palete de areia para gatos, trago um carrinho de mão com um saco de vinte quilos de comida seca e duas tigelas novas.

O que era para ser apenas um substituto de Leon e Nici acaba me enchendo de entusiasmo, inesperadamente. Michael nunca quis animais de estimação, embora eles com certeza dessem alguma vida àquela villa estéril. Levar Luna comigo para casa agora quase tem gosto de um acerto de contas tardio.

A cadela marrom-chocolate já está na porta do canil, balançando o rabo de alegria.

— Então, pequena, como você está? Preparada para uma aventura?

E se está. Como se lesse os meus pensamentos, apoia as patas da frente na porta do canil, ergue-se e ganindo de entusiasmo.

Ponho-lhe a horrível coleira de couro cor-de-rosa e espero que ninguém na cidade pense que fui eu que sujei a pobre cadela com aquele acessório.

Good Girl ...

Fico a olhar algum tempo para o bordado, depois abano a cabeça e prendo a trela.

— Vá, vamos lá. Devagar, Luna! Devagar!

Ela põe-se a meu lado, a passinhos curtos, enquanto fecho a porta do canil. As unhas tilintam no chão de ladrilhos, enquanto ela corre, entusiasmada, na direção da saída.

À porta do escritório, porém, tenho de a travar outra vez. — Devagar, minha

menina, temos de registrar a tua saída, senão ninguém sabe que o teu canil fica livre.

Ela parece perceber, e se senta ao meu lado, impaciente, enquanto me sento no lugar de Ella e registro a saída de Luna no mapa de ocupação. É uma papelada louca, embora Luna nem vá ser adotada, ela só vai ficar comigo temporariamente.

Um remorso se apodera de mim, e espero que a cadela não espere demais dessas suas “férias” comigo. Por mais que eu goste dela e por mais que, neste momento, eu precise dela, não posso ficar com ela para sempre. Para isso ainda não estou estável o suficiente.

Quando finalmente consigo colocar o PC no modo de economia de energia novamente, meu olhar cai no quadro branco. Aliviada, me pego notando que a nota “ir tomar banho com Paula” sumiu.

O alívio dura pouco, porque, do outro lado do quadro, agora está escrito, com a mesma letra: “Paula não quer tomar banho. A água traz a morte.”

Fico logo enjoada. Pisco e fico olhando aquilo por segundos, mas é exatamente isso que está escrito ali.

— Ella!

Meu chamado deve ter soado tão urgente que Ella, que normalmente não se deixa mandar por ninguém, irrompe na sala logo depois. — O que foi? Está tudo bem?

Aponto para o quadro branco. — O que está escrito aí? Lá em cima, no canto?

Ella franze a testa, os lábios mal se movendo. A voz sussurrada ecoa pela sala como um trovão. — Paula não quer tomar banho. A água traz a morte. — Ele se vira para mim. — Foi você que escreveu isso?

— Não! De onde isso apareceu? — Minha voz soa um pouco — ok, muito — histérica.

— Não sei. Mas, acima de tudo, o que isso significa?

— Temos algum cachorro chamado Paula aqui?

— Não.

— Um gato? Uma cobaia?

— Não, Josie, não temos ninguém chamado Paula aqui.

— Então quem escreveu isso? De quem é essa letra?

Ella tira, sem saber o que dizer, o celular do bolso — a tela rachada em mil lugares — e fotografa a escrita.

Meu único consolo real é que ela pode vê-la.

— A minha não é. E nem a do Leon. Vou perguntar por aí. Não preciso de brincadeiras assim. Essa casa já é caótica qb — Sabe o que isso quer dizer?

Balanço a cabeça. A verdade é veneno. Ele se instala em minhas veias e torna difícil respirar. Dizer a ela, é impossível, embora, ao mesmo tempo, eu queira correr, chutar e gritar.

— Josie, você está tão pálida quanto uma morta.

— Sim, sim, eu dormi mal. Temos que ir. Quero mostrar tudo para Luna. Vamos, Luna!

Saio da sala em retirada, e logo depois do canil. Por pouco não esqueci o equipamento.

Com gestos descoordenados, vasculho os arredores do estacionamento com os olhos, mas não há ninguém lá.

Luna, apesar de visivelmente afetada pelo meu humor, pula obediente no porta-malas. Eu prendo, sem muita convicção, a rede de segurança entre o teto e o encosto do banco de trás, para Luna não pular por cima. Aí fecho o porta-malas, vou pegar a ração e as tigelas e entro no carro. Arranco depressa demais do parque, a caminho da cidade.

E se for Leon?, ouço Paula dizer.

— Ele nem sabe quem você é! Ninguém do canil sabe quem você é! — contradigo em voz alta. Mais baixo, para mim, acrescento: — Mas qualquer um, se quiser, pode entrar no canil nas horas certas, com o pretexto de fazer carinho nos gatos.

O escritório também não é um bunker; quem pegar um momento tranquilo consegue se meter lá dentro sem dificuldade.

Meia hora completa sigo em zigue-zague pela cidade, sempre procurando, no retrovisor, sinais de um perseguidor. Não há nenhuns.

Só quando meu coração finalmente se acalma e Luna começa a chutar no porta-malas, eu aponto para minha casa. Na garagem subterrânea, fico muito tempo sem ousar sair do carro, mas ali também é tudo tranquilo.

O é queixume da Luna é, mais uma vez, a única coisa que me põe juízo na cabeça.

Quando chego ao porta-malas e abro, ela não faz menção de pular para fora; limita-se a farejar, curiosa. Primeiro em direção à garagem, depois a mim.

Afago-lhe agradecida o pelo curto. — Você é uma cadela que dá coragem —, digo, e não consigo evitar um sorriso, por puro humor negro. — Paula sempre dizia isso, sabia? Tio Eric deu a ele um urso-da-coragem. Achava que ela era a medricas entre nós. Mas sempre fui eu. Mesmo assim, Paula ficou com o urso, porque sabia que eu tinha vergonha de mandá-la na frente o tempo todo.

Luna faz menção, de lambar meu rosto, o que me leva, a me deixar de lado e dar espaço a ela. Ela pula do porta-malas e se sacode, satisfeita; então ela me olha, insegura.

— Então, preparada para ver minha casa? Não é nada de especial, mas com

certeza você vai gostar. — De sacola grande cheia de equipamentos e armada com a coleira, subimos.

Do tio Eric, a quem pedi que cuidasse do apartamento enquanto eu não estava, não há nada para ouvir.

— Tio Eric? Trouxe companhia. Faz-te, por favor, ouvir um instante. Tenho comigo uma cadela que é um pouquinho complicada com homens e não quero assustá-la.

Ninguém responde.

— Tio Eric?

Aquecimento borbulhando. O relógio da cozinha tiquetaqueando, mas ninguém se acusa.

— Tio Eric!

Nada.

Prendo Luna provisoriamente ao pé do sapateiro e entro no corredor com as pernas tremendo. A porta do banheiro está aberta. A luz, apagada. Na cozinha, ele teria me ouvido, então desço o corredor até a porta fechada do quarto e bato. Não seria a primeira vez que ele exagera na soneca.

Silêncio.

Abro a porta com cuidado. O quarto está vazio. Na volta, percebo, porém, que o vidro do corredor finalmente foi trocado. Tio Eric deve ter feito o síndico do prédio se mexer. Isso ele faz bem.

Também a cozinha está vazia. Na mesa de jantar, contudo, encontro um bilhete onde se lê: — Fui às compras. —

Solto o ar e me pergunto, sem querer, se ele vai comprar uma ajudante de cozinha, porque o caos ao lado da pia não tem rival. Como conseguiu, em tão pouco tempo, erguer uma torre de louça daquelas, me é um mistério. Homens!

Volto ao corredor. Luna parece insegura.

— Desculpe, pequena, já estou aqui e vamos ver tudo, está bem?

A cadela, tão corajosa em outros momentos, não se afasta um passo do meu lado, apesar de eu ter tirado a coleira. Juntas, percorremos todos os cômodos e largamos a tigela de comida dela.

Essa, claro, o agrada imensamente.

Enquanto despejo a primeira porção em sua tigela, me pego com os nervos já calmos o suficiente para passar a descoberta estranha no quadro branco do abrigo para um papel de anotações da mesa de jantar, com quase uma calma profissional, escrevendo.

Se isso continuar assim, ainda vou para os serviços secretos. Os nervos, aparentemente, crescem com os desafios, como os músculos.

— Hei de apanhar-te, seu stalker reles —, murmuro para o vazio, enquanto a Luna trinca a comida, toda contente.

A tigela mal fica vazia e ouço a porta do apartamento sendo aberta com a chave.

— Tio Eric?

— Sim, sou eu. Nem estava contando com você já.

— Espera um pouquinho no corredor, tá? Já vou ter contigo.

Agarro no saco dos biscoitos na sacola grande e saio da cozinha, cuidando de fechar a porta atrás de mim, para a Luna não vir já atrás.

O Eric está à minha frente com dois grandes sacos de compras.

— Valha-me Deus, quem é que queres alimentar?

— Ora bem, a ti. Hás de conseguir cozinhar daí qualquer coisa de jeito —, resmunga ele.

— Aha. Está bem.

— Já te sentes melhor? —, pergunta ele, pousando os sacos para se descalçar.

— Sim, de certa forma.

— Espero que tenha sido algo sério. Sabes como detesto ser posto de lado!

Volto a aplicar a tática do ignora-as-mani as dele. — Trouxe reforços comigo.

— Contra o Michael? Pensei que esse era eu.

Sorrio de leve e pego nos sacos. — Alguém com faro mais apurado e mais dentes.

— Espero bem que não tenhas comprado um cão.

Não deixa de me surpreender como o tio Eric é rápido a ligar os pontos.

— Emprestei-o. É a Luna, do abrigo. Já te falei dela?

— Não. — Nada entusiasmado, diga-se. Na verdade, nada entusiasmado mesmo.

— Temos de ver como é que ela reage a ti. Tem um passado um bocado nebuloso e, pelos vistos, um problema com homens.

— Como assim, um problema com homens? Eu sou um homem.

O olhar indignado dele leva-me a erguer as mãos. — Eu sei, eu sei, fala mais baixo, por favor. Vamos simplesmente tentar, está bem?

Estendo-lhe o saco com os biscoitos. Ele não faz menção de o agarrar.

— Eu vou na frente. O importante é que ela determine o ritmo. O melhor é você simplesmente ficar na porta e vermos se ...

Pelo visto, minha tática já não cai bem.

— Um momentinho aí —, rosna tio Eric. — Vim aqui para te visitar, não para bancar o adestrador de cães. Muito menos se a bicha for daquelas que mordem por medo.

— Ela não é bicho nenhum.

Tio Eric bufa. — Tudo bem, santo Deus, então animal. Antigamente se dizia assim.

Tento esconder a irritação pela rejeição dele. Tio Eric tem um jeito calmo. Mas tão firme quanto é nas emoções, tão teimoso também é. E, de fato, ele nunca foi um grande fã de cachorros.

— Podemos ao menos tenta...

— Não. Ela está na cozinha?

— Tá, por quê?

Ele passa por mim em direção ao corredor. — Ei, espera, o que você ...

Fico tranquila ao perceber que está a caminho do quarto. Mas vai fazendo barulho, e, na cozinha, dá para ouvir Luna latindo.

— Você chegou a perguntar ao senhorio antes de decidir isso?

— Não —, digo, enquanto corro atrás dele. — Mas no contrato diz que cães que não são de raças potencialmente perigosas são permitidos.

— Parabéns.

Começa a fazer a mala. — Tio Eric, isso é ridículo.

— Seu apartamento já é pequeno para dois. Quanto mais para compartilhá-lo com um vira-lata —, resmunga, já com um tom um pouquinho mais conciliador.

— Mas você poderia ficar até o fim do dia e ...

— Vou para o hotel de novo. Lá eu tenho sossego.

De fato, desde que passamos pela porta da cozinha o latido de Luna não parou.

— Está bem.

— Se tiver alguma coisa, liga. E pensa bem nessa cadela. Os vizinhos não vão achar graça nenhuma.

Com isso, ele sai do apartamento.

Dói-me não gritar para ele que Luna estaria muito mais calma se ele tivesse se apresentado a ela.

A porta do apartamento bate alto e eu estremeço sem querer. Minha fama de vizinha quieta e educada está mesmo indo por água abaixo.

Abro a porta da cozinha com cuidado. — Já passou, Luna. Sou só eu. —

Ela late mais duas vezes além de mim e depois se cala.

— Assim é que é, boa menina. — Deixo-a sair da cozinha e Luna marcha

direto para o corredor, onde fareja, desconfiada, as sacolas e o tapete da entrada. Rosna baixinho.

— O que foi agora? Ele já foi embora.

Só devagar o pelo arrepiado da nuca assenta, e eu começo a desmontar o Everest ao lado da pia.

Capítulo 17

LEVA quase o dia inteiro para colocar o apartamento de novo em um estado que me agrade. Sou do tipo de pessoa que, assim que começa uma tarefa, sempre descobre mais coisas para fazer. Além disso, vejo, satisfeita, que as tarefas domésticas me distraem e me devolvem um pouquinho da confiança nas minhas quatro paredes.

Luna também parece contente, especialmente depois de termos feito um belo passeio à tarde até o parque canino ao lado. Depois disso, ele dorme profundamente no cobertor favorito, que coloquei para ele ao lado da mesa de jantar.

A presença dela tem um efeito agradavelmente tranquilizador, mesmo que eu me assuste toda vez que ela se move, porque enquanto isso eu esqueço que ela está lá.

Com ela ao meu lado, me sinto um pouco mais como uma heroína em um filme pós-apocalíptico, se safando com seu cachorro, e menos como ... bem ... Josie.

Faço o jantar e só sou interrompida quando meu celular toca. A serenidade recém-encontrada vacila. É um número privado.

Atende, pode ser que você saiba de algo novo, diz Paula.

Eu não quero ...

Ai meu Deus, não quero, mas escolhi a coragem, e a Paula tem razão. Preciso de provas. Preciso de um gravador ...

Corro até a câmera no corredor. Leon me disse onde fica o microfone pequeno. Fico bem ao lado, atendo a chamada e aperto o símbolo do alto-falante.

— Sim?

— Sou eu. O que é que tu pensas, afinal ...

Michael! Então ele recebeu correspondência da minha advogada e, mais uma vez, não percebeu que não pode descontar a frustração em mim.

— Agora me escute muito bem, seu maluco! — me surpreendo com meu próprio volume. — Minha advogada vai se assegurar de que você vai parar na cadeia se não passar a respeitar, de uma vez por todas, a ordem de restrição. Esta conversa está, aliás, sendo gravada. E suas outras faltas de respeito também vou te provar. Nunca, nunca mais me ligue!

Do outro lado reina um silêncio surpreso. Pela primeira vez, vejo isso sem palavras. Depois, um estalo na linha e o sinal de chamada interrompida.

Olho, incrédula, para o celular, depois solto um pequeno grito de alegria e dou uma volta dançando. Mulheres ao poder!

Minha pequena incursão ao campo das feministas termina de forma pouco suave quando elas batem na porta do apartamento.

Meu Deus, eu realmente espero que ele não esteja aqui.

Vou, cautelosa, até o óculo da porta.

É Leon. Eu tinha esquecido completamente que ele vinha.

Depois que eu abro, você me oferece aquele sorriso terrivelmente amigável. — Eu até te daria um abraço, mas ...

Ele traz uma caixa nas mãos. Laptop, cabos e mais câmeras são as únicas coisas que consigo identificar à primeira vista.

— Quer montar um segundo Fort Knox aqui?

— Se for preciso.

Eu me afasto, e ele coloca a caixa com cuidado no corredor. Nisso, o olhar dele cai sobre os biscoitos que estão no aparador, onde Eric os havia deixado.

Ergue uma sobrancelha. — Percebo. Você já tem seu próprio Fort Knox.

— Mais ou menos. Quer ir cumprimentá-la?

Ele pega a sacola. — Claro. É Luna, não é?

— Sim, mas ela ainda está um pouquinho insegura no ambiente novo, então ...

— Já entendi. Vou com calma. Vai na frente?

Tenho que casar com ele! De certeza. Talvez não agora, mas um dia, se até lá você ainda não estiver farto de mim, não vou deixar você escapar sem uma aliança no dedo.

— Luna, querida. Vê lá quem é que está aqui. Ainda lembra do Leon?

Leon começa, baixinho, a falar atrás de mim, para Luna não se assustar, embora eu deva tê-lo cheirado há muito tempo. Sua sensibilidade coloca as borboletas no meu estômago dançando lambada.

— Então, Luna. Você ainda se lembra de mim? Eu sou o cara esquisito que sempre anda pelos corredores e passa suas fichas para o computador e fotografa você. Lembra da nossa sessão?

Entramos na cozinha. Luna está no cobertor e nos olha torto, desconfiada. Leon para na entrada e se abaixa devagar, com o olhar fixo no chão.

Mesmo assim, Luna ergue a cabeça e rosna baixo.

— Tudo bem, não precisa ter medo.

O rosnado dela aumenta de volume.

Leon tira um dos biscoitos da sacola e o rola pelo chão até ela. Embora fique bem entre as patas, ela nem cheira. Os olhos dourados continuam grudados nele. O rosnado no peito dela cresce de intensidade.

Leon continua a falar com ele em um tom tranquilizador, mas volta a recuar

um pouco.

— Talvez seja melhor deixá-la em paz por enquanto — sugere. — Posso trabalhar do corredor ou do quarto, assim ela me escuta e talvez se acostume.

— Boa ideia — digo, embora tenha que admitir que estou um pouco decepcionada.

No parque e na cidade Luna se comporta, entretanto, com tanta segurança que eu tinha certeza de que o ceticismo dela em relação aos homens ia aos poucos se esvaindo.

Acompanho Leon até o corredor e, por segurança, fecho a porta da cozinha atrás de nós. — Você precisa de alguma coisa?

— Só da senha do Wi-Fi de novo. E do seu celular, pra eu comparar com o que o app mostra.

— Está colada atrás do roteador. Você pode trabalhar na minha mesa no quarto. Quer um café?

— Quero sim.

É curioso como a presença do Leon, de forma inesperada, me parece tão natural. Da tensão que eu sentia sempre que Michael estava em casa não tem rastro. Em vez disso, realmente me dá prazer fazer café para Leon.

As palavras avisadas de Nici, de que Leon poderia ser o problema, viraram uma voz baixinha no fundo da minha cabeça. Nici sempre foi exigente com os homens. Muito exigente. Se fosse por ela, precisavam de permissão, para respirar.

Mesmo assim, é melhor prevenir do que remediar, o que me faz, em silêncio, ir na ponta dos pés até o quarto quando o café fica pronto.

A porta está só encostada. Vejo Leon sentado à minha pequena mesa, com os braços cruzados atrás da cabeça, olhando fixamente para a tela do laptop. Por segundos, você apenas fica lá.

Isso não me cheira nada bem, passa pela minha cabeça.

Eu me esgueiro três passos para trás, depois volto, de propósito fazendo barulho, para a porta do quarto e a empurro.

— E você já achou alguma coisa?

Ele se vira devagar, com uma expressão apreensiva. — Infelizmente, sim.

A xícara de café que eu ia passar para ele desce alguns andares. — Quer dizer que eu fui hackeada?

Ele acena. — Seu celular.

Felizmente, ele pega minha xícara bem nesse momento, caso contrário a bebida quente teria ido para o chão. — Por quem?

— Isso não se descobre assim tão facilmente. Pelo menos não tão depressa.

Mas vou continuar em cima do assunto.

— Mas isso faz-se assim tão facilmente?

— Dá trabalho, mas não é bruxaria nenhuma. Ele enfia-me o meu smartphone debaixo do nariz. — Vês esse ícone?

— Sim, é a minha app de meditação.

— Parece a tua app de meditação.

— O que é que isso quer dizer?

— Que alguém te enviou um link que abriste por engano. Esse link fez com que a tua app se transformasse numa ferramenta de espionagem, dando a alguém acesso ao teu telefone. Essa pessoa tem, em teoria, acesso também à app que controla as câmaras.

Ele se levanta e se coloca na minha frente. Suas mãos quentes pousam em meus ombros. — Desculpa ter duvidado de ti, mas soava tudo muito improvável e, com as tuas dificuldades em dormir e isso tudo ... Bem, achei simplesmente mais provável estares a ver coisas que talvez não lá estejam do que alguém enfiar cavalos de Troia destes a uma mulher comum.

— Mulher comum?

Ele franze a testa. — É isso que você tira desse discurso?

Dou de ombros, sem saber o que dizer. — É mais fácil, me agarrar a detalhes quando os problemas verdadeiros parecem gigantescos, — me defendo, sem convicção. Contudo, isso de pôr palas nos olhos também não é solução, por isso acrescento: — E essa pessoa tratou também de fazer a mulher desaparecer das gravações?

Leon enche o peito de ar. — Isso não consigo verificar tão depressa. Ele tinha a app aberta, de certeza, tal como quase todas as outras. Mas, para manipular material de vídeo nessa dimensão, é preciso um calibre de especialistas completamente diferente.

— Mas, no fundo, essa pessoa só precisava de apagar os trechos certos e substituir por uma gravação de um dia antes, sem a mulher a substituir, não?

— Em teoria, sim, mas isso saltaria à vista e um olhar treinado na polícia ia perceber. Estas gravações batem muito exatamente com o estado do tempo no dia em questão, com as condições de luz e por aí fora.

O meu alívio fugaz, por afinal o meu delírio poder não ser delírio, esvai-se. — Isso quer dizer ...

— As gravações podem estar perfeitamente em ordem, — diz ele. Quando me viro para esconder minhas preocupações, ele me segura com suavidade. — Eu acredito em você, Josie. A sério. Se você quiser – tenho um bom conhecido que poderia dar uma olhada nisso.

— Não quero colocar ainda mais gente nisso.

— Não era grande coisa, eu lhe copio meia hora do material em que a mulher deveria aparecer, mas ela não aparece, e eu o entrego. Não posso garantir nada, mas talvez ajude.

— Está bem. Combinado.

Ele aperta meus ombros em um gesto de consolo.

— Você vai precisar mesmo de um celular novo. Não passe dados do antigo para o novo, nem para seu notebook. Essas histórias se pegam.

— Isso já pode ter acontecido? — pergunto, preocupada, e olho para meu notebook.

— Não. Eu verifiquei. Você tem que proteger seus dispositivos urgentemente com uma senha.

— Você mexeu no meu laptop?

— Sim.

— Hum.

— Está tudo como estava.

Quero acreditar nele, e, em grande parte, acredito. Mesmo assim ... — E as câmeras?

— Elas não podem ser hackeadas, são simples demais. Eles se limitam a enviar os dados por Wi-Fi para o seu celular. O problema era o celular. Dá um grande trago no café. — Se você ainda tem um processo correndo contra seu ex, eu trataria de mandar um perito em informática forense dar uma olhada. Por isso não formatei seu celular ainda nem removi o software malicioso. Assim podem ser preservadas provas.

Resfôlego com desdém. — A polícia não me leva a sério. Eles não vão fazer nada.

— Se você mostrar a eles um troiano como esse, eles vão te levar a sério.

— Ah, é mesmo? Sabe o que vão perguntar? Não é a senhora das câmeras em casa, que acha que sua vizinha, que nem existe, está correndo perigo de vida? Ótimo, obrigada, faça o favor de aguardar, tratamos disso daqui a quatrocentos anos!

Ele ergue as mãos, apaziguando. — Você é que sabe. Só queria te deixar essa possibilidade.

Solto o ar. — Obrigada. Talvez eu faça. Amanhã, ou assim. Foi um longo dia.

— Um entre muitos, não é? Ele larga a xícara e segura meu rosto entre as mãos. — Quer que eu fique com você?

Minha boca fica seca como poeira, enquanto as palmas das mãos começam a suar. — Sinceramente: sim. Mas eu não posso trancar Luna a noite toda na cozinha, e ela estava aqui primeiro. Além disso, ela com certeza morde melhor.

Embora pareça decepcionado, um sorriso atravessa seu rosto. — Você tem mesmo certeza disso?

— Bastante.

De repente, seu semblante fica sério. — Ela morreria por você?

A convicção profunda nas palavras dele faz minha nuca se arrepiar. Dou um passo para trás. — Não fala uma coisa dessas!

Desta vez, o sorriso dele é triste. — Desculpa. Às vezes sinto tudo meio extremo.

— Sem dúvida, — eu digo. Embora as palavras dele mexam comigo em um nível mais primário, ao mesmo tempo elas me assustam. Mal o conheço.

— Então é melhor eu ir andando. Obrigado pelo café.

— Obrigada pelo seu trabalho aqui, — digo baixinho, incapaz, de me mover, enquanto ele arruma o equipamento e finalmente deixa o quarto.

Luna late.

Então ouço a porta de casa se fechando e Luna se cala.

Capítulo 18

Nas duas noites seguintes, tudo fica quieto. Fico muitas vezes na janela, por longos minutos, fitando o prédio em frente, mas nada se mexe. Nenhuma figura aparece, não há chamadas, nem SMS que possam me deixar os nervos em frangalhos novamente. Só Luna, que se encosta na minha perna e lambe minha mão, como se sentisse meu nervosismo e quisesse dizer: — *Ei, eu estou aqui, não é tão ruim assim.*

No fundo, ela até tem razão. É como se tudo tivesse sido um assombro que de repente se desfez. Em vez disso, são outras coisas que me mantêm acordado. O silêncio do meu quarto, apenas interrompido pela respiração suave de Luna, acaba me oprimindo.

Os meus pensamentos andam às voltas. Simplesmente não consigo desligar. Vejo, vezes sem conta, a janela vazia diante de mim, como se quisesse trocar dos meus medos. Tento, a acalmar-me, a convencer-me de que o pesadelo passou. Mas, cá dentro, fica a pergunta: será mesmo assim?

Quando já não aguento ficar quieta, vou para o meu escritório, onde pendurei os quadros brancos cheios de rabiscos. Sempre que passo pela janela do corredor, não penso só na mulher desconhecida, mas também no Leon. Como a Luna está comigo, não a posso convidar. Mesmo que a fechasse na cozinha, ela ia aperceber-se da presença do Leon e ladrar o tempo todo. Tal como fez com o tio Eric. Além disso, não teria coragem de a deixar sozinha para ir encontrar-me com o Leon.

Na última ligação, ele sugeriu que nos encontrássemos no parque. Ele, eu e Luna. Afinal, ela tem que se acostumar com suportar homens por perto. No começo eu recusei, mas ele não desistiu, então acabei concordando em me ver com ele amanhã. Mas mesmo assim não sei se estou fazendo o que devo.

Na manhã depois da segunda noite, um novo sentimento se infiltra em minha consciência: inquietação. Não por mim, mas pela mulher que vi. Quanto mais penso nisso, mais cresce o medo de que ela não tenha simplesmente desaparecido, mas de que algo terrível possa ter acontecido com ela. Ela pediu ajuda. E se algo aconteceu com ele? E se quem ligou te fez mal? E se ele realmente a tiver assassinado? A ideia não me larga.

Penso brevemente em chamar a polícia, mas já fiz isso tantas vezes.

As fotos borradas, a janela vazia — como se tudo existisse apenas na minha cabeça. Não tenho mais forças para ser ignorada novamente, para ser carimbada como histerica de novo. E se dessa vez eles realmente acreditam que eu enlouqueci?

As palavras de um dos policiais também zumbem na minha cabeça. — Ligue de novo só quando tiver certeza de que viu alguma coisa ...

O que eu faço, Paula?

O que você sempre fez. A dois é mais fácil ser forte.

Acha que preciso de testemunhas?

Não fazem mal, não é?

Luna parece não gostar do meu diálogo mudo. Ela se enrosca em mim e solta um ganido baixo, como se quisesse me mostrar que está aqui, pronta para enfrentar tudo comigo. Sua presença me dá coragem. Não estou sozinha — tenho Luna e Nici.

E a Paula.

Arrisca.

Como assim?

Recupera o controle da tua vida. Toma as rédeas. Em vez de se decepcionar novamente com a polícia, aja.

Aceno com a cabeça. Não é essa a solução óbvia? Algo que eu deveria ter feito há muito tempo?

Luna me segue trotando quando vou até o telefone, as patas batendo de leve no chão. Ele sente minha inquietação, percebo pela forma como me observa, com as orelhas erguidas.

— Nici? — Minha voz treme quando finalmente a pego.

Luna me dá um tapinha com o focinho, os olhos quentes pousados em mim, e eu me sinto um pouquinho mais corajosa.

— Josie? O que se passa? — Nici logo soa preocupada.

Pouso uma mão na cabeça de Luna, sinto seu pelo macio sob seus dedos. — Não aconteceu nada. Só não consigo dormir e você disse que eu poderia ligar ...

— Claro que sim, afinal eu sou o sonho das suas noites em claro, não sou? Ela solta uma risadinha, e eu acabo sorrindo também.

— Eu te decepcionaria se fosse outra mulher a me manter acordada?

— Você a viu de novo?

— Não, justamente não. — Mal digo isso, percebo como soa irracional. Tanto desejei que o assombro acabasse. E agora, que aparentemente passou, me deixa quase tão inquieta como se ainda estivesse vendo a mulher.

Luna se encosta em mim, como se quisesse me dizer que hesitar não me leva a lugar nenhum. Então eu conto a Nici meus medos e como a ideia de que algo horrível aconteceu no prédio da frente não me deixa mais.

Nici fica um instante em silêncio, mas eu a ouço se mexendo e um farfalhar. — Tudo bem, Josie-Jo. Eu vou. Vemos isso juntas.

Um alívio me atravessa, seguido de uma nova coragem.

— Obrigada, Nici, sério.

— Vai, deixa disso. Vais pagar-mas. E bem. Você vai me levar ao Four Seasons.

— Você acha aquilo caro demais e as porções ridículas pelo preço — lembro a ele, sorrindo de lado.

Continua a me surpreender como ela consegue me fazer melhor tão rápido.

— Então vamos ao cinema. Com pipoca. E coquetéis a seguir. Afinal, você é a das duas que ficou rica com o divórcio.

— Combinado.

Enquanto espero por Nici, Luna se senta ao meu lado. Quando, pouco depois, a campainha toca, ela pula de pé, as orelhas se movendo, e rosna baixinho, correndo para a porta.

— Está tudo bem, menina — sussurro para ela.

Quando Nici aparece na minha frente e nos cumprimentamos, como sempre, com um abraço, parte da tensão acumulada ao longo dos últimos dias desaba de cima de mim.

Nici me estuda, depois de soltá-la. — Temos mesmo que ir às compras de novo. Suas olheiras estão gritando por um corretivo. — Inclina a cabeça. — Ou arranjamos para você um daqueles moletons gigantes com forro de pelúcia por dentro. Tem uns com orelhas de panda.

Não consigo evitar o sorriso. — Eu quero mesmo saber como você sabe disso?

— Provavelmente não. Mas, só pra você não dizer que nunca avisei: fico um mimo com aquilo vestido.

Ele primeiro deixa Luna cheirar sua mão, depois se agacha para coçar atrás das orelhas.

— É impressionante como ela fica pacífica, desde que não haja nenhum homem por perto — observo, mais uma vez.

Nici ergue o olhar. — A propósito de homem, você tem ouvido alguma coisa do Leon?

— Conversamos ao telefone — admito em voz baixa, me viro e finjo estar endireitando a cama de Luna. — E nos encontramos no parque.

— Você foi até ele? Sozinha? — Balanço a cabeça, rápida. — Era um lugar público e Luna foi comigo.

— Achei que ela não tolerasse homens por perto — pergunta Nici, e me parece que ela estreita os olhos. Mas deve ser só da luz.

— Mais cedo ou mais tarde tem que se acostumar, se é para ser adotada. Eu gostava era de não soar tão defensiva. — E Leon já a conhece. Até correu bastante bem. Ela ficou excitada, rosnou, mas não puxou a coleira nem tentou pular nele. Provavelmente porque ele permaneceu a dois metros de nós, mas é um começo.

— Bem, pelo menos isso.

— Aliás, no grupo de ajuda mútua, Luna também se comportou bem. Frank não apareceu novamente, então não houve problema com Luna. E trouxe biscoitos para você. Hannah fez isso e cada um de nós trouxe um saquinho. Tens de as provar. E ...

— Respire, Josie-Jo. — Nici pousa as mãos em meus ombros. — Você está tagarelando.

Baixo a cabeça. — Estou nervosa — admito então.

— Por quê? Sou só eu.

— Nem eu sei direito.

— Pronto, então vamos logo as duas ali em frente ver como estão as coisas — diz ela, com aquela sua determinação tranquila.

A desenvoltura de Nici é contagiosa, então eu aceno. — Eu gostaria que Luna pudesse vir — murmuro ainda, enquanto faço tapinhas na cadela mais uma vez.

Nici aperta de leve meu ombro e me oferece um sorriso encorajador. — Luna aqui está segura, Josie. E toma conta do seu apartamento enquanto formos lá em cima. Pronta?

Respiro fundo antes de acenar. — Pronta, quando você estiver.

Um minuto depois, estamos do lado de fora do meu prédio. O prédio do outro lado da rua parece ainda mais opressivo no crepúsculo do que o normal. As janelas nuas e a fachada muda parecem nos observar enquanto atravessamos a rua.

Meu coração acelera quando chego à porta de entrada. Quase espero que o dragão do administrador do prédio escancare a porta, mas nada disso acontece. Por um instante, me pergunto se será um sinal. Mas de quê? Um “Nem pense em seguir em frente” ou um “Veja, estou abrindo caminho para você”?

Com as mãos trêmulas, agarro a maçaneta e a carrego devagar para baixo.

Para minha surpresa, a porta não está trancada. Ao ruído suave de arrastar, quando a abro, um arrepio percorre minhas costas. Encho meus pulmões de ar, entro no saguão e fecho a porta atrás de mim. Ao meu lado ouço a respiração baixa de Nici, que me ajuda a me acalmar.

A escuridão e o silêncio da escada nos envolvem. Só o leve rangido dos velhos degraus de madeira sob nossos pés nos acompanha, enquanto vamos, Tateando, com cuidado, para cima.

— Se você ver alguma coisa, me diga logo, está bem? — sussurra Nici.

— Prometo. Tento acalmar minhas mãos trêmulas enquanto chegamos ao segundo andar, de onde vi a mulher tantas vezes.

Encosto o ouvido na porta para escutar e ela se abre para dentro, sem um som.

Quase perco o equilíbrio; só o agarrão rápido de Nici impede que eu caia.

Trocamos um olhar e ela dá de ombros e faz sinal para eu ir na frente.

Hesito. Por que a porta não está trancada? Tem alguém no apartamento?

Esforço-me por escutar. Mas nada, apenas silêncio.

Um tapinha no ombro quase me faz pular. Eu me viro num piscar de olhos, mas é só Nici, que me estende com um sorriso desculpador uma pequena lata.

— Spray de pimenta? — sussurro.

Ela encolhe os ombros e levanta uma sobrancelha.

Ao menos tenho de admitir que, com o spray na mão, me sinto mesmo mais segura, enquanto nos empurramos para dentro do apartamento, uma de cada vez.

O interior do apartamento está envolto em uma penumbra sinistra; só os primeiros raios da madrugada penetram pelas janelas empoeiradas. O ar está viciado e cheira a madeira úmida. A lanterna do meu celular projeta uma luz fraca nas paredes e nos móveis, que se apagam nas sombras. Não sei bem o que devo esperar; sigo devagar pelo corredor até a sala, com Nici colada em mim. Está tudo intocado. Comprado de novo para poder alugar para hóspedes de curta duração.

Mas não há mulher loira, nem rastros, nem pistas, só um apartamento arrumado e impecável.

— Isso é arrepiante — Nici murmura, e os olhos dela varrem a sala com atenção. — Não tem nada aqui. Mas, mesmo assim, sente-se tudo errado.

Aceno, sinto também. Como um prédio vazio que não deveria estar vazio. Como se algo dos antigos moradores tivesse ficado para trás.

Cada sombra, cada rangido do chão velho faz meu coração disparar. Por fim, chego à janela por onde vi tantas vezes a mulher misteriosa. Mas, quando olho para fora, não vejo mais do que as ruas desertas.

De repente, ouço um estalo, como se alguém estivesse rastejando pelo chão. Os pelos da minha nuca se arrepiam, e eu me viro bruscamente. O fôlego se prende, o coração dispara. Uma onda de frio me envolve, fazendo minha pele formigar. Alguém está aqui e não quer ser descoberto.

— Você ouviu isso também? — sussurro, tensa.

Ela balança a cabeça. — O quê? — articula em silêncio com os lábios.

Levanto a mão, fico escutando. Não ousa me mover. Mesmo assim, a luz da lanterna do celular dança pelas paredes, lança sombras trêmulas que saltam inquietas de um lado para o outro. Mas não ouço mais nada.

Avanço com cuidado. Nici está ao meu lado agora, os lábios comprimidos em uma linha fina. Percorremos cada cômodo, mas o apartamento não nos mostra nada. Nenhuma pista, nenhum vestígio — simplesmente nada.

— Não há nada aqui, Josie-Jo — constata também a Nici, passados uns momentos, com voz cansada. — Estamos apenas perdendo tempo.

— Tem que ter alguma coisa, Nici. Mesmo que a mulher tenha ido, eu a vi! Alguma coisa ficou para trás.

Nici suspira. — Já vimos tudo. Por mais tempo que estejamos aqui farejando, onde não há nada, não vamos encontrar nada. Vamos embora. Eu preciso dormir, e você também.

As palavras dela atravessam o silêncio do apartamento, mais frias que o ar ao nosso redor.

— Não! — Sinto a decepção apertar minha garganta. — Ainda podemos ver os móveis com mais atenção.

Nici estaca. — Isso não leva a lugar nenhum. Claramente são todos novos. Não leve a mal, mas você está tentando se agarrar a canudos onde eles não existem.

— E se realmente houver algo aqui que não bate e nós simplesmente não estamos vendo? — retruco.

Ela balança a cabeça. — Você está se metendo nisso de tal maneira ...

A frustração se amarra em um nó no meu estômago. — Eu não posso simplesmente ir embora sem descobrir alguma coisa.

Nici suspira e seus ombros descem. — E se não houver nada para descobrir? Não aconteceu nada de novo. Deixa isso quieto. Sinceramente, você não precisa de mais estresse. Já está se imaginando barulhos que não existem.

— Eu sei o que ouvi! — arpo, e meu coração bate no peito como um malho. As dúvidas dela me atingem em cheio. — Vai, se quiser! Mas eu fico aqui até saber o que está acontecendo.

— Josie, isso não faz sentido. — Nici dá um passo em minha direção, pousa a mão em meu braço. — Você só vai enlouquecer ainda mais se ficar. O que você espera com isso? Que essa mulher, de repente, apareça na sua frente e te conte a história da vida dela?

— Não sei! Mas não posso fingir que nada aconteceu!

Ela retira a mão. — Estivemos aqui, vimos e não encontramos nada. Tem que chegar, Josie-Jo. Se alguém nos pegar, vamos responder por violação de domicílio. Eu não posso me dar a esse luxo.

— Então vai você —, sussurro. Eu entendo os argumentos da Nici, mas me recuso, agora, a desistir. Algo me diz que há mais aqui do que podemos ver, e eu não saio daqui sem descobrir. — Mas eu fico.

Nici ainda fica um momento parada, como se cogitasse me levar à força. Mas

então ele apenas balança a cabeça; a decepção no olhar dela dói mais do que eu esperava.

— Se cuida, Josie-Jo. E ligue se precisar de outra coisa além de alguém para arrombar apartamentos com você. — Ela espera um instante, mas como eu só a encaro, ela se vira e se esgueira para fora do apartamento.

A porta se fecha com um leve clique. O silêncio que fica é mais barulhento do que qualquer som que eu já ouvi. A respiração se encurta, a escuridão me pressiona por todos os lados, como se quisesse me engolir. Por um momento, hesito; o olhar foge para a porta que Nici acabou de puxar atrás dela.

— Paula, o que eu faço? — sussurro. — Corro atrás dela? Desisto?

Minha irmã morta, sempre tão forte, tão corajosa, não teria se deixado dominar pelo medo, não teria hesitado. — Quem dera você estivesse aqui.

No silêncio, eu a ouço rir. Baixinho e com ternura, como na nossa infância, quando eu voltava a ser cautelosa demais.

— Você não precisa de mim, Josie — ela diria, com aquele brilho malicioso nos olhos. — Você já sabe muito bem o que tem que fazer.

— Sei? A verdade é que estou tão confusa, Paula. Não sei mais o que é real e o que não é. Mas não consigo parar de procurar respostas.

Fico esperando uma reação, um sinal, algo que me aponte o caminho. Mas só há silêncio. — Eu consigo, não consigo? — sussurro.

O pensamento em Paula me dá, por um instante, força para continuar. Ela sempre foi a corajosa de nós duas, aquela que arriscava tudo para descobrir o que havia por trás da fachada. Se eu estivesse aqui, me empurraria para seguir em frente, a me lembrar que sou mais forte do que acredito.

Então respiro fundo e volto para a sala de estar. Em algum lugar deste apartamento hão de existir pistas. Qualquer coisa que explique o que está acontecendo aqui.

Seguro o spray de pimenta com firmeza na minha frente e começo a vasculhar os cômodos novamente. Reviro cada canto, cada aresta, procurando por ... do quê? Não sei. Mas eu sinto isso — como um surdo trovejar no fundo da minha cabeça. Algo está aqui. Algo que me escapa. Algo que se esconde quando procuro por isso.

Então, um leve rangido atrás de mim. Imobilizo-me, escuto; o coração dispara enquanto me viro devagar. Nada. Só a escuridão. Mas torno a ouvi-lo, desta vez mais alto, como se alguém se esgueirasse pela divisão ao lado.

A respiração acelera, de repente o ar parece pesado demais para inspirá-lo. Tento empurrar o pânico para longe, mas ele lateja em minhas têmporas e joga meus pensamentos no caos. Estou sozinha. Tenho que ficar sozinha. E ainda assim há algo aqui! Eu a sinto, bem debaixo da pele. Reúno toda a minha coragem e me aventuro no quarto escuro ao lado.

Ali, paro e escuto. Nada.

Um clique. A porta de entrada! Esteve aqui alguém!

Corro atrás do som, na esperança de pegar quem for na escada do prédio.

De repente, tropeço em algo no chão; o celular escapa da minha mão. Ele cai com a tela virada para cima, deixando apenas uma faixa estreita de luz ao redor.

Fico imóvel, completamente rígida. O medo aperta meu coração como um punho de ferro. Por fim, me forço a me mover novamente. Cada gesto parece se arrastar por um pântano. Pesado e pegajoso.

Me inclinando devagar, bem devagar, avanço a mão com o spray na frente, enquanto com a outra vou apalpando o chão.

Raspo algo macio, úmido, morno. Um grito sobe à minha garganta. Engulo-o em seco. Não posso ser pega aqui. Nem pela megera do prédio, nem por ... o que quer que esteja aqui comigo, nesse apartamento.

Então eu o vejo. Imobilizo-me de repente. O coração tropeça, e por um momento os pensamentos ficam em branco. Quase não consigo respirar.

Bem no meio do chão, a apenas um passo de mim, está — uma ratazana morta.

O pelo está arrepiado, os olhos vidrados encaram o nada. O pelo está encharcado de sangue.

O estômago dá uma volta ao contrário. Os pensamentos disparam. O suor corre pelas minhas costas.

Quem fez isso? Por que ela está aqui?

Porque uma coisa eu sei com certeza: quando passei aqui com a Nici há pouco, a ratazana ainda não estava.

Capítulo 19

DE VOLTA ao meu apartamento, bato com a porta atrás de mim e encosto-me a ela. O coração ainda me dispara no peito, enquanto a imagem do rato morto cintila diante dos meus olhos. Quem fez aquilo? Quem, raios, esteve no apartamento?

Uma partida da Nici? Nunca. Ela morre de medo de roedores.

O estômago dá um nó de nojo, e uma mão gelada parece apertar-me o coração.

Por que alguém faria uma coisa dessas?

Deixo-me escorregar para o chão, os pensamentos girando na cabeça como folhas secas ao vento de outono. Maldito instinto de fuga, deveria ter tirado uma foto do animal! Mas não me atrevo a ir lá sozinha de novo. Quem quer que tenha sido, ele ou ela esteve muito perto de mim. A ideia de alguém estar ali à espreita, capaz de fazer tais coisas, faz minha pele arrepiar, como se tivessem me mergulhado em água gelada. E se essa pessoa não quises só me assustar? E se for mais que isso? Isso não é brincadeira— é um aviso. Um aviso nojento, repugnante.

De repente, não me sinto mais segura em minha própria casa. E se essa pessoa pudesse estar aqui dentro, a poucos passos de mim? Mas não. Luna não teria permitido que um estranho entrasse no meu apartamento na minha ausência.

Cerro as pálpebras, engulo o pânico que sobe e respiro fundo várias vezes.

Às pressas, tiro os sapatos e jogo o casaco, sem cuidado, na entrada. Só então percebo que algo não está certo. Onde está Luna? Não está no sítio dela, nem veio até a porta para me receber.

— Luna?

Corro para a sala, respiro aliviada por um segundo quando vejo Luna no sofá, apesar de não poder subir nos móveis. Então percebo que ela só ergue a cabeça, sem forças, quando me ouve.

Um som de preocupação se solta para mim e eu corro para o lado dela.

— Luna? — minha voz treme enquanto me ajoelho ao lado dela e faço carinho em seu focinho. Ela arfa sem parar, os olhos pesados e opacos. — O que está acontecendo, senhorita? O que você tem?

O olhar cai sobre a mesa da sala ou, melhor, sobre o que não está mais lá. O saco com os biscoitos de Hannah— desapareceu.

Não, não desapareceu. Está ao lado de Luna!

— Ah, não ... Luna, o que você fez? — faço carinho em suas orelhas macias, enquanto um frio me invade por dentro. Eu coloquei Luna em perigo por estar tão presa ao meu próprio caos?

— Vai ficar tudo bem — sussurro, pegando a cabeça de Luna nas mãos, mas minha voz soa oca. — Tem que correr bem.

O primeiro impulso é ligar para Nici. Já estou com o celular na mão quando estaco.

Ela estava bem irritada quando foi embora. Não acha?

Mesmo assim, agora não me deixava na mão, Paula.

Quer arriscar? Você quer mesmo colocar a amizade de vocês em xeque só porque, sozinha, não consegue decidir?

Posso ligar para Leon.

E o que você vai dizer a ele? Olá, Leon, meu cachorro, sim, aquele que não deixa você tocá-lo e pode até morder se for apertado, você tem que ir ao veterinário?

Paula tem razão. Mas pegar Luna e carregá-la é um desafio. Luna pesa cerca de vinte quilos— mais de um terço do meu próprio peso. A ideia de levá-la escada abaixo e colocá-la no carro me parece quase impossível.

Respiro fundo e tento afastar o desespero. A tarefa é fisicamente exigente, mas factível.

Devagar e com o máximo cuidado, ergo Luna nas patas. Ela cambaleia e tem o olhar opaco, mas consigo colocá-la em pé com cuidado. Tropeça, mas vai ao meu lado até a porta da frente. Porém, uma rápida olhada na escada me mostra degraus que parecem uma montanha intransponível.

— Vamos, Luna, nós conseguimos — murmuro, me abaixando até ela e passando os braços por baixo da barriga. Com toda a energia que consigo reunir, levo Luna lentamente escada abaixo. Depois de poucos passos já sinto o esforço nos braços e nas pernas. Luna é pesada, e eu tenho que me concentrar em cada movimento para garantir que ela não caia ou se machuque.

Felizmente meu carro ainda está na garagem, mas o caminho até lá parece interminável. Em um último esforço, consigo colocar Luna com cuidado no porta-malas do carro.

Ligo o motor e sigo para a clínica veterinária onde também tratam os animais do canil. Felizmente, a unidade é grande o suficiente para ter serviço de emergência. Luna vai deitada, imóvel, durante todo o trajeto. Cada inspiração da cadela é pesada, e a ideia de que ela pode estar em perigo de vida é quase demais para mim. O olhar foge constantemente para o espelho, embora eu não consiga vê-la por cima do banco de trás.

O estacionamento do veterinário é pequeno, mas há algumas vagas livres. Com as mãos tremendo, estaciono, tiro o cinto e abro o porta-malas.

O vento frio me atinge como um soco enquanto tiro Luna. No vidro da porta de entrada brilha uma placa com a inscrição 24h-Urgências. O chão sob meus pés parece vibrar quando empurro a porta e entro na recepção com Luna em meus braços.

— Por favor, preciso de ajuda agora!

A rececionista, uma mulher de meia-idade com expressão preocupada, não hesita e apressa-se até nós. — O que aconteceu? — pergunta, guiando-me para uma das salas de tratamento.

— Comeu qualquer coisa má. Foi buscar as bolachas à mesa. Está completamente zonza — explico, como se ela não conseguisse ver isso sozinha.

Ainda assim, ela acena. — Vou avisar já a veterinária. Ela vai tratar dela.

Deito a Luna na marquesa e fica a faltar esperar. Os segundos parecem esticar-se ao infinito até a veterinária — uma mulher afável, mas sempre muito profissional, na casa dos quarenta e muitos — entrar na sala. Cumprimenta-me rapidamente antes de se concentrar na Luna. Com gestos hábeis, examina a cadela, falando-lhe em tom tranquilizador baixo.

— Ela comeu bolachas?

A culpa aperta-me a garganta, por isso limito-me a acenar em silêncio.

— Eram com xilitol?

— Não sei. Foram uma prenda. Mas geralmente Hannah sempre cozinha com açúcar normal.

— Pode confirmar?

Aceno novamente, já com o celular na mão. Então me lembro que não tenho o número de Hannah.

A Mia! Ela há de ter os contatos de todo mundo do grupo!

Procuo-a rapidamente nos contatos e ligo para ela.

Atende, Mia. Atende. Atende, atende. A-ten! de! Atendaatendaatenda!

Nada além do toque, cravando-se no meu ouvido.

— Não consigo falar com ninguém.

— Fique calma. Vamos examinar Luna a fundo e ver o que ela pode ter ingerido. Se estamos enfrentando uma intoxicação, temos que agir imediatamente.

Atordoadada, aceno e observo, nervosa, a médica examinar Luna e, por fim, lhe dar um comprimido.

Depois de uma eternidade, parece chegar a uma conclusão. A expressão é séria, mas calma, quando me olha. — Eu dei a Luna um remédio para fazê-la vomitar. Com sorte, isso será o suficiente — começa. — Mesmo assim, vou monitorar a glicemia e controlar as enzimas hepáticas para garantir que ela não fique com sequelas. Estou convencido de que se trata de envenenamento por xilitol. Um substituto do açúcar muito perigoso para cães. Mas você reagiu a tempo. Quero mantê-la aqui esta noite, por precaução, mas acredito que ela ficará bem.

Sinto um nó na garganta e inspiro fundo, enquanto o alívio se espalha por mim. — Obrigada — digo em voz baixa. — Obrigada por ter ajudado minha cadela.

A médica acena com compreensão. — Faremos tudo para garantir que ela recupere totalmente. Ligue amanhã e teremos mais informações.

Afago a Luna com suavidade, e passo a mão no pelo macio, tentando segurar as lágrimas que teimam em vir-me aos olhos. Sei o quanto a Luna detesta ficar num ambiente estranho. — És tão corajosa, Luna — sussurro —, desculpa por te ter feito passar por isto. Amanhã venho o mais cedo que conseguir, está bem?

Virando-me para a veterinária, digo: — Ela tem medo de homens, caso você ...

— Vamos ter isso em conta. Obrigada.

Com um último e suave beijo na cabeça dela, deixo a Luna nas mãos da veterinária e saio.

No corredor, inspiro fundo, enquanto a realidade me cai em cima. Tenho tantas perguntas e tanta incerteza dentro de mim, mas, neste momento, só a Luna importa.

Quando finalmente me sento no carro, meu olhar cai sobre algo preso por baixo da limpa-para-brisas. Uma tira estreita de papel que tremula a cada rajada de vento, como se quisesse me sussurrar um segredo.

Um gemido escapa pelos meus lábios. De novo não.

Estaria ali desde o começo e só agora percebi por estar preocupada com Luna? Ou alguém me seguiu até a clínica? Ou, talvez, seja apenas publicidade ou um panfleto.

Tento afastar os pensamentos sobre possíveis ameaças, ainda assim o tremeluzir se transforma em um latejar incessante que pulsa em minhas têmporas, enquanto, com os dedos dormentes, abro a porta uma fresta. Com cuidado, espeto a mão pela abertura, sem sair, com medo de que alguém esteja lá fora.

Quando desdobro a nota, um frio úmido se infiltra em meus membros. Definitivamente não é um panfleto. As palavras estão escritas em marcador preto, como se tivessem sido rabiscadas às pressas.

*No breu da noite, quando as sombras despertam,
o silêncio estilhaça-se, os medos caçam os fracos.*

Ouves o sussurro que varre as vielas?

O pesadelo cresce e a paz desaparece.

No silêncio da casa, os ratos, eles dançam,

*o pavor cresce, nunca mais te deixa inteira.
O tempo vira inimigo e a verdade, um jogo,
mas a resposta esconde-se em sombras, em dobro.*

A incerteza sobre quem me enviou esta mensagem e o que ela significará faz-me eriçar os pelos da nuca, e um arrepio gelado percorre-me as costas. O coração bate tão depressa que parece querer saltar-me do peito.

Quem escreveu isso? O que essa pessoa quer de mim?

Você tem que chamar a polícia.

E aí, Paula? Ouvirmos que só devo ligar quando vir alguma coisa?

Fecho a mão em volta do papel.

Você tem algo que pode ser visto.

Involuntariamente, aceno com a cabeça. Ligo o carro, dou partida. Em direção ao centro, ao lado do grande shopping fica a delegacia principal. Talvez eles acreditem em mim quando eu estiver bem na frente deles. Eles têm que acreditar em mim. Têm simplesmente que acreditar!

Uma buzina dela obriga-me a voltar para a minha faixa e lembra-me de que a morte não espreita só no poema no banco, mas também na estrada. Os três quilômetros até a delegacia me parecem uma eternidade.

Lá, recebem-me uns degraus de mármore, uma fachada de vidro, uma porta fechada, um porteiro atrás de um interfone e mais três pessoas à espera.

Quero pôr-me na fila, mas a mulher em segundo lugar acena-me para a frente.
— Diga por que está aqui. Nós já estamos esperando para sermos deixados entrar.

Como em transe, aceno, passo por ela e pergunto-me o que hei de dizer ao microfone atrás da chapa metálica, sabendo que os desconhecidos estão ao alcance do ouvido.

Eu aperto o botão vermelho, acima do qual está escrito "Por favor, toque".

— Sim?

A voz soa antipática. A de um funcionário que já leva anos de serviço e alguns histéricos a mais nas costas.

— Josephine West. Eu ... encontrei uma carta de ameaça no meu carro. Não é o primeiro episódio desse tipo. Quero prestar queixa.

— Venha, por favor, amanhã às oito da manhã para registrar a queixa no momento ...

— Isso não dá! — grito, desesperada, e enfio-lhe o envelope quase no nariz.
— Eu não posso ir para casa agora, por favor, você tem que ver isso.

Meu tom teria sido histérico o suficiente para ele repensar a postura. — Um

instante, por favor.

Um estalo me diz que desligou. Minhas faces ardem enquanto espero por uma reação. A porta abre-se e uma jovem comissária surge à nossa frente. — Senhora West, faça o favor de entrar.

Mal posso acreditar, mas imediatamente começo cambaleando. Por detrás da porta pesada, onde cheira a detergente de carpetes, argila expandida e fardas acabadas de lavar, sinto-me, pela primeira vez em dias, verdadeiramente segura. A morena de rabo-de-cavalo alto faz-me sinal, para me sentar numa sala com a porta aberta. Lá dentro tem uma escrivaninha, um computador e três cadeiras. Nada mais.

— Comissária Carla Pullmann. Sente-se, por favor.

Desabo na cadeira, o envelope apertado em minhas mãos, como se minha vida dependesse disso.

Como as sombras daquelas luzinhas infantis que tínhamos no quarto quando pequenos, a conversa passa correndo por mim. Ela examina a ameaça, pergunta se houve mais cartas, palavras mais concretas. Informa-me dos meus direitos, pergunta o que aconteceu, se já há um número de processo atribuído, eu sei-o de cor. Ela ensaca a carta. Anota quando e onde foi encontrada. Ele pergunta sobre outros incidentes. Eu conto-lhe tudo. Sou infinitamente grata por ela não questionar uma única palavra do meu relato. Por permanecer paciente e compreensiva até o último ponto. Meu entusiasmo mantém-se até me despedir com um aperto de mão reconfortante e dizer: — Vamos averiguar o caso e entraremos em contato.

Ela enfia-me um flyer na mão.

— Eles vão entrar em contato — digo. A frase ecoa-me nos ouvidos. Abro o flyer. — Guia de ação em caso de ameaças por parte do ex-companheiro. Só uns quantos tópicos me saltam à vista. Manter a calma. Em caso de perigo, ligue imediatamente para o 911.

Ah!

Autoproteção, evitar ficar sozinha, ficar, se necessário, na casa de amigos ou família, mandar trocar as fechaduras. O número da associação de apoio às mulheres. Uma imagem de um spray de pimenta.

— Mas ...

— Sei que isso tudo parece muito ameaçador, senhora West. Você pode ligar a qualquer momento.

Dentro de mim, a raiva e a decepção explodem. Eu sabia que não ia ser metida em um programa de proteção a testemunhas, mas isso ...

— Obrigada.

A palavra soa ensaiada, oca, branda. Definitiva.

Arrasto-me de volta à porta e saio para o mundo que espreita. O olhar

pensativo da comissária sinto-o nas costas por muito tempo. Não traz consolo.

Uma coisa é certa: enquanto eu estiver viva, meu caso não parece grave o suficiente para as autoridades. Vamos ver quanto tempo isso dura.

Capítulo 20

Só quando chego em casa, uma hora depois, percebo que estou me afogando. Estou meio que surda, ouço tudo por um zumbido, vejo tudo pelo véu de água fria e não sinto nada. É como se o lago viesse me buscar. Como se, depois de tantos anos, você reivindicasse seu direito sobre mim. Para resistir, me falta força. O que alguém como eu poderá fazer contra essa massa de água?

Ao entrar no hall, fico encarando a luz piscante da câmera. Pois é. As câmeras. Que bela idiotice.

Aproximo-me da sapateira. Um zumbido suave soa atrás de mim. Ergo o olhar e me deparo com a luz piscando. Vou em direção ao corredor, atrás de mim o zumbido baixo do pequeno motor que gira a câmera. Eu me viro e olho para a luz piscando. Pelo visto, a dica do Leon sobre o celular novo e mais seguro não adiantou muito.

Fico imóvel olhando para a lente.

Então, eu acho, você gosta do que vê? Tá satisfeita agora?

Meus olhos começam a lacrimejar por não piscar. Correm quentes pelas minhas faces, mas não estou chorando. Por que haveria? Não adianta nada. Por fim, viro as costas, me arrasto até a cozinha e vou até a pia. A água bate com estrondo na cuba de aço. Fico um tempo olhando o jato. Tenho sede, uma sede atroz. Devagar e com dor, sem saber de onde vêm, ou se as estou imaginando, inclino-me sob a torneira e bebo em goles profundos.

Minhas unhas doem, de tão forte que apertei as mãos na borda da pia. A água fria entra na minha boca e no meu nariz. O sentimento me é familiar. Recuo. Fecho a torneira e dou uma volta brusca. A vassoura está pendurada em um gancho de ferro fundido ao lado da porta. O cabo assenta firme na minha mão. Estou pronta. Pronta para nadar, para lutar, para fazer o que for preciso para escapar do lago e da loucura. A câmera me encara quando irrompo pelo hall. Ainda me encara quando a primeira pancada a atinge. Plásticos caem em mim. O LED vacila e apaga.

Marcho até o quarto. A câmera lá me pisca num riso mudo. Roda ligeiramente à direita, depois à esquerda, como se, num desesperado balançar de cabeça, quisesse me demover de meu intento.

Três golpes depois, ela também jaz desfeita em peças ao meu lado, no chão.

Ofegante, mas com um sentimento surdo de triunfo no peito, me deixo cair na cama.

Uma mulher se vira sozinha, penso, e vejo aliviada que a pressão em cima de mim aliviou um pouco. Que respirar se tornou um nada mais fácil.

Mas só até eu me lembrar que não são as câmeras a origem de todo o mal.

Sem pressa, levanto. A serenidade interior, que ainda me mantém em um aperto, me preocupa, mas por enquanto há coisas mais importantes do que meu sistema nervoso. Volto à cômoda no hall. Na última gaveta, lá no fundo, encontro meus scarpins, os que usei no casamento. Eu queria queimá-los, cortá-los com uma faca, mas nunca tive coragem. Hoje eles vão ser úteis de outra maneira. Na cozinha, pego a tábua de cortar, coloco meu celular nela com solenidade, agarro o sapato e martelo a tela e a capa com o salto até aquilo ficar com cara de quem deu um passeio pela prensa de sucata.

Fico ali sentada muito tempo fitando os restos. No fundo, tem até sua graça, uma vida à beira da loucura. Quase solto uma risada histérica, me arrasto para a sala, ligo a televisão e fico olhando para a tela. Não sei o que está dando, não sei quanto tempo fiquei deitada ali. Só quando as sombras da noite se arrastam pelas janelas é que eu me movo.

Tenho medo do escuro. Por isso tento ligar para o tio Eric. Não atende. Ele provavelmente ainda está ofendido por causa de Luna. Volto à televisão, então. Deve ser noite de crime. Na verdade, não estou com vontade de ver um policial. Enquanto escovo os dentes, sem vontade, eles tocam a campainha.

Deve ser os vizinhos, dizendo que, por favor, regue as flores porque elas vão para a neve de novo, digo a mim mesma.

Um soco surdo tira a ideia da minha cabeça. Fico parada na passagem para o hall.

— Josie, eu sei que você está aí!

Michael!

Os pés se recusam a me obedecer. Como ele entrou no prédio?

Será que os vizinhos estão mesmo na neve? Oh, por favor, não.

A velhinha do andar de cima é completamente surda, não ouviria nem se um duto de gás explodisse aqui.

— Abre essa porra de porta! Quero falar com você.

Não sai um som de mim. Quero dizer a ele que suma, que vou chamar a polícia, mas não sai uma palavra sequer da minha boca.

— Josie! Você tem noção de que eles me colocam dentro se você continuar dizendo essas merdas? Bota sua advogadazinha na ordem e cala a boca, porra!
— Novo martelar na porta. — Abra, sua vadia invejosa!

As palavras batem em mim como eco dos punhos dele. Meu olhar foge para o telefone. Está no hall, pendurado na parede. Praticamente ao lado dele. Se você ligar para a polícia de lá, ele ouve cada palavra.

— Juro que arrombo a porta se não abrires!

Finalmente, o meu corpo reage. — Vai-te embora! — grito, desesperada. — Vou chamar a polícia.

O telefone. Está tão perto. O telemóvel! Já vou para o quarto quando me

lembro de que transformei a minha derradeira hipótese de ajuda em sucata eletrônica.

— Josie. Por favor. Tem juízo.

— Eu?! Desaparece! Só estás a piorar tudo!

Mordo o lábio para conter os soluços. Arrisco um passo cauteloso em direção ao telefone. Range uma tábua de madeira sob o meu pé.

Ele bate na porta com tanta força que a madeira estremece.

— Por favor, Michael, vai-te embora! — a minha voz treme. Odeio-a por isso. Ele não devia ouvir.

— Josie, — a voz dele amacia. Bebeu, quase julgo sentir o cheiro, mas é a experiência que me traz essa certeza. — Josie, abra. Só um minuto, depois...

— Não!

Um estrondo ensurdecedor. Com um grito, me encosto na parede ao lado do telefone. Ele deve ter investido o ombro contra a madeira. Aguentou. Mas Michael é forte. E o prédio antigo ainda tem as velhas portas de madeira. Lindas, mas não feitas para ex-maridos coléricos.

— Para! Pára! Pára! — guincho. Finalmente consigo tirar o fone do descanso e apertá-lo no ouvido.

— Sua víbora manhosa! Para de colocar a polícia atrás e olha na minha cara, porra!

Um sacudir no puxador. — Josie, eu juro por Deus, se você não abrir, eu entro e te ensino maneiras!

— Ei!

Michael se cala. Deixo o fone descer. Os vizinhos voltaram das neves?

— Maneiras, é? — A voz é baixa, mas mesmo pela porta eu ouço a ameaça nela.

— Nós dois podemos conversar de jeitos, se não você some daqui agora.

Leon! De onde ele saiu? Quero dizer alguma coisa, mas Michael me antecipa.

— Você é o novo garanhão dela, ou o quê? Desaparece!

— Ou o quê?

Leon continua calmo, mas há algo na voz dele que coloca a pele arrepiada em meus braços.

— Ou eu te ponho pra andar!

Ouçó algo surdo, seguido de um gemido. O coração se contrai-me. Leon! Tenho que ajudá-lo, tenho que...

— É melhor você não tentar isso de novo —, então a voz de Leon soa. Há nela uma nitidez inconfundível. — Mas podemos brincar mais um pouco. Assim eles

finalmente te pegam em flagrante.

— Pff, seu covarde! Isso vai ter consequências!

Ouçõ passos descendo as escadas. Passos pesados.

— Mal posso esperar —, resmunga, mais baixo, diante da porta. — Josie?

Finalmente me atrevo a chegar na porta, encosto até a cabeça. Mas não consigo abrir. Simplesmente não consigo.

— Espera só um pouquinho, sim? — A voz dele, que há pouco soava tão ameaçadora, de repente fica tão aveludada que lágrimas de alívio me irrompem. Só não consigo dizer. Dizer o quanto sou grata por ele estar aqui.

Também ouço os passos dele na escada. Ó Deus, não me diga que...!

— Leon!

Nada. Silêncio no patamar. Mas só por um instante.

— Josie. Ele foi embora. Está tudo bem com você?

O medo de que ele também desapareça e me deixe sozinha me leva a abrir a porta. Por um segundo, me ocorre que eu estaria mais segura sozinha, que deveria mandá-lo embora. Mas esse sobressalto do meu instinto de segurança desaparece quando o vejo na minha frente.

Fico a fitá-lo. Registro como você está pálido, como você está preocupado. Vasculho seu rosto em busca de ferimentos.

— Michael fez você...

Ele desfaz o gesto com a mão, mas vejo que seus dedos tremem. — Estou bem. E tu?

— Ele não entrou —, digo a ele o que ele já sabe. — Obrigada por ter...

O que ele está fazendo aqui?

Emudeço. Fico olhando para ele. Recuo um passo.

Ele logo ergue as mãos, num gesto apaziguador. — Podemos conversar lá dentro?

— Não. Porque você está aqui?

— Eu queria ver como você estava, porque...

— As câmeras! Foste tu. É você que controla aquelas coisas! — Antes que ele responda, bato a porta. Meus pensamentos dispararam. Me sinto tonta. É demais. Simplesmente demais.

— Josie, me escute. Eu sei que você está com medo, mas eu posso explicar isso!

Eu me encolho atrás da porta, pressiono minhas mãos contra meus ouvidos. Não quero ouvir, não quero estar aqui, só quero...

— Josie, as câmeras têm uma função anti-sabotagem. Recebi um e-mail

dizendo que poderia haver uma tentativa de sabotagem. Isso acontece com choques fortes, ou quando, nas variantes com cabo, alguém corta os cabos. O e-mail veio para mim porque fui eu que as comprei. Eu estava com medo de que tivesse alguém com você, ou que você... por favor, abra.

Soa convincente. Mas as manipulações de Michael também me pareceram, no início, verdadeiras e lógicas.

— Você teve acesso às câmeras o tempo todo? — pergunto, exausta.

— Não. Elas são registradas apenas no fabricante com meu e-mail. Só isso. Deixe-me entrar, Josie. Por favor.

— As câmeras se mexeram quando cheguei em casa —, digo a ele, sem me mexer do lugar.

— Então você as desligou da tomada?

Solto uma risada. — Você também pode chamar assim.

— Percebo. Vou presumir que você quer ficar em paz. Quer que eu vá embora? Ou você precisa de alguma coisa? Quer que eu ligue pra alguém?

— Não! — A ideia de Michael poder voltar, de eu ficar sozinha, me assusta tanto que acabo me levantando e abrindo a porta.

Dou logo um passo para trás.

Leon está no meio do corredor. As faces coradas, mas no olhar uma calma profunda, talvez até desengano. As mãos lhe tremem levemente. Nos nós dos dedos direitos você corre um risco feio. Meu olhar gruda ali, como um carrapato a carne fresca.

Ele gira um pouco a mão e assim esconde o ferimento. — Devo ter ficado preso no zíper do casaco dele —, murmura. Apesar de sua altura, ele parece um menino pego reclamando no parquinho.

— De qualquer forma, que bom que você veio —, digo em voz baixa.

É por isso que você o deixou na porta e preferiu ligá-lo a um detector de mentiras, zomba da minha voz interior.

Meu Deus, existe alguém mais contraditório do que eu?

— Eu também. — Ele aponta para a porta, depois para mim. — Posso?

Aceno e me afasto ainda mais para ele entrar. Debaixo dos tênis dele estalam os restos da carcaça de plástico.

Com ceticismo, ele observa os restos da base da câmara no teto. — Você fez um trabalho e tanto.

Encolho os ombros. — Esse dia é que você fez um trabalho e tanto — digo em voz baixa. — Suponho que quis devolver-lhe alguma coisa. Talvez eu esteja reagindo de forma exagerada quando uma câmera segue, por conta própria, cada um dos meus movimentos. Tenho quase certeza de que elas não fazem isso sozinhas.

— Não fazem, não. Temo que seu ex seja mais persistente do que pensávamos. Tem seu celular aqui?

Ele soa cansado.

— Claro. — Balanço a cabeça afirmativamente. — Os restos estão em cima da tábua de cortar, na cozinha. — Lembro de mais uma coisa. — O cartão SIM ainda pode funcionar. Esqueci de cortá-lo. — Um riso faz cócegas na minha garganta. Parte dois do meu ataque histérico.

— Isso, por enquanto, não é o problema. Seu ex, aparentemente, sabe de qualquer maneira onde você mora. Com o cartão SIM ele só consegue te localizar.

— Ah.

Ficamos ali. No meio dos restos da câmera, nos olhando, bastante perdidos.

— Talvez devêssemos chamar a polícia — Leon diz por fim. — Posso testemunhar que ele esteve aqui, isso deveria ajudar a mantê-lo de vez longe de você, não?

— Já estive na polícia hoje. Um novo presente debaixo do meu limpa-para-brisa. Eles não podem fazer nada. — Dou de ombros outra vez, cruzo os braços em volta do tronco, como se quisesse me abraçar. Para sentir que ainda estou aqui. — Desculpa você ter sido metido nisso tudo.

— Ei. — Ele se aproxima de mim. Hesitante, como se estivesse se aproximando de um animal assustado. — Já passou. — Com cuidado, como se temesse que eu me desfizesse a qualquer momento, ele me envolve com os braços. Novamente, estilhaços de plástico rangem sob seus sapatos. — Vai ficar tudo bem, Josie.

Aceito o abraço dele. Mais do que isso, eu me deixo cair nele. Apesar de todos os medos, apesar das dúvidas, agora preciso de alguém para me segurar. — Você vai mesmo? Já disse isso uma vez. — Solto uma risada que soa como soluço. — E agora não sei mais no que devo acreditar.

O abraço dele fica cada vez mais firme. — Confia em mim. Vamos dar a volta por cima nisso. Uma coisa de cada vez. E, antes que você pense de novo que pode se livrar de mim: eu fico com você. Até isso acabar. E depois também.

Quero acreditar nele. Mais que tudo. Ainda assim, me ouço perguntar: — E se não houver um depois? E se isso nunca acabar?

— Vai ter um depois. Acredita em mim. Ninguém sabe disso melhor do que eu.

— O que você quer dizer com isso?

— Simplesmente melhora. Você apenas tem que acreditar nisso com força. — Ele se move um pouco e eu ouço a porta de casa se fechar. Deve tê-la empurrado com o pé. — Vem. Vamos a algum lugar onde você possa sentar.

— Eu já tinha melhorado — admito, enquanto me deixo conduzir por ele para

a sala de estar, sem que ele me solte. — Eu estava bem, bem mesmo. E agora... — Eu engasgo, Michael, a mulher na janela, o stalking. Em algum lugar em mim se move um pensamento que não consigo agarrar. — Talvez eu devesse simplesmente mudar de casa — posso dizer. — Para um lugar onde ele não me encontre.

Algo que, até agora, eu não queria. Porque sair dessa cidade, deixar meu voluntariado no abrigo de animais, a Nici... Sempre foi, para mim, como se Michael, no final das contas, tivesse acabado vencendo. Pois, pelo visto, conseguiu mesmo.

— Você poderia pelo menos mudar de apartamento. Talvez para uma casa compartilhada. Só enquanto a situação se acalma. Você não deveria ficar tanto tempo sozinha, com certeza.

Sinto a resistência se erguendo em mim. — Não quero ter que ceder a você.

Mas também não quero continuar vivendo com medo. Dividir casa? — Talvez com Nici? — Mas ela é tão caótica. E se isso destruir nossa amizade? Isso é o que Michael tem em mente? Ele quer me isolar com tudo isso?

— Você pode testemunhar que Michael violou a ordem de afastamento — retomo a sugestão dele de antes. — Talvez o prendam mesmo e eu fique em paz.

Por quanto tempo? Quanto tempo ele vai ficar preso? Supondo que não pare com uma multa. E se for isso? Quando ele vai te matar, Josie? Mas talvez você tenha sorte, talvez seja suficiente para você se ver presa. Em alguma simpática cela acolchoada.

— Josie! — O chamado de Leon me pega de surpresa. As mãos dele pousam em minhas bochechas, me obrigando a olhá-lo. — Ele respira fundo. E lembre-se acima de tudo de uma coisa: a teimosia aqui não te leva a lugar nenhum. É muito legal você não querer ceder, mas isso não é uma vaga de estacionamento, não é uma vaga na prefeitura. É a sua vida. — Ele me olha quase em desespero. — Por favor, acredite em mim. Isso... — Ele aponta, num gesto abrangente, para meu apartamento, minha vida, eu. — ... é obra de um louco, e é assim que você deve agir. Nici é sua melhor amiga. Michael sabe disso também. É aí que ele vai te procurar primeiro.

— É para eu ir morar com estranhos? — Ainda enquanto faço a pergunta, balanço a cabeça. A constatação de que Leon está certo ameaça tirar o chão debaixo dos meus pés. Fico tonta. — Eu tenho que deixar esta cidade — digo, sem voz.

Ele acena. Ele me ajuda a sentar no sofá e depois agarra minha mão.

— Lembra do nosso primeiro encontro? Quando você perguntou o que eu tinha feito antes de vir para cá?

Eu aceno, perdida em pensamentos.

— Eu fugi, Josie. — Ele leva a mão ao meu queixo. Desta vez, quando sorri, meu coração perde uma batida. — E um recomeço pode ser muito mais bonito

do que se pensa.

— Você fugiu? — Ainda bem que posso desviar os pensamentos para outra coisa. — Do que alguém como você fugiria?

Ele abaixa a mão e desvia o olhar. — Essa é uma lista longa.

Agarro seu pulso, sem disposição para, dessa vez, deixar suas esquivas passarem. Se ele me vem com essa história, então eu quero ouvir tudo!

A vibração do celular dele interrompe meu intento.

Ele tira do bolso da calça, lê. De súbito, sua presença ganha algo ameaçador.

Os tendões nos antebraços sobressaem, vincados, quando me enfia o ecrã diante do nariz. A voz lhe vibra de raiva. — Esse é o número dele?

O número não significa nada para mim. As palavras na tela, sim.

— Vem. À. Janela.

As palavras desfocam-me diante dos olhos quando o Leon salta de pé e sai da divisão.

— Espera, onde você vai?

Pergunta boba. Dou com ele no corredor, diante do vidro recém reparado. A silicone nos cantos é um pouco mais clara que a das outras janelas.

Ele fita o apartamento em frente. Uma luz esbranquiçada ilumina o espaço o suficiente para eu ler a inscrição. Em letras vermelhas e úmidas, está ali, no vidro: — Ouse, Leon.

Estremeço quando o punho de Leon desce sobre o peitoril. — Vou pegar aquele filho da puta.

Ele se solta do peitoril. Como em transe, agarro seu braço, mas ele me sacode com facilidade.

Os passos pesados dele vão se esvaindo no corredor. Ouço o barulho arrastado da minha faca de cozinha sendo puxada do bloco de madeira. Depois, a batida da porta do apartamento e um silêncio sem fim.

Ainda estou no corredor, incapaz de me mover. Então eu forço minhas pernas a se moverem e corro para a porta.

A escuridão nas escadas amplifica cada ruído, posso ouvir os passos apressados dele tropeçando. As imagens da inscrição, do rosto petrificado de Leon e da faca que ele leva consigo se sobrepõem na minha cabeça.

Hesito, luto comigo mesma, mas o medo por ele acaba me empurrando para frente.

Minha respiração sai curta quando finalmente agarro a maçaneta da porta do prédio e a abro. O frio da noite me envolve imediatamente, morde minha pele, mas é o vazio diante da casa que me faz parar. Leon desapareceu.

— Leon! — chamo, mas minha voz soa fraca, perdida.

Fico imóvel, sinto o vento jogando mechas no meu rosto. Meus olhos varrem a rua inquietos, vasculhando as sombras que dançam sob as lâmpadas. Então meu olhar cai na porta da casa do outro lado — ela está entreaberta, como se estivesse me esperando.

O arrepio que percorre minhas costas é diferente do vento. Sobe devagar até a nuca. Mordo o lábio e coloco um pé na calçada.

O concreto parece implacável debaixo dos meus sapatos, enquanto corro para a porta.

Está a meio metro de mim. A escuridão por trás engole qualquer coisa que possa estar além dela.

Meu estômago me dá um nó quando transponho a ombreira. O cheiro de fumaça fria e algo metálico paira no ar. Algo que me é familiar, mas que não consigo identificar com certeza.

A respiração me sai em arrancos enquanto passo pelo saguão da escada. O nome de Leon está na ponta da minha língua, mas não me atrevo a chamá-lo. O silêncio é muito denso, muito ameaçador.

A porta do apartamento está entreaberta.

Eu hesito. Há algo na escuridão atrás da porta que me atrai e me repele ao mesmo tempo. A fresta é estreita, não se ouve nada lá dentro.

As palavras de Leon e a expressão de raiva em seus olhos ficaram gravadas na minha memória. Ele está aqui. Em algum lugar atrás daquela porta. Eu não posso abandoná-lo!

Entro e me imobilizo. Meu coração bate tão alto que temo que você me denuncie.

Dou mais um passo e o chão range, baixo, sob meus pés. Um som tão leve que, em outro momento, teria passado despercebido; agora, porém, estremeço. Minha respiração me prende e eu fico parada, hirta.

Meu olhar percorre o corredor, pelos cantos onde as sombras se encolhem. De repente, outro som, um arranhão leve, como se algo fosse arrastado pelo chão. Vem mais perto, agora está quase bem na minha frente. A respiração fica rasa e rápida, conforme o arranhão se aproxima.

Então, do nada, uma luz fraca cintila no final do corredor. A tela de um celular que acende por instantes e volta a apagar. Leon?

Uma parte de mim quer voltar, sair do apartamento, deixar Leon entregue a si mesmo. Mas a inquietação que me corrói por dentro me obriga a seguir em frente.

Devagar, avanço, na ponta dos pés, e cada passo faz o corredor parecer ainda mais longo.

Na divisão, descubro Leon, de costas para mim, como se fosse parte das sombras. Há algo em sua postura que me faz parar. Parece esculpido em pedra.

— Leon? — sussurro, minha voz se perde no silêncio.

Ele não reage. O corpo está rígido, voltado para algo diante dele que não consigo ver. A luz funesta projeta sombras longas nas paredes, distorce-lhe a figura.

Atrevo-me a dar mais um passo. Um arrepio gelado percorre minhas costas enquanto me aproximo do que tanto prende Leon.

— Leon, o que você tem?

— Volte, Josie — ele diz, sua voz pouco mais que um sussurro rouco.

Sinto as paredes ao nosso redor se apertando, o ar ficando mais espesso, mais pesado, como se pudesse sufocar a qualquer momento. Mas não recuo. Não posso deixá-lo sozinho, não aqui, não assim.

Meu olhar passa por ele quase sem eu perceber, e sinto a temperatura do ambiente cair quando meus olhos se acostumam com a luz opaca da lanterna do celular dele.

As palavras de Leon se esvaem, mas o eco fica na minha cabeça, um retinir surdo de um aviso. Hesitante, deixo o olhar correr pela sala, enquanto um formigamento desconfortável rasteja pela minha pele.

Então eu as vejo.

Fotos. Incontáveis imagens minhas — em situações diferentes, em momentos diferentes. Centenas afixadas na parede com percevejos. Em algumas, estou rindo; em outras, estou absorta. Mas todos esses momentos, que antes devem ter sido inofensivos, agora foram distorcidos com uma precisão doentia. Em algumas, meu rosto foi desfigurado. Linhas pretas e grossas atravessam minha pele como cicatrizes, como se alguém tivesse tentado apagar a vida dos meus olhos. Em outras, meu rosto está riscado, de cima a baixo, ou marcado com círculos vermelhos — como um alvo.

O coração dispara enquanto continuo olhando em volta, percebendo o tamanho dessa coleção perturbadora. Cada foto me mostra de um ângulo diferente, em um momento diferente.

— Leon... — sussurro, as palavras quase ficam presas na minha garganta. A SMS, a ordem, a porta da rua aberta. Isso grita armadilha. E eu entrei nela de olhos abertos. — O que... o que é isso?

Ele vira-se para mim devagar, nos olhos uma expressão que não consigo decifrar, mas que me faz gelar por dentro.

— Foi um erro termos vindo.

Atrás de mim, algo range. Depois, levo uma pancada na nuca.

Capítulo 21

Um travo metálico pesa-me na língua. Morria por um copo de água, antes mesmo de abrir os olhos. As pálpebras estão mais pesadas do que o costume. Tão pesadas como se... Não!

Tento mexer-me, os dedos, a cabeça. Em vão.

Sinto o pavimento laminado a roçar-me a face, o peso incômodo do meu próprio corpo a esmagar-me o peito, o frio do chão.

Diante de mim esbate-se uma imagem desfocada. Tecido. Ganga. Umas calças de ganga escuras.

Pisco os olhos. Aquilo que às vezes ajuda contra a paralisia do sono, mal consigo. É como se algo bloqueasse meus pensamentos a caminho dos músculos.

Quando consigo piscar duas vezes seguidas, a imagem à minha frente ganha um pouco de nitidez. As calças se movem. Dali parte um rastro de sangue que vem dar diretamente a mim.

À esquerda, distingo um par de tênis. Leon!

Ouç-o respirar. Quero dizer alguma coisa, gritar para ele, perguntar o que ele fez. Por que você me traiu. Mas nem meus lábios nem nenhuma outra parte do corpo obedecem às minhas ordens.

Só um gemido quase imperceptível me escapa quando percebo que minhas pernas estão ficando frias. As calças sumiram e a calcinha fina de algodão mal me protege do frio do chão. Fico cada vez mais gelada. Posso ver a pele de galinha se espalhando pelo antebraço. Está ali diante de mim como se fosse de outra pessoa.

Algo quente roça minha nuca.

— Oi, Josie.

Quero gritar, não consigo. É a voz de uma mulher. Uma voz suave. — Você ainda se lembra de mim? Sempre íamos juntas ao lago.

Não! Não, isso não pode ser.

Um safanão me atravessa quando algo me esbarra. Pelo canto do olho vejo alguém passando por cima de mim. Só vejo tênis e pernas em calças escuras. Você é uma mulher? Terei imaginado Paula?

Ela está morta! Eu a vi sendo enterrada.

— Você escolheu um homem gostoso, Josie — a voz sussurra. — Pena que foi o errado.

Concentro toda a vontade na nuca, na esperança de poder ver o que está acontecendo. Mas só a respiração me fica mais pesada e o pânico mais denso.

— Desista, Josiezinha. Não consegue fugir. A injeção ainda vai fazer efeito por algum tempo.

Um gemido baixo é ouvido novamente.

— Desejo muita diversão para vocês dois — a mulher sussurra. — Vocês vão se divertir, não vão?

A pergunta não parece dirigida a mim, mas você não obtém resposta alguma.

Um estalo seco, chicote. Conheço o som. O eco de uma chapada.

— Responde, seu cachorro!

— Vamos nos divertir — crocita uma voz rouca.

Leon?

— Bom rapaz. Um rapaz tão, tão obediente. Por que não foi logo assim?

Um som sofrido, gorgolejante, enche o cômodo. Depois, um chasco molhado, como de um beijo.

— Não se preocupe. Ainda tem umas horas. Vejo você mais tarde, querida.

Os passos se afastam. Meus pensamentos correm atrás deles, mas eles não conseguem agarrar nada.

— Josie? Você pode me ouvir? — A voz de Leon soa fraca através do zumbido em meus ouvidos. Quero responder, mas não consigo novamente.

Segundos se estendem a eternidades, mas a mulher não retorna. Leon se cala e o frio se entranha cada vez mais fundo.

O silêncio me encoraja a mais um assalto às barricadas do meu próprio cérebro e, finalmente, meu dedo mindinho estremece. Depois, a mão e, por fim, também as pernas começam a se mexer aos trancos e barrancos.

— Desculpa-me tanto, Josie.

As minhas pernas arrastam-se impotentes pelo chão, o suor frio rompe-me pela pele. A náusea assalta-me de forma tão inesperada que, a tremer, meio deitada, meio de gatas, vomito sobre as minhas próprias mãos.

— Josie...

Ergo a cabeça, a tremer, enojada e, ao mesmo tempo, estranhamente consolada pelo calor sobre os dedos e os braços. Então, o meu olhar cai sobre o Leon.

Está encostado à parede, a apenas dois metros de mim. Do baixo-ventre sobressai a faca de cozinha. Entrou só até meio, mais ou menos. Mas é longa e afiada, para eu poder cortar os tomates...

Um engulho sacode-me.

— Ó, Deus! — A minha voz, distorcida por lágrimas que não chegam a cair e por puro horror, mal a reconheço.

Engatinho até ele. Minhas mãos agarram sua camisola fina. — Ó, Deus, o que

aconteceu? O que é que aconteceu? Me desculpa tanto.

O olhar dele está opaco de dor, nos lábios tem a caricatura de um sorriso. — Eu fiz isso por você.

— Quê? O que isso quer dizer? Quem é você? — Choro, incapaz de parar. Meu olhar foge para a porta. Eu me sinto tonta, mas não há ninguém aqui. Estamos sozinhos com as imagens e o sangue.

— Ela disse que... que queria enfiar uma faca na sua... se eu não...

Me dou conta de que não estou com as calças e, de repente, do ardor na coxa. Olho para baixo. Um golpe fino corre ao longo da articulação do joelho até o cóc da calcinha. Sangra levemente. Como se alguém tivesse passado, sem fazer pressão, uma lâmina afiadíssima da panturrilha até o sexo. Um grito baixo, lamurioso, me sacode e minha mente apaga. Enrolada em uma bola trêmula, eu me agarro a ele.

Leon solta um ai abafado, mas, de alguma maneira, passa meu braço por cima e me segura com força.

A vista escurece. Acho que ouço sua voz, mas não tenho certeza. Uma parte do calor do corpo dele passa para o meu. O tempo se esvai na insignificância.

Abro as pálpebras. Tudo volta. A divisão. O Leon. O sangue.

Ergo-me, em pânico. Leon está lívido como um homem morto. A faca está cravada logo acima do osso do quadril. Não sai mais muito sangue da ferida. Deve estar em choque, com certeza.

Engatinho até minha calça, ao lado da porta, limpo as mãos na perna esquerda da calça e olho em volta, tresloucada. De todos os quatro cantos, câmeras me devolvem sorrisos escarninhos.

— Oi, Josie.

Com um grito, deslizo de volta até a parede. Eu me agarro às calças com toda a força. A voz cantada vem de um alto-falante acima da porta.

— Não quer dar uma ajuda pra ele?

Meu olhar cai para Leon. Parece inconsciente.

— Não se preocupe, ele acorda de novo. Eu quero é que vocês ainda possam se divertir. Não queriam se divertir?

— Quem é você?! — grito na voz.

Leon se mexe levemente.

— Chiuuu, não o acorde. Seria decerto doloroso para ele.

— Quem é você? — Minha própria voz me dá uma coragem que na verdade não tenho, uma força que já deveria ter me abandonado.

Pulo para ficar de pé.

— Você me conhece, Josie. Fomos nadar juntas.

— Não fomos nada! Você não é a Paula!

— Tem certeza? Vem. À. Janela.

Dou um olhar carrancudo para as câmeras.

— Vamos, maninha. Anda. Você não quer que algo aconteça com Leon, quer?

Com as pernas trêmulas, cambaleio até o vidro. No meu apartamento, há uma luz acesa. Só no banheiro. No corredor à frente, não. O foco do teto do banheiro corta a silhueta de uma mulher loira.

— As irmãs dividem tudo, Josiezinha, não é?

Ofegante, me inclino para frente, mas não consigo distinguir nada. As ruas estão escuras, a escuridão cobre seu rosto. Ela dá um passo para trás. Eu ouço o clique de um interruptor de luz pelo alto-falante acima de mim. Depois, fica tudo escuro e seu contorno desaparece.

Fico olhando por segundos intermináveis, mas nada mais se move lá fora.

Meu olhar desce para a rua. Não se vê ninguém. Mas eles também não precisam nos ver. Minha mão bate no vidro, a título de teste. Uma vez, duas, depois mais e mais. Meus gritos de socorro sublinham o estrondo até que tudo se funde em uma única cacofonia. Então minha voz falha e meus braços começam a tremer.

— Muito bem, Josie, muito bem — elogia o alto-falante. — É ótimo você ter testado isso aliás. Você sabe qual é a melhor parte de comprar um apartamento? Podemos fazer com isso o que quisermos. E no meu apartamento há *tantos* materiais de isolamento acústico quanto quase não há em nenhum outro lugar nesta cidade. Tá entendendo o que eu digo?

Viro-me para as câmeras. Eles quase parecem me olhar de volta com benevolência fingida.

— Vê? Agora você acordou Leon, e ele deve estar com dores horríveis. Por que você não faz o que uma boa mulher faz e o ajuda?

De fato, Leon tenta se endireitar um pouco, com dores visíveis, se contorcendo todo.

— Não — sussurro para ele. — Você não deve se mexer.

— Temos que sair daqui — geme ele.

— Eu sei. Eu sei. Eu... eu vou dar um jeito.

A face dele está quente debaixo dos meus dedos frios.

Ele ergue os olhos para mim. Dúvida, medo e dor acumulam-se no olhar dele.

— Vai até à cómoda, Josie — diz o altifalante, num tom afetuoso. — Vá lá. Eu só quero ajudar.

Leon abana a cabeça. — Não faças o que ela diz. Ela é louca.

— Se o queres ajudar, Josie, vais agora à cómoda.

Com um olhar de desculpa ao Leon, ergo-me.

Ele tenta segurar-me pelo tornozelo, mas não consegue.

A gaveta de cima desliza silenciosa para fora. É grande, funda e, ao centro, repousa um único marcador branco-vermelho-violeta ao lado de um frasco pulverizador. “Injetor de sulfato de morfina”, lê-se no marcador. No frasco não está escrito nada.

— Dê o analgésico para ela, Josie. É muito simples. Você só precisa tirar a tampa e injetar no músculo da coxa nela. Para isso, você aperta o botão violeta. É tão fácil que até uma coisinha burra, burra como você não consegue fazer mal feito.

Pego os dois e corro para Leon. Ele se encolhe para trás.

— Você nem sabe o que é isso!

Um arquejo indignado irrompe do alto-falante. — Leon, você não confia nela? Você é um desses? Ela te ama, você sabe bem.

— Cale a boca, sua vadia de merda maldita! — Ele emudece, dentes cerrados, desaba arfando, os olhos ferozmente cerrados.

Aproveito o momento de desatenção, arranco a tampa do injetor de morfina e enfio a agulha na coxa dele.

Ele escancara os olhos.

— Desculpe — sussurro, com as duas mãos segurando seu rosto, contorcido de descrença e dor. — Desculpa tanto, mas quem sabe o que ela faz se não entrarmos no jogo.

— Muito bem, Josie. Muito bem. Agora desinfeta a ferida. Não queremos que infeccione, não é?

Meu olhar cai no pote de plástico. Leon agarra minha mão.

— Confie em mim — sussurro, enquanto rezo para que esse pesadelo não seja nada além de um pesadelo.

Vou enfrentá-lo como todos os itens acima. Funcionando, me adaptando, aguentando. De alguma forma, aguentando.

Afasto com cuidado a camisa rasgada, tiro a tampa do frasco e borribo duas borrifadas nas bordas do ferimento.

Leon solta um grito mal as gotículas tocam sua pele.

Desajeitado, recua perante mim, a olhar-me com o rosto contraído de raiva, desconfiança e tremura no olhar.

O altifalante solta uma gargalhada. — Só havia desinfetantes à base de álcool, Leon. Eu disse-te que ela não te faz bem nenhum.

A soluçar, de gatas, avanço para o Leon, mas o seu sibilo ameaçador faz-me parar.

— Bom, muito bom. Agora esperamos até a morfina fazer efeito. Não te preocupes, é rápido. E depois vocês os dois vão divertir-se um bocadinho. Como sempre quiseram. Tu querias divertir-te com ele, não querias, Josie?

Abano a cabeça, a ver as lágrimas a pingarem no chão à minha frente.

— Ora, Josie, somos todos podres. Todos queremos divertir-nos. E vocês vão divertir-se. Antes de o sol nascer. Não é, Josie? Caso contrário, vou buscar o teu rafeiro e abro-o em canal, ouviste?

— Por favor, nos deixe ir — me ouço dizer.

— Eu só quero que vocês se divirtam.

Um arquejo de Leon me faz erguer a cabeça. Ele leva a mão ao peito, escorrega pela parede abaixo e fica tremendo no canto, caído no chão.

Do alto-falante irrompe um guincho. — O que você fez, sua vadia?!

Fico olhando para Leon, cujas pernas continuam tremendo, sem controle. O peito sobe e desce em golfadas irregulares de ar.

— Você disse que isso o ajudava! — berro para o alto-falante.

Matei-o. Ó, Deus, eu matei Leon.

— Ajude-o! — chia lá de cima. — Ajude-o, sua vadia inútil! Já!

Não consigo me mexer.

Alergia à morfina, ouço a Nici dizer, uma vez tivemos um doente que quase morreu porque tinha alergia à morfina, imagina.

O meu campo de visão distorce-se.

Ele está a morrer.

Fica tudo em silêncio.

Ele morreu.

À minha volta, cai a escuridão.

Capítulo 22

JOSIE ...

O meu nome passa pela minha cabeça como um sussurro.

Acho que é o tio Eric. De manhã, ele também soa sempre um pouco rouco. Já é de manhã?

Onde estou?

Os meus pés gelados roçam num rodapé. Pisca-piscando, endireito-me de um salto.

Leon!

Ele está deitado, imóvel. Um dos braços cai sobre seu rosto, em um ângulo estranho.

— Não. Não-não-não-não-não.

Engatinhando, me aproximo dele, agarro seu pescoço desesperada. Está quente. Eu entendo antes mesmo de sentir o pulso fraco, mas regular.

— Não dá bandeira — sussurra de repente.

Solto o ar num sobressalto. Uma onda de alívio cai sobre mim. Só então entendo e escondo às pressas qualquer emoção.

Eu me encolho ao lado dele, como para pranteá-lo, e enterro meu rosto no corpo dele, para que as câmeras não vejam meus lábios e minhas palavras fiquem abafadas. Cheira intensamente a suor.

— Por que você está vivo? — sussurro para ele, debruçada sobre ele.

— Não estava com disposição para brincadeiras — responde ele, rouco e abafado, debaixo do braço.

Preocupada, percorro-o com os olhos. A faca ainda está cravada, mas as bordas estão secas, tirando alguns pontos isolados.

— Como você se sente?

— Nunca estive melhor.

— Para com isso.

Ele solta um bramido baixo. — Me deixa meu humor negro. — Depois de um breve silêncio, acrescenta: — Que horas são?

— Não sei. Os estores estão corridos para baixo.

— Então já deve ser de dia. Você testa uma coisa pra mim?

— O quê?

— Vê se as portas dos outros quartos continuam abertas. Se sim, e se houver câmeras lá também, procure um canto onde elas te vejam mal ou nem te vejam, e então perceba se a câmera te segue.

Meu cérebro, entorpecido de exaustão, começa a trabalhar. — Por quê?

— Quero saber se a tipa ainda está aí.

— Onde é que havia de estar?

— Trabalhando.

Faz sentido, mas, de certa forma, também não faz.

— Estou com medo.

— Eu sei, mas eu estou oficialmente morto, então...

Só de má vontade me afasto dele e me levanto novamente. Finalmente consigo ir, em pé, até minhas calças. Eu as visto, ainda que a ferida na parte interna da coxa proteste a arder.

O caminho até a porta parece longo, embora mal sejam sete passos. Mesmo assim, com a mão na maçaneta, volto a olhar para Leon. Continua igual, quieto.

Minha mão encontra o puxador. O aço inoxidável escovado envia um arrepio pelo meu braço acima.

Do outro lado está escuro. Tateio, com cuidado, procurando um interruptor. Acende-se uma luz acima de uma mesa de jantar. Uma única câmara pende, oblíqua, à minha esquerda, acima de mim.

Com medo de que a mulher loira esteja aqui, apresso-me a passar fora da linha de visão da câmera e vou o mais para a esquerda possível. Embora o aparelho dê claramente para girar, ele continua apontado para o centro da sala.

Um pouco encorajada por isso, atravesso a sala até a porta que leva ao corredor. A porta da frente estará trancada, mas talvez alguém me ouça bater!

Arranco a porta do corredor, me lanço para fora e fico ali mesmo, tropeçando, parada.

Um cheiro doce investe contra mim. Vem do homem morto que está pregado na porta como um espantalho. Camisa xadrez, jeans manchado. A camisa está rasgada. No peito, em letras pretas grossas, lê-se: — Toc-toc.

O rosto está tão inchado que tenho que engolir o vômito. A contração dos músculos do pescoço corta o grito que enche o corredor.

— Josie! Tá bem?!

Tropeço para trás, de volta à cozinha. O zumbido das moscas varejeiras, amontoadas nos cantos da boca, nariz e orelhas, me persegue até a pia. Só consigo derramar bile e ácido gástrico.

Eu me agarro à torneira. Por vários instantes, eu só queria poder ir pelo ralo, a sair para fora daqui.

— Josie!

Cambaleio para trás. Era Frank. Tenho certeza de que era Frank. Só ele usa camisas assim. Mas por quê? Como?

Leon se endireitou novamente, claramente meu grito foi assustador o suficiente para ele abandonar a camuflagem. Tropeço até a parede e apoio as mãos. Meus olhos vagam pelas incontáveis fotografias minhas. No canil, no parque, no café, limpando as janelas.

— Você não é a Paula — murmuro. — Você não é a Paula. Você é o diabo, o fim, você não é Paula!

— O nome dela é Diana Keller.

Viro minha cabeça para Leon como uma coruja.

Ele me olha, amargo.

— Como você sabe disso? — sussurro para ele, sem fôlego.

— Você trabalha na mesma empresa que eu.

— Mas... isso quer dizer o quê?

Leon baixa o olhar. — Eu não sabia.

Eu me viro para ele. — O que você não sabia? O quê?!

— Que a culpa é minha — ele diz, baixo.

À minha frente, passam, aos solavancos, as últimas conversas com o Leon. — O que aconteceu há dois anos, Leon? Disseste que fugiste! De quem?

— Não dela! — grita ele, contorce o rosto e afunda-se um pouco em si mesmo.

— Então de quem?! — Dei vários passos na direção dele, a mão esticada, acusadora, para o corredor. — Está um morto pendurado na porta! Quem é essa mulher, Leon?

— Eu não sei! Eu...

— Pára de me mentir! Não me voltes a mentir! Vamos morrer aqui dentro os dois, por isso pára, porra, de me mentir!

— Eu não estou a mentir — contrapõe ele, baixo. Quando estende a mão para mim num gesto de reconciliação, reparo no tremor intenso. — Por favor, vem até aqui.

— Não! Só quando tu...

— Eu estou a falar, mas, por favor, chega-te mais, assim não tenho de falar tão alto.

Vou até ele, hesitante. Embora seja o meu único consolo neste inferno, desconfio cada vez mais que não posso confiar nele.

A um metro dele, deixo-me cair ao lado e tento, apesar do morto dois

compartimentos mais à frente, perceber o que ele me diz.

— Só a conheço do trabalho. Uma vez levou-me a casa quando o meu carro não pegou. Eu ainda era novo, não pensei em nada. Perguntou se queríamos sair um dia. Recusei com educação.

— Porquê?

— Não sei. Não me inspirava simpatia. Tinha uma...

— Maneira psicótica de ser?!

— Mais ou menos. Tinha a sensação de que precisava sempre da última palavra, que não tinha paz dentro dela, que... tinha de ganhar sempre.

— E depois?

— E depois nada. Ela continuou tentando, como eu disse, acho que ela não gosta de perder. Mas trabalhamos em departamentos diferentes. Eu só a vejo de vez em quando. E... — Cala-se. O suor perla sua testa. Ele vira os olhos repetidamente para o teto, como para evitar olhar melhor a ferida no abdômen.

— Porque você gritou? — pergunta ele pouco depois.

— Porque não estamos sozinhos — digo, cava. — No corredor está... Keller. Você disse Keller, não disse?

— Tem um Keller no corredor?

— A Diana Keller! Meu Deus, ela é a esposa de Frank!

— Do que você está falando? — Leon soa irritado. Uma gota de suor cai de sua têmpora.

— Diana Keller é a esposa de Frank Keller, ele está no nosso grupo terapêutico! Ela o maltrata! Ele nunca teve coragem de se divorciar dela!

— E por isso você gritou?

— Ele está morto.

— Aqui?!

— Está pendurado na porta.

— Aqui?! — ele pergunta novamente, como se eu fosse um assistente de voz mal programado.

— Já disse que sim!

— Mostra pra mim!

Solto um resfolegar. É o desespero alimentando minha raiva. Queria sucumbir a isso, para poder fugir de tudo. — Por quê? Te excita? Quer um vídeo de mirone? Vai lá, dá cá seu celular, que eu já vou lá de novo!

Ele me encara, boquiaberto. Só entendo o porquê quando leva a mão, trêmula, mas rápida, ao bolso da calça.

— Você tem um celular — suspiro.

— Claro que tenho — responde ele, com o mesmo tom reverente.

Ficamos, por segundos, a fitar o ecrã, onde se espelha a luz do teto. Em toda a minha vida, a visão de um aparelho elétrico nunca me alegrou tanto. Escapa-me um arquejo incrédulo. Sinto que estou a sorrir; não sei de onde é que a minha mente esfrangalhada tirou essa emoção, e pouco me importa.

Mordo as pontas dos dedos até as ferir, enquanto ele marca o número de emergência da polícia.

O resto conheço bem. Três toques livres, uma gravação. — Emergência policial, por favor, mantenha-se na linha.

Chego-me para mais perto, quero ouvir cada palavra, quero ouvir que dizem que já vêm a caminho. Com helicóptero, ambulâncias, com tudo o que a polícia puder mobilizar.

— Emergência policial, Comissária Anita Relek.

A cabeça de Leon pende para trás, aliviada, e ele fecha os olhos. — Sim, olá — diz, com uma mão pousada no lado onde a faca está cravada. — Leon Polman é meu nome. Estamos sendo mantidos presos em um apartamento. Estamos feridos e...

— Quem é “estamos”?

— Minha... namorada, Josie West, e eu.

— Então já se divertiram?

— O quê? — A expressão de Leon se desfaz.

A voz, antes profissional, ganha um travo viscoso de triunfo. — Acharam que ia ser tão fácil assim?

Leon joga o celular longe. Ele desliza vários metros pelo chão e fica, por fim, travado pelo rodapé.

O alto-falante estala. — Você não estava pensando que eu ia deixar seu celular assim, não é?

Um músculo trabalha em seu maxilar. Ele mantém os olhos fechados.

Espero que ele comece a chorar. É mais fácil esperar que ele faça isso do que lutar com meu próprio desespero.

Com um baque surdo, ela bate a cabeça na parede atrás dela e depois encara as câmeras. — Por que você não ousa vir aqui, sua covarde de merda, hm?

— Você não me quis, esqueceu? Agora é tarde demais. Mas agora Josie está lá, não é? E vocês vão se divertir tanto.

Leon tenta se levantar de um salto, mas a lâmina na lateral o trava. Com um som de dor, ele cai contra a parede novamente.

— Shhhhh — faz a voz no alto-falante. — Comporte-se, Leon, e eu digo a Josiezinha onde escondi a segunda dose de morfina. Você não tem mais alergia,

não é?

Leon parece querer dizer algo de novo, mas minha mão pousa em seus lábios. Por baixo das sobrancelhas franzidas, o olhar irritado dele se crava em mim.

— Pare — imploro. — Você ainda vai se matar.

Um guincho entusiasmado, como o de uma adolescente, ressoa do alto-falante. — Que queridos vocês são. Vá buscá-la, Josie, para o coitadinho não sentir mais dor. Vá lá, vá buscá-la.

Me levanto, sem reagir ao aceno mudo de negação de Leon.

— Assim está bem. Quer saber onde está?

Aceno, resignada, incapaz de olhar para as câmeras.

— Você esteve muito perto. Mas, infelizmente, ainda não perto o suficiente.

Meu próprio pulso ruge em meus ouvidos. Meu olhar volta a se perder em Leon.

— Josie, deixe isso. Olha pra mim. Não é tão ruim. Se a ferida fosse mortal, ele já estaria morto!

Ele soa valente, mas o rosto, por baixo das manchas vermelhas da ira, está da cor da cal, e a gola da camisola, escura de suor.

Viro-me. Só agora reparo que me faltam os sapatos. A caminho do corredor, procuro-os em vão, para me distrair do objetivo da minha curta viagem. O zumbido das moscas apanha-me. Agora que sei de onde vem o fedor, basta pensar no aspeto do Frank para me enjoar.

Quando dobro devagar a esquina e volto a ver o corpo martirizado dele, um soluço sacode-me. A nossa conversa no café impõe-se-me à consciência. Ele tentou avisar-me. Ó meu Deus, ele nunca esteve com ciúmes. Era prisioneiro dela. Tentou avisar-nos aos dois.

Sobressalto-me quando a voz da mulher dele soa do alto, à esquerda.

— Gostas dele?

Não consigo olhar. Nem quero. Não se percebe do que morreu, e não tenho interesse em olhar um segundo mais do que o necessário. O meu olhar desvia-se para a cómoda. É igual à da sala, onde estava o primeiro injetor. Avanço para lá.

Uma risada vinda do altifalante.

— Infelizmente não é assim tão simples, Josie. Pensa como deve ser. Tu gostavas do Frank, não gostavas? Também querias divertir-te com ele, não querias?

Abano a cabeça, a tremer. — Mal o conhecia — sai-me aos arrancos. — Por favor, deixe-nos ir. Eu não quero divertir-me. Com ninguém!

— Oh, não sejas assim. A diversão é importante na vida. Só não se deve querer tê-la com homens a que não se tem direito, sabes? Mas agora eu estou

aqui para ver. Por isso, agora está tudo bem. Vá lá, aproxima-te.

Não consigo mexer-me um milímetro. O fedor no corredor estreito é bestial.

— Sabes, o Leon é um desses tipos muito especiais que te querem fazer acreditar que está tudo bem, mesmo quando não está. A faca não entrou fundo, mas está num sítio magnífico, por onde passam muitos tendões e nervos. Neste momento ele tem dores horríveis. O efeito do primeiro injetor já passou há mais de uma hora. Sê boa para ele, Josie. Já que eu ta estou a deixar.

Como um robô, consigo dar um passo cambaleante em direção a Frank.

— Boa menina. Agora vê lá que ele também se divirta um pouco com isso. Afinal, tentou avisar-te. Eu não podia tolerar essa traição, pois não? Então, faz devagarinho.

Cheia de esperança, o meu olhar desliza para o bolso do peito da camisa dele, escondido nas pregas da roupa aberta.

— Frio, muito frio.

Com o braço tapar minha boca, tateio o bolso da calça de Frank. Me sinto mal. Ainda pior do que eu já me sentia.

— Céus, Josie, agora não seja tão envergonhada. Aí também não está!

Minha mão recua. Balanço a cabeça. — Por favor, nos deixe ir — soluço. — Apenas deixe-nos ir. Eu nunca mais falo com Leon, eu juro para ele.

— É tarde demais para isso. Devias despachar-te. Seu herói já está se preparando para se levantar e rastejar até você. Isso pode ser perigoso para você.

Ao longe, na verdade ouço um som de arrastar e um arquejo cheio de dor.

— Leon, fique deitado, está ouvindo?! — grito, desesperada.

Ele não responde.

Com um passo decidido, me aproximo novamente de Frank e agarro o zíper da calça dele.

— Faz devagar. Finge que vocês se estão a divertir. Foi isso que ele desejou, sabias? — A voz soa rouca, alheada. Umas quantas moscas erguem voo. — E eu enviei-o para esse grupo para ele descobrir mais sobre ti. Eu queria saber quem era a vadia que andava a fazer olhinhos ao Leon nesse canil infestado de pulgas.

Ela *o quê*? O Frank estava no grupo por causa dela? Porque o obrigara a espionar-me? Então as agressões eram mentira? Involuntariamente, abano a cabeça. Tenho a prova em contrário diante dos olhos. Está pendurada na porta. — Eu nunca fiz nada ao Frank...

— Você tirou Leon de mim. Você virou a cabeça dele! — guincha do alto-falante. — Eu vi no sorriso dele quando ele falava de você! Josie, oh, Josie, você deveria ter tirado as mãos dos meus homens. Porque com Frank você também tentou. Ele ficou insolente, sabe? Sua história sobre a separação bem-sucedida colocou ideias na cabeça dele. Más ideias. Por isso teve que pagar. E agora vai lá

com ele e desfaz o estrago! Ou será que coloco Leon na porta ao lado?

Tenho que me dominar. Enojada, enfio a mão na abertura da calça de Frank. Mal consigo me forçar a procurar o injetor de morfina, que presumo em algum lugar da calcinha.

Ele não traz nenhuma.

Minhas mãos roçam em qualquer coisa... O gosto de bile sobe à minha boca.

Agora não, Josie! Agora não.

Diana ri. — Oh, pobre ratinha. Pode parar. A injeção está, obviamente, na gaveta.

Cambaleio para trás. Olho, furiosa, para a câmera. — O que está acontecendo com você? — guincho. — Porque você faz isso? O que você quer de nós?

— Eu quero me divertir, Josie — ela diz, seca e, pela primeira vez, com um tom terrível de seriedade na voz. — Eu quero só diversão.

Quando chego a Leon novamente, um tremor difuso tomou conta de mim. Não tenho ideia de onde isso vem, porque não tenho mais estou com frio. Mas está lá. Como um ruído incômodo ao longe, cuja origem nos fica escondida.

— O que aconteceu? — pergunta Leon, fraco. Ele parece ter desistido de tentar me fazer ouvir a razão.

— A porta está trancada — digo, sem graça.

Depois de ter gritado por minutos para as câmeras para nosso algoz, tentei abrir a porta apesar do cadáver de Frank. Nisso, o corpo dele caiu da parede. Como um saco, ele desabou da porta, contra mim, acima de mim. Posso cheirar você em mim.

Então fui para a cozinha e tentei quebrar uma das janelas de lá. No meu desvario, primeiro com a mão, depois com outra coisa. Mas os móveis estavam todos aparafusados, nem as gavetas da cômoda ajudaram. Demasiado desajeitadas, leves demais. Móveis baratos. A vadia só riu quando a gaveta minúscula do armário ao lado da porta quebrou. Em seguida, disse que eu me afastasse das janelas. Caso contrário, vinha aqui terminar o que começou.

Não perguntei se ele se referia a mim ou a Leon.

De resto, aqui não tem nada. Além de um injetor de morfina e uma faca de cozinha.

Por um instante, penso em ir martelar a porta de entrada. Gritar, bater nas paredes, no chão.

A síndica do prédio talvez me ouvisse e viesse ver e então... Chamaria a polícia? Chegariam a tempo? Ou Diana seria mais rápida e haveria outro cadáver

neste apartamento?

— O que é isso na sua mão?

A pergunta de Leon arranca minha ruminação, e percebo que ainda estou agarrando o bloco de notas. Estava ao lado do injetor de morfina. Estendo ambos para Leon, enquanto continuo a fitar, apática, a parede onde minha vida está pendurada.

Ouçó o leve plop da tampa, depois um chiado dele, depois um suspiro.

Deve ser o efeito placebo, porque, na verdade, a morfina leva de cinco a vinte minutos para fazer efeito.

Eu sei disso pela Nici. Quando ela está cansada, ela está sempre falando sobre o trabalho e eu, com minha memória de elefante, guardo cada parte desnecessária disso. Até que, no serviço dela, houve uma vez um rato que chamaram de Batman, porque ninguém além das enfermeiras o via e porque a direção da clínica teria feito um grande alarido se soubesse que ele andava por lá.

Não sei por que me lembro precisamente dessa história agora. Talvez porque eu esteja fitando uma foto onde estou com Nici tomando sorvete na cidade. Ela come sorvete de limão, eu uma bola de stracciatella e outra de tiramisu.

Ela vai procurar por mim? Caso contrário, no máximo vinte e quatro horas depois de uma discussão, eu ligo para você. Porque não suporto incoerências. Ressentimento, muito menos ainda.

Ao meu lado, ouve-se o frufu do papel.

Afasto-o. Isso atrapalha meu esforço para me colocar a pensar em outra vida. Em uma sorveteria, por exemplo.

— Não vamos sair daqui — murmuro.

— Vamos sair daqui, Josie.

— Não vamos. Aqui não tem nada! Ela disse que isso era vidro de segurança.

— Até o vidro de segurança quebra com a ferramenta adequada.

Tenho que rir. Ferramentas. Sim, ferramentas são ótimas. Quando se as tem.

O frufu recomeça.

— Levantar 7:00, chuveiro, arrumar o apartamento, café da manhã às 9 horas, visita à terapia em grupo às 12 horas. O que é isso?

— Minha vida — ouço-me dizer. — Ela escreveu tudo. Tudo.

Ele continua simplesmente folheando. Ele não diz nada, como se eu tivesse dito a ele que aquilo era uma lista telefônica.

— Estás a gostar? — pergunto, a dada altura, com ironia, quando o silêncio me parece longo demais.

— Quem é a Paula? — pergunta ele.

Arranco-lhe o bloco das mãos. — Não te diz respeito.

— Ela sabe-o de qualquer maneira. E eu, provavelmente, já não o vou poder contar a ninguém.

Finalmente, a minha cabeça vira-se para ele. É como se tivesse tomado essa decisão sem o meu cérebro, porque já não aguento olhar para ele por mais tempo.

Parece ter envelhecido anos. As faces cavadas, olheiras fundas sob os olhos.

— Não digas isso.

Ele encosta de novo a cabeça à parede e fecha os olhos. — Porque é que não mo contas simplesmente?

— Porque quero sair daqui.

— Eu também, mas só quando a morfina fizer efeito. Então, quem é a Paula?

— Era a minha irmã.

Ele abre um olho. — Era?

— Sim, pretérito, era!

— Lamento.

— Não precisas. Não foi culpa tua.

Ele ergue a cabeça e olha-me, atento. — Mas tua?

— Porque é que não falamos, antes, do teu passado? — assanho-me.

Ele hesita, engole em seco, antes de continuar: — O meu pai... era um homem violento. — O olhar dele foge para a câmara, e eu entendo. Sento-me à frente dele, de modo a que o rosto fique escondido da louca do outro lado da lente.

— Não foi fácil crescer em uma casa onde nunca pude me sentir seguro — ele sussurra, quase inaudível. — Minha mãe sempre tentou me proteger, mas nunca conseguiu fazer muito mais do que virar a ira dele para si mesma.

A raiva e a dor, que eu conheço tão bem, estão nas palavras dele. Ele levanta a mão trêmula, aponta para a cicatriz no rosto. — Um ferro de solda quente, com o qual ele trabalhava. Eu não o obedeci rápido o suficiente quando deveria passar a solda nele. — Por um instante, o olhar dele resvala para mim, logo se desviando novamente, inquieto. — Depois, fugi de casa. Morei na rua e fiz de tudo para sobreviver. Então eu sei como é viver com medo. Todos os dias. Todas as noites. A incerteza constante.

Minha raiva se dissipa nos olhos escuros dele. — Paula se afogou — sussurro, de repente. — Tínhamos dez anos.

O lago me pega. Não, na verdade, estive aqui o tempo todo. Pairou sobre mim, ameaçador, como uma chuva esperando o momento certo.

— Ela simplesmente se afogou — ela me arrebatava outra vez. — Fomos nadar. No meio da noite. Ela sempre me incitava a essas bobagens. A água estava tão

fria, mas ela queria à força que entrássemos. Nadámos. Quase até o meio e então ela simplesmente afundou. Eu tentei ajudá-la! Juro que tentei, mas... — O tremor se intensifica. Quando ele me abraça dessa vez, ele não me consola. Só volta a parecer que estou presa nos braços do lago.

— Minha mãe me culpou. Faz anos que não falo com ela. Meu tio foi morar conosco para ela não ter que lidar comigo. Tudo isso está nesse bloco de notas. Como ela sabe de tudo isso? O que isso lhe interessa? O que ela quer de nós?

— Respire, Josie. Você tem que respirar!

Mas eu estou a respirar! Raios, eu estou a respirar, mas o lago está em todo o lado. Nada na minha vida funcionou desde que a Paula já cá não está. É como se o lago me tivesse amaldiçoado.

Quando as palavras de consolo do Leon finalmente me alcançam, a minha respiração acalma.

O mundo escurece e, por uns momentos, cuja duração não sei nomear, encontro algo parecido com sono.

Capítulo 23

— ACORDA, Josie.

Sinto uma mão no meu queixo e abro as pálpebras. Dou um grito e recuo. A Diana está sentada à minha frente. Os lábios vermelhos como sangue retorcidos num sorriso feio.

— Olá, raio de sol.

— Onde é que ele está? Onde está o Leon?

— Ora, desapareceu.

Estou com as mãos atadas. Atrás das costas. O cano de uma pistola se crava no meu ventre.

— Eu preciso da sua ajuda, Josie. Quero te fazer um favor, porque até agora você foi tão corajosa.

— Onde está Leon?

— Vamos, você vai vê-lo de novo. Ele está lá. — Indica a segunda porta à direita, que dá para o quarto e que até agora estava fechada.

— Já já pode ver seu querido. Mas primeiro você tem que ligar para alguém por mim.

Olho, sem perceber, para seus olhos azul-gelo. São lindos. Tão lindos quanto o resto dela.

Como se lesse meus pensamentos, o sorriso fica ainda mais sedutor.

— Ele não me chutou, Josielein. Não logo. Nos divertimos muito antes de você aparecer. Ele me largou. Por tua causa. Consegue imaginar isso?

Fico a encarando como um rato encara a cobra. Ela continua sorrindo.

A pressão da arma aumenta. Não consigo me esquivar. Um suor frio me rompe pela pele.

Com um aceno de cabeça, minha carrasca aponta para um prato e uma garrafa de água no meio da sala. — Até arrumei qualquer coisa para você comer, se me ajudar a te ajudar.

Como não respondo, ela tira um celular do bolso.

— Ainda bem que seu cartão SIM sobreviveu ao ataque com o sapato. Tomei a liberdade de pegar um celular novo para o seu cartão. — Ele abre um sorriso largo. — Você vai dizer que quer falar com ele. Já. Se você fizer alguma estupidez, eu te dou um tiro, entendeu?

Vejo-a discar o número de Michael.

Balanço a cabeça com força, até ela cravar a arma no meu ventre.

Do outro lado atendem. — O que queres? — pergunta Michael, ríspido. — O teu amante tenciona apresentar queixa por agressão?

A Diana acena-me, a ordenar que fale.

— Eu... eu quero falar contigo — consigo articular.

— Então fala.

A Diana ergue uma sobrancelha.

— Não ao telefone. Podemos encontrar-nos... em minha casa?

— Para esse falhado me acertar outra vez, é isso?

— Não... não, estou sozinha.

— Estás a chorar?

— Não.

— Ele fez-te alguma coisa?

Se a situação fosse um pouco diferente, teria rido. — Limita-te a vir. Agora.

— E você acha como? Há quem tenha que ganhar a vida. Ah, é, você acabou de uma separação lucrativa. Às 19h. Ai de você se não abrir a maldita porta de novo!

Desliga a chamada.

Diana guarda meu celular com um resfolegar. — Que cabrão grandessíssimo — murmura, antes de voltar a virar-se para mim.

— E agora, Josielein, vamos te vestir direito — diz, com um sorriso frio que não chega aos olhos. — Assim, encharcada de suor e desmazelada, não posso deixar você sair de casa. Preferia que você se arrumasse um pouquinho.

Ele aponta para uma pequena pilha de roupas no chão.

— Vista-se — ele ordena, tira minhas algemas e reforça a exigência com um aceno da arma. — Rápido.

Ele se afasta para que eu possa pegar as peças de roupa. Uma blusa simples, mas elegante, e uma saia muito curta.

A ideia de me despir aqui, no meio da sala, com Diana assistindo, me deixa com uma sensação de exposição que ontem eu nem conseguia conceber. Mas não tenho escolha.

Deixo cair no chão as roupas sujas e rasgadas, enquanto visto as novas peças. Estão limpas e cheiram a fresco — um contraste cortante comigo mesma.

Quando finalmente termino, Diana olha para mim com um sorriso satisfeito. — Muito bem — ele diz, avança e estende a mão para mim.

Eu me encolho, ao que ela chasqueia, reprovadora, com a língua. — Fique quieta, sim? — sibila. — Se você não entrar no jogo, Leon vai pagar caro.

Sinto minha garganta cerrar enquanto ela afasta as mechas úmidas de suor do

meu rosto.

Então ele leva a mão à própria cabeça e arranca o cabelo para baixo.

Solto um guincho. E me envergonho assim que percebo que você acabou de tirar uma peruca da cabeça.

Na realidade, ela não é loira, é morena.

Admiro-me por estar dando atenção a isso. E, no entanto, parece-me o único pensamento seguro. Algo palpável que não pode me ferir.

Posso ver que é uma peruca de qualidade. Mesmo na penumbra, o brilho do cabelo pode ser visto. Não posso deixar de notar o contraste entre a peruca luxuosa e meu visual desganhado.

— Vai te assentar perfeitamente. — Diana sorri friamente e ergue a peça de cabelo. — Põe-na — ordena, áspera.

Com as mãos tremendo, pego a peruca e a coloco com cuidado na cabeça. É macia e parece irreal ao toque.

Enquanto tento ajustá-la de modo uniforme, Diana solta uma gargalhada. — A antiga dona desse cabelo ficaria chocada em vê-lo em uma rameira como você. — Inclina a cabeça. — Embora, talvez não. Também era assim uma como você.

Fico imóvel, gelada.

O riso dela fica mais alto, como se ela lesse meus pensamentos. Provavelmente não é difícil adivinhar. — Não, não tenha medo, comprei essa maravilha com toda a correção. É da cor do seu cabelo, reparou nisso?

Não consigo responder, incapaz de fazer qualquer coisa além de encará-la. Só quando algo volta a se cravar em meu ventre, eu aceno com a cabeça.

Diana me observa com um olhar avaliador. — Perfeito — diz por fim. — Você está ótima.

A voz dela transborda um entusiasmo falso e um controle calculado. O brilho nos olhos denuncia o gozo que tira da situação. Diana continua sorrindo enquanto tira um batom da bolsa.

— Abre-o.

Meus dedos tremem tanto que levo uma eternidade para cumprir a ordem. Mas acabo conseguindo expor um pouco da barra.

É vermelho-vivo. A cor é chocante em sua intensidade, quase como se imitasse o sangue na camisa de Leon.

— Melhor eu cuidar disso — diz Diana, com um toque de descontração na voz. — Você só ia estragar tudo.

Em silêncio, deixo você tirar o batom da minha mão.

O primeiro contato da barra em meus lábios é frio, e eu capto o cheiro pesado e doce da cor. Sua mão é surpreendentemente suave, e eu sinto a textura cremosa

em seus lábios com clareza enquanto ela espalha a cor uniformemente.

— Lindo — ele murmura, me lançando um último olhar crítico. — Assim você está mesmo certa para nosso pequeno encontro.

Ele se inclina um pouco mais, o hálito fazendo cócegas em meu ouvido. — Michael vai adorar — ele sussurra. — Vá, vamos. — A Diana enfia o batom de volta na carteira e pousa a mão nas minhas costas. — Não convém que Michael chegue antes de nós.

A cada passo que damos no corredor, sinto a escuridão subindo dentro de mim, vindo transbordando.

A caminho da saída, ele me arrasta para além da porta do suposto quarto. Como uma garra, as unhas impecavelmente manicuradas agarram meu queixo e me obrigam a olhar. Leon está inconsciente, encostado na parede. Os pulsos algemados. Na frente dele, um laptop aberto. Provavelmente servindo de substituto para as câmeras de segurança, com a webcam ligada. A mancha ao redor da faca de cozinha ainda brilha úmida.

— Se você entrar no jogo, eu o levo para o hospital. Se não... — ele estala a língua. — Então vou pegar a faca e cortar algumas maçãs para o jantar. Entendes? Você entende o que acontece se eu for pegar aquela faca?

Eu aceno, embora não tenha ideia. Sangrar até morrer, explodir, virar pó, minha mente não acompanha nada disso.

Continuo sendo arrastada. Como a imagem residual do sol, ainda vejo Leon diante de mim quando estamos indo longe. Quanto tempo ele aguenta? Quanto tempo eu aguento?

Deixo-me conduzir sem resistência até a porta, mas meus pensamentos se atropelam. Quando sairmos deste apartamento, eu poderia gritar por ajuda. Você poderia tentar empurrá-la escada abaixo. Talvez avise Michael. Ele poderia me ajudar e... Leon poderia morrer.

— Você está pronta — diz Diana quando chegamos à porta da frente. Passa por cima do corpo de Frank como se não fosse nada além de um obstáculo insignificante que bloqueia seu caminho. — E lembre-se — se você não se comportar como eu quero, não hesito em lidar com as consequências.

O olhar dela é gelado, e eu sei que a ameaça é séria.

Na escada, tudo está silencioso. São 18:40. Eu o vejo no smartwatch no pulso dela.

Lá fora já anoiteceu. Todo mundo parece estar jantando. Do apartamento da senhora D'Alessi ouço o tilintar da louça.

Quero gritar, sei que não posso, e meus olhos se enchem de lágrimas novamente.

Saímos de casa. O vento me corta através das malhas finas da meia-calça. Fria, a voz dela volta ao meu ouvido. — É só ir com a maré, Josie. Vai com a maré.

Sinto-a dividir o casaco comigo. Não para me aquecer, mas para esconder do mundo a pistola que me enterra de lado no corpo.

Meus olhos roçam a liberdade. Está à minha esquerda e à minha direita. Eu só tinha que correr, mas até onde eu iria, com uma bala nas costas e de salto alto?

— Está quase — me consola a mulher que tem meu destino nas mãos.

Marcho para a perdição e o mundo desvia o olhar.

Dois adolescentes nos deparam na calçada em frente ao meu prédio. Um deles percebe os traços escuros de rímel em meu rosto.

O meu olhar crava-se no dele.

Salva-me!

Tropeço, a Diana ampara-me. — Cuidado, estamos quase a chegar.

Ele desvia o olhar, apressa o passo.

Não vê ele? O meu sofrimento. Ou segue caminho porque o viu?

A Diana empurra-me para o átrio do prédio. Sal e lama formaram uma poça no chão do corredor.

— Anda, anda, ele não deve tardar.

As escadas são difíceis. Nunca fui boa a andar de saltos altos. Estes são pequenos demais para mim.

A Diana abre a porta de casa.

Os cacos desapareceram. Em compensação, voltou a estar uma câmara mesmo por cima da porta. É preta, não branca, pequena, não grande, mas pisca a verde.

— Sorri para as câmeras — sussurra para Diana, e fecha a porta. O estalar das palmas me faz sobressaltar. — Muito bem, isso correu lindamente.

Ele passa um braço pelos meus ombros novamente, em modo fraterno. Juntas, seguimos para o corredor. Lá está pendurada outra câmara.

Aponta para o banheiro. — Precisa ir de novo? Os homens odeiam quando alguém tem que ir ao banheiro entre as carícias e o sexo.

— O quê?

O riso dela parece querer esfolar a pele do meu corpo. — Ah, bobinha, achou que a gente ia convidar o Michael para um chazinho?

Ele me agarra pela nuca, minha cabeça bate na parede. Os lábios tão perto do meu ouvido, ele enfia a arma, à bruta, entre as minhas coxas. — Quero ele metido em você até o fundo, deixando claro a quem você pertence, pra ver se você tira as manábulas de cima dos meus homens. Já percebeu ou não?

Ele me empurra pela porta aberta do quarto, onde fico cambaleando, tremendo, até me imobilizar.

Minha lâmpada ajustável na mesa de cabeceira dá uma luz difusa. Uma luz

que mal chega aos cantos do quarto, onde minha percepção em sobressalto descobre mais duas câmeras pequenas.

O Michael, que de certeza vai estar bêbedo, mal dará por elas. Incomodá-lo-iam? Saberá ele, por acaso, o que se prepara aqui?

De repente, percebo que as câmeras não estão lá para Diana nos ver. O portátil. Leon é quem deve ver isso!

— Agora eu te explico as regras: você vai esperar aqui. Mesmo aqui. Pode ir ao banheiro. Mas, se você passar pela câmara ao lado da porta de entrada, eu tiro a faca de Leon. Quando Michael chegar, você vai ser legal. Muito simpática. Se não for simpática...

Ela me olha, esperando a resposta.

— Você tira a faca. — Minha voz soa estranha aos meus ouvidos. Baça, como a de uma morta. Mas os mortos não falam, não é?

De novo aquele guincho. — Ah, você é uma garota tão inteligente quando é preciso. Quando eles acabarem, vamos com Leon para o hospital. Prometo. —

Beija-me na face. Ela se assusta e limpa o rastro do batom. Ele esfrega com brutalidade as marcas de rímel do meu rosto e dá um tapinha no lugar, que fica formigando como se tivesse me esfregado veneno.

Eu sei que é ilusão, mas a sensação não passa.

Fico ali, ouvindo o som dos passos dela se esvaindo no corredor. Escuto a porta do apartamento abrindo e fechando.

— Espere — minha voz é um sussurro. — Como eu abro para o Micheal se eu não posso ir para o corredor?

Não recebo resposta. Por um instante, julgo ouvir passos a regressarem até mim, mas era outra vez só um logro da minha mente.

De repente, a lucidez me atravessa como um raio. Num instante, o nevoeiro se dissipa. Como se minha mente até agora tivesse usado apenas uma fração de sua habilidade, peça por peça do quebra-cabeça cai no lugar certo.

Ela deixou a porta aberta! A porta de casa.

Michael pode vir direto até mim.

É mais do que provável que Diana tenha voltado para Leon, para que ela pudesse usá-lo como moeda de troca!

Se eu fugir antes que ela chegue até ele, por um tempo ela não sabe onde estou. Enquanto você não sabe onde estou, você não pode matar Leon. Espero eu...

Afasto o pensamento. Não há tempo para escrúpulos. Paula parece compartilhar da minha opinião.

Nada, Josie. Nada pela sua vida.

Arranco os stiletos dos pés, esperando a qualquer momento ouvir uma voz sair de um alto-falante, ou que algum tipo de arma automática futurista atravesse minha testa com uma bala, mas nada acontece.

Corro. O chão está frio. As portas estão todas abertas. Ao passar pelo corredor, olho para aquela janela fatídica por onde tudo começou. Do outro lado está tudo escuro.

Ainda há tempo.

Volto a focar a porta do hall.

Um embate violento.

Teria me estatelado no chão, se não fosse por um par de mãos fortes que se fecha em meus braços como um torno.

Tarde demais.

— Céus, droga, Josie. O que deu em você?

Michael.

O pós-barba pesado dele quase me sufoca.

Tarde demais. É tarde demais.

— Toquei a campainha, por que você não abre, porra? E por que sua porta está aberta?

— Eu...

Você perdeu, você perdeu, Josie, jogue o jogo! Você joga e talvez viva. Não é tão difícil.

Eu me rendo à voz da minha irmã, não tenho forças para pensar por mim mesma.

Me forço a sorrir, sem saber se funciona. Estou com os lábios dormentes.

— Desculpa, achei que tinha deixado o fogão ligado.

— O fogão? — a sobancelha erguida de Michael gela meus membros. Sempre foi um prenúncio de coisas feias.

Fica bem o terno, com o cabelo bem penteado para trás, os traços severos. Isso não torna nada mais fácil.

Eu o odeio, tenho medo dele.

— Me diz, o que é isso que você está usando?

— Pensei que talvez você gostasse.

Assusta-me a rapidez com que volto ao meu papel. O olhar baixo, a escuta atenta à reação dele. Sinto que consigo perceber, pela maneira como respira, o que vai acontecer a seguir.

— É alguma das tuas feitiçarias para me voltares a pôr a tua advogada em cima?

Larga-me. O olhar dele crava-se no meu, que, estupidamente, voltei a erguer.

Para minha própria surpresa, dou por mim a perceber que ele está sóbrio. Mais sóbrio do que o costume, corrige-me o olfato.

— Não! Não. É precisamente disso que quero falar contigo. Agora sei que...

— Que...?

As palavras são farpas na minha garganta. — Que cometi um erro.

— Ah é?

Agarro seu braço. Deixo de lado tudo o que as horas de conversas no grupo de autoajuda me ensinaram e olho em seus olhos. Não admira que uma vez eu o tenha amado. A postura, a expressão carismática em seus traços, que de repente se suaviza quando me aninho nele.

— Eu te amo, Michael. E eu cometi erros, agora eu sei disso.

As lágrimas dão-me jeito, apesar de eu não lhas querer mostrar. Embora não seja ele a provocá-las.

— Espera! — ele agarra minha mão que eu estendera para ele, cheia de esperança.

Olho para ele, assustada. Dá para ver que ele briga consigo mesmo, ensaia falar alguma coisa várias vezes, depois solta um palavrão baixinho e olha para o teto. — Isso não é bem assim — diz por fim.

Meus joelhos fraquejam quando percebo que minto muito pior do que precisaria neste momento.

— Fui eu que errei — consegue articular.

O mundo para. — O quê?

Por um instante, o velho enfado atravessa-lhe o rosto, mas desaparece tão depressa quanto veio. — Fui eu que errei — repete. — Não me obrigue a dizer isso de novo.

É um jogo, Paula sussurra para mim, em aviso. Ele está jogando. Ele é da Diana!

— Mas você...

— Eu sou um alcoólatra, Jo. — o nojo atravessa sua voz. — Você nunca teve coragem de me dizer. Anthony não teve esses escrúpulos. Olha pra mim.

Ergue a mão livre. Treme, sutilmente. Agora que o vejo, sinto no aperto dele também. — Mal posso esperar para chegar em casa — rouqueja. — Beberia limpa-vidros se não conseguisse outra coisa. Se tu...

Com as mãos grandes dele na minha bochecha, um espasmo nervoso dispara em meu estômago. Há um sopro da antiga loucura no olhar dele.

— Se você realmente quer me dar outra chance... — O rosto está mais perto do meu do que há anos. — Então agora era mesmo uma boa hora.

É a minha deixa. Se eu agarro, é agora. É a intuição de uma mulher lutando pela sobrevivência que arranca todos os meus escrúpulos.

Levo minha mão até a nuca dele e o puxo totalmente para mim. — Falamos depois.

Soa sem fôlego para mim. E estou. Sinto um sabor de álcool nos lábios dele. Mais fraco que o normal, mas inconfundível.

Não consigo acreditar quando ele se afasta por um instante de mim e me olha com desconfiança. — Você fala sério comigo, Jo?

Ainda mais lágrimas, talvez algumas realmente por ele.

— Sim — digo com os lábios tremendo e, antes que eu possa implorar a Deus por misericórdia por essa mentira, Michael me empurra para trás, na direção do quarto.

Ele é impetuoso, descoordenado, bruto nos momentos errados.

Eu sei que é o álcool que roubou seu tato. Dantes não era assim.

O medo me paralisa quando chegamos à cama. Está tudo de volta. A manhã em que, mais uma vez, eu não conseguia acordar. A manhã em que ele voltou para o quarto para me consolar. Primeiro com palavras, depois com mais. A incapacidade de dizer a ele que eu não queria, o saber que ele via meu medo e, mesmo assim, entrou em mim.

Sinto-me enjoada, minhas mãos tremem.

Tudo se mistura em um horror puro e simples.

Leon, a bruxa loira, não, morena, a agressão, o homem que um dia amei.

Sinto o corpo gelar nos braços dele. Nem um músculo ousa obedecer às minhas ordens. Para quê. Cada decisão estúpida da minha parte me trouxe exatamente até aqui.

Ele imobiliza-se. O Michael Hartmann, que está por cima de mim, com a mão por baixo do meu soutien na minha mama, cuja rigidez me esmaga sem ceder, pára e olha para mim.

Com a mão livre, tira-me a peruca da cabeça quando tenta afastar-me as madeixas do rosto para me ver.

— O que se passa, Jo?

As lágrimas viram ribeiros, ardem-me ao transbordarem das pálpebras. Mal o consigo ver através do véu.

— Ajuda-me — sussurro, ainda rígida como uma rocha.

Ele ampara-me a nuca, olha-me, interrogativo. — Ajudar em quê? E o que é essa peruca?

— Continua. Por favor, tens mesmo de continuar. — As minhas palavras são apenas um sopro no ar que vai ficando mais espesso.

— O quê?

Inclina-se sobre mim, aproxima o ouvido dos meus lábios.

— Temos de fazer sexo agora, Michael. Por favor, não podes parar, senão morremos.

Ergue-se sem esforço. Um fino brilho de suor cobre-lhe os braços. Olha para mim como se eu tivesse enlouquecido.

Finalmente, os meus membros voltam a achar as minhas ordens razoáveis. Sento-me, pressiono os lábios nos dele.

Entre beijos desajeitados, desesperados, digo: — Há uma mulher. Está a observar-nos. Pelas câmaras. Se eu não dormir contigo, ela mata alguém.

Quando desta vez me agarra a cara, não há nada de suave nisso. — Tomaste alguma coisa?

Abano a cabeça, desesperada. O meu olhar foge para o teto na esperança de que alguém me ouça. — É a verdade. Tens de acreditar em mim.

Ele hesita, segura-me durante alguns segundos. Vejo os olhos dele a vaguear e a deterem-se, de relance, nos cantos do quarto.

Viu-as. As câmaras.

Sacode-me de leve, até eu voltar a olhá-lo. — Onde é que ela está?

Penso que estou a sonhar, pestanejo para varrer as lágrimas.

Um estampido ensurdecedor rasga a frágil estrutura em redor. A força do tiro atira-o de lado, para fora da cama.

— Não! — Atiro-me atrás dele. O sangue jorra-lhe do abdómen.

— Jo!

Olha para mim, incrédulo. Como se tivesse sido eu a disparar. Como se fosse culpa minha que...

Viro-me de rompante.

A Diana está à porta. Deve ter estado o tempo todo na casa de banho. Afinal, não imaginei os passos de há pouco quando voltaram.

Tem ar irritado. — Isso não foi nada bom, Josie!

Os meus nervos esfrangalhados estalam com um som audível. É a minha própria boca que o molda, são as minhas mãos que, de súbito, se fecham em punhos. Estranhamente familiar.

— Porta-te bem, Josie! Nós não queremos...

Atiro-me a ela. A dor está esquecida. O medo, também. Agarro um stiletto do chão. Parece-me certo a forma como o salto coberto de pele assenta na minha mão. Tudo acontece ao mesmo tempo devagar e incrivelmente depressa.

A besta fita-me, surpreendida, parece esquecer-se de erguer a arma.

Caio por cima dela com um baque surdo. O sapato na mão. O braço levantado.

Ela grita quando o salto agulha a atinge primeiro no ombro, depois na cabeça. Com os braços erguidos a proteger-se, recua.

Não paro. A minha mente revolta-se, mas o meu corpo só conhece este caminho e segue-o sozinho.

Longe de qualquer gesto consciente, eu bato e bato nela de novo. Meus dedos ridiculamente delicados, minhas unhas moles se tornaram garras e facões.

Diana grita. Furiosa de dor.

Você não pode estar nem de perto tão furiosa quanto eu. Ninguém pode.

Um segundo tiro me tira, por instantes, do meu rumo. A perna esquerda cede por baixo de mim.

É a coxa , me ocorre. Acertou minha coxa.

Uma pancada com a arma na cabeça me obriga a ajoelhar.

Ardendo de raiva, Diana me encara. O sangue escorre por sua testa. Um pedaço de couro cabeludo, com vários fios castanhos, pendê-lhe, deslocado. O cano de uma pistola ri, fumegante, na minha cara. — Boa tentativa, sua vaca! — sibilou Diana.

Tenho de rir. Como todas as outras emoções se esgotaram, não há outro som que o meu corpo consiga soltar.

Gosto da sensação. Torna-me um pouco mais forte do que sou, um pouco menos indefesa. Um pouco mais corajosa perante a minha morte.

— Vemo-nos no lago, Diana. Vemo-nos no lago.

Ela hesita. Por pouco tempo, e depois o grito dela rompe a divisão. Desaba de joelhos à minha frente, roda, a sibilar. Tem uma faca enfiada na barriga da perna.

Uma faca que me é muito familiar. Uso-a com particular gosto para cortar tomates.

Confusa, observo o punho da Diana atingir o Leon, que está deitado atrás dela, no chão.

Leon... De onde é que ele apareceu?

Só quando o punho dela desce sobre ele pela terceira vez, meu instinto de sobrevivência retorna. Agarro a faca cravada na perna convulsa dela e espeto. Espeto e espeto de novo.

Ela cai sobre Leon.

Eu espeto.

Pingos vermelhos dançam em fontes diante dos meus olhos.

Eu espeto.

Ela não se move mais. Ele jaz sobre Leon como uma vaca meio abatida.

A faca escapa dos meus dedos. Ponho-me a andar, aos saltos. A dor está distante.

Esbarro contra a porta da frente na tentativa de abri-la. Cambaleio para a escada e grito por socorro como nunca gritei na vida.

Ninguém reage.

Continuo correndo. Chego à poça de lama e sal. Descalça, meio nua, escorregando, deslizo por cima dela e saio para a rua.

Uma luz azul investe contra mim, me cega. Ouve-se barulho de vozes.

Tropeço na calçada, desabo dolorosamente no asfalto frio.

Entre os três carros de patrulha e os seis policiais, acho que estou distinguindo o rosto do adolescente que, aparentemente, ouviu meu apelo mudo.

Capítulo 24

UMA mão quente aperta de leve a minha e uma voz familiar roça meu ouvido. Não é só a voz que me é familiar. Tudo. O chiado das solas de borracha no linóleo. Um bip ritmado ao longe.

Foi exatamente assim, naquela época. Naquela hora em que acordei, tio Eric sentado na beira da minha cama, colocando um beijo na minha testa quando abri os olhos e me dizendo que eu estava seguro.

Em segurança, mas sozinha. Foi ele quem me disse que iria me safar com uma pneumonia leve, foi ele quem me disse que Paula não havia sobrevivido ao lago.

Quando as memórias fragmentadas retornam, minha mão se contrai. O que eu perdi dessa vez?

A voz que fala comigo se cala por um instante.

— Josephine? Josie? Tá acordada?

Balanço a cabeça. Meu pescoço dói. Não, a coxa. A coxa dói mais. Na verdade, dói só de pensar em tudo que pode me machucar.

Uma risada quente. tio Eric. É realmente ele.

— Abra os olhos, querida.

Eu balanço a cabeça novamente.

— Está tudo bem. Estás segura.

Eu sei, desde que ouvi sua voz, quero dizer.

— Seguro não é o suficiente para mim — consigo articular, entrecortada, em vez disso.

Um peso se abate sobre meu colchão e, quando acabo abrindo os olhos, vejo que ele apoiou os dois cotovelos ali e agora segura minha mão entre as dele.

Nos olhos dele descubro algo que nunca tinha visto nele. Lágrimas.

Não derramou uma, naquela época em que o lago desfez nossa família. Pelo menos não na minha frente. Às vezes, especialmente na adolescência, foi exatamente isso que joguei na cara dele. Hoje eu sei que ele simplesmente não é desse tipo. Tanto menos entendo o brilho nos cantos dos olhos.

— Venha o que vier agora, Josephine — eu estou aqui para você, você sabe disso, não sabe?

Arranco-me de um sorriso dolorido. — Eu sei, tito.

Por longos minutos, ele me abraça. Não diz palavra. E embora tudo o que aconteceu nos últimos dias diga o contrário, estou começando a acreditar nele.

Acredito tanto que, depois de um bom tempo, consigo reunir coragem para

fazer a pergunta decisiva: — O que aconteceu?

Por um momento, suas mãos soltam as minhas, ele tira um lenço do bolso da calça e limpa os vestígios da comoção.

Depois volta a ser o de sempre. Calmo e contido. — Isso eu ia te perguntar, garota. Mas só se você quiser falar sobre isso.

Não quero, mas tenho que querer. Preciso de alguém que acredite em mim. E agora que estou aqui, sentindo o buraco da bala na perna e as marcas de uma luta encarniçada cobrindo meus antebraços, vocês finalmente terão que acreditar em mim.

Aos solavancos, conto o que aconteceu nos últimos dias. O tio Eric já sabe parte, mas escuta com paciência. Só o dançar das suas sobranceiras hirtas denuncia, de quando em quando, o seu desagrado.

A partir do momento em que a Diana me levou para o meu apartamento, omito muita coisa. Ele percebe, mas não me repreende. Termina com o meu colapso na rua.

— Tenho pneumonia, tio Eric? — pergunto, quando ele fica em silêncio por um bocado.

Ele solta uma gargalhada ruidosa. Acho que precisa disso para não rebentar de raiva.

— Não. Desta vez, não.

— E depois? O que aconteceu a...

A risada dele esvai-se e a minha coragem vai-se com ela.

— A mulher não sobreviveu. A polícia sugeriu que tu a...

Meus lábios comprimidos são resposta suficiente, ao que parece, porque ele corre para continuar falando.

— Os inspetores não quiseram revelar muita coisa. Mas Michael não resistiu, Josie. A bala deve ter atingido a aorta abdominal.

Uma mistura estranha de tristeza e alívio me invade. A tristeza me surpreende. O alívio me envergonha até a medula.

— Falei com o irmão dele ao telefone.

— Ah.

— Michael se inscrevera em uma clínica de desintoxicação.

— O quê?

Piscando, olho para meu tio, que torceu os lábios em uma careta estranha. — Havia cada vez mais reclamações no trabalho. Anthony tentou várias vezes colocá-lo na linha e, em algum momento, conseguiu. Houve uma grande discussão, eles chegaram até as vias de fato e, depois, Michael teria desabado e confessado tudo. O vício, que não sabia como se safar. Que era difícil se

controlar... Essas coisas todas.

Todo o alívio se dissipa e a tristeza se prepara para um solo amargo.

— Ele tentou me ajudar — digo, com a voz embargada. — Pedi ajuda a ela, contra aquela mulher. Eu não sabia que ela estava tão perto. Eu não sabia...

— Shhhh. Já passou. Já passou, Josie.

É difícil abraçar alguém quando você está em uma cama de hospital. Mas dá. Em situações como essa, tudo é possível e, enquanto ele acariciava meu cabelo para me acalmar, me preparo para a próxima pergunta. Penso, sem querer, naquela velha imagem do band-aid. É melhor arrancar de uma vez, rápido, tudo, do que ficar esfolando, pouco a pouco, os dramas do passado.

— E Leon? O que aconteceu com Leon?

A mão na nuca se imobiliza.

Tio Eric inclina a cabeça. — Você quer ir até ele?

Ergo o olhar. Ele não vai me levar para o necrotério, afinal, vai?

— Sim! Onde é que ele está?

— Espera aqui. Vou pegar uma cadeira de rodas para você.

Quando abro a boca, ele ergue a mão, severo. — Nada de réplicas, senhorita.

Leon pisca, meio letárgico, quando uma irmã abre a porta do quarto dele na UTI.

— Vinte minutos — ela avisa.

Eu venderia minha alma por vinte segundos com ele, então aceno que sim.

Ele está deitado de costas, o cobertor puxado até acima da barriga, de modo que não vejo o ferimento. A faca, felizmente, não está mais cravada nele. Mas a perna esquerda está engessada em um gesso grosso e o lado direito do rosto tem um tom esverdeado de hematoma.

— Espero lá fora — diz Eric; depois, a barba dele faz cócegas no meu ouvido e ele sussurra: — Já gosto mais dele do que do Michael, e isso que é cedo.

Antes que você possa responder, ele escapa para o corredor. Com aquelas palavras, porém, acontece o quase impossível: um sorriso fraco assoma aos meus lábios.

— Oi — Leon arranha, retribuindo o gesto de forma mais convincente do que eu.

— Alô.

Quero me aproximar dele, mas não consigo me mover. — Como você se sente?

Ele ergue o antebraço, a sorrir, e indica o saco da perfusão. — Eles têm material legal aqui. Ah, e dizem que nunca tiveram ninguém que se prestasse tão bem a servir como bloco de facas como eu.

Quero rir, mas, ao mesmo tempo, sou invadida por sentimentos de culpa.

— Me desculpa. Sinto tanto isso.

Ele franze a testa. — O que, exatamente?

— Tudo isso. Não queria ter te metido nisso à força.

Do alegado *material jeitoso* não há mais rastro. A expressão dele fica séria quando ele me mira, severo, com olhos muito, muito lúcidos.

— Esse monstro era meu ex, não tua. Nem penses em convencer-te do contrário.

— Ex? — repito, confusa.

Ele desvia o olhar, estende a mão, com dificuldade, a um copo de água na mesa ao lado, mas não bebe.

— Ela não só me levou a casa. Eu envolvi-me com ela. Só uma vez. Mesmo depois de me mudar para aqui.

Faz uma pausa; vejo que o esforço de falar o cansa, mas eu preciso saber. Por isso, espero com paciência. — Eu era novo na cidade. Ela tinha boa pinta, estava interessada. Sei lá... Achei que poderia dar em alguma coisa. Logo ficou claro que não. Desde o primeiro dia, ela era terrivelmente controladora, quase neurótica. Naquela época, estávamos com imenso estresse por causa de uma falha de segurança em uma grande empresa. Então eu não liguei muito, mas percebi que aquilo não ia dar certo, e contei. Ela se irritou, mas acabou aceitando. Eu... nunca pensei que ela fosse chegar a esse ponto. Ele me perguntava repetidas vezes se eu tinha alguém novo, se poderíamos sair. Às vezes, parecia-me que ela esperava que eu mudasse de ideia um dia. Eu não fazia ideia, Josie, eu juro, se eu soubesse teria te contado na hora!

Só consigo fitá-lo. Acho difícil me encaixar que a mulher que fez isso conosco fosse a ex dele. A mulher que eu...

Ele afunda-se de novo na almofada. Umas gotas saltam da borda do copo e molham o cobertor.

Instala-se o silêncio. Não sei o que dizer, mas o copo nas mãos dele deixa-me nervosa. As gotas no cobertor também.

Desajeitada, aproximo-me mais, a rodar, e tiro-lho da mão. Dou vários goles grandes.

Ele observa-me, pensativo. — Vou desiludir-te. O material bom de que falei está ali. — Aponta para o soro por cima da cama dele.

— Eu sei, eu tenho o meu — digo, a apontar para o saco de perfusão preso ao suporte da cadeira de rodas.

Ele sorri, exausto. Vislumbro um traço de medo na expressão. — Aposto que o meu é melhor.

— Leon?

— Hm?

— Como é que saíste do apartamento?

O sorriso já de si torto desmancha-se por completo.

— Havia um laptop. Pude ver aquele filho da puta te empurrando para o quarto e vi tudo vermelho. Entrei na frente das câmeras, na sala ao lado. Eu queria fazer qualquer coisa para forçar Diana a voltar para mim e interromper o que estava acontecendo lá com você. Ameacei puxar a faca e cometer suicídio. Como nada aconteceu, percebi que ela, naquele momento, não estava me vendo. Revirei o apartamento, na... — Ele enche os pulmões de ar. Há gotas de suor na testa. — No banheiro estava instalado um pequeno radiador, que consegui arrancar da parede.

— Você arrancou um radiador da parede?

Ele acena. — Aquilo era pequeno e eu, muito motivado.

— E depois?

— Depois quebrei o vidro e desci para a rua subindo por ali.

— De mãos atadas?

— De mãos atadas. Uma ideia estúpida, que me rendeu isso aqui.

Ele aponta para a perna quebrada. — Fratura da cabeça da tíbia por trauma de alta velocidade. Soa melhor do que escorregar e, no último momento, pular do segundo andar, não é?

— Não soa nada melhor! — grito eu.

O humor negro dele desaparece. — Tive medo, várias vezes, de desmaiar a caminho de cima. Sempre que eu ia gritar por socorro, tudo escurecia. Limitei-me a continuar rastejando. A faca já na mão. Eu não podia acreditar que ela não tinha ouvido minha chegada ao pé de vocês. Espetei. Então eu só me lembro dos gritos dela.

Fico o encarando, boquiaberta. Seja Diana sua ex ou não, não tenho ideia de como vou pagar um dia semelhante comprovante de entrega.

— Eu estaria morta se você não tivesse feito isso — sussurro.

— Para ser sincero, isso torna essa merda toda bem suportável.

Só consigo continuar olhando. — Você sempre reage a situações difíceis com humor torto?

— Quanto piores as piadas, mais nervoso eu fico.

— Nervoso por quê?

— Porque eu tenho medo de que esse... incidente entre, dessa vez, bem no top

ten dos piores encontros do mundo.

— Se você ainda consegue chamar de “encontro” o que aconteceu com a gente, não quero nem imaginar o que você entende por relacionamento.

Ele resfolega, divertido. — Se calhar, é mesmo melhor não imaginarmos.

Uma leve batida no vidro da porta me distrai. A irmã está lá fora e aponta para o pulso, como quem olha para o relógio.

Assinto, mas me viro para Leon novamente. — Não era isso que eu queria dizer.

— Não levo a mal. O melhor é, provavelmente, nos colocarmos em ordem depois de tudo isso e só depois logo vemos.

Aceno, pensativa. E deixo o olhar correr seu corpo de cima a baixo ao mesmo tempo. O gesso, o lugar onde a faca foi cravada, os arranhões no rosto.

— Quando estivermos em ordem, você vai ao cinema comigo?

Gemendo, ele se inclina um pouco de lado e me esfrega de fugida a face com o indicador. — Quando colocarmos isso em ordem, Josephine West, eu vou com você até o fim do mundo.

Uma risada sem fôlego o agita. — Já tinha te falado dos analgésicos potentes que turvam minhas ideias?

— Só de passagem. Espero que você repita isso quando ficar sóbrio novamente.

— Pode contar com isso.

Outra batida na porta. — Tenho que ir.

— Você vem me visitar outra vez?

— Sempre que puder.

Viro o trambolho da cadeira de rodas e saio para o corredor.

Tio Eric cuida do resto. Do outro lado da porta que leva à área normal do hospital, dois homens de jeans e blazer nos esperam.

Têm um ar suspeitosamente policialesco.

— Sra. West, os comissários Wilder e Schwartz. Você tem um pouco de tempo para nós?

— Cuide disso, por favor, com o médico assistente dela — tio Eric troveja por cima do meu ombro.

— Já cuidamos disso.

— Tudo bem, tio. — Encaro os dois cavalheiros. — Vocês têm mesmo certeza de que querem falar comigo?

Os dois ficam com um ar um tanto xadrez. Não tanto quanto as camisas, mas o suficiente para me dar um vislumbre de satisfação mesquinha.

— Bastante, por que a pergunta?

— Bem, por uma vez estou mesmo sob o efeito de medicação, e estou também bastante certa de que tenho umas quantas provas de peso a sustentarem o que digo.

Toco na testa, onde a coronha da arma me atingiu.

Os homens olham-me, embaraçados. Pelos vistos, já falaram com a polícia de prevenção e estão, pelo menos, a par de parte da história prévia.

— Senhora West, levamos o seu caso muito a sério e temos consciência de que, no passado...

Faço um gesto para cortar a conversa e mal acredito que consigo calar, com isso, o homem que parecia tão confiante ao princípio.

— Limitem-se a ouvir com atenção quando eu falar. Para mim, isso já chega.

Epílogo

Quatro meses depois

— JOSIE! Hey, Josie!

Nici vem trotando, leve, pelo caminho de cascalho do parque. Ao meu lado, Luna ergue a cabeça e fareja, interessada.

Fico sentada, porque o sol do início do verão atravessa exatamente o espaço entre as copas dos dois faias-de-folhas-vermelhas e aquece meu rosto.

Só quando Nici percorre os últimos metros eu me levanto e a fecho nos braços.

— Então, vocês duas fofas?

Ela tira uma guloseima do bolso, que Luna aceita, animada. Desde que a cadela veio morar comigo e eu comecei a levá-la regularmente ao parque, a desconfiança dela em relação a estranhos quase desapareceu. Só com homens que se chegam rápido demais e com força é que ainda eriçam os pelos da nuca às duas.

— Pronta para irmos passear com Luna? — pergunto a Nici.

Ela abre os braços. — Nasci pronta!

Entramos no caminho de cascalho. Os jardineiros do recinto plantam as primeiras flores de verão nos canteiros e, por toda parte, você chilreia e zumba.

O silêncio entre nós não dura. Um leve toque de cotovelo de Nici põe fim a ele.

— Vai, conta, como foi?

— Bem. Correu bem.

— Oh, ah, uau, me sinto como se estivesse lá.

Meu olhar de reprovação arranca um encolher de ombros dele. — O quê? É verdade.

— Fui absolvida. Estava tudo nas câmeras. Só me defendi, enfim, por assim dizer. O promotor tentou virar o jogo, mas meu estado psicológico excepcional, que desencadeou o ataque a Diana, era inegável.

— E Leon?

— O mesmo.

— Ei, vocês dois poderiam escrever uma biografia: How to get away with murder 2.0.

Dessa vez, até ela percebe, por si mesma, que colocou a mão no saco do humor negro mais do que deveria. — Numa escala de um a dez, quão irracional foi isso?

— Um sólido nove.

— Como você se sente com isso? — pergunta, mais séria e mais suave, dessa vez.

— Não muito bem. Mas a terapia ajuda.

Terapia e Luna. Tirei-a do abrigo de animais mal tive alta do hospital. A intoxicação por xilitol felizmente passou rápido, e a médica que me tratou, que me conhecia do abrigo, contatou Ella quando não conseguiu me pegar.

Hannah já pediu desculpas mil vezes, para mim e para Luna. Tinham-lhe oferecido o xilitol como *boa alternativa* e ela decidiu experimentá-lo nas bolachas. Quando perguntei, na explicação, se a amiga em questão era, por acaso, morena, alta e neurótica, ela me olhou, muito espantada, mas disse que não.

— Leon perguntou se eu queria ir morar com ele.

Nici parece aliviada por poder mudar de assunto. — Ei, isso é ótimo. E então?

— Não sei. Às vezes ele é tão bagunçado, sempre fica exageradamente feliz quando eu cozinho e...

A risada de Nici interrompe minha lista de picuinhas. — E você é tão perdidamente apaixonada que só arruma desculpas fraquinhas mesmo.

— Nota-se?

— Nota-se.

— Você tem razão. Afinal, não posso morar para sempre no minúsculo apartamento que o tio Eric me arrumou às pressas. Já me anda a dar em doida.

Nici passa um braço por cima do meu ombro, animada, e quase me faz cair. — Ah, eu não te diria?

Desato a rir. — Para ser sincera, mal posso esperar para passar o dia inteiro com ele.

— Antes de você se estabelecer com esse cara, ainda temos que fazer uma coisa juntas.

— E qual seria?

— Vamos voar para a Madeira! Como queríamos fazer depois do curso...

— Mas... — Paro. Nici olha para mim, ao mesmo tempo apreensiva e expectante.

— Vamos fazê-lo — ele salta da minha boca. É esse momento, esse instante ao sol, com Luna, com Nici, com nosso plano que há décadas só existe na teoria, que me mostra que finalmente chegou a hora de um verdadeiro recomeço.

Espero para ver se Paula diz alguma coisa, mas minha voz interior, normalmente tão cautelosa, está quieta. Em vez disso, vejo fugazmente minha irmã diante de mim.

Ela sorri.

A imagem desaparece quando meu celular novo toca. Vasculho a bolsa, tiro e fico olhando para duas palavras que me são mais do que familiares.

Número oculto.

— Josephine West? — sussurro ao telefone.

Fico esperando uma resposta, em vão.

Fim

Um pequeno pedido para terminar...

Obrigada pela leitura!

Este livro foi traduzido do alemão. Se durante a leitura você notar algo que eu possa melhorar, me escreva para feedback@rosehard.de.

Se você gostou do livro, ficaria muito feliz se você deixasse uma avaliação positiva – isso me ajuda a alcançar novos leitores e continuar postando histórias comoventes.

Seus comentários também me ajudam a ver minhas histórias pelos olhos dos leitores – a entender o que os emociona, toca ou surpreende. É uma maneira maravilhosa de apoiar meu trabalho e mostrar apreço pelas muitas horas dedicadas à criação deste livro.

Muito obrigado por dedicar seu tempo para compartilhar suas impressões – por exemplo, deixando uma avaliação curta na Amazon.